

Série Alterjor Volume 1

**Luciano Victor Barros Maluly
Andreia Terzariol Couto
Beatriz Buschel Pasqualino
Carla de Oliveira Tôzo
Clara Cavalcanti Rellstab
Daniel Azevedo Muñoz
Edwaldo Costa
Felipe Parra Alves de Oliveira
Marcelo Cardoso
Vinicius Guedes Pereira de Souza
(Orgs.)**

Série Alterjor

Volume 1

O primeiro livro do Grupo de Pesquisa em Jornalismo Popular e Alternativo (Alterjor) contempla os trabalhos recentes e em andamento realizados na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. O objetivo é compartilhar as investigações que são frutos de projetos de pesquisa, extensão e independentes ligados ao grupo e aos programas de pós-graduação, especialmente em Ciências da Comunicação, e pós-doutorado da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).

A publicação está dividida em seis partes: jornalismo, rádio, esportes, inovações, mundo e artes.

Luciano Victor Barros Maluly, Andreia Terzariol Couto, Beatriz Buschel Pasqualino, Carla de Oliveira Tôzo, Clara Cavalcanti Rellstab, Daniel Azevedo Muñoz, Edwaldo Costa, Felipe Parra Alves de Oliveira, Marcelo Cardoso e Vinicius Guedes Pereira de Souza (Orgs.)

ALTERJOR

Volume 1

Capa: Vinicius Souza sobre fotografia de Wilton Garcia

Diagramação: Daniel Azevedo Muñoz

Universidade de São Paulo

Reitor: Prof. Dr. Carlos Gilberto Carlotti Jr.

Vice-reitora: Profa. Dra. Maria Armanda do Nascimento Arruda

Escola de Comunicação e Artes

Diretora: Profa. Dra. Brasilina Passarelli

Vice-Diretor: Prof. Dr. Eduardo Henrique Soares Monteiro

Departamento de Jornalismo e Editoração

Chefe do Departamento: Prof. Dr. Luciano Victor Barros Maluly

Vice-chefe do Departamento: Prof. Dr. Luciano Guimarães

“Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada”

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

A466 Alterjor [recurso eletrônico] : volume 1 / organização Luciano Victor Barros Maluly
... [et al.]. – São Paulo: ECA-USP, 2022.
PDF (274 p.)

ISBN 978-65-88640-66-1
DOI 10.11606/9786588640661

1. Jornalismo. 2. Jornalismo popular. 3. Jornalismo alternativo. 4. Alterjor. I. Maluly,
Luciano Victor Barros.

CDD 23. ed. – 070

Elaborado por: Alessandra Vieira Canholi Maldonado - CRB-8/6194

Índice para catálogo sistemático

1. Comunicação: 302.2



Creative Commons 4.0
Atribuição, Não Comercial
Sem derivação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
JORNALISMO	12
A Escola Ecana de Jornalismo – os pioneiros	14
<i>Luciano Victor Barros Maluly, Valquíria Aparecida Passos Kneipp, José Luiz Proença e Dennis de Oliveira</i>	
RÁDIO	23
O podcast no Brasil: uma análise sobre o formato e suas abordagens acadêmicas	25
<i>Clara Cavalcanti Rellstab</i>	
A cultura do “faça você mesmo” nas rádios livres sorocabanas: usos e apropriações da tecnologia radiofônica	57
<i>Felipe Parra Alves de Oliveira</i>	
Gisela Swetlana Ortriwano e os estudos em radiojornalismo	73
<i>Lourival da Cruz Galvão Júnior</i>	
Referências pessoais e profissionais de Edgard Roquette-Pinto: pioneiro da educação à distância pelo rádio e cinema educativo	86
<i>Pedro Serico Vaz Filho</i>	
ESPORTES	98
Megaeventos esportivos e a movimentação da economia mundial	100
<i>Edwaldo Costa</i>	
Caipirices e modernices: as influências de Baby Barioni nos Jogos Abertos do Interior	117
<i>Gustavo de Araújo Longo</i>	
A canoagem slalom de Piraju (SP) e a primeira sul-americana a competir na modalidade em Jogos Olímpicos	133
<i>Marcelo Cardoso</i>	

INOVAÇÕES	144
Jornalismo ambiental e a pluralidade de vozes do debate na atualidade	146
<i>Andreia Terzariol Couto</i>	
Jornal da USP e sua contribuição para a divulgação da Ciência	163
<i>Carla de Oliveira Tôzo</i>	
Foca nas mídias: o uso do vídeo para promoção da alfabetização midiática	179
<i>Mônica Rodrigues Nunes Vieira</i>	
Quer que desenhe? Fake news no jornalismo hegemônico e no independente	193
<i>Vinicius Guedes Pereira de Souza</i>	
MUNDO	206
Reflexões sobre José Martí, jornalismo e revolução cubana	208
<i>Beatriz Buschel Pasqualino</i>	
Maria Inês Amarante: vozes comunitárias no rádio de Timor Leste	217
<i>Carlos Augusto Tavares Júnior</i>	
Um milagre econômico e repressivo: a cobertura do <i>The New York Times</i> sobre o “milagre econômico” do Regime Militar brasileiro	226
<i>Daniel Azevedo Muñoz</i>	
ALER no Brasil: comunicação pelo <i>Buen Vivir</i> e “pessoalização” da Amazônia	250
<i>Vivian de Oliveira Neves Fernandes</i>	
ARTES	263
Jornalismo e curadoria entre arte e comunicação alternativa: estratégias criativas	265
<i>Wilton Garcia</i>	

Para Valdir Baptista, jornalista, professor, pesquisador e cineasta

Introdução

O primeiro livro do Grupo de Pesquisa em Jornalismo Popular e Alternativo (Alterjor) contempla os trabalhos recentes e em andamento realizados na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. O objetivo é compartilhar as investigações que são frutos de projetos de pesquisa, extensão e, independentes, ligados ao grupo e aos programas de pós-graduação, especialmente em Ciências da Comunicação, e pós-doutorado da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). A publicação está dividida em seis partes: jornalismo, rádio, esportes, inovações, mundo e artes.

Luciano Victor Barros Maluly abre esta obra com um panorama sobre os pioneiros do *jornalismo* no Brasil ao apresentar a primeira etapa da investigação que visa recuperar o acervo do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. O objetivo é analisar a influência da **Escola Ecana de Jornalismo** no ensino e na pesquisa em jornalismo, com base na hipótese de que esses autores influenciaram gerações e causaram um impacto significativo no mercado e na academia.

A segunda parte do livro é destinada ao *rádio* e traz as pesquisas de Clara Cavalcanti Rellstab, sobre o conceito de podcast, e de Felipe Alves Parra de Oliveira, sobre o impacto das rádios livres sorocabanas. Com um outro olhar, Lourival da Cruz Galvão Júnior e Pedro Serico Vaz Filho recuperam as trajetórias e analisam as contribuições de Gisela Swetlana Ortriwano e de Edgard Roquette-Pinto, respectivamente.

Felipe Alves Parra de Oliveira Parra apresenta conceitos sobre as rádios livres sorocabanas e depoimentos de pessoas envolvidas nesse movimento no capítulo **A cultura do “faça você mesmo” nas rádios livres sorocabanas: usos e apropriações da tecnologia radiofônica**. Tais ideias foram suturadas no intuito de exibir reflexões sobre a montagem dos transmissores caseiros utilizados nessas emissoras clandestinas. A falta de informações sobre tais mídias justifica a formulação desta escrita. Neste estudo, se opta por utilizar pesquisas realizadas na área da Comunicação, reforçadas pelos estudos em história oral temática e entrevistas semiestruturadas como percurso metodológico. A amostragem conta com sujeitos que participaram ativamente do movimento das rádios livres na cidade de Sorocaba, no interior de São Paulo. As resultantes apontam para a subversão das lógicas impostas ao rádio. Outra nuance observada se concentra no interesse das pessoas envolvidas na manufatura de transmissores caseiros por profissões ligadas ao rádio.

Não há como falar sobre o Radiojornalismo no Brasil sem citar a obra de Gisela Swetlana Ortriwano, docente e pesquisadora que atuou por cerca de 30 anos no Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (CJE-ECA/USP). O capítulo **Gisela Swetlana Ortriwano e os estudos em Radiojornalismo** revela uma síntese do audiolivro *O Rádio de Gisela*, em que o autor, Lourival da Cruz Galvão Júnior, faz referência às contribuições da pesquisadora para os estudos em radiojornalismo. O capítulo é resultado da pesquisa de pós-doutorado desenvolvida junto ao Alterjor na ECA-USP.

No capítulo **Referências pessoais e profissionais de Edgard Roquette-Pinto: pioneiro da educação à distância pelo rádio e cinema educativo**, Pedro Serico Vaz Filho revela curiosidades sobre Edgard Roquette-Pinto (1884-1954), considerado “o pai do rádio brasileiro”, pelo fato de ter inaugurado em 20 de abril de 1923 a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. O texto coloca referências obtidas por meio de periódicos, bibliografia e depoimentos de uma das filhas dele, Carmen Lúcia Salles Roquette Pinto, concedido com exclusividade ao autor do presente trabalho, que segue com aspectos de ineditismo, contendo informações ainda não publicadas. Destacam-se indicativos da vida pessoal e profissional desse nome apontado entre os maiores intelectuais do Brasil.

A terceira parte do livro é composta por pesquisas sobre *esportes* e a relação com a comunicação, especialmente o jornalismo. Enquanto Edwaldo Costa discute o impacto econômico dos megaeventos esportivos, Gustavo de Araújo Longo e Marcelo Cardoso recuperam a memória do esporte no interior paulista. Longo analisa a importância de Baby Barioni e dos Jogos Abertos do Interior e Cardoso resgata as trajetórias de duas canoístas brasileiras na Estância Turística de Piraju (SP).

No capítulo **Megaeventos esportivos e a movimentação da economia mundial**, Edwaldo Costa aborda como o esporte e suas regras de conduta podem ser usados como instrumento de domínio e controle, mas são vistos como lazer e um exercício de cidadania dentro de uma sociedade. Ele também salienta como os megaeventos esportivos transcendem esse contexto e passam a ser usados pelos países e pelas grandes empresas para geração de lucro, movimentação da economia e instrumento de influência nas relações internacionais. Para isso, aponta, primeiramente, teorias de relações de poder de Nye (soft power), Duroselle (repetição e regularidade) e Bourdieu (esporte como docilização) e, em seguida, explica como podem ser observadas na importância que se dá ao legado olímpico.

Em mais de oito décadas de história, os Jogos Abertos do Interior se consolidaram como importante competição esportiva no cenário brasileiro. Entretanto, a sua importância vai além da disputa por medalhas e reunião de grandes campeões do esporte nacional. Baby Barioni, o criador do evento, desejava que se tornasse uma grande festa popular nas cidades interioranas. Assim, desde as primeiras edições Barioni assimilou elementos que formam a cultura caipira, contribuindo para o desenvolvimento de um ‘imaginário olímpico’ próprio para essas regiões. Mas também contou com influência do Modernismo, sobretudo com o Movimento Bandeira, que surgiu no Estado de São Paulo nos anos 1930. No capítulo **Caipirices e modernices: as influências de Baby Barioni nos Jogos Abertos do Interior**, Gustavo de Araújo Longo analisa como esses dois conceitos contribuíram para a expansão dos Jogos Abertos do Interior, posicionando-o como uma das principais, senão a principal, atividade esportiva para as cidades paulistas.

No capítulo **A Canoagem Slalom de Piraju e a Primeira Sul-americana a Competir na Modalidade em Jogos Olímpicos**, Marcelo Cardoso realiza um resgate da memória esportiva de duas importantes atletas brasileiras: Poliana Aparecida de Paula, a primeira canoísta brasileira a chegar a uma semifinal olímpica e a primeira mulher da América do Sul a competir na canoagem em uma olimpíada (Pequim – 2008), e Milene Wolf, uma das maiores adversárias de Poliana e pioneira na canoagem Slalom. Ambas são frutos do trabalho realizado na Estância Turística de Piraju, na região conhecida por Vale do Paranapanema, no Estado de São Paulo, e onde a parceria entre os poderes público e privado demonstraram que o esporte brasileiro necessita deste estímulo para incentivar a prática, a educação e o lazer.

A quarta parte do livro reúne abordagens em torno das *inovações* nos estudos da Comunicação. A abertura é de Andreia Terzariol Couto, que conduz um debate sobre o atual momento do jornalismo ambiental. Na sequência, Carla Oliveira Tôzo menciona as inovações na cobertura científica do Jornal da USP e Clara Cavalcanti Rellstab propõe uma redefinição dos conceitos em torno do podcast, formato em áudio que teve sua audiência ampliada nos últimos anos no Brasil.

O capítulo **Jornalismo ambiental e a pluralidade de vozes do debate na atualidade**, de Andreia Terzariol Couto, procura apresentar as discussões atuais sobre jornalismo ambiental, situando o assunto a partir de um enfoque transdisciplinar, como deve ocorrer quando se trata dessa editoria jornalística, na qual a apresentação das argumentações em torno deste tema vai além do universo das humanidades, além do próprio arcabouço

teórico da Comunicação, para buscar contribuições nas ciências econômicas, agrárias, biológicas ou mesmo em áreas mais especificamente técnicas. Surge daí a relevância de expor a pluralidade de vozes que circundam o discurso sobre o meio ambiente dentro do jornalismo ambiental na atualidade.

No capítulo **Jornal da USP e sua contribuição para a divulgação da Ciência**, Carla de Oliveira Tôzo relata como o *Jornal da USP*, da Universidade de São Paulo, faz a divulgação da Ciência, por meio da produção jornalística. O intuito principal é estudar as características, as potencialidades e as fragilidades com as quais esse jornalismo é produzido no ambiente digital, especialmente no combate à desinformação (popularmente chamada de *fake news*) científica. A amostra inicial traz entrevistas realizadas com alguns membros da equipe de jornalismo do *Jornal da USP* e levantamento do material produzido pelo veículo nos meses de março, abril e junho de 2021. O estudo engloba todas as editorias do jornal e objetiva identificar quais são as temáticas que têm maior destaque e que recursos jornalísticos são utilizados para essa cobertura/produção.

O podcast no Brasil: uma análise sobre o formato e suas abordagens acadêmicas é o tema do capítulo de Clara Cavalcanti Rellstab. O trabalho discorre sobre o conceito do formato podcast e de suas reflexões na academia, além de uma revisão dos gêneros radiofônicos sob a ótica da podosfera. No texto, são trazidos à tona aspectos como a ascensão do formato podcast, a profissionalização da mídia brasileira e das produtoras especializadas no gênero, a estrutura e os formatos disponíveis, assim como as barreiras e as perspectivas para o futuro do formato no Brasil.

A proposta de Mônica Rodrigues Nunes Vieira no capítulo **Foca nas mídias: o uso do vídeo para promoção da alfabetização midiática e informacional** é discutir a relação entre a educação e a produção audiovisual realizada no campo da extensão universitária como projeto vinculado a editais da Universidade de São Paulo. O objetivo principal deste projeto é, por meio da produção de séries audiovisuais, levar ao público infantojuvenil temas que permitam ampliar o repertório para o uso responsável e crítico das mídias - compreender as suas funções, entender e interpretar as mensagens produzidas e, também, identificar conteúdos falsos e com intenção de dano (popularmente conhecidos como *fake news*).

O capítulo **Quer que Desenhe? Fake news no jornalismo hegemônico e no independente** de Vinicius Guedes Pereira de Souza apresenta as bases da pesquisa de pós-doutorado realizada na Escola de Comunicações e Artes da USP, com supervisão do Prof. Dr. Dennis de Oliveira, entre 2021 e 2022. O projeto investiga a relação entre a centralidade das

imagens na sociedade atual e a possível mudança na forma de raciocínio da humanidade na produção e consumo de produtos midiáticos (como a distribuição e sucesso das fake news) por meio de discussões sobre narrativas, representações, memes, discursos de ódio e seus impactos nos sistemas de comunicação, poder, relacionamentos e na própria construção dos imaginários.

A quinta parte desta obra reúne pesquisas com um olhar “quase” estrangeiro sobre o *mundo*. Beatriz Buschel Pasqualino recupera o pensamento de José Martí para falar sobre o jornalismo e a revolução cubana. Por sua vez, Carlos Augusto Tavares Júnior conversa com Maria Inês Amarante sobre a experiência do rádio nas comunidades do Timor Leste, enquanto Daniel Azevedo Muñoz investiga a cobertura do *New York Times* durante um período controverso do Regime Militar brasileiro. Por fim, Vivian de Oliveira Neves Fernandes observa os detalhes da participação brasileira na Associação Latino-Americana de Educação e Comunicação Popular (ALER).

No capítulo **Reflexões sobre José Martí, jornalismo e revolução cubana**, Beatriz Buschel Pasqualino observa a contribuição do pensamento de José Martí no chamado jornalismo revolucionário cubano, a partir de um olhar que se debruça sobre a realidade e o contexto do país, considerando suas especificidades históricas, culturais, políticas etc. Para isso, toma-se como base a análise crítica do jornalismo como reflexo de uma realidade social (MEDITCH, 1997), e não como uma teoria e prática universais, hegemônicas e homogêneas. O texto reflete, portanto, a revisão bibliográfica deste herói nacional e inspirador da Revolução Cubana, em especial no que se refere ao vasto material jornalístico produzido por ele como cronista - com forte crítica social - na imprensa de diversos países.

Em pleno século XXI, o rádio se mostra cada vez mais renovado, com a abertura de espaços de diálogo em meio a um protagonismo representado pela diversidade étnica. No capítulo **Maria Inês Amarante: vozes comunitárias no rádio de Timor Leste**, Carlos Augusto Tavares Júnior entrevista a professora e pesquisadora brasileira para discutir o estudo realizado nas décadas de 2000 e 2010, bem como as emissoras comunitárias do Timor-Leste e a questão bilíngue desse país entre os idiomas tétum e português, mesmo durante o período aproximado de 25 anos de ocupação pela Indonésia. A partir da metodologia qualitativa com o registro da conversa em vídeo pelo recurso Google WorkSpaces, a finalidade de se assinalar as maneiras com que as comunidades timorenses se tornaram efetivamente visíveis nessa jovem nação do sudeste asiático, desde a declaração da independência em maio de 2002.

O capítulo de Daniel Azevedo Muñoz discute a repercussão das propagandas do governo militar brasileiro sobre o seu “milagre econômico” perante a opinião pública dos EUA, por meio da cobertura econômica do *New York Times* no país entre 1969 e 1973. Neste trabalho se investigou como a percepção estadunidense, do espectro político democrata, refletida no rotativo nova-iorquino, associou diretamente os anos do chamado “milagre” com o incremento da repressão política e social no Brasil, criando-se uma ideia de um sistema político que encapsulava um paradoxo de crescimento econômico vinculado ao autoritarismo e ao cerceamento nas liberdades civis e políticas. O capítulo **Um milagre econômico e repressivo: a cobertura do *The New York Times* sobre o “milagre econômico” do Regime Militar brasileiro** é uma parceria do Alterjor com o Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da ECA-USP e o Programa de Doutorado em História Contemporânea da Universidade Autônoma de Madri, na Espanha.

Vivian de Oliveira Neves Fernandes busca compreender a participação do Brasil na Associação Latino-Americana de Educação e Comunicação Popular (ALER) através da relação da comunicação pelo *Buen Vivir*, que leva a uma reflexão em torno da “pessoalização” da natureza e da Amazônia na narrativa jornalística. O paradigma do *Buen Vivir* se pauta por um novo modelo de desenvolvimento baseado em relações harmônicas entre seres humanos e meio ambiente; também se desenvolvendo por meio da comunicação. A partir de revisão bibliográfica, entrevistas e análise de conteúdo o capítulo **ALER no Brasil: comunicação pelo *Buen Vivir* e “pessoalização” da Amazônia** tem como eixo de investigação a única participação brasileira atual nessa articulação latino-americana: a Rede de Notícias da Amazônia (RNA), que atua na Rede Pan-Amazônica de Comunicação da ALER e no informativo radiofônico *Voces de la Panamazonía*.

Wilton Garcia fecha este primeiro volume sobre as pesquisas do Alterjor – Grupo de Pesquisa em Jornalismo Popular e Alternativo da ECA-USP. O pesquisador traz uma abordagem sobre a *divulgação artística* no capítulo **Jornalismo e curadoria entre arte e comunicação alternativa: estratégias criativas**. Este texto aproxima arte, curadoria e jornalismo de modo inter/trans/multidisciplinar, na expectativa de refletir acerca de novas profissões, ao ampliar a experiência de diferentes áreas do conhecimento. O diálogo proposto evidencia a contemporaneidade. Como exemplificação, destaca-se a exposição *Afrophural_ onde começa o mundo?* apresentada na Galeria Flávio de Carvalho no Complexo Cultural da Funarte São Paulo, entre 12 de março e 17 de abril de 2022.

JORNALISMO



Foto: MediaQuatro – Banca de jornais fechada. São Paulo, Brasil, 2022.

A Escola Ecana de Jornalismo: obras e autores pioneiros

*Luciano Victor Barros Maluly, Wilson da Costa Bueno, Dennis de Oliveira¹e
Valquiria Aparecida Passos Kneipp²*

Introdução

A tradição da pesquisa em jornalismo na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) oferece subsídios relevantes para produções científicas. Desenvolvidas prioritariamente junto aos programas de pós-graduação, em particular aos de Ciências de Comunicação (PPGCOM), Integração da América Latina (Prolam) e, mais recentemente, Meios e Processos Audiovisuais (PGMPA), essas pesquisas ainda servem de referência para diversos trabalhos científicos e acadêmicos da área, tanto no Brasil como no exterior. Nosso objetivo é recuperar algumas obras e alguns autores da chamada “Escola Ecana de Jornalismo”, que teve início nos anos 1970 e ganhou grande incremento nas décadas de 1980 e 1990, consolidando-se definitivamente a partir do início do século XXI.

Nomes como o de Alice Mitika Koshiyama, Bernardo Kucinski, Boris Kossoy, Carlos Marcos Avighi, Carlos Eduardo Lins da Silva, Ciro Juvenal Rodrigues Marcondes Filho, Cremilda Medina, Dirceu Fernandes Lopes, Dulcília Helena Schroeder Buitoni, Edvaldo Pereira Lima, Francisco Gaudêncio Torquato do Rego, Gisela Swetlana Ortriwano, Jair Borin, Jeanne Marie Machado de Freitas, João Walter Sampaio Smolka, José Coelho Sobrinho, José Luiz Proença, José Marques de Melo, Laurindo Leal Filho, Manuel Carlos Chaparro, Maria Otília Bocchini, Sebastião Squirra, Wilson da Costa Bueno, Terezinha Fátima Tagé Dias Fernandes, entre outros, aos quais se incorporaram pesquisadoras como Elizabeth Nicolau Saad Corrêa e Mayra Rodrigues Gomes, que merecem destaque em sua trajetória no Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP. É fundamental perceber que a contribuição desses investigadores está presente nas referências bibliográficas de diversas publicações (livros, e-books, artigos de revistas acadêmicas) que têm como propósito o estudo, a pesquisa e a prática profissional do Jornalismo.

¹ Doutores em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. Professores do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP. E-mails: lumaluly@usp.br, wilson@comtexto.com.br e dennisol@usp.br.

² Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. Professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: valquiriakneipp@yahoo.com.br.

Este capítulo recupera, ainda que de forma não integral, algumas questões ou temas abordados nas principais publicações desses colegas do Departamento de Jornalismo e Editoração (CJE) da ECA-USP, com o objetivo de subsidiar os estudantes de comunicação na realização de seus trabalhos e projetos.

José Marques de Melo, Ciro Marcondes Filho, Cremilda Medina e Bernardo Kucinski

Professor e diretor da ECA-USP, José Marques Melo (1943-2018) marcou época com uma série de publicações voltadas ao estudo do jornalismo. Seguindo os passos de seu antecessor, o professor Luiz Beltrão³, publica o clássico *Opinião no Jornalismo Brasileiro* (1985), fruto de sua tese de livre-docência, mais tarde reeditado com o título de *Jornalismo Opinativo* (2003), que sintetiza a classificação dos gêneros jornalísticos em informativo, opinativo, interpretativo e utilitário, “com a vigência de formatos que correspondem majoritariamente ao gêneros informativo (nota, notícia, reportagem, entrevista) e utilitário (serviço) e secundariamente aos gêneros opinativo (editorial, artigo, resenha, coluna, caricatura, carta) e interpretativo (enquete)” (MARQUES DE MELO, 2010, p.28). Anteriormente, nos anos de 1970, fez as primeiras pesquisas no campo dos gêneros jornalísticos, propondo, inicialmente uma trilogia informativa-opinativa-interpretativa.

A vasta obra deixada pelo professor Ciro Juvenal Rodrigues Marcondes Filho (1948-2020) revela a importância de um dos principais teóricos da Comunicação no Brasil, com impacto extraordinário na literatura em Jornalismo. Clássicos como *O capital da notícia: jornalismo como produção social da segunda natureza* (1986), *Quem manipula quem* (1987), *Jornalismo fin-de-siècle* (1993), *A saga dos cães perdidos* (2001), entre outros, são imprescindíveis para compreender a complexidade do jornalismo no Brasil. Um resumo do pensamento do autor pode ser acompanhado no artigo *Ciro Marcondes Filho, um crítico radical e humanista convicto*⁴, escrito pelo professor Dennis de Oliveira, no Jornal da USP. Outro registro relevante da participação e pesquisa de Ciro Marcondes Filho foi a organização do livro *A Linguagem da Sedução – a Conquista das Consciências pela Fantasia*, com a participação de cinco professores alemães e traduções dos originais em alemão pelo organizador. “Eles tratam de política, de produtos de comunicação produzida em massa, da publicidade, enfim, dessa indústria do imaginário que nos traz a avalanche de produtos

³ Disponível em: <http://portal.metodista.br/mutirao-do-brasileirismo/cartografia/verbetes/america-do-sul/luiz-beltrao>. Acesso em 2 de junho de 2021.

⁴ Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/ciro-marcondes-filho-um-critico-radical-e-humanista-convicto>. Acesso em 2 de junho de 2021.

culturais, que compõem nosso dia a dia na sociedade industrial” (MARCONDES FILHO, 1985, p. 5).

A linha tênue entre a objetividade e a subjetividade no relato jornalístico representa uma das inúmeras preocupações da professora Cremilda Celeste de Araújo Medina, que se caracteriza por uma vasta e valiosa produção científica. Em obras como *Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial* (1988), *Profissão jornalista: responsabilidade social* (1982), *Entrevista: diálogo possível* (1986), *A arte de tecer o presente, narrativa e cotidiano* (2003), Medina empreende reflexões originais e importantes sobre a prática jornalística, como a proposta de uma dimensão dialógica para a prática da entrevista: “(...) o diálogo que atinge a interação humana criadora, ou seja, ambos os partícipes do jogo da entrevista interagem, se modificam, se revelam, crescem no conhecimento do mundo e deles próprios.” (MEDINA, 1986, p.8).

Bernardo Kucinski, por sua vez, marcou sua trajetória no CJE com a publicação de clássicos como *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa* (1991), com uma análise de periódicos alternativos publicados durante a Ditadura Militar no Brasil (1964-1985), e também *Jornalismo Econômico* (1996), considerado um marco nesse tipo de cobertura especializada. Da mesma forma, Carlos Eduardo Lins da Silva marcou época com a publicação dos livros *Muito além do Jardim Botânico* (1985) e *O adiantado da hora* (1991) - frutos de suas análises sobre mídia e jornalismo.

As mulheres e o jornalismo

Algumas pesquisadoras do CJE estão reconhecidamente identificadas com a luta pelos direitos das mulheres no Jornalismo, com uma produção abrangente que revela este compromisso. É indispensável citar a professora Dulcília Helena Schroeder Buitoni que publicou uma série de livros sobre essa temática, com destaque para o clássico *Imprensa feminina* (1986). As professoras Alice Mitika Koshiyama e Maria Otília Bocchini realizaram também pesquisas pioneiras com este foco, entre elas, *Mulheres jornalistas: opções profissionais para a construção da cidadania* (2000) e *Participação da mulher na mídia* (2006), respectivamente.

Outras obras de Alice Mitika e Maria Otília são igualmente marcantes em suas áreas de atuação: Koshiyama publicou *Monteiro Lobato: intelectual, empresário e editor* (2006) e Bocchini lançou *Para escrever bem* (2006), além da obra *Ideologia, Comunicação e Cultura no Brasil*, em parceria com José Marques de Melo (1982). A professora Maria Otília apoiou

projetos de comunicação popular de organizações feministas defendendo a necessidade de se construir textos compreensíveis.

Jornalismo especializado

O jornalismo especializado, da mesma forma, tem recebido atenção especial de estudiosos do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA/USP. Com a publicação intitulada *Jornalismo Científico no Brasil: aspectos teóricos e práticos* (1988), Wilson da Costa Bueno, autor da primeira tese de doutorado sobre jornalismo científico em nosso país, explicita e analisa questões relevantes associadas ao estudo, à pesquisa e à prática da divulgação científica e tecnológica que, ao longo do tempo, têm merecido a atenção de especialistas das diversas áreas do conhecimento. Este mesmo autor, com o livro *Comunicação, Jornalismo e Meio Ambiente: teoria e pesquisa* (2007), aprofunda a discussão da problemática ambiental, atento aos interesses políticos e empresariais a ela associados.

Jair Borin (1942-2003) teve atuação profissional e acadêmica consistente no jornalismo agropecuário. Em sua pesquisa *Notícias e suas versões no espaço e no tempo dos grupos de pressão: de rabo preso com a classe dominante* (1987), empreendeu uma análise crítica da ação dos *lobbies* empresariais sobre a produção jornalística. Ele também contribuiu para a literatura voltada à apresentação e ao debate de temas rurais, abordados sob uma perspectiva essencialmente jornalística, com a publicação do livro *Introdução ao estudo do café* (1971).

Com foco em temas identificados com o jornalismo audiovisual na ECA-USP, alguns pesquisadores trouxeram para o debate questões relevantes que marcaram o desenvolvimento do rádio, da televisão, do cinema e da fotografia no Brasil. A massificação da imagem e do som, vivenciada no Brasil a partir dos anos 1970, está registrada em livros como *Jornalismo Audiovisual: rádio, TV e cinema* (1971), de João Walter Sampaio Smoka (1931-2002)⁵, que foi pioneiro na disciplina de Jornalismo Audiovisual, da ECA/USP, ao criar inicialmente uma apostila para que os alunos pudessem acompanhar os conteúdos, dando origem a clássicos que iniciam uma longa lista de obras de referência como *A informação no Rádio - os grupos de poder e a determinação dos conteúdos* (1985), de Gisela Swetlana Ortrivano (1948-2003).

A melhor TV do Mundo: o modelo britânico de televisão (1997), de Laurindo Lalo Leal Filho, trata de sua pesquisa de pós-doutorado realizada na Inglaterra. O professor iniciou na docência ainda nos anos de 1970, depois de ter trabalhado na Fundação Vitor Costa, na

⁵ http://www.mac.usp.br/mac/templates/exposicoes/exposicao_artejornalismo/expo_virtual/virtual11.htm, endereço onde está disponível a obra. Acesso em 2 de junho de 2021.

área de rádio, como repórter, comentarista e locutor. Foi um dos primeiros a transmitir corridas de Fórmula 1 no Brasil. Também trabalhou na TV Cultura como repórter e editor internacional. Lecionou telejornalismo, primeiro na PUC de São Paulo e depois na ECA/USP. Outra publicação do professor é *Atrás das Câmeras – relações entre cultura, estado e televisão*, na qual relatou sua experiência na TV Cultura.

Outra obra relevante é *A imagem nas mãos - o vídeo popular no Brasil* (1989), de Luiz Fernando Santoro, que apresenta a história e a prática da organização das emissoras de TV popular no Brasil. É fundamental mencionar também a contribuição de Boris Kossoy sobre *Fotografia e História*, mesmo título de seu livro (1989).

O professor Sebastião Squirra, no final dos anos 1970, organizou uma apostila intitulada *A Técnica do Telejornalismo*, na qual abordou a imagem, a câmera eletrônica, as configurações de equipamento, a linguagem televisual, a iluminação básica em telejornalismo, a sonoplastia e a captação sonora. Nos anos de 1980, publicou sua dissertação de mestrado, que se tornou um clássico para o ensino e a pesquisa, *Aprender Telejornalismo – produção e técnica*, sendo reimpressa em 1993, 2004 e 2006. A tese de doutorado de Squirra se tornou outro clássico do telejornalismo: *Boris Casoy - o âncora no telejornalismo brasileiro* apresenta conceitos e a trajetória do primeiro âncora da TV no Brasil. (KNEIPP, 2008).

Edvaldo Pereira Lima traz abordagens pioneiras em *O que é o livro-reportagem* (2003) e, posteriormente, *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura* (2004), obras fundamentais para caracterizar novos formatos e recursos da produção jornalística.

A relação entre jornalismo, história e literatura também preocupou outros pesquisadores do CJE, como Carlos Marcos Avighi (1946-2004), que analisou o impacto das obras de Alcântara Machado e Euclides da Cunha em suas pesquisas na pós-graduação.

Outro autor que marcou época na ECA-USP foi Francisco Gaudêncio Torquato do Rego, que ao lançar *Jornalismo Empresarial: teoria e prática* (1984), inicia o processo de mudança na forma de pensar a comunicação empresarial no Brasil.

Linguagem, ética e tecnologia

Questões relacionadas à ética, à linguagem e à tecnologia também foram, ao longo do tempo, objeto de estudo por parte de pesquisadores do CJE. É obrigatório ressaltar a contribuição de Jeanne Marie Machado de Freitas, com sua produção competente sobre as ciências da linguagem, que ganhou destaque com a obra *Comunicação e psicanálise* (1992).

Em 2000, Mayra Rodrigues Gomes ampliou essa discussão com *Jornalismo e Ciências da Linguagem*, retomada mais uma vez posteriormente, com o trabalho *Ética e jornalismo: cartografia dos valores* (2002).

Ao publicar *Estratégias para a mídia digital 2.0: internet, informação e comunicação* (2003), Elizabeth Nicolau Saad Corrêa iniciou o debate, cada vez mais atual e relevante, que contempla o impacto das transformações digitais na comunicação e no jornalismo brasileiro.

Terezinha Fátima Tagé Dias Fernandes também merece destaque com pesquisas direcionadas à cultura, ao discurso jornalístico e à temática social. Em 2009 organizou a coletânea *Sensibilidades Configuradas - Estudos sobre Comunicação, Mídia e Produção de Sentido*, com textos de estudos de onze docentes e pesquisadores das Ciências da Comunicação. São pesquisas no campo da Semiótica da Cultura e das linguagens das mídias. Analisando tais questões, os autores reafirmam o profundo caráter social dado ao tratamento e à codificação da comunicação. Outra publicação emblemática é a obra *Cultura e Vida Cotidiana no Jornal* (2001), na qual a professora apresenta um pouco do seu trabalho como colunista do jornal A Tribuna, de Santos (SP). Nesta obra, ressalta o dever de o colunista selecionar múltiplos temas que sirvam de estímulo à formação de opiniões sobre a cultura e o cotidiano, além de permitir a reflexão sobre o mistério que as palavras escondem: a vida.

As práticas jornalísticas no mercado e na universidade ganharam espaço nos anos 1980 e 1990 com diversas publicações, reconhecidamente fundamentais para os estudiosos em jornalismo, como se observa, respectivamente, pelas análises de Manuel Carlos Chaparro, em *Pragmática do jornalismo: buscas práticas para uma teoria da ação comunicativa* (1993), e de Dirceu Fernandes Lopes (1940-2021), em *Jornal-laboratório: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor* (1989), além do livro *Edições de jornalismo eletrônico* (2000), organizado por Lopes em parceria com José Coelho Sobrinho e José Luiz Proença.

Considerações finais

É fundamental registrar que muitos desses pesquisadores, com presença marcante em várias décadas no Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, ainda continuam ativos, influenciando, com suas análises e reflexões, as novas gerações de profissionais e acadêmicos que atuam, estudam e pesquisam o Jornalismo.

É necessário também registrar, neste breve resgate das contribuições aos estudos em Jornalismo, a publicação, pela Editora da Universidade de São Paulo, da coleção *Clássicos do Jornalismo Brasileiro*, que mereceu reedição em 2003⁶, e que reúne autores renomados, identificados com a história e o conhecimento jornalístico brasileiro.

O problema da imprensa (1997), de Barbosa Lima Sobrinho; *Introdução à filosofia do jornalismo* (1992), de Luiz Beltrão; *Espírito do jornalismo* (1992), de Danton Jobim; *A imprensa e o dever da verdade*, de Rui Barbosa (1990); *Jornalismo como gênero literário*, de Alceu de Amoroso Lima (1990), e a *Missão da Imprensa* (1990), de Carlos Lacerda, permanecem como leituras obrigatórias para os estudantes e profissionais da área.

Referências

AVIGHI, C.; PINTO, V.N. **Alcântara Machado**: uma visão aristocrática da imigração italiana. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PPGCOM-ECA-USP, 1980.

_____. *Euclides da Cunha jornalista*. Tese de Doutorado. São Paulo: PPGCOM-ECA-USP, 1987.

BARBOSA, R. **A imprensa e o dever da verdade**. São Paulo: Com-Arte / Edusp, 1990.

BELTRÃO, L. **Introdução à filosofia do jornalismo**. São Paulo: Edusp, 1992.

BOCCHINI, M. O. **Para escrever bem**. Barueri: Manole, 2006.

_____. Participação da mulher na mídia. In: José Marques de Melo; Maria Cristina Giobbi; Luciano Sathler. (Orgs.). **Mídia cidadã, utopia brasileira**. 1ª Ed. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006, v. 1, p. 167-172.

BORIN, Jair. **Notícias e suas versões no espaço e no tempo dos grupos de pressão**: de rabo preso com a classe dominante. Tese de Doutorado. São Paulo: PPGCOM-ECA-USP, 1987.

_____. **Introdução ao estudo do café**. São Paulo: Edições CPMA, 1971.

BUENO, W. C. **Jornalismo Científico no Brasil**: aspectos teóricos e práticos. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da USP, 1988.

BUENO, W.C. **Comunicação, Jornalismo e Meio Ambiente**: teoria e pesquisa. São Paulo: Mojoara Editorial, 2007.

BUITONI, D.H.S. **Imprensa feminina**. São Paulo: Ática, 1986.

⁶ Disponível em: <https://www.edusp.com.br/livros/iniciacao-a-filosofia-do-jornalismo>. Acesso em 9 de junho de 2021.

CHAPARRO, M.C. **Pragmática do jornalismo**: buscas práticas para uma teoria da ação comunicativa. São Paulo: Summus, 1993.

FREITAS, J.M.M. **Comunicação e psicanálise**. São Paulo: Escuta, 1992.

GOMES, M. R. **Jornalismo e Ciências da Linguagem**. São Paulo: Hacker Editores, 2000.

_____. **Ética e jornalismo**: cartografia dos valores. São Paulo: Escrituras, 2002.

KUCINSKI, B. **Jornalistas e revolucionários**: nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: Scritta, 1991.

_____. **Jornalismo econômico**. São Paulo: Edusp, 1996.

KOSHIYAMA, A. M. **Monteiro Lobato**: intelectual, empresário e editor. 2ª Ed. São Paulo: EDUSP, 2006.

_____. **Mulheres jornalistas**: opções profissionais para a construção da cidadania. São Paulo: Com-Arte, 2000.

JOBIM, D. **Espírito do jornalismo**. São Paulo: Edusp, 1992.

KNEIPP, V. A. P. **Trajetória de formação do telejornalista brasileiro**. Tese de Doutorado. Orientação de José Marques de Melo. São Paulo: PPGCom-ECA/USP, 2008.

KOSSOY, B. **Fotografia e História**. São Paulo: Ática, 1989.

LACERDA, C. **Missão da Imprensa**. São Paulo: Com-Arte / Edusp, 1990.

LEAL FILHO, L.L. **A melhor TV do Mundo**: o modelo britânico de televisão. São Paulo: Summus, 1997.

LIMA, A. A. **Jornalismo como gênero literário**. São Paulo: Com-Arte / Edusp, 1990.

LIMA SOBRINHO, A. J. B. **O problema da imprensa**. São Paulo: Com-Arte / Edusp, 1997.

LOPES, D.F. **Jornal-laboratório**: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor. São Paulo: Summus, 1989.

_____; COELHO SOBRINHO, J.; PROENÇA, J.L. **Edições de jornalismo eletrônico**. São Paulo: NJC-ECA-USP/EDICON, 2000.

MARCONDES FILHO, C.J.R. **O capital da notícia**: jornalismo como produção social da segunda natureza. São Paulo: Ática, 1986.

_____. **Jornalismo fin-de-siècle**. São Paulo: Scritta, 1993.

_____. **A saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker, 2001.

_____. **Quem manipula quem**. São Paulo: Ática, 1987.

MEDINA, C.C.A. **Entrevista**: diálogo possível. São Paulo: Ática, 1986.

_____. **A arte de tecer o presente, narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus, 2003.

_____. **Notícia, um produto à venda:** jornalismo na sociedade urbana e industrial. São Paulo: Summus, 1988.

_____. **Profissão jornalista:** responsabilidade social. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

MELO, J.M. **A opinião no jornalismo brasileiro.** Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. **Jornalismo Opinitivo:** gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. São Paulo: Mantiqueira, 2003.

_____. Gêneros jornalísticos: conhecimento brasileiro. In: MARQUES DE MELO, José. ASSIS, Francisco. **Gêneros jornalísticos no Brasil.** São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

_____; BOCCHINI, M. O. **Ideologia, Cultura e Comunicação no Brasil.** São Bernardo do Campo: Centro de Pós-graduação de Ensino Superior Metodista, 1982.

ORTRIWANO, G. S. **A informação no Rádio** - os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo: Summus, 1985.

REGO, F. G. T. **Jornalismo Empresarial: teoria e prática.** São Paulo: Summus, 1984.

SILVA, C. E. L. **Muito além do Jardim Botânico.** São Paulo: Summus, 1985.

_____. **O adiantado da hora.** São Paulo: Summus, 1991.

SAAD CORRÊA, E.N. **Estratégias para a mídia digital 2.0:** internet, informação e comunicação São Paulo: SENAC-SP, 2003.

SAMPAIO, J. W. S. **Jornalismo Audiovisual:** rádio, TV e cinema. Petrópolis: Vozes, 1971.

SANTORO, L. F. **A imagem nas mãos** - o vídeo popular no Brasil. São Paulo: Summus, 1989.

TAGÉ, T. Contribuições do Jornalismo de Jorge Andrade para a Cultura Brasileira. **Jorge Andrade 90 anos** (Re) Leituras - vol. 2. 0, ed. São Paulo/SP: Editora do TUSP, 2013, v. 2, p. 0-.

_____. Discursos e tecnoimagens: confluência entre linearidade e visibilidade na leitura de textos da imprensa. In: Terezinha Tague. (Org.). **Sensibilidades configuradas:** estudos sobre comunicação, mídia e produção de sentido. São Paulo: Miró Editorial Ltda, 2009, v. 01, p. 55-66.

_____. Cultura e Memória Social no Discurso Jornalístico. In: Editora Universitária Leopoldianum. (Org.). **Sociedade Mediática:** Significação, Mediações e Exclusão. Santos - SP: Universidade Católica de Santos, 2000, v. 01, p. 93-103.

_____. **Cultura e Vida Cotidiana no Jornal.** São Paulo: Com-Arte, 2001.

RÁDIO



Foto: MediaQuatro – Torres de Comunicação. Tambo, Colômbia, 2004.

O podcast no Brasil: uma análise sobre o formato e suas abordagens na academia

Clara Cavalcanti Rellstab⁷

"De tempos em tempos, uma nova mídia se sobressai às outras e passa a ser adotada em muitas áreas diferentes. O áudio será uma mídia de primeira classe"⁸, disse Mark Zuckerberg, CEO da Meta⁹, ao jornalista americano Casey Newton, em conversa transmitida no site Discord para marcar o lançamento do *Live Audio Rooms*, plataforma de difusão de áudios incorporada à rede social que ele comanda. A declaração concorda com o resultado estudo *Reuters Institute Digital News Report 2021*, na qual 80% dos editores ao redor do mundo disseram que, em 2022, destinariam mais recursos em podcasts e áudio digital, a fim de aumentar a fidelidade dos já consumidores e atrair novos assinantes. Audiências jovens e multiculturais são os principais motores de crescimento para o áudio falado, que inclui podcasts, notícias, audiolivros e programas de rádio, segundo o *2021 Spoken Word Audio Report*¹⁰, da *NPR* e *Edison Research*. Ainda nesta pesquisa, é apontado que os podcasts representam 22% de todo o áudio falado consumido por pessoas com mais de 13 anos no mundo – um aumento de 16% em relação a 2020.

Criado no início do século XXI, o podcast surge da fusão das palavras *broadcast* e *iPod*, popular *media player* da marca Apple na primeira década do novo milênio. O termo foi utilizado pela primeira vez no artigo "*Audible Revolution*"¹¹, de Ben Hammersley, na edição de 12 de fevereiro de 2004, do jornal britânico *The Guardian*. "Tocadores de MP3, como o iPod da Apple, em muitos bolsos, *softwares* de produção de áudio baratos ou de graça, e blogs, (...) todos os ingredientes estão lá para um novo boom no rádio amador. Mas como chamamos isso? *Audioblogging? Podcasting?*" (HAMMERSLEY, 2004). De acordo com o professor e pesquisador Eduardo Vicente, pesquisador e professor da Faculdade de Comunicações e Artes (ECA), da Universidade de São Paulo (2018), no entanto, Hammersley sugeriu o termo quase como uma denominação geral.

⁷ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. E-mail: clara.rellstab@usp.br.

⁸ "*Audio is going to be a first-class medium. Every once in a while, a new medium comes along that can be adopted into a lot of different areas*". Tradução própria. Disponível em: <https://bit.ly/3HJ7BM7>. Acesso em: 5 de março de 2022.

⁹ O Facebook anunciou em 28 de outubro de 2021, durante o evento Facebook Connect 2021, que mudou o seu nome para Meta.

¹⁰ Disponível em: <https://bit.ly/3CeN1SO>. Acesso em: 5 de março de 2022.

¹¹ *Audible Revolution*. Disponível em <https://bit.ly/377PvqT>. Acesso em 9 de abril de 2022.

"(...) e foi somente alguns meses depois, em agosto daquele ano, que surgiu a prática específica que a expressão passaria a nomear. Nesse caso, a produção pioneira foi *Daily Source Code*, de Adam Curry (BERRY, 2006, p. 151). A inovação de Curry, um ex-VJ da MTV norte americana, não foi propriamente a de produzir um programa de áudio diário que incluía música, entrevistas e relatos pessoais gravados por ele em diferentes lugares, mas sim de distribuir seus episódios por meio do agregador RSS" (VICENTE, p.89, 2018).

RSS é a sigla em inglês para *Rich Site Summary* ou *Really Simple Syndication*, uma forma simplificada de apresentar um conteúdo em um site da internet. Um documento RSS é feito na linguagem XML e exibe um grande volume de informações existentes em uma página na internet de forma resumida. Desta forma, a possibilidade de enviar áudios através do formato RSS tornou simplificada a distribuição dos episódios, principalmente ao permitir a assinatura do chamado *Daily Source Code* do iTunes, ferramenta que possibilitava aos ouvintes uma espécie de assinatura dos seus programas e canções favoritas no aplicativo. Vicente (2018) explica que, desta forma, não era mais preciso que o usuário voltasse ao site em que o programa estava disponível para escutá-lo ou fazer download dos episódios mais recentes, uma vez que o sistema os listava automaticamente assim que o computador logado no iTunes estivesse online. "É essa prática da assinatura de conteúdos de mídia por meio do RSS para posterior download que recebeu a denominação de *podcasting*", resume Vicente (p. 90, 2018).

Entretanto, conforme escreveu o professor e pesquisador Álvaro Bufarah Júnior (p. 4, 2017), "o podcasting não ficou limitado a esse reproduzidor de mídia digital, sendo desenvolvidas, posteriormente, formas de associá-lo a quaisquer aparelhos que possam carregar e tocar arquivos de áudio". Podcasts podem ser reproduzidos em computadores, iPods, smartphones e outros portáteis e, definitivamente, uma das maiores vantagens dessa mídia é a sua relativa facilidade de criação, acessibilidade e propagação. Com o arquivo baixado ou acessado de forma online, o público tem acesso à informação em qualquer lugar, e sem que seja exigida a atenção plena do usuário ao conteúdo, como ocorre nos vídeos, por exemplo – ao contrário dos produtos que unem áudio e vídeo, aqueles que contêm somente áudio podem ser consumidos enquanto o ouvinte realiza outras atividades, como caminhadas, tarefas domésticas, entre outros. Mas voltemos às definições mais quadradas: nos agrada, acima de qualquer outra, aquela de Richard Berry (2006), que entende o podcast como um "conteúdo de mídia enviado automaticamente a um assinante através da internet" (BERRY, 2006, p. 144), principalmente porque explicita que não somente o áudio constitui o produto – mas falaremos sobre isso mais adiante, quando abordarmos a chamada *podosfera*.

Com a mídia ganhando força nos Estados Unidos e em outros países do mundo, não demorou para que os internautas brasileiros também começassem a surfar na onda do *podcasting*. O primeiro programa brasileiro a se configurar como podcast, intitulado *Digital Minds*¹² e lançado em 2004, deu início a uma pequena onda de podcasts nacionais, a maioria embedados em blogs já consolidados, como o *Podcast do Gui Leite*, *Perhapiness* e *Código Livre*. Em 2005, em Curitiba, no Paraná, foi organizada a primeira edição da Conferência Brasileira de Podcast (PodCon Brasil), primeiro evento brasileiro dedicado exclusivamente ao assunto, onde foi criada a Associação Brasileira de Podcast. Contudo, apesar de um suposto promissor crescimento da mídia, ainda em 2005, o que podemos chamar de Era Podcast 1.0 esfriou e não foi adiante. Bom, pelo menos até a chegada da segunda década do século XXI.

O podcast voltou a saltar os olhos dos produtores de conteúdo e a tecnologia do RSS deixou de ser significativa graças a um combo tecnológico formado pela popularização e preços acessíveis dos smartphones, a melhora na qualidade da internet e o aumento da cobertura ao redor do país e, por causa disso, a transferência da lógica do download de arquivos para a lógica do *streaming*, que pode ser definida como a transmissão, em tempo real, de dados de áudio e vídeo de um servidor para um aparelho eletrônico como um computador, um celular ou uma SmartTV, por exemplo. Também não podemos deixar de citar o surgimento e a popularização dos agregadores de mídia, serviços como Netflix, Spotify, Deezer e afins.

Atualmente, o Brasil é o terceiro país do mundo onde os podcasts são mais populares, segundo estudo divulgado pela Statista¹³: mais de 40% dos entrevistados disseram que ouviram pelo menos um podcast nos últimos 12 meses. A Suécia lidera o ranking e a Irlanda ocupa a segunda posição. Apenas a título de exemplo, a *IAB Brasil* e a *Offerwise* apresentaram estudo¹⁴ sobre o hábito de consumo de podcasts no Brasil em 2021 que apresentou como resultado que 76% dos entrevistados criaram rotinas de audição de produtos em áudio. Dados do *Culture Next*¹⁵, estudo global da plataforma de streaming Spotify, apontam que tanto a Geração Z quanto os Millennials dizem confiar mais em podcasts do que na mídia tradicional.

No Brasil, os meios de comunicação demoraram a perceber o retorno do áudio aos holofotes potencializado pelos podcasts. Embora o formato tenha chegado ao país no início

¹² Iniciado em 20 de outubro de 2004 por Danilo Medeiros, o programa surgiu como parte de um blog homônimo.

¹³ Disponível em: <https://bit.ly/3hJsY5I>. Acesso em 5 de março de 2022.

¹⁴ Disponível em: <https://bit.ly/3MpjlHo>. Acesso em 5 de março de 2022.

¹⁵ Disponível em: <https://culturenext.byspotify.com/pt-BR>. Acesso em 5 de março de 2022.

dos anos 2000, conforme vimos acima, foi somente em 2019 que o maior jornal brasileiro, a *Folha de São Paulo*, conseguiu fazer um programa de grande sucesso de público¹⁶, com *Café da Manhã*, um podcast de notícias inspirado no *The Daily*, do *The New York Times*. No programa diário, um ou dois hosts conversam com um repórter do jornal ou um entrevistado a respeito do tema mais quente do dia ou da semana. Não demoraram a surgir podcasts de outros formatos, os narrativos, como o *AntiCast* e o seu derivado *Caso Evandro, Praia dos Ossos e Retrato Narrado*; os de mesa redonda, como *Calcinha Larga, Mamilos e Foro de Teresina*; ou até mesmo os podcasts-pílulas, como *321* e *Horóscopo do Dia*. Hoje, quase cinco anos depois, o podcast conseguiu se consolidar no país, em seus mais variados formatos. Pesquisa realizada pela *Globo* em parceria com o *Ibope*¹⁷ apontou que 43% dos brasileiros ouvem podcasts de uma a três vezes por semana — 57% responderam que começaram a ouvir programas de áudio digital durante a pandemia de Covid-19. Antes objeto restrito ao amadorismo, hoje, o podcast também faz parte do planejamento de conteúdo de gigantes da comunicação, como *Rede Globo, O Estado de São Paulo, Folha de São Paulo, CNN* e muitos outros, fugindo do sonho da democratização do conteúdo radiofônico, tão bem expresso neste excerto de Brecht:

Seria o mais admirável aparato de comunicação que se poderia conceber na vida pública, um enorme sistema de canais; quer dizer, seria, caso ele se propusesse não somente a emitir, mas também a receber; ou, não apenas deixar o ouvinte escutar, mas fazê-lo falar; e não isolá-lo, mas colocá-lo numa relação. O rádio deveria, portanto, sair da esfera do fornecimento e organizar o ouvinte como fornecedor (BRECHT, 2007, p. 228-229).

Os pesquisadores Marcelo Cardoso e Lenise Villaça, em artigo *Podcast no Brasil: Disrupção de modelos de comunicação ou submissão à lógica de grupos hegemônicos de poder?* (2022), publicado na revista *Alterjor*¹⁸, se atentaram a essa mudança e procuraram discutir como o podcast se transformou também em um meio para consumo em massa na segunda década dos anos 2000, com a profissionalização dos seus criadores e avanços tecnológicos. Eles descrevem e endossam o que o professor-associado da Universidade de Siena, na Itália, Tiziano Bonini (2015), chamou de "segunda era do podcasting" ou Podcast 2.0, que:

¹⁶ O jornal *O Estado de São Paulo* já tinha um produto similar desde 2017, capitaneado pela Rádio Eldorado, que ocupa um dos andares do veículo e atua em parceria com o mesmo. Entretanto, sem muita divulgação e com pouco investimento do jornal no acabamento e profissionalismo do programa e do formato, o *Estadão Notícias*, apesar de pioneiro, possuía audiência pífia.

¹⁷ Disponível em: <https://bit.ly/3q2g6MD>. Acesso em 5 de março de 2022.

¹⁸ *Jornalismo Popular e Alternativo*. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/issue/view/12276>. Acesso em: 5 de março de 2022.

(...) se distingue pela transformação do *podcasting* numa prática comercial produtiva e em um meio para o consumo em mais que começa nos EUA em 2012, com o lançamento dos modelos de negócios capazes de sustentar a produção e o consumo de conteúdos sonoros independentes distribuídos por meio do podcasts (BONINI, 2015, pg. 24).

Uma ideia parecida já havia sido cunhada por Vicente. Segundo ele, citando títulos de matérias escritas nos últimos dez anos, o *Golden Age* do Podcast (2018).

(...) manchetes de diferentes jornais têm celebrado nos últimos anos uma pretensa golden age dos podcasts – expressão utilizada em publicações tão diferentes como a norte americana Columbia Journalism Review (“*Is this the golden age of podcasts?*”, 24/11/2014); a britânica Financial Times (“*Podcasts create golden age of audio*”, 05/03/2016), ou The National, dos Emirados Árabes Unidos (“*Are we entering the golden age of podcasts?*”, 08/01/2017)³, entre muitas outras (Vicente, 2018, p. 88).

Vicente (2018) e Bonini (2015) analisam sobre suas respectivas ideias a respeito do crescimento, da popularização e das possibilidades que o podcast ainda pode oferecer num potencial pós-Golden Age. Portanto, a seguir, nesta introdução, buscaremos não nos ater mais à história do meio, mas ao seu futuro e potências. De início, entender suas heranças radiofônicas e descobrir se o podcast chega a apresentar alguma característica material que o diferencia da linguagem do rádio como bem a conhecemos; em seguida, tentaremos decifrar o podcast no meio acadêmico, localizar seu Estado de Arte e tentar entender por que o tema ficou majoritariamente restrito ao âmbito da pesquisa em Educação por tanto tempo; depois, será discutida uma definição de podosfera, o meio digital no qual o podcast está inserido; e, por fim, apresentaremos possibilidades de estudo ainda pouco exploradas na academia.

A linguagem radiofônica

No artigo *The Digital Dialectic: New Essays on New Media*, publicado em 1999, o pesquisador Peter Lunenfeld afirma que, não importa o quanto as mídias digitais se pareçam de início com as mídias analógicas, elas são fundamentalmente diferentes umas das outras. Por isso, aponta, os estudiosos da comunicação precisam juntar esforços para que sejam criados modelos de análise adequados a essa emergência. Estes modelos, diz ele, devem transcender aqueles aplicados nas mídias anteriores. A esta ideia, em *Culturas e artes do pós-humano: Da cultura das mídias à cibercultura* (2003), Lúcia Santaella acrescenta que a cultura, em cada período histórico vigente, acaba por ficar sob o domínio de uma técnica ou da tecnologia de comunicação mais recente. Este domínio, porém, não é suficiente para

"asfixiar" os princípios semióticos que definem as formações culturais preexistentes. São estes os aspectos que levamos em conta ao propor compreender quais signos e significados da linguagem radiofônica padrão foram transpostos ou ressignificados no novo meio em que passaram a habitar, os podcasts. Afinal, conforme afirma Santaella (2003), a cultura comporta-se sempre como um organismo vivo e, sobretudo, inteligente, "com poderes de adaptação imprevisíveis e surpreendentes".

A nossa inquietação a respeito da evolução da linguagem do rádio através dos podcasts teve início após revisitarmos um artigo de Lemos, publicado em 2004, intitulado *Podcast – Emissão sonora, futuro do rádio e cibercultura*¹⁹. O autor, que não voltou a escrever sobre o tema desde então, afirmava, à época, que o que estava em jogo, a partir do surgimento do podcast, era a própria redefinição da indústria cultural massiva. Nesse caso, a reconfiguração do "rádio" como o conhecíamos.

A questão que sempre se coloca (com o *open journalism*, com os blogs, com os *softwares* livres etc.) é se estamos diante, ou não, da criação de um novo gênero de produção, de novos processos de comunicação e de publicação. Será que podemos chamar de 'rádio' arquivos MP3 com formato de emissão radiofônica, gravados por qualquer pessoa e disponibilizados na internet por meio de blogs e sistemas RSS para transmiti-lo a um grupo de assinantes? O mesmo podemos arguir em relação aos diários virtuais (diários?) ou aos jornais on-line (jornal?). A analogia é com a mídia massiva rádio, mas não seria apenas mais uma metáfora? (LE MOS, 2004).

Se pode ser classificado como metáfora ou não, as tentativas de investigar a lógica desta reconfiguração da mensagem através do novo meio – um dos cerne da pesquisa em cibercultura e um dos principais assuntos abordados por Lúcia Santaella no livro de 2003 – dão o tom ao dilema apresentado por Lemos: desconfiamos que a linguagem dos podcasts não se trata de uma mera cópia daquilo que se faz no rádio tradicional, mas, ao mesmo tempo, tampouco apresenta originalidade o bastante para se consolidar como uma linguagem totalmente inovadora.

Luiz Artur Ferraretto (2007) definiu a linguagem radiofônica a partir de alguns elementos distintos que a compõem: a voz humana aliada ao conteúdo/texto, entonação, música, efeitos sonoros e o silêncio, que são transmitidos através de ondas sonoras distribuídas por aparelhos de rádio – rádio este que, segundo Marshall McLuhan (2005), "é uma extensão tecnológica do homem, só igualada como ferramenta de comunicação pela voz

¹⁹ Disponível em: <https://bit.ly/37612a1>. Acesso em 5 de março de 2022.

humana”. Em *A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos* (1985), a autora Gisela Swetlana Ortriwano define a linguagem radiofônica como uma linguagem oral, cuja recepção é condicionada apenas à habilidade de ouvir. Entre as principais características deste formato, afirma Ortriwano, estão a penetração geográfica, que o torna o mais abrangente dos meios; a mobilidade, tanto do emissor quanto do receptor; o baixo custo de produção; a sensorialidade e a autonomia. Estes dois últimos itens, os quais destacaremos a seguir, são de extrema importância para compreender a ascensão dos podcasts no Brasil.

O quesito sensorialidade diz respeito à maneira com a qual o rádio envolve o ouvinte em sua narrativa, "fazendo-o participar por meio da criação de um 'diálogo mental' com o emissor" (ORTRIWANO, 1985). A partir dessa troca, Gisela argumenta que o rádio faz com que a imaginação do ouvinte seja despertada através da "emocionalidade das palavras" atrelada aos recursos de sonoplastia escolhidos, fazendo com que as mensagens transmitidas ganhem nuances que correspondam à expectativa individual dos receptores. Já a autonomia por ela descrita ecoa ainda mais nos tempos de *smartphone* e serviço de *streaming*. Segundo a autora, o rádio, quando se tornou livre de fios e tomadas, deixou de ser um meio de recepção coletiva e acabou por se tornar um meio de recepção individual. Desta maneira, o ato de ouvir rádio, que não exige uma atenção permanente – como acontece com a televisão e o cinema, por exemplo – não impede que seu ouvinte desenvolva outras tarefas enquanto tem o aparelho e sua programação como companhia. "As pessoas podem receber suas mensagens sozinhas, em qualquer lugar que estejam. Essa característica faz com que o emissor possa falar para toda a sua audiência como se estivesse falando para cada um em particular" (ORTRIWANO, 1985, p. 81).

Um dos seus últimos postulados, "*Radiojornalismo no Brasil: fragmentos de história*", publicado pouco antes de seu passamento, deixa claro que essa atualização no cardápio de opções para o consumo de produtos radiofônicos estava sob seu radar, ainda que o movimento ainda engatinhasse em território brasileiro. Já em "*A Informação no Rádio: Os Grupos de Poder e a Determinação dos Conteúdos*" (1985), que decifra todos os mecanismos do rádio no Brasil, Gisela destaca a definição de rádio postulada por Blaus, de que se trata de "um meio de comunicação de ideias-realidades, campos sonoros e concepções culturais, cuja finalidade é facilitar ao ouvinte um contato pessoal e permanente com a realidade circundante por meio de sua recriação verossímil". Usaremos essa definição para nortear nossos estudos,

atrelada à ideia da autora de que o rádio – e o podcast em consequência – funciona como um instrumento de identificação e envolvimento social.

O movimento descrito nos dois itens supracitados é elevado a uma mais alta potência na podosfera brasileira, graças a quatro pontos principais já citados acima, mas aqui destacados para que não restem dúvidas: 1) o advento e a popularização dos smartphones; 2) a ascensão dos serviços de streaming especializados em áudio; 3) a melhora na qualidade da internet oferecida em território nacional e a ampliação de sua distribuição geográfica e, por mais que os grandes meios de comunicação tenham se apropriado da prática, 4) a possibilidade e facilidade de realização deste produto pelo cidadão-comum. Como bem resume Gallego Perez:

Se falamos de *podcasting* como termo, o fundamental é o seu uso e o entendimento das pessoas sobre ele. Esta utilização dá lugar a uma definição cada vez mais matizada e que, no caso do *podcasting*, diferencia-se do *broadcasting* nas possibilidades de seleção e criação que oferece ao usuário da rede. A possibilidade de gerar e distribuir conteúdos livremente e de poder optar por uma oferta mais variada e menos centrada nos grandes grupos de comunicação, reconhecendo que, no momento atual, as grandes marcas de difusão seguem sendo as mais destacadas da atualidade (GALLEGO PEREZ, 2009, p. 79).

Antes de avançarmos neste primeiro capítulo, achamos necessário fazer mais algumas observações a respeito da linguagem radiofônica e dos signos que a compõem. Entendemos a linguagem como um sistema social interpretativo formado por signos que são utilizados de maneira ordenada com o objetivo de gerar informação para que seja estabelecida uma comunicação entre mais de um indivíduo. Armand Balsebre (2000) compreende a linguagem radiofônica como "um conjunto de formas sonoras e não sonoras representadas pelos sistemas expressivos, da palavra, da música, dos efeitos sonoros e do silêncio", cujo significado é determinado por um conjunto de fatores que caracterizam o processo de percepção sonora e imaginativo-visual dos ouvintes. Segundo Ferraretto (2007), além da voz humana, as inserções sonoras e não sonoras podem ser divididas em quatro categorias: 1) a *característica*, que seria um recorte de som ou efeito sonoro que marca o início e o final de blocos ou da transmissão como um todo; 2) a *cortina*, um marcador de transições dentro do segmento; 3) a *vinheta*, que associa texto à música, identificando com um marcador de voz a emissora, o apresentador ou um programa; e 4) o *fundo musical*, que remete o ouvinte à função expressiva e/ou reflexiva e aparece sobreposta à voz humana. Há ainda, ele ressalta, o *silêncio*, que aciona o ouvinte à reflexão ou acentua a dramaticidade do conteúdo que foi apresentado.

Numa série de entrevistas realizadas com pesquisadores para este capítulo, questionamos a alguns pesquisadores do rádio e do radiojornalismo a respeito das semelhanças e diferenças (se é que existem) entre as duas linguagens. O professor Marcelo Cardoso²⁰ argumenta que um dos trunfos da linguagem radiofônica emprestada ao podcast é a emulação do rádio em seus tempos de ouro: "a linguagem que se aproxima daquela conversa com um amigo na sala de casa, num ambiente agradável" (CARDOSO, 2021). Cardoso ressalta, no entanto que os elementos radiofônicos voz, música, silêncio e efeitos sonoros (sejam eles artificiais ou naturais) estão lá no podcast, mas, se falamos da "maneira como as pessoas falam nos podcasts", há uma diferença em relação a como esta fala ocorre no rádio (ainda que consideremos o rádio popular). Segundo ele, nos podcasts direcionados às jovens audiências, por exemplo, é muito comum perceber que não há preocupação com a articulação correta da palavra, a velocidade (acelerada) e a impostação da voz já que se procura passar uma naturalidade do próprio jovem: um fala sobre o outro, há muitas risadas e descontração, fala-se muito rápido etc.

A opinião do professor Álvaro Bufarah²¹ é semelhante no que cerne à linguagem entre uma mídia e outra. Entretanto, o ponto mais sensível que ele enxerga entre ambos é o fato de o rádio ter uma programação que impõe um padrão de linguagem e tempo determinados para que um programa seja veiculado dentro de uma emissora. Já no podcast, quebramos a relação entre espaço e tempo de consumo. "Dessa forma, não temos mais as amarras da programação, podendo construir um novo programa indiferente a qualquer padrão" (2021). Ele acrescenta:

Se notarmos bem, todos os elementos da linguagem radiofônica estão direta ou indiretamente representados na estrutura do podcast. Mesmo quando ouvimos: ah, o podcast é mais conversado (risos). O rádio sempre foi "conversado" a diferença é que temos uma tecnologia que permite a qualquer indivíduo produzir um programa e vinculá-lo na rede. Por isso, não devemos esperar os padrões de linguagens mais formais, notadamente a maioria dos podcasts são informais. Porém, o rádio já era assim desde o início (BUFARAH, 2021).

²⁰ Mestre em Comunicação, jornalista, podcaster e professor do curso de especialização em Jornalismo Esportivo e Multimídias da Universidade Anhembi-Morumbi. Membro dos Grupos de Pesquisa CNPq: Jornalismo Popular e Alternativo (Alterjor-ECA-USP) e Comunicação e Cultura do Ouvir (Faculdade Cásper Líbero).

²¹ Possui graduação em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela Universidade São Judas Tadeu (1994), mestrado pela Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero (2002) e doutorado no Programa de Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, instituição na qual leciona nos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda. Também é professor na Fundação Armando Álvares Penteado, nos cursos de Rádio e TV e Jornalismo.

Na conversa que tivemos com o professor Marcelo Kischinhevsky²², que foi publicada na íntegra no artigo *Marcelo Kischinhevsky - Novas perspectivas para os estudos de podcast no Brasil* (2022)²³, ele ressalta que com a escalada dos podcasts, o rádio vem priorizando a lógica do ao vivo, a estética suja, do erro, da redundância, do discurso que vai sendo construído no improviso, no ar. "No *podcasting*, predomina uma estética mais bem cuidada, até porque muitos podcasts são exaustivamente editados, numa perspectiva de montagem aparentada com a do audiovisual", diz, mas ressalta: "essa lógica do gravado já era comum no rádio hertziano, principalmente no rádio musical, de baixa estimulação".

Um outro ponto de mudança foi levantado pelo já aqui citado Eduardo Vicente²⁴: o público. De acordo com o pesquisador, o rádio, por causa de seu alcance geográfico, é realizado para um público massivo, sem muita divisão de nichos e grupos delimitados. O podcast, por sua vez, está ligado a uma audiência que tem outros vínculos, muito mais identitários, diz ele, ou, por algum motivo, muito mais próximos à temática do podcast. "Então, naturalmente, o podcast, ele ocupa um nicho, você ouve na hora em que ele tá sendo tocado, na região em que a antena dele alcança, o podcast tem essa abertura, mas, ao mesmo tempo, ele propõe essa especialização" (VICENTE, 2021).

Com relação a estes vínculos identitários, gostamos de imaginar que eles são potencializados por um ambiente denominado "podosfera", que vamos definir no próximo tópico. O professor Marcelo Cardoso, no entanto, deu uma prévia daquilo a que pretendemos dar nome: "com os podcasts ocupando espaços multifacetados no ambiente digital, a linguagem vai sendo mesclada, ou seja, o áudio remete às mídias sociais e a outros ambientes que permitem interação e interpretação ou complementam o que se falou no áudio" (CARDOSO, 2021).

A podosfera

Quando passou a ser entendido como um novo meio (BOTTOMLEY, 2015), que surgiu por volta de 2000 e amadureceu por volta de 2005, o *podcasting* foi evoluindo ao

²² Marcelo Kischinhevsky é diretor do Núcleo de Rádio e TV da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e professor dos cursos de Jornalismo e de Rádio e TV da Escola de Comunicação da UFRJ e também do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FCS/UERJ). É membro do Conselho Geral da Rede de Rádios Universitárias do Brasil (Rubra).

²³ Disponível em: <https://bit.ly/35RKXEm>. Acesso em 5 de março de 2022.

²⁴ Eduardo Vicente é Professor Livre-Docente do Departamento de Cinema, Rádio e TV (CTR) da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), docente no Curso Superior do Audiovisual e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais (PPGMPA). Bacharel em Música Popular e mestre em Sociologia pela Unicamp, doutor em Ciências da Comunicação e Livre-Docente em Som para Meios Audiovisuais pela ECA/USP.

longo do tempo e possui, como já pudemos perceber, a particularidade de se referir "tanto a um processo quanto a uma prática, operando como verbo e um substantivo" (BERRY, 2019). Enxergamos os podcasts tanto como artefatos midiáticos quanto como uma forma de mediação ou prática social e, por isso, pensar no termo *podosfera* é tão importante. Dentre os artigos que abordam o podcast no Brasil, apesar do vasto uso da terminologia "*podosfera*" para denominar o ambiente digital no qual o podcast faz morada, encontramos apenas uma publicação que tenta definir este espaço. Em "*A estética da podosfera brasileira: Os devires e atualizações de uma comunidade sensível*", disponível na *Revista Iniciacom* (2020), o autor Luan Correia Cunha Santos procura uma definição para a *podosfera* no âmbito da estética, utilizando a ideia de comunidade sensível proposta por Jacques Rancière (1999). Ele afirma que:

Pensando a *podosfera*, podemos compreendê-la como uma comunidade política com delimitações e arranjos temporários, que compartilha uma estética própria e que está inserida dentro de uma partilha sensível que diz respeito às estéticas da comunicação. (SANTOS, 2020).

Em uma "comunidade sensível", os sujeitos se reconhecem em posições identitárias desiguais, mas amalgamadas (RANCIÈRE, 1999). Santos reforça que "o podcast emerge como uma linguagem em que os polos emissor e receptor se encontram em constante dinamismo e negociações". Segundo o autor, essa comunidade estética passa a ser encarada como "um arranjo temporário de um mundo comum que é sustentado por esta partilha", tendo o "sensível", a produção do desejo, as subjetividades e a gênese de significações, fazendo com que, quando passe a ser partilhado, se configura em um sistema de sensorialidades comumente normatizadas (RANCIÈRE, 1999). Este arranjo temporário, acrescentamos, não se limita somente às plataformas de *streaming* nas quais os arquivos em áudio são depositados, juntamente com sua imagem de divulgação, sua descrição e sua ficha técnica, mas também na divulgação e discussão que são suscitadas por este conteúdo nos "ambientes virtuais vizinhos", formando esse "ecossistema". Elas podem aparecer, por exemplo, no *website* onde este podcast pode estar hiperlinkado; nas redes sociais do próprio podcast, de sua produtora ou do veículo ao qual pertence; nos grupos virtuais de debate formados especialmente para discutir o programa particular; nas imagens e vídeos citados no programa e que são exibidas pelos criadores deste em outros endereços; nas transcrições do áudio disponibilizadas por motivos de acessibilidade; nos textos e hipertextos de apoio etc.

Nivaldo Ferraz e Daniel Gambaro (2020) argumentam que, por serem difundidos em ambiente digital, os podcasts incorporam o que Manuel Castells (2015) chama de "base da

comunicação horizontal", que teve sua origem na web 2.0 e é pautada exclusivamente pelos interesses e desejos pessoais dos indivíduos, uma vez que, neste ambiente, os usuários passam a ter espaço para transmitir suas opiniões, além de criar e distribuir conteúdo (CASTELLS, 2015). É um bom resumo para a ideia de Inteligência Coletiva, termo cunhado por Derrick de Kerckhove (1995) a partir da definição de ciberespaço cunhada por Pierre Lévy (1993). Segundo este último, o ciberespaço oferece objetos que rolam entre grupos, memórias compartilhadas e hipertextos comunitários para a constituição de coletivos inteligentes.

Diferentemente do rádio, o podcast não faz uso de ondas sonoras para que seja transmitido ao ouvinte final, mas de provedores de acesso. É ingênuo pensar, porém, que essa distribuição de conteúdo ocorre de maneira orgânica. Aqui na podosfera, como em diversos outros ambientes online, o conteúdo é ditado por algoritmos pré-programados, o que Lemos (2002) chama de Agentes Inteligentes. Para Lemos, esses agentes ajudam o nosso nomadismo eletrônico, produzindo mudanças em nossa mobilidade (nomadismo) e nosso espaço privado (a casa). Os Agentes Inteligentes "cobrem desde máquinas de busca que cruzam informações de diferentes servidores ao redor do mundo, até programas particulares que efetuam pesquisa para seus usuários" (LEMO, 2002). Ao mesmo tempo que facilitam nossa vida em um mundo saturado de informações, podem também nos levar a nos fecharmos ao acaso – coisa que não acontece com a rádio analógica, por exemplo.

No artigo "*Do rádio ao podcast: as novas práticas de produção e consumo de áudio*" escrito para a Compós em 2018 e citado aqui por diversas vezes, o professor Eduardo Vicente buscou, pela primeira vez em seus escritos, definir o que seria a podosfera. No texto em questão, ele entende a podosfera como "a cultura que o podcast já tem, um universo". Na entrevista que realizamos em meados de 2021, ele lembrou a tentativa de definir o termo:

[O podcast] já tem uma tradição, ele já tem uma história, embora seja curta, mas ele já tem uma história e ele já tem o seu caminho. Quer dizer, você já faz podcasts referenciando-se a outros podcasts, você já tem uma noção de que universo é esse, então é essa autonomia que eu chamo de podosfera ou o que eu consideraria, o fato de ele já ter essa cultura própria, vamos dizer, essa autonomia como campo de produção e consumo. Por mais que ele seja de alguma maneira vinculada à tradição radiofônica, ele já construiu um caminho próprio. (VICENTE, 2021).

Ele traz as web-rádios como exemplo para defender o seu ponto. Segundo o estudioso, as web-rádios nunca se constituíram como um campo autônomo. "Pouquíssimas web-rádios restaram e o web-rádio virou a maneira de você transmitir pela internet o sinal da sua rádio convencional", comenta. Vicente conclui, portanto, que a podosfera não é a noção mais óbvia que conseguimos pensar de início, aquele lugar onde estão hospedados os arquivos em áudio

que constituem os podcasts, mas um "espaço que se tornou autônomo". "É esse campo de produção e consumo que goza de certa autonomia, um campo que hoje tem as suas regras, tem a sua história, tem a sua cultura definida e não é um campo, vamos dizer, dominado, imbuído, pelo campo radiofônico tradicional como aconteceu com a web-rádio" (VICENTE, 2021). Bufarah (2021) vem para contrapor um pouco a ideia de "ambiente híbrido", subentendido em Vicente (2021) e Santos (2020). O autor diz concordar que temos, sim, um ecossistema diferenciado para os podcasts, mas que ainda há dúvidas se este ambiente é um híbrido (somando rádio e web) ou se é mais uma subdivisão do ambiente digital da própria rede. "Por isso, de forma simples denominaria podosfera o ambiente natural de produção, veiculação e consumo dos podcasts. Mas, ainda não avalio como um novo meio de comunicação" (BUFARAH, 2021).

Nos são especialmente caras também as ideias dos professores Marcelo Kischinhevsky (2021) e Marcelo Cardoso (2021). Este primeiro, apesar de julgar a expressão "podosfera" como "marqueteira", entende que ela abarca o universo de produção, circulação e escuta de podcasts, incluindo aí o desenvolvimento de plataformas, suportes e dispositivos para hospedá-los e difundi-los. Cardoso (2021) reforça a podosfera como o espaço onde se encontram os podcasts, porém não somente aos arquivos hospedados em si, mas onde se desenvolve toda a trama comunicacional advinda das relações entre podcasters, podcasts e audiência. Inclui-se, também, a tecnologia que permite que a comunicação ocorra.

Levando todos os aspectos levantados nas entrevistas em consideração, acrescentando a definição de Santos (2020), então, compreendemos a podosfera como um ecossistema de arranjos temporários, memórias compartilhadas e hipertextos comunitários, que ultrapassam os limites dos tocadores de arquivos de áudios e, portanto, também é constituída pelos ambientes virtuais vizinhos que abrigam outros formatos, como textos, fotos e vídeos que complementam e dão suporte àquele conteúdo original em MP3.

Com os termos podcast e podosfera bem delineados, partiremos agora para uma breve análise do percurso que o formato tem percorrido na academia brasileira, para que consigamos apontar ou apostar em novos caminhos para o estudo do podcast no âmbito da pesquisa em comunicação.

O podcast na academia

Se há tanto "pano pra manga" na análise da linguagem e da materialidade dos podcasts, por que a academia, principalmente a brasileira, permaneceu por tanto tempo tendo

seus principais estudos a respeito do meio voltados ao campo da educação e do seu uso na aprendizagem, especificamente? Antes de tentarmos chegar a uma resposta, vamos a um pouco mais de contexto. Nos últimos anos do século XX, o rádio analógico não se viu mais limitado em sua capacidade bidirecional e passou a integrar e a interagir com a internet, tornando-se multimidiático – o termo multimídia implica, em princípio, aquilo que emprega diversos suportes ou diversos veículos de comunicação (LÉVY, 1999). Em uma das suas últimas publicações, *Rádio: interatividade entre rosas e espinhos* (2004), a professora Gisela Swetlana Ortriwano, ainda que não utilizasse o termo podcast, já descrevia um chamado rádio sob demanda:

É a vez da Internet ocupar o lugar central no palco das discussões, como meio para diferentes manifestações radiofônicas: suporte para as transmissões normais; emissoras virtuais, que existem somente na Internet; rádio *on demand*, ou seja, ouvir programas que já foram para o ar ou a disponibilização de outros arquivos sonoros, como gravações históricas, por exemplo. É a convergência, a soma dos media. (ORTRIWANO, 2004).

Ainda que, já em 2004, o potencial do rádio difundido pela web já estivesse sob o radar de Ortriwano, o tema web-rádio de podcasts ficou por muito tempo restrito ao campo das pesquisas em Educação. Basta uma rápida busca pelo termo "podcast" no Google Acadêmico para se ter noção da presença massiva da temática em artigos relacionados à educação e técnicas de ensino. Cardoso (2021) suspeita que o motivo é o fato de que, pelo menos aqui no Brasil, o podcast ter sido, por muito tempo, sinônimo de produção independente e, mais tarde, de ferramenta para a educação. Bufarah (2021) conseguiu ser mais pessimista. À questão, respondeu simplesmente: "porque os podcasts não tinham ganhado visibilidade o bastante para valer empenho em pesquisa". Ele acrescenta que:

Também devemos considerar que a possibilidade de utilizar meios de comunicação na educação vem de uma séria estudos internacionais (especialmente latinos, no caso do Rádio com Mario Kaplun). Então, quando foi possível que um professor alterasse seu formato de aula possibilitando que seus alunos produzissem um programa em áudio, houve um momento de "libertação" dos processos em que não tinham acesso aos meios de comunicação atualmente (BUFARAH, 2021).

Kischinhevsky (2022) concorda que o *podcasting* esteve associado, nos primeiros anos, ao processo de ensino-aprendizagem, em ofertas de cursos por universidades, por exemplo. E que, surpreendentemente – ou não – o mesmo ocorreu nos primórdios do rádio, que era visto por educadores como uma poderosa ferramenta de ensino. "Só mais recentemente começamos a procurar entender o objeto [áudio] em sua complexidade,

considerando sobretudo suas dimensões sonoras. (KISCHINHEVSKY, 2022). Vicente (2021) aponta o surgimento e a difusão absurda do podcast norte-americano *Serial*, que ganhou prêmios e mais prêmios de jornalismo, como o estopim para que a academia finalmente sentisse que o podcast "merecia" a sua atenção.

Eu acho que no caso dos estudos de rádio no Brasil tem essa confusão que é meio lamentável do pessoal ter debatido até 2009, 2010 o que era e o que não era rádio e considerar que o podcast não é rádio, o que não faz nenhum sentido, não faz nenhum sentido porque, se ele não é rádio, então a gente não vai estudar e fingir que ele não existe, é isso que pra mim eu não entendo que resultado a gente tira da conclusão que se pode ter se é rádio ou não, que a gente não deve estudar, deve ignorá-lo? Isso realmente é ridículo (VICENTE, 2021).

Com todos os pingos nos i's, propusemos aos nossos entrevistados que apontassem caminhos para os estudos a respeito dos podcasts nos próximos anos. Cardoso (2021) notou que o fenômeno dos podcasts em vídeo ainda são pouco explorados, apesar da sua imensa popularidade. Segundo ele, produtos como o *Flow Podcast* e o *Pod Pah*, só para citar alguns. "A ideia de multiplataforma ganhou terreno no campo do podcast, assim como foi com o rádio. Chamo a atenção para o fato de que os formatos adotados no podcast nada mais são do que os mesmos que o rádio explorou em algum momento de sua história, mas com a diferença que os hábitos de escuta dos ouvintes é que são diferentes (CARDOSO, 2021).

Além disso, o professor afirma que a segmentação e os hábitos da audiência também merecem atenção dos pesquisadores, principalmente por ser um terreno de métricas ainda nebulosas e com pesquisas de ibope ainda escassas. Bufarah (2021) enxerga que já passamos das fases de tentativas de definição do termo e dos registros, e que agora precisamos nos aprofundar no que diz respeito à linguagem e classificação dos podcasts. "Mas, ainda estamos longe dos estudos mais elaborados feitos nos países em que o consumo de podcast se iniciaram antes que no Brasil", ressalta.

Marcelo Kischinhevsky (2022) considera que, apesar de já existirem, as questões relacionadas ao crescimento do mercado desta modalidade radiofônica e a análise do conteúdo sonoro ainda são rudimentares. Ele afirma que é preciso que sejam construídas metodologias de pesquisas específicas a este objeto. "É preciso analisar não só o que se diz, mas como se diz, como estes conteúdos circulam, são apropriados pela audiência, ressignificados. Estamos só na infância da pesquisa sobre *podcasting*, que tem muito a ganhar com o arcabouço teórico-metodológico dos estudos radiofônicos" (KISCHINHEVSKY, 2021). Vicente (2021) pensa parecido: ele diz que agora que estamos nos desvencilhando dos

estudos mais gerais sobre o que é um podcast, devemos nos debruçar acerca dos estudos sobre gênero e formatos, e discutir um pouco algumas produções específicas.

É parar de olhar para o podcast mais ou menos como a gente olha para o rádio, como uma totalidade. Tem muitos textos que falam o rádio isso, o rádio aquilo. Eu acho que existe uma multiplicidade de rádios, de programas, de questão, eu acho que a gente tem que sair um pouco desse olhar genérico sobre o meio, para começar a mergulhar em estudos que entrem na sua materialidade, na sua especificidade, nos seus múltiplos usos sociais. (VICENTE, 2021).

Levando em conta tudo que foi apresentado até este momento e, principalmente, esta última citação de Vicente (2021), que aconselha os pesquisadores de podcasts a se debruçarem à materialidade e à especificidade do meio, propomos que seja estudado de que maneira os roteiros dos podcasts narrativos brasileiros têm sido construídos, principalmente ao observarmos suas claras inspirações radiofônicas, cinematográficas e advindas do *new journalism*. A experiência da autora como roteirista de podcasts também foi levada em conta na escolha do recorte a ser apresentado. Abaixo, faremos uma pequena conclusão do que apresentamos neste primeiro capítulo e, em seguida, um breve resumo do que virá nos próximos.

Os podcasts e seus gêneros

Ao retomarmos as características listadas por Gisela Swetlana Ortriwano (1995) para definir a linguagem radiofônica e, conforme prega Peirce (1983, p.8), sem reduzir a verdade à utilidade, tendo em mente a conformidade entre um signo e o seu objeto e interpretando essa conformidade como dinâmica a partir de uma escuta pragmática, constatamos que, apesar de não se bastar nela, a linguagem radiofônica se encontra presente de maneira integral nos arquivos de áudio disponibilizados sob demanda que recebem a classificação de podcasts.

Ao contrário do que acontece na televisão sob demanda, onde há uma maior preocupação em desprender-se dos signos convencionais da televisão tradicional, a apropriação da linguagem radiofônica nos podcasts é feita explicitamente, não só a partir da utilização de seu estilo e plasticidade como um todo (voz, trilhas, cortes, silêncio e outras características descritas em tópicos acima), mas também de seus atores, temas e formatos – tem sido comum encontrar, inclusive, podcasts que exibem, além do áudio que pode ser escutado a qualquer hora e a gosto do ouvinte, a transmissão em vídeo da sua gravação ao vivo. Portanto, a linguagem, sob constante atualização, permanece lá. O que muda, concluímos, é o meio. Os meios, ressaltamos aqui, citando Santaella (2003), são "os suportes

materiais, canais físicos, nos quais as linguagens se corporificam e através dos quais transitam". Eles são, portanto, um componente superficial. Desta forma:

(...) os processos comunicativos e formas de cultura que neles se realizam, devem pressupor tanto as diferentes linguagens e sistemas sígnicos que se configuram dentro dos veículos em consonância com o potencial e limites de cada veículo, quanto deve pressupor também as misturas entre linguagens que se realizam nos veículos híbridos. (SANTAELLA, 2003).

Por mais que sejam responsáveis pelo crescimento e multiplicação dos códigos e linguagens, diz Santaella, os meios continuam sendo meios. A autora afirma que uma das características do que denomina como "fetichismo das mídias" reside no fato de que qualquer mídia, em função dos processos de comunicação que oferece, é inseparável das formas de socialização e cultura que é capaz de criar. Desta maneira:

O advento de cada novo meio de comunicação traz consigo um ciclo cultural que lhe é próprio e que fica impregnado de todas as contradições que caracterizam o modo de produção econômica e as consequentes injunções políticas em que um tal ciclo cultural toma corpo. (SANTAELLA, 2003).

Constatamos, portanto, que a evolução da linguagem radiofônica, que teve origem no rádio analógico e hoje se encontra também nos podcasts, não diz respeito a uma mudança no estado das coisas, mas ao que Santaella (2003) chama de "complexificação" e "imbricamento de uma cultura na outra". Entende-se a linguagem radiofônica presente nos podcasts como um idioma híbrido, em constante evolução, tendo em seu vocabulário a adição de signos condicionada ao acesso do usuário/ouvinte ao ecossistema da podosfera no ciberespaço.

Conforme observamos no decorrer desta introdução, os podcasts no Brasil não se limitam mais ao formato de bate-papo presente no primogênito de 2004. É preciso, no entanto, antes de destrinchar os gêneros encontrados no podcast nesta segunda década do século XXI, complementar o pensamento de Santaella (2003) e refletir um momento a respeito do que, propriamente, é gênero. Em "*Gêneros Radiofônicos: Os formatos e os programas em áudio*", de André Barbosa Filho, principal pesquisador brasileiro do segmento, o autor opta por utilizar bases metodológicas assentadas no caráter descritivo dos formatos em rádio, através das relações entre as suas variantes. Desta forma, diz ele, é possível descrever os fenômenos através da maneira como esses formatos "se constroem, se exteriorizam e são absorvidos na sociedade num determinado momento histórico" (BARBOSA FILHO, 2009, p. 18).

Esta pesquisa, no que cerne ao gênero, busca seguir os passos de Barbosa Filho (2009), principalmente no que diz respeito ao princípio por ele estabelecido, de que

determinar os tipos e gêneros do rádio exige um detalhado exercício de descrição dos programas produzidos. Na sua obra supracitada, o autor apoia-se em Melo (1985) para defender "a identificação dos gêneros jornalísticos em razão da propriedade manifesta de provocar a consolidação de um campo do conhecimento considerado objeto científico" (BARBOSA FILHO, 2009, p. 18). É preciso, segundo ele, distinguir as diversas categorias comunicacionais através da relação existente entre os formatos veiculados pelos meios de comunicação de massa e as funções exercidas para responder às demandas sociais. Segundo Melo:

(...) tais processos, que envolvem de um lado instituições jornalísticas e de outro as coletividades em que atuam, articulando-se necessariamente com o organismo social de que se nutrem e se transformam, podem ser observáveis através do relato do real que constitui seu traço marcante. Em outras palavras, do seu discurso manifesto. Dos escritos, sons e imagens que representam e reproduzem a atualidade, tornando-a indiretamente perceptível. (MELO, 1985, p. 31-50).

Levando em conta, portanto, esta ideia de "conhecimento cumulativo" e a perpetuação das contribuições do fazer científico ao longo do tempo, considerando que elas são herdadas por outrem sem comprometer os princípios morais e éticos vigentes naquele determinado período, Barbosa Filho traz à tona o que Traviños (1990) denomina de análise estrutural-funcionalista. Entretanto, o autor aponta que:

(...) convém estabelecer desde já que a análise estrutural-funcionalista, como método de investigação, não pode ser rejeitada sem esclarecer que ela pode transformar-se num meio certo de pesquisa. Com efeito, se esquecermos sua falta de historicidade para estudar os fenômenos sociais, e apreciarmos estes em seu devir, ao mesmo tempo que diminuirmos sua ênfase nos processos de adaptação e nos desvios, penetramos, com sentido ideológico, no que Merton denomina "funções latentes" da sociedade. (TRIVIÑOS, 1990, p.82)

Tendo a análise estrutural-funcionalista como norte, é preciso ainda realizar algumas notas a respeito do que, de fato, classifica um objeto sob determinado gênero. Para isso, é necessário refletir a respeito do significado da palavra gênero em si, que, segundo Barbosa Filho, é utilizada para "definir tipologias específicas" (BARBOSA FILHO, A., 2009, p. 51). Entre as diversas definições de gênero que o autor resgata em seu livro, é cara a esta pesquisa principalmente aquela defendida por Martín-Barbero, que, ao trazer o receptor para a roda, defende que gênero "é o elo de ligação dos diferentes momentos da cadeia, que une espaços da produção, anseios dos produtores culturais e desejos do público receptor" (MARTÍN-BARBERO, 1987, P. 239). O autor colombiano é endossado por Mauro Wolf, que é categórico ao defender que os gêneros "são sistemas de regras aos quais se faz referência – de

modo explícito e/ou implícito – para realizar o processo comunicativo" (WOLF, 1986, p. 169).

Este estudo discorda, portanto, de um movimento "anti-gênero", sinalizado por Arlindo Machado, que afirma que:

A ideia de gênero tem sofrido um questionamento esmagador de parte, inicialmente, da crítica estruturalista e, posteriormente, do pensamento dito pós-moderno, para os quais esse tipo de discussão se tornou alguma coisa anacrônica, quando não irrelevante. (MACHADO, 2001, p. 67).

Ainda em "*Gêneros Radiofônicos: Os formatos e os programas em áudio*", Barbosa Filho (2009) ressalta que os gêneros podem ser descritos através de dois pontos de vista distintos. São eles: o da observação empírica e o da análise abstrata. De acordo com o autor:

O primeiro – o da *observação empírica* – refere-se às "propriedades discursivas" que tornam um texto diferente ou igual a outro; e o segundo – o da *análise empírica* – tem a ver com a conceituação dessas propriedades. (BARBOSA FILHO, 2009, p. 57).

Portanto, ele determina que "o gênero é um mecanismo de codificação, uma ferramenta, um código de escritura utilizado pelo sujeito da enunciação para realizar o seu trabalho" (BARBOSA FILHO, 2009, p. 87). Esse mecanismo cria, segundo Jauss – outro autor a quem ele recorre para chegar à esta definição –, "um horizonte de expectativa, quer dizer, de um conjunto de regras preexistentes para orientar a compreensão do leitor (do público e permite-lhe uma recepção apreciativa)" (JAUSS, 1970, p. 10). A noção de historicidade trazida acima por Traviños (1990) é crucial para este efeito, no que o autor classifica como "instrumento de criação na produção profissional e industrializada da informação", uma vez que, segundo Wolf (1985) os gêneros se entendem como "sistemas de regras às quais se faz referência (implícita ou explícita) para realizar processos comunicativos, seja do ponto de vista da produção ou da recepção". (WOLF, 1985, p. 66). Por fim, Barbosa Filho conclui que todo este percurso de resgate bibliográfico leva o leitor a algumas conclusões sobre os gêneros:

(...) eles [gêneros] são geradores de sentido e servem de instrumento para a produção de textos; possibilitam um regulamento para codificar a informação, adaptar-se à transmissão do veículo de comunicação, assegurar a perfeita decodificação do leitor. Também permitem aos redatores, repórteres e editores uma linguagem comum, de forma expressiva, linguística e não-linguística. (BARBOSA FILHO, 2009, p. 60)

Agora em diante, com a ideia de que os gêneros são exemplos dinâmicos de modelos de expressão da realidade, relacionados em razão da função específica que eles possuem

diante das expectativas da audiência, e trazendo os gêneros radiofônicos – e baseando-se neles – como ponto de partida para definir os gêneros de podcasts, será esboçada uma possível divisão de gêneros dos podcasts, nestas pouco mais de duas décadas de existência do formato. Aqui, ressaltamos a diferença entre *gênero radiofônico* e *formato radiofônico*, também frisada por Barbosa Filho (2009) em sua obra seminal. O *gênero radiofônico*, segundo ele:

É o conjunto de ações integradas e reproduzíveis, enquadrado em um ou mais gêneros radiofônicos, manifestado por meio de uma intencionalidade e configurado mediante um contorno plástico, representado pelo programa de rádio ou produto radiofônico, concordando em conjunto. (BARBOSA FILHO, 2009, p. 71)

O programa de rádio ou produto radiofônico, por sua vez, se trata do "modelo básico de informação radiofônica; é a reprodução concreta das propostas de 'formato radiofônico', obedecendo a uma planificação e a regras de utilização dos elementos sonoros" (*idem, ibidem*).

Seguindo essas referências e a partir de uma observação calcada em uma análise estrutural-funcionalista, conseguimos distinguir sete gêneros predominantes nos podcasts no Brasil, desde a sua criação até o começo da segunda década do século XXI. São estes:

D) As Pílulas

As *Pílulas* são áudios curtos, feitos principalmente para serem reproduzidos em *smart speakers*²⁵, que podem conter desde o horóscopo do dia a um resumo das principais notícias da última hora. São um híbrido do que Barbosa Filho (2009) classifica, no rádio, como *Notas*, "um informe sintético de um fato atual, nem sempre inconcluso" e *Notícias*, "módulo básico da informação, seu tempo de exposição é muito curto, (...) podendo ser apresentada em um ou mais de um bloco, e na voz de dois ou mais locutores, a depender da quantidade de informações" (BARBOSA FILHO, 2009, p. 90).

Exemplos: o *Horóscopo Hoje*, do Spotify, no qual cada signo do zodíaco ganha, diariamente, sua previsão dividida em diversos aspectos da vida do ouvinte, em não mais do que dois minutos de áudio; e o *123* da BandNews FM, que propõe contar os fatos mais importantes do dia em apenas 123 segundos, pouco mais que dois minutos, pela voz de algum jornalista da casa.

²⁵ Os *smart speakers* são aparelhos que se conectam à internet e são capazes de realizar uma série de tarefas por meio de comandos de voz do usuário.

II) A Mesa-Redonda ou O Debate

Mesas-Redondas ou *Debates* têm um ou mais apresentadores acerca de um assunto específico, podendo trazer ou não um entrevistado, ter ou não a sua transmissão exibida ao vivo e em vídeo. Segundo Barbosa Filho (2009), estes seriam espaços de discussão coletiva nas quais os participantes, na maior parte das vezes ou idealmente, apresentam ideias diferenciadas entre si. É requerido o papel de um mediador-apresentador, que impõe as regras previamente estabelecidas aos participantes ou elenco fixo, de modo a organizar os temas, as perguntas, as respostas e seus respectivos tempos de fala. O autor ressalta ainda que estes programas são "ao vivo" ou têm a aparência de um programa "ao vivo". Para Prado (1985), o debate é "a forma mais viva da polêmica". É possível encontrar aqui também traços dos gêneros *Comentário* e *Editorial*, que serão descritos com detalhes no próximo tópico. Segundo ele, nos *Debates* e *Mesas-Redondas*:

Se produz um enfrentamento aberto de posturas opostas. Do debate devem surgir os dados necessários para justificar cada postura e, em consequência, para esclarecer o tema polêmico. Do resultado do debate surgirá o posicionamento do público ao lado de uma postura ou de outra (PRADO, 1985, p. 93-94).

Exemplos: o *Foro de Teresina*, podcast de política da revista Piauí, comandado pelo mediador Fernando de Barros e Silva e com dois jornalistas da casa, José Roberto de Toledo e Thaís Bilenky. O podcast, que vai ao ar todas as sextas-feiras, discute, em três blocos distintos, os principais temas da semana, com três quadros fixos, o "Número das Semana", que traz uma curiosidade numérica extraída da seção "Igualdades", do site da revista, o "Kinder Ovo", no qual um áudio de celebridade é reproduzido sem que a identidade dela seja revelada, cabendo aos participantes do programa adivinhar de quem se trata, e "Cartas", quadro em que são lidos e-mails e mensagens enviadas aos apresentadores através das redes sociais; o *Pod Pah*, comandado pelos criadores de conteúdo Igã e Mítico, exibido em vídeo ao vivo pelo YouTube, mas também disponível posteriormente em áudio nas plataformas de streaming. No programa, a dupla conversa por tempo indeterminado com figuras notáveis, desde o rapper Mano Brown, do Racionais MC's, até o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

III) O Noticiário Jornalístico (Radiojornal)

Programas, em sua maior parte, contendo reportagens em áudio acerca de um tema específico que tenha sido relevante naquele dia ou semana. Geralmente são diários e fazem parte de grandes corporações como Folha de São Paulo e TV Globo. Funciona como um híbrido do que Barbosa Filho denomina como *Reportagem*, *Entrevista*, *Comentário* e

Editorial. A Reportagem, segundo ele, é considerada uma narrativa que "engloba ao máximo as diversas variáveis do acontecimento", além de conseguir ampliar o caráter minimalista do jornalismo e oportunizar aos ouvintes (...) uma noção aprofundada a respeito do fato narrado" (BARBOSA FILHO, 2009, p. 92). Ou, nas palavras de Marques de Melo, "o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que são percebidas pela instituição jornalística (MELO, 1992, p. 49).

Nestes programas, há uma aproximação ainda com o conceito de *Entrevista*, uma vez que os apresentadores conversam com os repórteres que escreveram as principais matérias a respeito daquele assunto ou com especialistas em determinado segmento. Se diferencia aqui da entrevista radiofônica padrão, aquela ao vivo, pela possibilidade de edição posterior e de recortes de falas específicas. O Noticiário Jornalístico em podcasts também possui características do *Comentário*, já que os apresentadores geralmente "deixam escapar" sua opinião a respeito do assunto, por se tratar mais de uma conversa do que de uma reportagem engessada. Sobre o gênero *Comentário*, Barbosa Filho (2009) afirma que a sua principal função reside no seu conteúdo propriamente dito, uma vez que sugere um conhecimento especializado de quem o profere (BARBOSA FILHO, 2009, p. 96). Kaplun (1978) acrescenta ainda que este tipo de observação por parte do jornalista indica uma análise sobre determinado acontecimento que procura não somente informar, mas também influir certa interpretação em favor de um determinado olhar sobre o fato. Segundo ele, "o comentário aprova ou condena, aplaude ou censura" (KAPLUN, 1978, p. 135). Desta forma, como se trata de um produto jornalístico apoiado em determinados veículos de comunicação já estabelecidos, também é possível encontrar aqui traços de *Editorial*, peça jornalística cuja característica principal é retratar o ponto de vista da instituição que a produz.

Exemplos: O Assunto, programa diário do site de notícias G1, da Rede Globo, apresentado pela jornalista Renata Lo Prete. O assunto mais importante do dia é discutido por cerca de 30 minutos com um jornalista da casa, um especialista ou um personagem; e o *Café da Manhã*, podcast da Folha de São Paulo em parceria com o Spotify, apresentado por Magê Flores e Maurício Meirelles, nos mesmos moldes do descrito anteriormente.

IV) Entrevista

Nos podcasts, a *Entrevista* é conduzida por um apresentador fixo e pode ser feita com um ou mais entrevistados e com ou sem participação de outras personas da equipe de

reportagem. De acordo com Walter Sampaio, a entrevista é o acontecimento jornalístico eventual e se trata de uma "arte" que precisa de técnicas adequadas no processo de apuração e investigação (SAMPAIO, 1971, p. 67). Emílio Prado (1985) acrescenta que a entrevista:

(...) é formalmente um diálogo que representa uma das fórmulas mais atraentes da comunicação humana. Produz-se uma interação mútua entre o entrevistado e o entrevistador, fruto do diálogo. Esta interação – natural na comunicação humana em nível oral – exerce um efeito de aproximação no ouvinte, que se sente incluído no clima coloquial, ainda que não possa participar. (PRADO, 1985, p. 47).

Conforme acontece na mídia escrita, aqui há uma apresentação em *voz off* prévia de quem será o entrevistado e o porquê de ele estar ali, em seguida, a conversa tem início com perguntas e respostas bem delimitadas pelo apresentador, que atua também como uma espécie de mediador do programa.

Exemplos: o *Mano a Mano*, podcast original do Spotify, onde o rapper Mano Brown recebe, semanalmente, um convidado de sua escolha (a maioria ligada ao movimento negro, como Glória Maria, Emicida, Pastor Henrique Vieira, Leci Brandão, Karol Conká, Lázaro Ramos, Thaís Araújo, entre outros). A entrevista é conduzida quase como uma conversa de mesa de bar, sem papas nas línguas e perguntas de praxe. O rapper conta ainda com a ajuda da jornalista Semayat Oliveira, que se senta à mesa junto a ele e o entrevistado, para checar em tempo real as informações trazidas ali, além de acrescentar ela mesma algumas perguntas durante a execução do programa; e o *451 mhz*, podcast derivado da revista Quatrocinco, comandado ora pelo editor Paulo Werneck, ora pela subeditora Paula Carvalho. No programa, o apresentador recebe um ou dois convidados para tratar de um tema que lhes seja comum, mas nunca fugindo da literatura e de assuntos de viés sociológico.

V) Entretenimento

Os podcasts de *Entretenimento*, ou *Programas de Variedade*, são pouco fiéis às formas pré-estabelecidas, sendo bastante similares a programas do mesmo gênero exibidos pela televisão, trazendo, na maioria das vezes, o humor como característica protagonista. "As características desse gênero ligam-no ao universo do imaginário, cujos limites são inatingíveis e causam proximidade e empatia entre a mensagem e o receptor que não podem ser desprezadas" (BARBOSA FILHO, 2009, p. 113). O autor acrescenta ainda que este gênero específico possui a possibilidade de explorar com uma maior profundidade a riqueza do universo da linguagem do áudio, quando comparado aos demais.

Os formatos de entretenimento possuem características e possibilidades peculiares, entre as quais destacamos: a de ter a capacidade de se combinar com outros formatos de outros gêneros e de servir de ferramenta para a informação, o anúncio, a prestação de serviços, para a educação e, até mesmo, para o entretenimento. (BARBOSA FILHO, 2009, p. 115).

Pode ser comparado, algumas vezes, às crônicas do cotidiano que eram comumente encontradas em jornais, revistas ou na literatura propriamente. De acordo com Melo (1985), as crônicas, nestes casos, se estruturam de modo temporalmente mais defasado, vinculando-se a fatos que aconteceram e seguindo os seus rastros, não coincidindo com o seu momento de eclosão, por assim dizer. É bastante parecido com a ideia de Ortrivano (1985) a respeito dos programas de variedade. A autora afirma que:

(...) sem estar diretamente ligados à atualidade, pode conter a informação de interesse presumível para o público que se destina, intercalada entre música, humor etc. São as entrevistas de orientação, esclarecimentos sobre possíveis dúvidas presentes no dia a dia dos ouvintes, prestação de serviços etc. (ORTRIVANO, 1985, p. 94).

Exemplos: No cardápio de podcasts de *Entretenimento* brasileiros, se identificam inúmeros que não conseguem ser colocados em nenhuma das caixinhas anteriores. O *Respondendo em Voz Alta*, da personagem Laurinha Lero, por exemplo, se aproxima do formato esquete de algum programa da antiga MTV Brasil. No podcast, a apresentadora responde perguntas sobre todo e qualquer assunto, enviadas pelos ouvintes através do aplicativo Telegram. Com humor ácido e pitadas de autoficção, ela improvisa as respostas e cria novos quadros a cada episódio, que se autodestroem nos programas subsequentes. Também pode ser enquadrado como *Entretenimento* o podcast *Não Inviabilize*, da *podcaster* Déia Freitas, que se autodenomina “um espaço de contos e crônicas, um laboratório de histórias reais”. O nome veio de um blog que a autora mantinha nos anos 2000, chamado “Não Inviabilize a Minha Existência”. No podcast, que traz histórias de ouvintes misturadas a casos dela própria, Déia conduz subprogramas hospedados no canal principal do podcast: *Picolé de Limão*, *Luz Acesa*, *Amor das Redes*, *Patada*, *Mico Meu*, *Ficção da Realidade*, *Alarme* e *Pimenta no Dos Outros*.

VI) O Narrativo Ficcional

Uma *Narrativa Ficcional*, guiada por atores que seguem um roteiro pré-determinado – é uma espécie de radionovela com nome mais bonito. No livro de Barbosa Filho (2009), o pesquisador delimita que os programas ficcionais, quando em áudio, pertencem a dois grandes grupos: o drama e o humor.

A interpretação precisa seguir determinada direção que assegure um resultado coeso das performances dos radioatores, dentro de denominadores harmoniosos, como o respeito à intencionalidade do autor do texto, a continuidade do roteiro e os planos de gravação, fundamentais para obtenção de um produto satisfatório. (BARBOSA FILHO, 2009, p. 118).

Segundo ele, o drama e o humor, que nada mais são do que a representação do real e do cotidiano, são caracterizados principalmente pelo que ele denomina "radiofonização": a sua tradução para a linguagem em áudio através de textos originais ou adaptados, oriundos do cinema, teatro, obras literárias ou textos escritos especialmente para aquele formato.

Exemplos: a *Sofia*, primeira áudio-série do Spotify Brasil, que narra a história de Helena, uma mulher que foi contratada por uma empresa de tecnologia e inovação para ser uma das operadoras da "Sofia", a inteligência artificial que promete deixar a sua vida muito mais fácil. O programa traz em seu elenco vozes conhecidas, como a das atrizes Monica Iozzi e Cris Vianna; há também o *Paciente 63*, outro podcast original do Spotify Brasil. *Paciente 63* acompanha Dra. Elisa Amaral, interpretada por Mel Lisboa, uma psiquiatra responsável pelo misterioso paciente Pedro Roiter, interpretado por Seu Jorge, que, depois de ser encontrado desorientado em uma via pública, é encaminhado ao hospital psiquiátrico.

VII) O Narrativo Não-Ficcional ou Podcast Narrativo (Especial Radiofônico)

O podcast *Narrativo Não-Ficcional*, comumente chamado de *Podcast Narrativo* e que se aproxima do chamado *Especial Radiofônico*, nada mais é do que um audiodocumentário pautado nas boas regras do jornalismo tradicional. Ou, nas palavras de Barbosa Filho (2009, p. 102), "constitui verdadeira análise sobre tema específico" e "tem como função aprofundar determinado assunto construído com a participação de um repórter condutor".

O documentário jornalístico mescla pesquisa documental, medição dos fatos in loco, comentários de especialistas e de envolvidos no acontecimento, e desenvolve uma investigação sobre um fato ou conjunto de fatos reais, oportunos e de interesse atual, de conotação não-artística. É realizado por meio de montagem – edição final do material produzido em áudio – com matérias gravadas anteriormente ou, ainda, juntando-se esse material às "cabeças" – introdução aos temas enfocados – e a algumas matérias temporais "ao vivo". (BARBOSA FILHO, 2009, p. 102).

Citando Kaplun (1985), o autor afirma que este gênero é comumente comparado à reportagem cinematográfica – a chamada "película documental" – por possuir função informativa além da forma bem estruturada. Gisela Ortriwano (1985) define o formato como informativo especial, porque, segundo ela:

(...) a rigor, sua emissão deveria ser ocasional, diretamente ligada à ocorrência de um fato que mereça, por sua importância, um tratamento especial ou pela comemoração de uma data de importância histórica. Mas o programa especial pode também ser apresentado com periodicidade fixa, escolhendo-se fatos importantes para serem analisados em cada uma de suas edições. (ORTRIWANO, 1985, p. 93 - 94).

São produtos que seguem uma lógica de roteiro quase cinematográfica, com técnicas de *storytelling* muito bem delimitadas e aplicadas – é comum, por exemplo, que a maior parte da equipe envolvida neste tipo de programa (entre roteiristas, montadores e equipe de mixagem) seja derivada do cinema, como veremos nos exemplos abaixo.

Exemplos: Lançado em setembro de 2020, o *Praia dos Ossos* narra o assassinato de Ângela Diniz. A socialite foi morta com quatro tiros numa casa na Praia dos Ossos, em Búzios, no Rio de Janeiro, pelo então namorado Doca Street, réu confesso, em 1976. A obra, idealizada e narrada pela linguista e intérprete simultânea Branca Vianna, tem como objetivo explicar quais as razões sociológicas, culturais e da imprensa da época, para que o caso se transformasse num exemplo singular tanto do machismo das instituições quanto da força do movimento feminista brasileiro. Em entrevistas, Branca costuma dizer que *Praia dos Ossos* é "um filme para se assistir com os ouvidos", o que remete imediatamente à ideia da professora Gisela de que "as imagens são produzidas na imaginação do ouvinte por meio da característica da sensorialidade" (ORTRIWANO, 1985, p. 81). O podcast em questão, que possui oito episódios e dois extras, parece buscar essa máxima, uma vez que, a maioria da equipe responsável pela produção é oriunda do mercado cinematográfico: o roteiro é de Aurélio de Aragão e Rafael Spínola, da produtora de cinema Segundo Andar; a produção é de Claudia Nogarotto, que foi assistente de direção dos longas *Abril Despedaçado*, *Carandiru* e *Cazuza*; e a montagem é de Laís Lifschitz, editora do filme *No Intenso Agora*, de João Moreira Salles e da série *O Som e o Silêncio*, de José Joffily.

Lançada em outubro de 2020 e produzida pela Rádio Novelo, a *Retrato Narrado* é uma série de podcasts original do serviço de streaming Spotify e da revista Piauí, que traça o perfil de uma personalidade de relevo, buscando explicar suas origens, motivações, sucessos, derrotas e contradições. A primeira e única temporada lançada até agora aborda, em seis episódios e um bônus, a trajetória que levou Jair Bolsonaro à presidência da República. Assim como a obra descrita anteriormente, *Retrato Narrado* também é feito por uma equipe com currículo oriundo do cinema. O podcast conta com roteiro e apresentação de Carol Pires, jornalista indicada ao Oscar pelo roteiro do documentário *Democracia em Vertigem*, longa

dirigido por Petra Costa, e montagem de Jordana Berg, montadora de todos os filmes do diretor Eduardo Coutinho.

Em 2019, o podcast *Projeto Humanos* estreou a temporada *Caso Evandro*, capitaneado por Ivan Mizanzuk, que já apresentava o podcast *AntiCast* – idealizado em 2011 por Ivan, que é professor e escritor, focado em história, política e artes. O *Caso Evandro*, também conhecido como "As Bruxas de Guaratuba", aconteceu em 1992, quando o menino Evandro, de 7 anos, desapareceu no trajeto entre a casa e a escola. O caso se arrastou por mais de 20 anos, com cinco julgamentos diferentes. Um dos tribunais do júri, realizado em 1998, foi o mais longo da história do judiciário brasileiro, com 34 dias. A série em podcasts foi vendida e adaptada para a televisão pela GloboPlay.

Conclusão

Por seu forte compromisso com o bom jornalismo, pelo seu flerte com a profundidade e a falta de pressa do jornalismo literário, além de exibir uma relação híbrida entre rádio e cinema, este último gênero, o *Podcast Narrativo*, é entendido como aquele que apresenta mais possibilidades para análise entre as linguagens radiojornalística e cinematográfica, – em especial, os mistérios que ainda rondam a construção dos roteiros destas Narrativas Não-Ficcionais, documentos ainda pouco divulgados, estudados e, conseqüentemente, dependentes da literatura destinada à escrita para as telonas.

"Podcast narrativo é aquele que coloca a história no centro de tudo. E isso tem mais a ver com o formato e a técnica do que com o conteúdo", diz a definição do site Cochicho²⁶, espaço onde a comunidade de roteiristas, apresentadores, editores e produtores de podcasts narrativos acompanha e compartilha novidades, ideias, experiências, dicas, análises e oportunidades. O projeto é liderado por Bia Guimarães, jornalista com mestrado em Divulgação Científica e Cultural e apresentadora do podcast 37 Graus; e Sarah Azoubel, doutora em biologia e jornalista de ciência, também apresentadora do podcast 37 Graus. Elas definem, em texto de 2020, que:

Diferentemente dos programas de mesa-redonda ou entrevista pingue-pongue, o podcast narrativo é inteiramente roteirizado – claro, os episódios incluem trechos de entrevistas e cenas captados sem roteiro prévio, com falas e ações espontâneas, mas a forma como esses trechos são costurados na história (geralmente pela voz de um narrador) é estruturada e planejada. Personagens, cenas e sequências de acontecimentos são construídos sobre um arco narrativo com começo, meio e fim

²⁶ Disponível em: <https://cochicho.org>. Acesso em 5 de março de 2022.

(ou antes, durante e depois), como um filme de ficção ou um documentário. Cada minuto, cada trilha sonora e cada pedaço de fala (do narrador, dos entrevistados ou de áudios de arquivo) são pensados para transportar o ouvinte para outro lugar, para outro tempo, para dentro da história.

"São construídos sobre um arco narrativo com começo, meio e fim (...), como um filme de ficção ou documentário". Nos Estados Unidos, essa forma de narrativa em podcasts já é popular há um bom tempo, muito antes de chamarmos o podcast de podcast, nas rádios públicas. Entre os exemplos mais famosos, estão produções como *This American Life*, no ar desde 1995, *Radiolab*, de 2002 e *Serial*, 2014, que consolidou o formato e o levou para outros países. Apesar de existirem alguns bons manuais de roteiro para podcasts, como o "*Sound Reporting: The NPR Guide to Audio Journalism and Production*", da NPR, Rádio Pública americana, os produtores deste tipo de conteúdo ainda se veem reféns daquilo que é ensinado em manuais de roteiros de cinema e televisão.

O Cochicho chegou a escrever um artigo²⁷ com dicas para a escrita de um bom roteiro de podcast narrativo, mas o que se tem observado no mercado nacional, quando se analisa os créditos das equipes envolvidas nos principais podcasts do gênero, é a presença massiva de profissionais do cinema e um *gap* de manuais e instruções a respeito da escrita de roteiros radiojornalísticos. Por quê? A rádio veio antes do podcast e antes mesmo do cinema. É preciso, portanto, que esteja sob o radar dos estudos acerca dos podcasts brasileiros a análise destes produtos e, quiçá, a criação de um manual de roteiro para podcasts narrativos que consiga fazer jus aos escritos de roteiros radiofônicos, mas que também não deixe de lado as boas práticas do roteiro audiovisual e da boa reportagem do *new journalism*.

Referências

123. **123, um podcast original Spotify e Band News FM.** 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3uqgnLD>. Acesso em: 09 abr. 2022.
- BALSEBRE, A. **El lenguaje radiofónico.** Madri: Ediciones Cátedra, 2000.
- BARBOSA FILHO, A. **Gêneros Radiofônicos: os formatos e os programas em áudio.** 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.
- BERRY, R. **Will the iPod kill the radio star? Profiling podcasting as radio.** The international journal of research into new media technologies. Londres: Sage Publications V. 12, n. 2, 2006.

²⁷ 4 passos para escrever um roteiro de podcast sem afundar o barco. Disponível em: <https://bit.ly/3HM6VWD>. Acesso em: 5 de março de 2022.

BONINI, T. **The ‘second age’ of podcasting: reframing podcasting as a new digital mass medium.** Quaderns del CAC, 41, vol. XVIII, p. 23-33, jul. 2015. Disponível em: <https://bit.ly/37AyPbm>. Acesso em: 09 abr. 2022.

_____. **A “segunda era” do podcasting: reenquadrando o podcasting como um novo meio digital massivo.** Tradução: Marcelo Kischinhevsky. Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora, Mariana, v. 11, n. 01, p. 13 - 32, jan./abr. 2020. <https://bit.ly/3LVHPXQ>. Acesso em: 09 abr. 2022.

BRECHT, B. **O rádio como aparato de comunicação: discurso sobre a função do rádio.** Estudos avançados, 21 (60), 2007.

BUFARAH, A. **Podcast: possibilidades de uso nas emissoras de rádio noticiosas.** In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3E0VDgH>. Acesso em: 09 abr. 2022.

_____. **Rádio na Internet: convergência de possibilidades.** In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2003. Belo Horizonte. Disponível em: <https://bit.ly/372iPzk>. Acesso em: 09 abr. 2022.

CAFÉ DA MANHÃ. **Café da Manhã**, um podcast original do Spotify e da Folha de São Paulo. 2022. Disponível em: <https://spoti.fi/37BSjwB>. Acesso em: 09 abr. 2022.

CALCINHA LARGA. **Calcinha Larga**, um podcast original do Spotify. 2022. Disponível em: <https://spoti.fi/37yCy9n>. Acesso em: 09 abr. 2022.

CARDOSO, M. VILLAÇA, L. **Podcast no Brasil: Disrupção de modelos de comunicação ou submissão à lógica de grupos hegemônicos de poder?** Revista Alterjor - Grupo de Estudos Alterjor: Jornalismo Popular e Alternativo (ECA - USP) Ano 12 – Volume 01 – Edição 25 – Janeiro – Junho de 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3NWAOrn>. Acesso em: 09 abr. 2022.

CASO EVANDRO. **Projeto Humanos: Caso Evandro.** 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3v5rDwi>. Acesso em: 09 abr. 2022.

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação.** São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

COCHICHO. **Cochicho.** 2022. Disponível em: <https://cochicho.org>. Acesso em: 09 abr. 2022.

FERRAZ, N. e Gambaro, D. (2020). **Podcast e radiojornalismo: uma aproximação entre a mídia formal e as novas experiências de produção e escuta.** *Novos Olhares*, 9(1), 155-172. Disponível em: <https://bit.ly/3DYFMiJ>. Acesso em: 09 abr. 2022.

- FERRARETTO, L. A. **O hábito de escuta: pistas para a compreensão das alterações nas formas do ouvir radiofônico**. Revista de Comunicação, Cultura e Teoria da Mídia, vol. 9, n. 1, pp. 106-131, 2007. Disponível em <https://bit.ly/3KIKz05>. Acesso em: 09 abr. 2022.
- GALLEGO PÉREZ, J. I. **Podcasting: distribución de contenidos sonoros y nuevas formas de negocio en la empresa radiofónica española**. Tese de doutorado. Universidade Complutense de Madrid, Madri, 2009.
- HAMMERSLEY, B. **Audible revolution**. The Guardian, 12 fev. 2004. Disponível em: <https://goo.gl/L7xCqv>. Acesso em: 09 abr. 2022.
- HORÓSCOPO HOJE. **Horóscopo Hoje**, um original Spotify. 2022. Disponível em: <https://spoti.fi/3v8dY7G>. Acesso em: 09 abr. 2022.
- JAUSS, H. R. *Littérature médiévale et théorie des genres*. In: Witter Poétique. Paris, ano 2, v. 1. 1970.
- KAPLUN, M. *Producción de programas de radio: el guión - la realización*. Quito, Ciespal, 1978.
- KERCKHOVE, D. **The Skin of Culture (Investigating the New Electronic Reality)**. Somerville House Books Limited. Toronto, 1995.
- KISCHINHEVSKY, M. **Entrevista: Marcelo Kischinhevsky - Novas perspectivas para os estudos de podcast no Brasil**. Revista Alterjor – Grupo de Estudos Alterjor: Jornalismo Popular e Alternativo (ECA - USP) Ano 12 – Volume 01 – Edição 25 – Janeiro – Junho de 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3v8ZsfF>. Acesso em: 09 abr. 2022.
- LE MOS, A. **Podcast – Emissão sonora, futuro do rádio e cibercultura**. Disponível em: <http://saladeaulainterativa.pro.br/moodle/mod/book/view.php?id=2274>. Acesso em: 09 abr. 2022.
- _____. **Cibercultura. Tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre, Sulinas, 2002a.
- LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- _____. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- LUNENFELD, P. “The medium and the message”, in: LUNDENEFELD Peter (ed.). **The digital dialectic. New essays on new media**. Cambridge, Mit Press, 1999a, pp. 130-132.
- MACHADO, A. **A televisão levada a sério**. São Paulo, Senac, 2001.
- MARTÍN-BARBERO, J. *De los medios a las mediaciones*. México, Gustavo Gilli, 1987.
- MAMILOS. **Mamilos, um podcast da B9**. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3rbcCba>. Acesso em: 09 abr. 2022.

MEDITSCH, E. **O rádio na era da informação**. Santa Catarina: Insular, 2001.

O ASSUNTO. **O Assunto**, um podcast do G1. 2022. Disponível em: <http://glo.bo/3v8Veoq>. Acesso em: 09 abr. 2022.

MELO, J. M. D. **Gêneros jornalísticos na Folha de S. Paulo**. São Paulo, FTD, 1992.

ORTRIWANO, G. S. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. São Paulo: Summus, 1985

_____. **Radiojornalismo no Brasil: fragmentos de história**. São Paulo: Revista USP, n. 56, Dez/Fev. 2002-2003. p. 66-85. Disponível em: <https://bit.ly/3uqprjS>. Acesso em: 09 abr. 2022.

PEIRCE, Charles Sanders. **Escritos coligidos**. Trad. de Armando Mora D'Oliveira e Sérgio Pomerancblum. 3ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 8.

_____. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

PACIENTE 63. **Paciente 63, um podcast original Spotify**. Disponível em: <https://spoti.fi/3JrVELC>. Acesso em: 09 abr. 2022.

PIAUI. **Foro de Teresina**. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3rdFP5h>. Acesso em: 09 abr. 2022.

POD PAH. **Pod Pah Podcast**. 2022. Disponível em <https://bit.ly/3v5ZqFv>. Acesso em: 09 abr. 2022.

PRADO, E. **Estrutura da informação radiofônica**. São Paulo, Summus, 1985.

PRAIA DOS OSSOS. **Praia dos Ossos, um podcast da Rádio Novelo**. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/38Gai5x>. Acesso em: 09 abr. 2022.

RADIOLAB. **Radiolab podcasts**. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3rbcCba>. Acesso em: 09 abr. 2022.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: Estética e política**. São Paulo: Editora 34. 2ª edição, 1999.

_____. **O espectador emancipado**. São Paulo, 2012.

SAMPAIO, W. **Jornalismo Audiovisual: rádio, TV e cinema**. Petrópolis, Vozes, 1971.

SANTAELLA, Lúcia. **A teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas**. São Paulo: Pioneira, 2000.

_____. **O que é Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1985.

_____. **Cultura das mídias**. 4ª ed. São Paulo: Experimento, 1992 [2003a].

_____. **Culturas e artes do pós-humano: Da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003b.

- SANTOS, L. **A estética da podosfera brasileira: Os devires e atualizações de uma comunidade sensível.** *Revista Iniciacom – Vol. 9, N. 3 (2020).* Disponível em: <https://bit.ly/3KIgusN>. Acesso em: 09 abr. 2022.
- SERIAL. **Serial podcast.** 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3LN7MIO>. Acesso em: 09 abr. 2022.
- SOFIA. **Sofia, um podcast original Spotify.** 2022. Disponível em: <https://spoti.fi/38FJ7Yw>. Acesso em: 09 abr. 2022.
- THE DAILY. **The Daily podcast.** 2022. Disponível em: <https://nyti.ms/3O1yWhd>. Acesso em: 09 abr. 2022.
- THIS AMERICAN LIFE. **This American Life podcast.** 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3uqvVPJ>. Acesso em: 09 abr. 2022.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo, Atlas, 1990.
- VICENTE, Eduardo. Do rádio ao podcast: as novas práticas de produção e consumo de áudio. In: R. de Lima Soares, & G. Silva (Orgs.) **Emergências periféricas em práticas midiáticas.** (pp.88-107). São Paulo: Escola de Comunicações e Artes – Universidade de São Paulo, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3DVOXk1>. Acesso em: 09 abr. 2022.
- WOLF, M. **Teorias da Comunicação.** 6. ed. Lisboa, Presença, 1985.

A cultura do “faça você mesmo” nas rádios livres sorocabanas: usos e apropriações da tecnologia radiofônica

*Felipe Parra Alves de Oliveira*²⁸

Introdução

As rádios livres sorocabanas são veículos de comunicação caseiros administrados por entusiastas do rádio cansados das programações veiculadas nas convencionais emissoras de rádios FM (NUNES, 1995). Esse movimento chegou ao seu apogeu e inspirou outras pessoas a se enveredarem pelas possibilidades comunicacionais que as rádios livres proporcionam. Nesse sentido, as rádios livres sorocabanas contribuíram efetivamente para o desenvolvimento da comunicação brasileira (MACHADO, MAGRI, MASAGÃO; 1986). Ao observar tais iniciativas, nota-se que, ao se apropriarem da mídia, os donos das extintas emissoras clandestinas do interior paulista criavam novas lógicas de utilização do rádio, tanto para o discurso propagado pelo espaço eletromagnético quanto para a tecnologia radiofônica.

Diante do fato, este texto releva algumas nuances sobre os usos e as apropriações dos aparelhos utilizados nas rádios livres sorocabanas. Em específico, a escrita se concentra em relatar como era o processo de manufatura dos transmissores caseiros utilizados nesses veículos de informação.

Para tanto, utiliza-se, como referencial, pesquisas realizadas na área da Comunicação reforçadas pelos estudos em história oral temática (HOFFMAN, 2015; LOZANO, 2006; MEIHY, 2002; MEIHY; HOLANDA, 2007) e entrevistas semiestruturadas (LOPES, 2010; BERNAL TORRES, 2006). A amostra conta com sujeitos que utilizaram o rádio de forma criativa em suas emissoras localizadas na cidade de Sorocaba, município de São Paulo (Tabela 01).

²⁸ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (PPGCOM ECA-USP). Bolsista do CNPq – Brasil. São Paulo, SP, Brasil. ORCID: 0000-0002-4160-3065. E-mail: felipe.parra@usp.br.

Tabela 1 – Informações sobre os participantes da pesquisa e suas rádios livres²⁹.

Nome	Período ativo	Nome da rádio livre
Antonio Isaias Antunes Pereira	1982/1996	<i>Columbia FM e Rádio Atividade FM</i> ³⁰
Charles Rafael	1990/2000	<i>Superstar FM e Express FM</i>
Claudio José Dias Batista	1980/1986	<i>Centauros 2001 FM e Voyage FM</i> ³¹
Francisco Noronha Moreira	1982/2006	<i>Strick Som FM</i>
Paulo Stecker	1985/1987	<i>Transuniversal FM</i>
Robson César	1982/1986	<i>Edissom FM, Mistério FM, Paysandu FM, Trans 2 FM, Transuniversal FM, Vilage FM, entre outras</i>

Fonte: elaboração própria (2022).

A amostragem selecionada é de caráter significativo para a pesquisa, pois os sujeitos entrevistados têm propriedade ao falar sobre o tema, já que participaram ativamente do movimento das rádios livres sorocabanas. Por estarem no âmago da temática, essas pessoas puderam expor as suas trajetórias.

Justifica-se a elaboração de tal texto ao se constatar a falta de registros acadêmicos sobre o tema. A afirmação adquire notoriedade ao se verificar os periódicos da área de Ciências Sociais Aplicadas que integram o sistema Qualis da Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) (COMPÓS, 2020). O esforço mostra que há somente 13 artigos científicos que discorrem sobre o objeto de estudo nas revistas de Qualis A1, A2, B1 e B2. Entre tais textos, somente três retratam diretamente o tema no contexto brasileiro. A apuração aponta que nenhuma das escritas abordou profundamente as rádios livres da cidade de Sorocaba. Os verbetes utilizados para fazer esse levantamento

²⁹ Alguns participantes da pesquisa não souberam definir precisamente o período de atividade de suas emissoras clandestinas e, por isso, certas datas são estimativas feitas pelos próprios donos das rádios livres.

³⁰ A rádio *Columbia* mudou seu nome para rádio *Atividade* em 1986. O motivo foi a instalação do Centro Experimental Aramar, em Iperó, município próximo da cidade de Sorocaba. Tal complexo faz parte do Programa Nuclear Brasileiro junto com as usinas Angra 1, Angra 2 e Angra 3 (KURAMOTO; APPOLONI, 2002). O nome rádio *Atividade* era uma alusão ao processo de enriquecimento isotópico efetuado em Aramar (PEREIRA, 2020).

³¹ Inicialmente a emissora de Claudio José Dias Batista se chamava *Centauros 2001*. Pouco tempo depois, o nome foi alterado para rádio *Voyage* (BATISTA, 2019).

bibliográfico foram: rádios livres, *radios libres*, *free radio* e rádios livres sorocabanas. Tal resultado estimulou o levantamento bibliográfico sobre outros estudos que tratam do tema. O empenho constatou que livros, dissertações e artigos científicos sobre rádios livres sorocabanas tratavam o tema como dado histórico, e não como objeto de estudo. Outro fator percebido é o volume de informações vagas, incompletas ou conflitantes sobre o assunto. Isso significa que não há um consenso sobre o movimento das rádios livres sorocabanas.

Feito os apontamentos iniciais, nota-se que as formas criativas de explorar as potencialidades do rádio fazem parte dos conceitos e características das rádios livres sorocabanas. De acordo com Guattari e Rolnik (2013), as rádios livres são meios de comunicação que promovem um certo tipo de produção que não poderia acontecer em nenhum outro lugar. A ideia aponta para o fato de o cidadão sem experiência com a mídia poder utilizar o rádio como quiser para além das formas de uso propostas por técnicos especialistas e pelo monopólio das telecomunicações. São outras lógicas aplicadas ao meio de comunicação que subvertem tanto a estrutura dos programas radiofônicos quanto a tecnologia do rádio.

Contudo, para averiguar os usos e apropriações feitos pelas pessoas envolvidas no movimento das rádios livres sorocabanas, torna-se necessário observar as relações que se desenvolvem entre o ser humano e o rádio. Para tanto, utiliza-se os conceitos teóricos a respeito das mediações. Jesús Martín-Barbero (2013, p. 294) afirma que:

(...) em vez de fazer pesquisa a partir da análise das *lógicas* de produção e recepção, para *depois* procurar suas relações de imbricação ou enfrentamento, propomos partir das *mediações*, isto é, dos lugares dos quais provêm as construções que delineiam e configuram a materialidade social e a expressividade cultural.

O autor enfatiza o pensamento de começar uma investigação científica comunicacional pelas mediações, isto é, pelos locais onde ocorrem as interações entre produção, mídia e consumidor em seus diversos contextos. Lopes (2014, p. 68) disserta que as mediações podem ser pensadas “(...) como uma espécie de estrutura incrustada nas práticas sociais e na vida cotidiana das pessoas”. Em outros termos, as mediações são ambientes onde é possível visualizar a cultura se materializar/transformar por influência das mídias. Assim sendo, tal vertente teórica torna-se um caminho para pensar a produção industrial, o consumidor e as práticas socioculturais presentes no cotidiano.

Ao observar o mapa das mediações de Martín-Barbero (Figura 1), nota-se a institucionalidade, tecnicidade, socialidade e ritualidade como mediações comunicativas da cultura. Estas estão arranjadas em dois eixos: um que se move entre matrizes culturais e

formatos industriais e outro sincrônico que conecta as lógicas de produção com as competências de recepção/consumo.

Figura 1 – Mapa das mediações comunicativas da cultura



Fonte: Martín-Barbero, 2013, p.16.

Resumidamente, as matrizes culturais formam híbridos da produção capitalista dominante de comunicação com o imaginário de quem consome tal informação. Os formatos industriais correspondem ao exercício de agregar valores às formas culturais por meio de discursos, gêneros e programas. No espaço das lógicas de produção, efetua-se o esforço em ordenar as formas culturais de acordo com interesses mercadológicos, estatais, políticos e econômicos para atender às demandas do consumo. Além disso, as competências de recepção/consumo equivalem às práticas sociais que condicionam a produção de percepções e valores acerca do mundo.

Na concepção do autor, tais tópicos estão interligados pelas mediações comunicativas da cultura. Sistemáticamente, as matrizes culturais e as lógicas de produção são mediadas por variados processos de institucionalidade. As relações entre as matrizes culturais e o consumo estão mediadas por diferentes modos de socialidade. Entre as lógicas de produção e os

formatos industriais estão as tecnicidades e, finalmente, as ritualidades correspondem às mediações entre os formatos industriais e o consumo.

Estrategicamente, pode-se averiguar que a socialidade diz respeito às relações entre sujeitos e como essas interações auxiliam na constituição de identidades. A ritualidade se refere aos usos e leituras dos meios de comunicação. Tais elementos estão ligados à qualidade da educação, aos saberes constituídos em memória étnica, de classe ou de gênero, e aos costumes familiares de convivência com a cultura letrada, a oral ou a audiovisual. A institucionalidade corresponde à elaboração de discursos públicos com a finalidade de atender interesses privados. Já a tecnicidade remete à construção de novas práticas por intermédio das diferentes linguagens midiáticas e os modos como a tecnologia molda a cultura e as práticas sociais.

Com base nesses conceitos, pode-se aplicar tais considerações no contexto das rádios livres sorocabanas. Logo, é possível visualizar as mediações envolvidas na interação dos sujeitos com as emissoras clandestinas. Nesse sentido, a utilização do rádio passa não somente pelo desejo e pela ação das pessoas, mas também por questões de modos, usos e apropriações dos recursos tecnológicos e dos discursos radiofônicos, de classe, de qualidade educacional, de competência cultural, de relações cotidianas e de como as tecnologias moldam a cultura e as práticas sociais. Tais variáveis são algumas das mediações observadas na relação que se estabelece entre o ser humano e a mídia. As argumentações estimulam Eneus Trindade (2014, p. 8) a declarar que “[...] as medições permitem compreender o sujeito na dinâmica dos processos comunicacionais com suas apropriações frente às realidades que atuam”. Assim, observa-se a presença midiática do rádio na formação de hábitos, costumes, práticas socioculturais e comportamentos.

Diante da premissa, nota-se que os donos das emissoras clandestinas do interior paulista utilizavam a tecnologia do rádio de forma criativa e distante da perspectiva dos especialistas. Tal atitude se aproxima dos conceitos de estratégias e táticas desenvolvidos por Michel De Certeau (2011). Pela perspectiva do autor, os sujeitos que compõem a sociedade traçam trajetórias indeterminadas, ao desenvolver tarefas do cotidiano. Aparentemente, são caminhos sem sentido, pois não são coerentes com o espaço construído no qual vivem. São trilhas heterogêneas aos sistemas impostos. Devido a isso, as formalidades de como as pessoas consomem informações não podem ser apreendidas pela estatística, pois ela capta somente o material utilizado pelas práticas de consumo, mas não sua forma, seu movimento astucioso, não a diversidade. Portanto, o recurso estatístico torna-se insuficiente para verificar

tais dinâmicas que se apresentam, pois apenas contabiliza o que é utilizado, não as maneiras de utilizá-lo.

A premissa do teórico se concentra no fato dos resultados apresentados pelas Ciências Exatas serem insuficientes, pois reduz a complexidade das práticas. Por mais útil que seja essa simplificação, ela omite sutilezas que emanam do contexto estudado. Em outras palavras, os recortes, por mais eficazes para uma gestão funcionalista do objeto de estudo, transformam e/ou apagam nuances das práticas observadas.

Portanto, é necessário recorrer a outro modelo e, por isso, são utilizados conceitos sobre as distinções entre estratégias e táticas. A estratégia é o cálculo, a manipulação “das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (...) pode ser isolado” (CERTEAU, 2011, p. 93). Ela solicita um lugar que pode ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se pode gerir relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças (clientes ou concorrentes, inimigos, o campo em torno da cidade etc.). Uma centralização de poder que tenta controlar as regras que regem a sociedade.

Ao verificar o mapa das mediações comunicativas da cultura (MARTÍN-BARBERO, 2013, p. 16) nota-se que as matrizes culturais, os formatos industriais e as lógicas de produção tentam criar formas de estimular, monitorar e induzir o consumo de acordo com interesses mercadológicos estatais, políticos e econômicos. Para tanto, são criadas estratégias (CERTEAU, 2011) que visam capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar as condutas e comportamentos de consumo.

As táticas são as ações calculadas determinadas pela ausência de um próprio, portanto, nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o do outro. É um movimento espontâneo que surge de forma despreziosa. Cria surpresas, aparecendo onde menos se espera. Em suma, a tática é a arte e o recurso das minorias. Ao contrário da autoridade estatal e do poder de corporações, os quais estão amarrados à sua visibilidade, a astúcia é possível às minorias. Quanto mais presente a direção estratégica, tanto mais esta estará sujeita à astúcia/tática.

Sem lugar próprio, sem visão globalizante, sem distância e comandada pelos acasos do tempo, a tática é determinada pela ausência de um poder dominante, da mesma forma que a estratégia é organizada pelo princípio de um controle centralizador.

Portanto, estratégias são ações que, graças ao princípio de um lugar de poder, elaboram sistemas e discursos totalizantes, que visam dominar as esferas sociais. Ao contrário disso, as táticas se valem pela pertinência que dão ao tempo, às circunstâncias em que um

instante preciso de uma intervenção se transforma em situação favorável, à rapidez de movimentos que mudam a organização das coisas, às relações entre momentos sucessivos que ocorrem de repente, aos cruzamentos possíveis de durações e ritmos heterogêneos etc.

Ao se debruçar sobre os conceitos propostos, nota-se que o rádio foi dominado pelo monopólio das telecomunicações. Especialistas que representavam corporações e indústrias ditavam como esse recurso tecnológico deveria ser montado e utilizado e, neste sentido, estratégias foram aplicadas às lógicas de uso da tecnologia radiofônica. Avançados transmissores montados em série eram instalados nas emissoras de rádio comerciais para funcionarem praticamente 24 horas por dia sem perder a qualidade de transmissão.

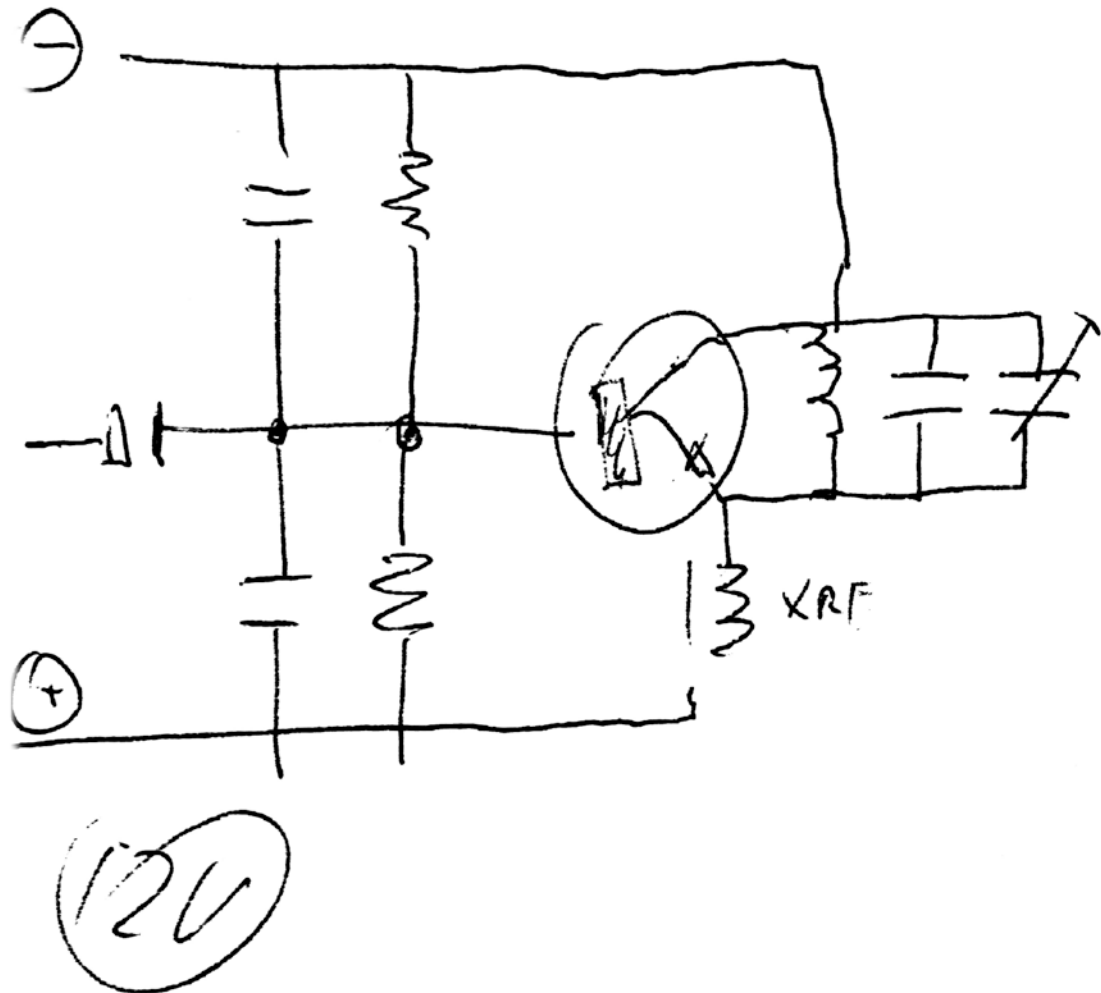
Em contraste com esse cenário, os donos das rádios livres sorocabanas manufacturavam seus próprios transmissores. Aparelhos de som e antenas eram acoplados a esses equipamentos caseiros, no intuito de reverberar suas ideias e gostos musicais pelo espaço eletromagnético. Considera-se, portanto, que essas atividades são táticas geradas por quem desejava ter um canal de comunicação. Em uma lógica diferente das estratégias impostas ao meio de comunicação.

As argumentações apresentadas ganham relevância ao se verificar os relatos sobre a manufatura dos primeiros transmissores caseiros usados nas rádios livres sorocabanas. De acordo com Claudio José Dias Batista (2019, p. 217):

Na época havia uma revista de eletrônica que publicou um esquema de um microfone sem fio. Basicamente era um transmissor pequeno e bem simples de fazer. O dono da rádio Alfa 1 FM era um estudante de engenharia elétrica. A rádio Spectro FM tinha dois donos. Eram dois irmãos. Um trabalhava com o pai em uma lanchonete da família e o outro também era estudante de engenharia. Outro que também estudava para se tornar engenheiro era o dono da Estrôncio 90 FM. Esse esquema chegou até um deles (não me lembro se isso ocorreu com o dono da Alfa 1 FM ou da Spectro FM). Ele entendeu que se colocasse um outro transistor nesse esquema, seria possível fazer um transmissor de rádio. O transistor publicado na revista foi substituído pelo 2n2222, que era um transistor diferente e oscilava com uma potência maior (...).

A citação revela os usos e as apropriações da tecnologia. Por meio de adaptações e modificações no esquema eletrônico de um microfone sem fio, foi possível desenvolver um transmissor de rádio doméstico (Figura 02).

Figura 02 – Esquema eletrônico de um transmissor 2N2222 elaborado por Claudio José Dias Batista, da rádio *Voyage FM*



Fonte: Batista (2019, p. 217)

Ao verificar o depoimento de Antonio Isaias Antunes Pereira (2020, p. 193), nota-se certas aproximações com a declaração do dono da extinta rádio *Voyage FM*. O instrutor aposentado afirma:

Pedi para o dono da rádio Estrôncio o primeiro transmissor. Porém, ele me passou um esboço muito rudimentar. Um amigo que conhecia de eletrônica tentou montar, mas não conseguiu. Na época havia as rádios Estrôncio, Spectro, Alpha 1, Star, Sensation, NN etc. Aí o dono da rádio NN montou um sistema chamado 2n2222. Era um circuito muito simples. Consistia em um transístor que oscilava, alguns capacitores e resistências. Colocávamos esse circuito em 12 volts. Depois

descobrimos que se aumentássemos a voltagem da fonte, o transistor esquentaria mais e dissiparia. Assim, a transmissão da rádio chegaria mais longe. A área de cobertura da emissora era muito maior. Para ajudar, tive a felicidade de me mudar para um bairro alto de Sorocaba nessa época. Sendo assim, com o transistor 2n2222 alimentado por uma fonte de 24 volts, era possível ter um sinal muito próximo das rádios profissionais. Depois disso, conheci um amigo paranaense que trabalhava com radares. Ele montou um circuito que ia de 88 a 108 MHz. Foi usada uma bobina do próprio rádio para conseguir uma abrangência maior ainda. A Rádio Atividade ficava localizada na Vila Jardini, em Sorocaba. Com essa melhora, a transmissão começou a chegar até a entrada da cidade de Itu (...).

As argumentações revelam que os iniciantes no movimento das rádios livres sorocabanas recebiam auxílio de terceiros para obter seus transmissores. Paulatinamente, essas pessoas adquiriam habilidades para utilizar a tecnologia do rádio de acordo com suas necessidades. Os relatos de Robson César (2022, p. 177-178) sobre o início do seu interesse pelas rádios clandestinas do interior paulista validam tal ponto de vista. Ao falar sobre seu início no movimento, o entusiasta do rádio comenta:

(...) minha mãe me comprou um *walkie-talkie* lá em Aparecida do Norte. Eu conversava a distância com os meus amigos e, um dia, fui ver se eu conseguia falar com essas rádios pelo *walkie-talkie*. Ele era muito fraco. Lógico, as rádios livres tinham uma potência melhor. E brincando assim, um dos donos dessas rádios livres me ouviu e falou “quem está aí?” eu fiquei trêmulo. Conversando com ele depois, fiquei sabendo que era o dono da rádio livre Tropical FM, a 106.1. Aí eu falei para ele que gostaria de ter uma rádio também e ele me fez um transmissor BF que eu tenho até hoje. Então, o amor pelo rádio explodiu! Montei uma rádio chamada Edissom com o BF, pois ele era mais potente que o *walkie-talkie*. O nome era Edissom porque tinha uma menina lá da rua chamada Edissa e eu gostava dela, e coloquei Edissom com dois “s”. Meu primo é engenheiro eletrônico. Um dia ele passou na minha casa e falou que meu transmissor era muito fraquinho. Ele me perguntou se eu queria um melhor. Aí ele montou um transmissor chamado 2N2222A. Esse era ótimo. Só que era tudo camuflado. A ideia do meu primo foi pegar uma caixa de conversor UHF normal e montar dentro dessa caixa. Você olhava e pensava que era conversor comum. Ele deixou só o conector atrás para você colocar a antena, e fez uma antena plano-terra para mim. As antenas são na medida da frequência, não sei se você sabe, mas cada frequência tem a medida da sua antena, se for espiral, plano-terra, enfim. Quando eu coloquei essa rádio no ar, todo mundo se interessou. Aí eu coloquei no ar a rádio Transuniversal FM (...).

O relato de Paulo Stecker (2019) complementa a experiência de utilizar esse transmissor com características peculiares. O locutor esclarece:

(...) o meu transmissor era dentro de um conversor UHF. Você tirava a tampa de dentro e, às vezes, a rádio saía fora da frequência, então eu regulava com uma tampinha de caneta serrada Bic. Usava ela para apertar o parafuso até cravar no 99 MHz. Os caras falavam que era pico de energia, alguma coisa dessa natureza. O pessoal que montava ensinava para gente como deixar na frequência certa. E aí virei especialista em transmissores 2n2222 e em antena plano terra (...).

Os depoimentos dos responsáveis pela rádio *Transuniversal FM* demonstram certas táticas (CERTEAU, 2011) empregadas na manufatura da tecnologia do rádio. A partir da adaptação/alteração de um conversor UFH (Figura 03), foi possível montar um transmissor caseiro funcional. Devido a isso, o aparelho poderia ser confundido com um eletrodoméstico comum. Uma forma prática e engenhosa de se ter um transmissor operacional que não chamasse a atenção das pessoas e, possivelmente, de uma fiscalização por parte da DENTEL.

Figura 03 – Foto de um conversor UHF



Fonte: arquivo pessoal

Diante da análise dos depoimentos, nota-se que a maioria dos entusiastas do rádio não eram especialistas em eletrônica. A afirmação ganha destaque ao observar o depoimento de

Charles Rafael (2019). Ao comentar sobre a manufatura dos transmissores, o dono da extinta rádio *Express FM* alega:

(...) a gente fazia a plaquinha e furava, depois comprava os componentes na loja *Torres*, em Sorocaba, e montava naquela tentativa de acerto e erro (...) eu trabalhava na Eletrônica Franco como aprendiz na época. Inclusive foi o irmão de um amigo que trabalhava lá e me conseguiu o emprego como aprendiz. Com essa experiência de eletrônica, comecei a aplicar essas ideias na rádio Superstar (...) muitas vezes você ligava o transmissor e pifava tudo. Você ficava zangado porque tinha que comprar de novo as peças. O transmissor era um negócio muito louco. Eu até lembro os números, eram BC547, 2N918, 2N3866 e 2D3553. Esses eram os quatro transistores que eu usava, e depois vinham os capacitores e o resto das peças (...) esquentava bastante, o pessoal botava o ventilador perto. Aí ele dava interferência na rádio. Quando isso acontecia a gente começava a zoação de um com outro. Depois você colocava aquela pasta branca térmica e ia grudando os dissipadores, um em cima do outro. Ficavam uns canudos grandes de dissipadores empilhados. Eu vou falar para você, não era bonito. Colocávamos em uma caixinha e às vezes fechava, mas a rádio ficava ruim, então tinha que deixar a tampa aberta.

Pelo que se observa, aprendia-se a confeccionar e a operar a tecnologia do rádio na prática. Era uma atividade que se aperfeiçoava pelos resultados negativos e positivos obtidos durante a construção dos transmissores. Pela perspectiva de Francisco Noronha Moreira (2019, p. 5):

(...) as pessoas que tinham mais familiaridade com eletrônica passavam esse conhecimento para os mais leigos por meio de esquemas eletrônicos. Não era uma coisa muito difícil de se fazer. Com o decorrer do tempo, eu me interessei em montar transmissores. Comprava as placas, fazia os caminhos, colocava os componentes. Todos envolvidos com as rádios piratas de Sorocaba começaram a fazer isso. Uma espécie de mutirão. O sistema de construção dos transmissores era artesanal. O rádio era um eterno desajuste, então tinha que se virar. Tinha interferências que o rádio provocava na TV. Era necessário reajustar o sinal para retirar essas ondas fantasmas que caíam em frequências que atrapalhavam a televisão. Caso contrário, isso poderia causar reclamações de vizinhos e denúncias. Tinha que entender de rádio, não era só colocar músicas para tocar (...).

A citação exhibe uma ideia totalizante. Em específico, o técnico de mecânica é categórico ao afirmar que todas as pessoas envolvidas no movimento das rádios livres sorocabanas estavam presentes na montagem dos transmissores. Contudo, algumas dessas pessoas não tinham as habilidades necessária para produzir tais aparelhos. Robson César (2022, p. 189) conta:

(...) eu sou zero em eletrônica. Nos meus equipamentos aqui eu até borribo um pouco de limpa contato, troco uma correia, coisa simples. Mas a parte de eletrônica, com capacitor, eu não sei muito. Como eu falei, o meu primo é engenheiro eletrônico. Qualquer coisa eu ligava para ele (...).

Eminentemente, César menciona como conseguia operar a tecnologia do rádio mesmo sem aptidão para confeccionar seus equipamentos. Trata-se de um retrato de como os participantes do movimento das rádios livres sorocabanas desenvolviam táticas próprias (CERTEAU, 2011) para colocar uma emissora clandestina no ar. Tal nuance pode ser observada também na entrevista realizada com Claudio José Dias Batista (2019, p. 214). Ao comentar a troca de transmissores na rádio *Voyage FM*, o locutor e advogado expõe:

(...) um engenheiro que morava perto da minha casa me presenteou. Eu paguei as peças e ele construiu um novo transmissor de graça. O transmissor que eu usava na rádio *Voyage* tinha 0,19 Watts. Então, esse aparelho possuía uma potência ínfima. Esse novo transmissor de origem italiana tinha 3 Watts, com três transistores. Devido a isso, era possível sintonizar a *Voyage* de qualquer parte de Sorocaba. Os 3 Watts tinham a capacidade de cobrir a cidade inteira e todos os donos de rádios livres se assustaram com essa potência. Na época eu morava no alto da Vila Hortência e de lá era muito boa a propagação. No entanto, tinha um erro no projeto desse transmissor. Esse erro fazia com que a rádio *Voyage* fosse emitida em duas frequências diferentes ao mesmo tempo. Esse erro se chama espúrio. Isto é, minha rádio estava gastando potência lançando em outra frequência. E eu não tinha como controlar, pois, eu não sabia ajustar isso. Dependia de um engenheiro eu de um técnico com bastante experiência, o que não era o meu caso, para solucionar esse problema. Então a rádio *Voyage* pegava em duas frequências: a 95.5 mHz de FM e em outra (...).

É possível verificar que, mesmo alguns especialistas em eletrônica tinham dificuldades em regular os transmissores para funcionar adequadamente. Mais um indício de como o aprendizado ocorria durante o processo de montagem desses aparelhos. A partir dessa experiência, algumas pessoas começaram a produzir transmissores para presentear amigos. Nas palavras de Antonio Isaias Antunes Pereira (2020, p. 202):

(...) fiz a montagem de transmissores para muita gente (...) pedia para as pessoas comprarem as peças no Torres, uma loja na rua Sete de Setembro, em Sorocaba. Cheguei a montar uns 20 transmissores. Isso tudo foi depois de 1984.

Em outro momento da entrevista, Pereira (2020, p. 197) retoma o assunto ao explicar como conheceu o dono da extinta rádio livre *Tropical FM*:

(...) com a *Tropical FM* foi interessante. Estava conversando pelo rádio com meu amigo da *Studio FM* e pedi uma varredura do dial. Uma forma de ver se tinha

alguém na frequência. Ao fazer isso, meu colega achou uma pessoa por volta do 107 MHz chamando: “Columbia! Columbia! Columbia”! Conversei com o rapaz dessa frequência e ele me disse que tinha comprado um transmissor pronto chamado BF. Esse aparelho foi amarrado na ponta de um bambu e colocado o mais alto possível para fazer a programação. Nos encontramos no centro de Sorocaba. Ele me parabenizou pela rádio e disse que ela pegava muito bem no Rio Acima, um dos bairros mais altos da cidade de Votorantim. Ficamos amigos e montei um transmissor para essa rádio. O aparelho em questão existe até hoje (...).

Assim, o instrutor aposentado auxiliava ativamente na proliferação das rádios livres no interior paulista. Contudo, outras pessoas viram essa tendência como uma oportunidade de trabalho. A partir da apropriação da tecnologia do rádio, era possível montar e comercializar transmissores feitos em casa. Tal informação pode ser encontrada nas declarações de Charles Rafael (2019). De acordo com a narrativa do técnico em eletrônica:

(...) um dia eu estava na minha casa e minha irmã falou que tinha um cara me chamando. Ele chegou lá em casa e eu não o conhecia, só de vista, mas não tinha amizade. Me perguntou se eu era da rádio e eu confirmei. Um amigo dele queria montar uma rádio e eu estava com uma placa quase montada. No final, eu vendi para ele. De certa forma virou algo comercial para mim porque eu vendi várias placas e transmissores (...) para mim isso também serviu como uma forma de aguçar o interesse pela parte de eletrônica, de áudio. Na época foi uma forma bem natural de querer aprender, de estudar eletrônica. Isso que me deu uma profissão. Eu não conserto mais rádio e televisão, mas na época eu trabalhava com isso em Sorocaba. Isso me gerou um sustento, foi o meu primeiro emprego, depois que fui para o comércio. Às vezes aparece alguma coisa para eu consertar. Um som, um rádio, um amplificador de guitarra, coisas assim (...).

A declaração acima evidencia o profundo interesse pela tecnologia radiofônica gerado nas pessoas envolvidas com as emissoras clandestinas. Entusiastas que se tornam profissionais a partir do contato com as rádios livres. Em outras palavras, as táticas (CERTEAU, 2011) utilizadas como hobby influenciaram diretamente na vida profissional de alguns participantes do movimento das rádios livres sorocabanas.

Considerações finais

As argumentações apresentadas nesta escrita não pretendem esgotar a temática. A ideia se concentra em apresentar informações inéditas para a academia sobre esses meios de comunicação. Outras investigações científicas podem exibir novas perspectivas sobre o objeto de estudo. Esse processo de desenvolvimento do tema no campo da Comunicação contribui para traçar um panorama sobre as emissoras clandestinas do interior paulista.

Pelas perspectivas teóricas-metodológicas selecionadas, nota-se que as apropriações da tecnologia do rádio subvertem as lógicas impostas pelo monopólio das telecomunicações. As táticas desenvolvidas para revolucionar as estratégias criadas pelo sistema capitalista criam novas/outras formas de uso do rádio. Para além de concessões, especialistas e modelos de linguagem e tecnologia pré-fabricados.

A partir desse processo, o rádio adquire uma perspectiva mais democrática. Por meio de aparelhos rudimentares, as emissoras clandestinas emitiam ideias que fugiam dos interesses econômicos. Essa importante particularidade faz com que as iniciativas movidas por amor e instrumentos precários sejam um importante episódio na história da Comunicação Radiofônica Brasileira.

Referências

BATISTA, Claudio José Dias. Rádios livres sorocabanas: o depoimento de Cláudio José Dias Batista sobre a rádio Voyage. [Entrevista concedida a] Felipe Parra e Luciano Victor Barros Maluly. **Revista de Estudos Universitários**, Sorocaba, v. 45, n. 1, p. 211-220, 2019. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/reu/article/view/3683>. Acesso em: 10 dez. 2019.

BERNAL TORRES, César Augusto. **Metodología de la investigación**: para administración, economía, humanidades y ciencias sociales. Bogotá: Pearson Educación, 2006.

CERTEAU, Michel de. Fazer com usos e práticas. In: CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 86-100.

CÉSAR, Robson. As múltiplas emissoras de Robson César: um depoimento sobre as rádios livres sorocabanas. Entrevista concedida a Felipe Parra. **Revista Alterjor**. São Paulo v. 25 n. 1, p. 175-191, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/193081/180095>. Acesso em: 26 abr. 2022.

COMPÓS. Disponível em: <http://compos.org.br/periodicos.php>. Acesso em: 10 out. 2020.

GUATTARI, Félix; ROLNIK Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 2013.

HOFFMAN, Maria Luisa. **Fragmentos da história**: o uso da fotografia para a recuperação e a preservação da memória de Londrina. 2015. 451 f. Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

KURAMOTO, Renato Yoichi Ribeiro; APPOLONI, Carlos Roberto. Uma breve história da política nuclear brasileira. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, Florianópolis, v. 19, n. 3, p. 379-392, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fisica/article/view/6612>. Acesso em: 20 abr. 2019.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação**. São Paulo: Loyola, 2014.

_____. Reflexividade e relacionismo como questões epistemológicas na pesquisa empírica em comunicação. In: BRAGA, José Luiz et al. (Orgs.). **Pesquisa empírica em comunicação**. São Paulo: Paulus, p. 27-50, 2010.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilo de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 15-25.

MACHADO, Arlindo; MAGRI, Caio; MASAGÃO, Marcelo. **Rádios livres: reforma agrária no ar**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. Bom Meihy; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

MOREIRA, Francisco Noronha. Eu nasci pirata e vou morrer pirata: relatos de Francisco Noronha Moreira sobre suas experiências com as rádios livres sorocabanas Strick Som FM e Ocidental FM. Entrevista concedida a Felipe Parra e Luciano Victor Barros Maluly. **Revista Sonora**, Campinas, v. 8, n. 14, p. 1-9, 2019. Disponível em:

<https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/sonora/article/view/4286/4495>. Acesso em: 10 dez. 2019.

NUNES, Marisa Aparecida Meliani. **Rádios livres**. O outro lado da voz do Brasil. 1995. 87 f. Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação - Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

PEREIRA, Antonio Isaias Antunes. Estação de frequência modulada da rede alternativa de radiodifusão: Antonio Isaias Antunes Pereira fala sobre as rádios livres sorocabanas Columbia e Rádio Atividade. Entrevista concedida a Felipe Parra e Luciano Victor Barros Maluly. **Revista Tríade: Comunicação, Cultura e Mídia**. Sorocaba, v. 8, n. 17, p. 189-204, 2020.

Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/triade/article/view/3848/3723>. Acesso em: 10 nov. 2020.

RAFAEL, Charles. **Entrevista:** Charles Rafael. Abr. 2019. Entrevistador: Felipe Parra. Sorocaba, 2019. 4 arquivos .MP3 (84'45").

STECKER, Paulo. **Entrevista:** Paulo Stecker. Abr. 2019. Entrevistador: Felipe Parra. Sorocaba, 2019. 3 arquivos .MP3 (146'08").

TRINDADE, Eneus. Mediações e Miatizações do Consumo. In: XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 37.,2014, Foz do Iguaçu, PR. **Anais...**, Foz do Iguaçu, PR: UDC, 2014. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-0253-1.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2017.

Gisela Swetlana Ortriwano e os estudos em Radiojornalismo

*Lourival da Cruz Galvão Júnior*³²

Introdução

É comum encontrar, nos cursos de Comunicação do Brasil, professores e alunos envolvidos com disciplinas relacionadas ao rádio usando, em seus estudos e pesquisas, ao menos um referencial teórico redigido pela professora e pesquisadora Gisela Swetlana Ortriwano. *A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*, livro escrito em 1985 pela docente que atuou por 30 anos no Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (CJE-ECA/USP), é, até hoje, quase que onipresente em diversas grades de ensino. É uma obra clássica, como é basilar a tese de doutorado *Os (des)caminhos do radiojornalismo*, de 1990, a primeira defendida no país a abordar de forma exclusiva o jornalismo radiofônico ensinado nas faculdades e praticado nas emissoras de rádio (LOPEZ E MUSTAFÁ, 2012; GOUVEIA, 2011; PERUCHI E TRIGO, 2008).

Durante sua jornada acadêmica, Gisela Swetlana Ortriwano pesquisou e escreveu praticamente sobre tudo que envolve o rádio: história, teorias, programação, dramaturgia, esporte, política, comunicação popular, regionalismo, ensino e mercado de trabalho, emissão e recepção, publicidade e internet. O rádio público, o educativo e o comercial, a presença da mulher no rádio, as interfaces com outras mídias, os processos de produção de notícias e a interatividade foram outras temáticas abordadas pela docente, que orientou dezenas de estudos acadêmicos, trabalhos de conclusão de curso, projetos de extensão, dissertações de mestrado e teses de doutorado. Grande parte deste acervo está disponível na biblioteca da ECA/USP³³, servindo de referencial teórico àqueles que se dedicam ao ensino e à pesquisa sobre o rádio.

“Ortriwano” é, há décadas, citação recorrente em incontáveis textos produzidos por gerações de alunos, professores, pesquisadores e profissionais que foram instigados, por ela, à reflexão crítica e à compreensão do papel social dos comunicadores. Alguns desses indivíduos

³² Pós-Doutor e Doutor pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Mestre em Linguística Aplicada e Jornalista graduado pela Universidade de Taubaté (UNITAU). Docente e pesquisador do Departamento de Comunicação Social da UNITAU e do Mestrado Acadêmico em Planejamento e Desenvolvimento Regional e do Mestrado Profissional em Gestão Acadêmico e Desenvolvimento Regional da UNITAU. E-mail: galvao.junior@unitau.br.

³³ Acesso disponível em: <https://www.eca.usp.br/biblioteca>.

são identificados como *Giselistas*, admiradores do legado acadêmico da “profa” Gisela. Insiro-me neste rol, uma vez que minha opção pelo Radiojornalismo, ainda na graduação, foi influenciada, em parte, pelos ensinamentos do livro *A informação no rádio*, que ainda foi base teórica de minhas pesquisas de mestrado e doutorado.

Mas era preciso ir além. Entre 2019 e 2021, sob supervisão do professor Dr. Luciano Victor Barros Maluly, desenvolvi no CJE-ECA/USP a pesquisa de pós-doutorado *Modelo Gselista para o ensino da comunicação: a contribuição de Gisela Swetlana Ortriwano para o jornalismo*, visando ressaltar a importância da obra da professora Gisela no fomento à pesquisa e à formação em Radiojornalismo. Tal propositura mostrou-se válida não apenas pela riqueza do patrimônio teórico construído pela docente ecana, mas, principalmente pelo fato de tais estudos serem atuais e conectados às mudanças pelas quais o rádio e o Radiojornalismo são submetidos continuamente na contemporaneidade. É baseado nos resultados desta pesquisa de pós-doutorado e, sobretudo, nos conteúdos do audiolivro *O Rádio de Gisela*³⁴, que apresento a seguir reflexões sobre as relações entre Gisela Swetlana Ortriwano e os estudos em Radiojornalismo.

A construção do pensamento teórico da profa. Gisela

Falar da obra da renomada pesquisadora, que é tema deste capítulo, principalmente no que concerne ao Radiojornalismo, exige revisar o início da formação acadêmica feita em totalidade pela docente na Universidade de São Paulo. Um caminho que começou a ser trilhado na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, onde Gisela iniciou sua formação como socióloga meses antes de completar 20 anos de idade. Era 1968 e o Brasil passava pelo ápice da Ditadura Militar: a instauração do Ato Institucional nº 5 (AI-5), que fechou o Congresso, as Assembleias Legislativas e o Supremo Tribunal Federal, além de intervir nos governos estaduais e nas principais prefeituras do país.

A conclusão da licenciatura e do bacharelado em Sociologia foram trajetos óbvios de uma jovem que se preparou, durante toda a adolescência, para ser professora. Porém, o

³⁴ Formado por sete capítulos que detalham a formação do pensamento teórico e a trajetória acadêmica de Gisela Swetlana Ortriwano, o audiolivro *O Rádio de Gisela* (GALVÃO JUNIOR; MALULY, 2021) contém depoimentos de pessoas que conviveram com a docente ecana. As falas foram obtidas durante meu pós-doutorado mediante fundamentos da História Oral (BOM MEIHY, 1996). O audiolivro está disponível para acesso gratuito nos seguintes endereços eletrônicos: YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=wBIDk1PhnFI>; Portal Livros Abertos da USP: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/700>. Também é possível conferir os depoimentos na série radiofônica *Vozes Gselistas*, veiculada no programa *Universidade 93,7* da Rádio USP FM entre 1º de novembro de 2020 e 17 de janeiro de 2021. A série teve 12 episódios, cada um com 30 minutos, que podem ser acessados em: <http://www.usp.br/radiojornalismo/index.php/category/colunas/coluna-modelo-gselista-de-radiojornalismo/vozes-gselistas/>.

contato com outra ciência, a Comunicação, arrebatou a estudante a cursar, de maneira concomitante, a faculdade de Jornalismo na ECA/USP, que naquele momento formava profissionais que enfrentariam a repressão e a censura imposta pelo governo vigente.

Rodolfo Wolfgang Ortriwano, irmão caçula da profa. Gisela, acompanhou esse período e recorda que, um ano depois de se formar em jornalismo, em 1973, ela assumiu a função de auxiliar de ensino voluntária no Departamento de Jornalismo e Editoração, registro histórico também referendado no memorial da docente ecana (ORTRIWANO, 1988). A efetivação pela USP ocorreu após um ano, oficializando o início a uma trajetória irreparável na docência que perdurou por três décadas.

Rodolfo Wolfgang Ortriwano, jornalista graduado pela Cásper Líbero na década de 1970, com atuações profissionais na TV Globo e rádios Excelsior, Eldorado e Jovem Pan, onde editou o *Jornal da Manhã* até se aposentar em 2007, não sabe, com precisão, os motivos que levaram a irmã a ingressar no jornalismo. “Ela nunca foi de [se] abrir. Nunca, nunca. Depois, sim. Depois ela falou: vou para a TV Globo”, declarou Rodolfo, que conseguiu o primeiro trabalho no jornalismo por causa da irmã, que o levou para o Departamento de Documentação que ela criou naquela emissora. Porém, de acordo com Rodolfo, foi a atuação de Gisela na USP que a levou a conquistar aquele espaço no mercado de trabalho:

[Gisela] tinha terminado a faculdade [de jornalismo]. Acho que foi [por causa de] um dos projetos que ela apresentou. Se não me engano ela apresentou esse projeto para esse diretor [da TV Globo, que] chama Paulo Mário Carneiro da Cunha Mansur. Eu lembro bem porque o nome era cumprido; ele era de Santos. Ela foi chamada lá como experiência dessa criação [da faculdade]³⁵.

Rodolfo e Gisela trabalharam juntos na TV Globo até 1975, ano em que a docente ecana - que simultaneamente integrava os quadros do CJE - protagonizou um episódio marcante à história da Escola de Comunicações e Artes: a indicação de Wladimir Herzog à docência na USP. O fato ocorreu meses antes dele ser preso e assassinado em São Paulo por agentes da ditadura nas dependências do DOI/CODI (Destacamento de Operações de Informações e Centro de Operações de Defesa Interna do Exército). Segundo José Coelho Sobrinho e Dulcília Helena Schroeder Buitoni, ambos professores que trabalharam com a profa. Gisela, Wlado, como era conhecido, lecionou por alguns dias na ECA, sendo a docente ecana uma das principais articuladoras da vinda do jornalista. Sobrinho e Buitoni indicam que a profa. Gisela revelava preocupação com os rumos do ensino à época e imaginava o quanto a

³⁵ Depoimento de Rodolfo Wolfgang Ortriwano (GALVÃO JUNIOR; MALULY, 2021). A íntegra da entrevista do irmão da profa. Gisela também pode ser apreciada no seguinte endereço eletrônico: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/171175>.

USP poderia ganhar com o ingresso de profissionais do mercado na docência. Segundo os docentes, o fato de ter trabalhado nas emissoras de televisão Globo e Cultura na década de 1970 permitiu à profa. Gisela aproximar-se de personalidades do mundo profissional, como Wladimir Herzog (GALVÃO JÚNIOR; MALULY, 2021).

Outra contribuição da profa. Gisela aos estudos em Radiojornalismo foi o fomento à pesquisa e à internacionalização do rádio, conforme aponta Dulcília Buitoni Helena Schroeder Buitoni, que além de amiga e parceira em pesquisas no CJE-ECA/USP foi professora de Gisela na graduação nos anos 1970. De acordo com Dulcília, Gisela Swetlana Ortriwano manteve, durante viagens que fez pelo mundo, contatos acadêmicos com pesquisadores de renome no segmento da radiodifusão, como Emílio Prado, professor da Universidade Autônoma de Barcelona, na Espanha:

[Gisela] também teve, isso nos anos [19]90, uma ligação muito grande com a internacionalização do rádio; de ouvir rádios estrangeiras. (...) Sempre que eu entrava na sala dela, ela estava trabalhando no computador e ouvindo o rádio ao mesmo tempo; alguma rádio internacional ou nacional. Ela foi uma pioneira, com certeza, com essa abertura [tecnológica do rádio]. [Gisela] tinha relação com o pessoal de Barcelona; com Emílio Prado. Ela tinha esse lado da internacionalização, mas não como (...) hoje é feita. (...) Era uma relação teórica; (...) de trabalhar com pessoas que pensavam o rádio³⁶.

Gisela atuou com proeminência no campo da pesquisa em Radiojornalismo também no Brasil, como comprovaram os encontros da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Intercom, dos quais fez parte. Segundo Luiz Fernando Santoro, que lecionou com Gisela no curso de Jornalismo do CJE e participou nos anos 1980 e 1990 de uma série de atividades na ECA/USP com a docente e cana, ocorriam nesses espaços debates sobre o ensino e a prática do jornalismo no rádio. Os estudos de Gisela sobressaíam e essa repercussão, de acordo com Santoro, marcou uma época nos estudos em Radiojornalismo:

Nós dávamos aula manhã e noite. Então nossa convivência espacial e temporal era muito grande. A gente se via muito, se encontrava muito e conversava. Como a gente tinha uma boa relação pessoal na época, a gente tomava café, conversava, trocava ideias. [A discussão sobre] essa questão metodológica foi uma coisa mais ou menos natural. Pelo que eu percebi na Intercom - e eu militei na Intercom de [19]80 a 90 intensamente; eu fui da diretoria da Intercom nesses anos todos; eu não enxerguei fora o trabalho da Gisela alguma coisa tão significativa³⁷.

³⁶ Depoimento de Dulcília Buitoni (GALVÃO JUNIOR; MALULY, 2021).

³⁷ Depoimento de Luiz Fernando Santoro (GALVÃO JUNIOR; MALULY, 2021).

A produção de pesquisas em Radiojornalismo de Gisela Swetlana Ortriwano encontrava, no CJE-ECA/USP, um campo fecundo. Santoro relata que essa condição foi estimulada, de forma especial, durante a gestão do professor José Marques de Mello³⁸ à frente da direção da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, que viveu entre 1980 e 1990 um período de mudanças e incentivo significativos à investigação científica. Neste contexto, Marques de Mello é apontado por Santoro como um dos responsáveis pelo estímulo à produção intelectual e científica de docentes e discentes. Exemplo disso é a ocorrência, em 1986, do 2º *Curso de Aperfeiçoamento para Professores de Jornalismo*, sob coordenação da profa. Gisela e dos professores Santoro e Marques de Mello. No mesmo ano, organizado pela docente e cana, o livro *Radiojornalismo no Brasil - dez estudos regionais* é lançado a partir dos trabalhos monográficos que os participantes fizeram depois do curso. A obra apresenta, ainda, a marca do pioneirismo da profa. Gisela ao abordar uma temática que carece de ampliação quanto ao campo da pesquisa: o caráter regional do rádio e do Radiojornalismo.

Profa. Gisela e a consolidação dos estudos em Radiojornalismo

Um dos legados mais significativos de Gisela Swetlana Ortriwano à docência e à formação acadêmica decorre da construção de um marco teórico sobre o Radiojornalismo que, antes dos anos 1980, carecia de direcionamento e de consolidação. Pessoas próximas à docente e cana corroboram essa afirmação, como Luiz Fernando Santoro, que indica a mudança curricular no curso de jornalismo do CJE- ECA/USP como parte deste processo. Segundo o professor, o estabelecimento da disciplina *Jornalismo no Rádio e na TV*³⁹, que introduz no campo teórico os fundamentos do rádio e da televisão, permitiu estimular nos alunos o interesse pelo acompanhamento da produção e dos conteúdos radiojornalísticos das principais emissoras do país. Cabia a amiga, todavia, o viés mais prático. “Gisela dava uma disciplina mais de realização, de Radiojornalismo, de projetos em rádio, em que ela praticamente dirigia a gravação dos alunos”, explica Santoro, que ainda atribui a Gisela o mérito da sistematização teórica dos fundamentos do Radiojornalismo no Brasil:

Até então a gente tinha uma série de livros de dicas; de como redigir para rádio. E a Gisela teve a capacidade de pegar essa prática jornalística articulada com

³⁸ Foi diretor da ECA de 1989 a 1992 e faleceu aos 75 anos em 20 de junho de 2018. É considerado como um dos mais expressivos e conhecidos nomes na área da pesquisa em Comunicação no Brasil e na América Latina, sendo um dos fundadores do CJE-ECA/USP, em 1967.

³⁹ O professor Santoro responde pela disciplina no CJE-ECA/USP, que tem plano de ensino disponível em: <https://uspdigital.usp.br/jupiterweb/obterDisciplina?sldis=CJE0600&print=true>.

a compreensão do funcionamento do rádio, da indústria cultural, enfim, da economia que girava em torno da profissão jornalística no rádio. O mérito de Gisela foi o pioneirismo. Não conheço nenhum trabalho sobre rádio que não cite, na bibliografia, um ou dois dos principais livros da Gisela⁴⁰.

José Coelho Sobrinho, que também compartilhou da vida acadêmica e da amizade com a docente e cana, destaca a influência dos professores André Casquel Madrid e Walter Sampaio na carreira de Gisela Swetlana Ortriwano. Madrid, por exemplo, foi o orientador da pesquisadora durante a elaboração da dissertação de mestrado defendida em 1982 por Gisela na ECA/USP, com o título *A informação no rádio: critérios de seleção de notícias*, que serviu de molde três anos depois ao livro *A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*. Walter Sampaio, por sua vez, atuou como professor de Gisela nos anos 1960 e 1970, sendo aclamado pelos estudantes por ser amável e rigoroso, ao mesmo tempo, com o funcionamento do Departamento de Jornalismo. Coelho avalia que a profa. Gisela somava aos conhecimentos produzidos na academia às experiências profissionais que teve quando atuou nas emissoras de televisão Globo e Cultura:

A Gisela conseguiu reunir tudo (...) numa pessoa única: o conhecimento do Madrid; a tenacidade do Walter Sampaio. Ela conseguiu fazer uma amálgama para fazer o trabalho dela como professora. (...) Gisela não era só professora. Era uma pessoa integral. Ela fazia tudo de forma a trazer não só a vida, [mas] a experiência profissional dela (...) para os alunos. Era uma pessoa extremamente, amável, afável e, no momento de ensinar, ela unia tudo para fazer com que os alunos ficassem o tempo todo ligados àquilo que estava transmitindo para eles⁴¹.

O entendimento de que a profa. Gisela buscava aliar a teoria à prática no ensino do Radiojornalismo também é compartilhado por Dulcília Helena Schroeder Buitoni, que destaca a postura diferenciada da amiga em sala de aula desde a época em que era aluna na graduação. Esse comprometimento perdurou, conforme Dulcília, durante toda a carreira de Gisela, que motivava os alunos a enveredarem na pesquisa. Evidência disso é o projeto *Rádio: Mediação de Informações para a Mulher*, que envolveu a Rádio USP e o NEMGE – Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero a fim de propor a adequação do meio radiofônico às necessidades de divulgação de informações sobre as questões que encontram pouco espaço para discussão (ORTRIWANO, 2000). Dessa ação surgiu o “Clipe Mulher”, programa com até três minutos de duração divulgado duas vezes ao dia pela Rádio USP a partir de 21 de fevereiro de 2000 que contava com a participação de estudantes de jornalismo. O ineditismo

⁴⁰ Depoimento de Luiz Fernando Santoro (GALVÃO JUNIOR; MALULY, 2021).

⁴¹ Depoimento de José Coelho Sobrinho (GALVÃO JUNIOR; MALULY, 2021).

da empreitada desenvolvida a partir da parceria acadêmica com a profa. Gisela resultou num programa que divulgava informações disponíveis na imprensa e na academia sobre o universo feminino. “Era um programa para ser veiculado em horários intermediários. Foi um modelo inovador para a época”, destacou Dulcília, que participou da empreitada junto com a ex-aluna e amiga.

Porém, dentre todas as iniciativas oriundas do trabalho da profa. Gisela e que ganharam destaque na Rádio USP, sobressai a série *Cantores Bons de Bico*, transmitida semanalmente pela Rádio USP durante 14 meses, três vezes ao dia (às 10h, às 16h e às 2h), com dois minutos e quarenta e cinco segundos de duração, entre os anos de 2002 e 2003. O programa, que usava o rádio como disseminador de conhecimentos sobre as aves brasileiras, tinha nítido viés extensionista, apesar de aplicar considerável bagagem teórica-jornalística fundamentada por Gisela Swetlana Ortriwano (GALVÃO JÚNIOR, 2021).

Trabalho final da disciplina de rádio ministrada em 2002 pela profa. Gisela aos alunos do Curso de Especialização em Divulgação Científica do Núcleo José Reis (NJR), *Cantores Bons de Bico* apresentava, em cada episódio, músicas do cancionário popular entremeadas à narração de um texto que descrevia os hábitos e peculiaridades das aves brasileiras, com o acréscimo dos áudios dos cantos das aves, muitos deles gravados em parques ou em áreas verdes que lhes serviam de *habitat*. Ricardo Gandara Crede foi um dos alunos do curso de especialização que prosseguiu com a produção de *Cantores Bons de Bico* após o falecimento da docente, em 19 de outubro de 2003. Para ele, o aprendizado adquirido foi enriquecedor, “surpreendentemente divertido” e prazeroso, sendo que tal experiência foi marcada pelo olhar clínico da profa. Gisela, que ajudou os alunos a identificarem o que valia ou não a pena ser veiculado no rádio⁴².

A integração estimulada pela docente ecana entre teoria e prática nas atividades de extensão e de graduação era evidente na pós-graduação, principalmente durante as orientações de Mestrado e de Doutorado na ECA/USP, como aponta Daniela Cristiane Ota, que teve a profa. Gisela como orientadora no início do doutoramento. Apesar de ter sido por um período curto, interrompido por causa das condições de saúde da docente ecana, a orientação oferecida a Daniela foi considerada como profícua, principalmente pela troca de experiências entre professora e aluna na área de rádio. “A Gisela tem um estudo direcionado à regionalidade. Esse foi um dos motivos [para] procurá-la como possível orientadora no doutorado. Ela sempre me estimulou muito”, disse Daniela Ota.

⁴² Trecho baseado em depoimento de Ricardo Gandara Crede (GALVÃO JUNIOR; MALULY, 2021).

A versatilidade de Gisela Swetlana Ortriwano em orientar pesquisas em áreas distintas do rádio é constatada de forma similar no mestrado de Luciane Ribeiro do Valle, que apresentou a dissertação *Que saudade de você - a construção de uma dramaturgia radiofônica*, baseada no estudo do quadro radiofônico de mesmo nome apresentado pelo radialista Eli Correa desde os anos 1970. Para Luciane do Valle, a escolha feita pela profa. Gisela dos integrantes da banca de qualificação e de apresentação da dissertação foi decisiva ao encaminhamento de seu estudo. Porém, Luciane conta que a contribuição definitiva veio após a aprovação da dissertação: a indicação feita pela orientadora a uma vaga como docente de rádio em uma Instituição de Ensino Superior de São Paulo:

Imagina: eu nunca tinha feito nada parecido na vida relacionado à docência, além daquelas disciplinas que a gente faz no mestrado. (...) Ela é a culpada, digamos assim, por eu ser até hoje professora universitária. Então, de certa forma eu posso dizer, sem medo de errar, que ela me deu a primeira chance. (...) Eu não estava procurando emprego (...). Eu nunca mais parei de ser professora universitária. Imagina quantos alunos ela teve, quantos profissionais ela podia ter indicado. Ela me indicou. Não posso negar isso a ela jamais⁴³.

Entre os estudantes da ECA/USP, poucos tiveram a chance de conviver com a profa. Gisela na graduação e na pós-graduação. Esse é o caso de Lígia Maria Trigo-de-Souza, que foi aluna no curso de Jornalismo e orientanda de mestrado da docente ecana. Dessa longa relação acadêmica nasceu uma forte amizade que culminou em diversas empreitadas radiofônicas iniciadas em 1980, quando Lígia iniciou os contatos com Gisela na faculdade de jornalismo da USP. Já no mestrado, professora e aluna se reuniram em um campo da pesquisa que começava a atrair a atenção no final do século 20, fato que deu origem à dissertação *Rádios@internet - o desafio do áudio na rede*. O estudo buscou, sob orientação da profa. Gisela, elaborar uma conceituação e classificação do rádio na internet usando a análise comparativa da teoria dos dois meios de comunicação para identificar possíveis alterações e incorporações de características entre ambos. Lígia Maria Trigo-de-Souza considera a docente ecana a precursora fundamental dos estudos relacionados ao rádio no Brasil que tinham, como diferenciais, o temperamento peculiar de Gisela nas orientações acadêmicas:

A gente pensa numa orientação mais em nível de pós-graduação, mas mesmo na graduação ela tinha essa postura de acompanhar muito os alunos nos trabalhos que eles estavam desenvolvendo. Como ela vinha de uma atuação profissional – a Gisela não fez só carreira teórica; ela vem de um histórico de atuação profissional – tinha um rigor técnico muito forte. Era bem o tipo de professor de acompanhar em

⁴³ Depoimento de Luciane Ribeiro do Valle (GALVÃO JUNIOR; MALULY, 2021).

estúdio, de revisar roteiros, de sugerir alterações, apresentar ideias (...) e outras possibilidades para a solução da questão técnica, (...) de linguagem jornalística e de linguagem de rádio⁴⁴.

Vale ressaltar que o apego de Gisela Swetlana Ortriwano aos estudos sobre a área para qual dedicou a vida acadêmica teve ápice na tese de doutorado *Os (des)caminhos do Radiojornalismo*, defendida em 9 de junho de 1990 na ECA/USP, sob orientação de Ciro Juvenal Rodrigues Marcondes Filho, de quem foi colega na graduação e na docência. O ineditismo da temática, suficiente para distinguir a obra no meio acadêmico brasileiro, revelou também a urgência na discussão do tema, que até então não havia sido explorado e que se mantém atual.

Em sua primeira parte, *Os (des)caminhos* baseia-se em pesquisa bibliográfica e documental para tratar do rádio como meio jornalístico, revelando, em seguida, suas vantagens como instrumento de informação. Na segunda parte da tese, elaborada a partir de entrevistas com profissionais da área, analisam-se quais as barreiras que geram o não aproveitamento das potencialidades jornalísticas. Em seguida discute-se o ensino a partir de depoimentos de docentes de Radiojornalismo de faculdades da Grande São Paulo para, no final, indicar pontos de estrangulamento que impedem o uso do rádio como meio jornalístico (ORTRIWANO, 1990).

Os apontamentos feitos em *os (des)caminhos do Radiojornalismo*, 30 anos após a defesa feita por Gisela Swetlana Ortriwano na ECA/USP, revela proximidade com o contexto atual do rádio, que se depara com o avanço da tecnologia e com o surgimento de novos formatos digitais, como o podcast, bem como o fenômeno da convergência das mídias no ambiente virtual. A importância dessa obra é, na avaliação de seu orientador, Ciro Marcondes Filho, fruto do perfil da profa. Gisela, que era determinada em fazer o que ela gostava:

Eu sou um orientador que tem o hábito de não interferir e alterar a proposta dos meus orientandos. Ela, no caso, combinava muito bem com isso, já que tinha autonomia suficiente para conduzir os trabalhos. Então esses dois trabalhos [dissertação de mestrado e tese de doutorado] foram quase que exclusivamente conduzidos por ela. Eu vivi mais numa situação de interlocutor do que de alguém que determinava os rumos que ela deveria seguir. Eu acho que isso foi muito bom, porque fez com que ela produzisse um trabalho por parte dela mesmo. Isso foi um dos motivos pelos quais essas obras fizeram muito sucesso na área acadêmica e foram pioneiras em relação ao rádio e ao Radiojornalismo⁴⁵.

⁴⁴ Depoimento de Lígia Maria Trigo-de-Souza (GALVÃO JUNIOR; MALULY, 2021).

⁴⁵ Depoimento de Ciro Marcondes Filho (GALVÃO JUNIOR; MALULY, 2021).

A amizade entre Gisela Swetlana Ortriwano e Ciro Marcondes Filho foi além das pesquisas sobre o rádio, e culminou na proposta de criação de uma editora onde ambos poderiam produzir seus livros, chegando à defesa mútua de interesses acadêmicos na ECA/USP. Relevante, porém, é observar que os dois professores e pesquisadores se tornaram referência nas áreas em que atuaram, feito compartilhado na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Considerações finais

Em vida, Gisela Swetlana Ortriwano revelou comprometimento com um processo de formação baseado na junção da teoria das salas de aula às práticas laboratoriais. Esse engajamento exposto nos depoimentos de pessoas que conviveram com a docente e canga ganha maior sustentação quando os procedimentos e os métodos pedagógicos para a formação em Radiojornalismo são, na contemporaneidade, reavaliados. Contribuições já citadas aos estudos desse campo somam-se a outras relevantes ainda não catalogadas, como o projeto *A história vivida*, que contou a evolução do rádio paulista mediante documentos e depoimentos de profissionais que participaram da história do veículo; e as pesquisas *Do locutor ao âncora: a evolução da apresentação no rádio*, *Radiojornalismo brasileiro: do pós-guerra aos anos 90*, *Jornalismo eletrônico e abertura política*, *Radiojornalismo: tecnologia e novos rumos* e *A interatividade radiofônica reinterpretada*, entre outras desenvolvidas e coordenadas pela profa. Gisela no fim do século passado e no início deste século (JAYO, 2003). Entre os estudos inacabados da docente e canga, e que permanecem à espera de desenvolvimento, destaca-se o resgate da contribuição de Walter Sampaio aos estudos da Comunicação. Outros temas que a profa. Gisela iniciava estudos, antes de seu passamento, encontram melhor sorte no âmbito da pesquisa atual, como a análise do futuro do rádio face às novas tecnologias e os impactos do cenário digital na produção e na recepção do Radiojornalismo.

Os depoimentos apresentados neste capítulo permitem compreender que a relação entre Gisela Swetlana Ortriwano e os estudos em Radiojornalismo gerou, como frutos, os alicerces sobre os quais se consolidaram novas searas no campo do ensino e da pesquisa, fato que permite reavaliar e reformular procedimentos e métodos mediante a interseção entre novos conceitos teóricos e a prática profissional, levando-se em conta a aderência de ambos à realidade. Os ensinamentos da obra da profa. Gisela apontam ainda para a contextualização e a atualização de conceitos teóricos atrelados ao efetivo exercício do Radiojornalismo, que em tempos de internet, redes sociais e convergência midiática exige novas (re)configurações.

A experiência profissional é, neste sentido, elemento indispensável à academia, mas seu aproveitamento somente ocorrerá se houver, como fez a profa. Gisela, interligação com a reflexão teórica. A abordagem jornalística de temas atuais e urgentes no rádio ou em novos formatos sonoros digitais é estratégia a ser considerada neste contexto, uma vez que promove questionamentos adensados que estimulam a reflexão aprofundada de temas sociais, indo além da pauta óbvia. Compreende-se, assim, esse envolvimento como real oportunidade a ser explorada no processo de formação dos alunos de Radiojornalismo, a fim de estimular a autonomia, a seriedade e o comprometimento nos estudos teóricos e na prática das redações, sejam elas quais forem.

Ao acessar os textos elaborados por Gisela Swetlana Ortriwano, bem como ao ouvir as pessoas que compartilharam de sua companhia na academia, é possível constatar a pavimentação de um caminho rico e que merece ser preservado e ampliado. Vale como aprendizado a objetividade, a densidade e a atenção ao rigor metodológico desprendido pela docente e cana em seus escritos, que revelam um afeto profundo à USP e ao rádio.

Este capítulo, assim como todos os demais textos produzidos durante os dois anos de minha pesquisa de pós-doutorado, visou mostrar que Gisela Swetlana Ortriwano e os estudos em Radiojornalismo formam uma temática que manter-se-á pujante nos meios acadêmicos, inspirando de forma contínua novos e antigos Giselistas a desbravarem estradas carentes de pavimentação. A meta é a mesma que a docente e cana perseguiu em sua carreira: encontrar respostas para questões cada vez mais prementes e que versam sobre os desígnios de uma mídia que conquistou a credibilidade das audiências no passado e que busca, para o futuro, a consolidação de novos espaços.

Referências

GALVÃO JÚNIOR, L. C. O viés extensionista na pesquisa de pós-doutorado: descrevendo a produção e difusão da série radiofônica Vozes Giselistas. 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2021, Recife/PE. v. 1. p. 1-15. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt4-rm/lourival-da-cruz-galvao-junior.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2022.

_____. Procedimentos e métodos para o ensino do radiojornalismo: contribuições de Gisela Swetlana Ortriwano à formação acadêmica. Itaquaquecetuba: Fatec. **Regit - Revista de Estudos de Gestão, Informação e Tecnologia**, v. 15, p. 128-141, 2021.

Disponível em: <http://www.revista.fatecitaqua.edu.br/index.php/regit/article/view/REGIT15-A10/0>. Acesso em: 20 jan. 2022.

_____ ; MALULY, L. V. B. **O Rádio de Gisela**. 1. ed. São Paulo/SP: Editora ECA/USP, 2021. v. 1.

_____. Rodolfo Wolfgang Ortriwano relato sobre a irmã Gisela Swetlana, referência nos estudos de rádio no Brasil. **Revista Alterjor**, v. 22, p. 25-42, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/171175>. Acesso em: 20 jan. 2022.

GOUVEIA, L. R. S. **Gisela Swetlana Ortriwano e o Radiojornalismo – uma trajetória de ensino**. Iniciação Científica / Programa Ensinar com Pesquisa. São Paulo: ECA/USP, 2010-2011. Disponível em:

http://www.jornall.com.br/radiojornalismo/textos/Gisela_Swetlana_%20Ortriwano_e_o_Radiojornalismo.pdf. Acesso em: 10 out. 2018.

JAYO, M. USP perde pensadora do radiojornalismo. **Jornal da USP**. 3 a 9 de nov. 2003. Disponível em: <http://www.usp.br/jorusp/arquivo/2003/jusp664/pag05b.htm>. Acesso em: 10 jan. 2020.

LOPEZ, D. C. L.; MUSTAFÁ, I. P. Pesquisa em rádio no Brasil: um mapeamento preliminar das teses doutorais sobre mídia sonora. São Paulo: **Revista Matrizes**. 2012.

ORTRIWANO, G. S. Radiojornalismo no Brasil: fragmentos de história. São Paulo: **Revista USP**, n. 56, Dez/Fev. 2002-2003. p. 66-85. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/56/10-gisela.pdf>. Acesso em: 10 out. 2020.

_____. **Rádio: mediação de informações para a mulher**. Anais do 23º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom, Manaus, Amazonas, 2000. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/88d058c96d3bc1f5a3d97a406be06975.pdf>. Acesso em: 20. jan. 2020.

_____. **Memorial**. Requisito para o concurso de ingresso à carreira docente. São Paulo: ECA/USP. 1988.

_____. **Radiojornalismo no Brasil: dez estudos regionais**. São Paulo: Com-Arte, 1987.

_____. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. São Paulo: Summus, 1985.

PERUCHI, R.; TRIGO-DE-SOUZA, L. M. Gisela Ortriwano e o estudo de rádio no Brasil.
In: MEDITSCH, Eduardo; ZUCULOTO, Valci (org). **Teorias do Rádio** – textos e contextos.
Volume II. Florianópolis: Insular, 2008.

**Referências pessoais e profissionais de Edgard Roquette-Pinto:
O pioneiro da educação a distância no Brasil pelo rádio e cinema educativo**

*Pedro Serico Vaz Filho*⁴⁶

Introdução

Edgard Roquette-Pinto tornou-se uma personalidade brasileira que merece ter a história resgatada e apresentada às novas gerações de estudantes e pesquisadores. Aliás, ao público em geral. Nascido no Rio de Janeiro em 25 de setembro de 1884, viveu 70 anos. Faleceu em 18 de outubro de 1954, acumulou competências e profissões como antropólogo, ensaísta, escritor, etnólogo, médico-legista e professor. Tais informações não indicam novidades para quem estudou, leu, escreveu ou mergulhou com mais profundidade na trajetória dele, que mesmo com tantos títulos, primava pela simplicidade. No entanto, a cada consulta sobre Roquette-Pinto nos são oferecidas referências distintas, com indicativos inéditos e muitas curiosidades desse nome que gera inspirações.

Segundo o neto de Roquette-Pinto, o jornalista e escritor Claudio Bojunga Roquette, o nascimento do avô, no Rio de Janeiro, ocorreu na Rua Voluntários da Pátria. Os estudos de medicina, Roquette-Pinto realizou no Rio de Janeiro, sendo a conclusão do curso, em 1908, sobre medicina destinada aos índios da América. “Em 1915, fazia concurso para livre docente de História Natural da Faculdade de Medicina, com um trabalho sobre “*Diaponera Grandis*” = formiga amazônica” (BOJUNGA, 1971, p. 04.).

A árvore genealógica de Roquette-Pinto revela que ele teve dois irmãos: José Roquette-Pinto e Mauro Roquette-Pinto (destes não localizamos as datas de nascimento e falecimento). O sobrenome “Roquette”, vem da mãe, Josefina Roquette Carneiro de Mendonça (1865-1936), que tinha o apelido de “Dona Roquetinha” e “Dona Quinquinha”. Do pai se atribuiu o segundo sobrenome, Manoel Menélio Pinto Vieira de Mello (1854-1911). “O nome de registro era Edgar Roquette Carneiro de Mendonça Pinto Vieira de Mello, mas o pouco contato com a família do pai o levou a alterá-lo para Edgard Roquette-Pinto, com um

⁴⁶ Pedro Serico Vaz Filho, professor nas Faculdades Metropolitanas Unidas, jornalista, pós-doutor pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, doutor pela Universidade Metodista de São Paulo, mestre e especialista em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero. E-mails: pedro.filho@fmu.br e pedrovaz@uol.com.br.

hífen, que ele fazia questão de destacar e dele não abria mão” (CARNEIRO, 2008, p 01)⁴⁷. A primeira mulher de Roquette-Pinto foi Riza Batista (1891-1967). Com ela teve os filhos Paulo Roquette-Pinto (1909-1974) e Maria Beatriz Roquette-Pinto (1911-1999). A segunda mulher foi Noêmia Alvares Salles (1895-1984). Com ela teve a filha Carmen Lúcia Salles Roquette Pinto, nascida em 1927. Atualmente com 95 anos de idade. Ela recorda que:

A primeira esposa dele, Riza Batista, foi uma mulher muito bonita da sociedade carioca e filha de um médico muito famoso no Rio de Janeiro. No entanto, se separaram e meu pai, desquitado, passou a viver com a minha mãe em 1922. Ela era professora, mas antes foi aluna dele. Era uma mulher bem avançada para a época e à frente do tempo. Viver com meu pai desquitado, no início dos anos vinte, para aquele período, não foi nada fácil para ela, que também lecionava. Nem para ele. Imaginem os enfrentamentos dela e dele? Também não foi uma relação breve. Eu só nasci em 1927. Depois eles se separaram. A partir daí ele não teve mais nenhum relacionamento oficial, mas teve muitas amigas. Era um homem muito bonito, forte que chamava a atenção (ROQUETTE-PINTO, 2002, depoimento)⁴⁸.

A filha mais nova dele, Carmen Lúcia Salles Roquette Pinto, também explica o nome do pai:

O nome Roquette-Pinto foi criado pelo meu pai. O pai dele se chamava Menélio Pinto e a mãe Josefina Carneiro de Mendonça Pinto, quando se separaram, ele foi criado pelos avós paternos. A avó se chamava Roquette, e tinha o apelido de dona Roquetinha, parece que era uma mulher de personalidade muito forte. À medida que ele ficou mais velho, escolheu usar o nome da avó e do pai. Então ficou Roquette-Pinto. Não existia essa combinação. Quem o acompanhou também com a alteração de nome foi o irmão mais novo Mauro, que era um fazendeiro muito rico, mas com a crise do café em 1929 perdeu tudo. Meu pai sempre foi um homem de muita cultura. Nunca foi pessoa só aficionada aos livros. Ele dizia que era uma pessoa que tinha grande amor à natureza, uma grande curiosidade, um grande amor ao movimento e um pouco de amor aos livros. Claro que ele tinha amor aos livros, mas além de estudar muito, também observou muito. A formação dele era de médico legista, mas sofreu um acidente com um dos dedos da mão, teve infecção, o dedo perdeu a mobilidade e ele se aborreceu muito. Como já gostava de estudar, o ser humano acabou se transformando em antropólogo. Possuía brasilidade plena. (ROQUETTE-PINTO, 2002, depoimento).

⁴⁷ CARNEIRO, Alan. ROQUETTE-PINTO *médico, antropólogo, etnólogo, ensaísta, poeta e radialista. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/ROQUETTE-PINTO.pdf>. Acesso em: 9 de maio de 2022.

⁴⁸ Depoimento concedido em 17 de julho de 2002, com exclusividade ao autor do presente artigo, por Carmen Lúcia Salles Roquette-Pinto, nascida em 17 de abril de 1927, no Rio de Janeiro. Apelido, “Dona Milú”, formada em Química. Filha do cientista Edgard Roquette-Pinto e da professora Noêmia Alvares Salles. Todos os demais depoimentos de Carmen Lúcia Salles Roquette-Pinto, citados neste artigo, foram concedidos na mesma data acima e são descritos no fim das citações da seguinte forma: (ROQUETTE-PINTO, 2002, depoimento).

A brasilidade de Roquette-Pinto está, também, bem exposta no livro “Rondônia, anthropologia – ethnographia”, de 1917⁴⁹, relançado em 2005, forte marco na carreira do homem de múltiplas qualificações. A referida obra apresenta mais de cem ilustrações da época (1912) entre “estampas” e “phonogrammas”. Além de extensa lista de vocabulários indígenas. O texto é bem descritivo, provável prenúncio de uma linguagem radiofônica:

Constroem casas grandes, com tecto diedro, cobertas de palmas, munidas de portas pequenas. Trinta, quarenta e mais pessoas dormem numa palhoça. Ao cento, um esteio alto e forte. A noite armam redes, em raio, desse esteio para os caibros lateraes; entre uma rêde e outra, pequena fogueira, cujo clarão enrubece o interior da cabana (ROQUETTE-PINTO, 1912/1995, p. 82).

Pelo trabalho como antropólogo, Roquette-Pinto recebe uma exaltação na abertura da edição mais recente da mencionada obra. O texto é assinado por Antonio Carlos de Souza Lima, professor do departamento de antropologia do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Rondônia, de Edgard Roquette-Pinto, publicado pela primeira vez em 1917, é fruto da expedição de 1912 do autor à Serra do Norte, região hoje compreendida entre os estados de Mato Grosso e Rondônia, a convite de Cândido Mariano da Silva Rondon (1865-1958), integrando a Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas do Mato Grosso ao Amazonas. (...) Texto portador de múltiplos registros, afinado com o que de mais moderno existia nas incipientes ciências antropológicas do final do século XIX e início do século XX, era em si uma prova ao público erudito internacional de que, nos moldes da época, tivessem os cientistas brasileiros condições que permitissem viagens para a observação direta da vida dos primitivos, então poderiam ultrapassar o ensaísmo bacharelista que deixava marcas tão profundas na vida intelectual brasileira (LIMA; ROQUETTE-PINTO, 2005, p. 07).

Roquette-Pinto tinha 28 anos, em 1912, quando seguiu na expedição com o marechal Cândido Mariano da Silva Rondon para o Centro-Oeste do Brasil. O sertanista, na ocasião, estava com 47 anos de idade. Desde a juventude Roquette-Pinto conquistou o respeito e admiração da sociedade, de intelectuais e políticos, em ambientes nacionais e internacionais. Já era no passado, e é no presente, nome sugestivo para documentaristas, roteiristas e outras produções que possam ser levadas ao maior número de pessoas. Teve importante atuação na produção e na defesa do rádio e do cinema educativo. “Ele foi um homem de prestígio e não tinha a preocupação de fazer propaganda de si próprio. Era modesto. Não se achava um suprasumo. De todos os ofícios que exerceu, lecionar era a atividade que Roquette-Pinto

⁴⁹ A primeira edição do livro “Rondonia Anthropologia - Ethnographia” foi publicada pela Imprensa Nacional em 1917, seguindo-se uma reimpressão, também pela Imprensa Nacional, em 1919 (VENÂNCIO FILHO; ROQUETTE-PINTO, 2005, p. 09).

mais se orgulhava”, informa a filha, Carmen Lúcia Salles Roquette Pinto. “Pelos aulas e palestras, transmitia com paixão e simplicidade todos os conteúdos das demais qualificações que possuía”, completa.

No início da vida já era positivista. Depois de ir para a expedição à Rondônia, passou a ter uma visão mais ampla sobre o homem e a natureza. Nas condições precárias da época, ele se dispôs com Rondon a entrar no mato, para realizar um estudo sobretudo o que via. Sobre as plantas, os animais, os índios. Dali recolheu muito material, inclusive músicas que foram orquestradas por Villa Lobos, de quem era grande amigo. Ele e Rondon passaram a ter o seguinte lema: “morrer sempre, matar nunca”. Frase que adotaram pelo contato com os índios.

“Na verdade, meu pai era um grande humanista”, revela a filha Carmen Lúcia Salles Roquette Pinto:

Ele estava entre os precursores ecológicos da época dele. Era muito ligado à escola humanista alemã, antes de Adolf Hitler. Até porque ele sempre foi um grande democrata. Jamais apoiaria o nazismo. Era muito ligado à Alemanha. Minha bicicleta era alemã, meus patins era alemães, minhas roupas eram alemãs. Todos os anos ele ia umas três a quatro vezes para a Alemanha realizando palestras e ministrando aulas. Na verdade, poderia ser chamado de naturalista. Ele se aprofundou no estudo do ser humano e das suas interações com a natureza. (ROQUETTE-PINTO, 2002, depoimento).

Das referências inicialmente aqui descritas, é impossível em poucas linhas referenciar este homem. Porém, podemos realizar a apresentação de indicativos ou amostras, que nos abrem o caminho para melhor conhecê-lo, pela simplicidade como se apresentava: “Não era um homem de gabinete. Tinha uma vida modestíssima, simplíssima, era pobre. Só tinha o estritamente necessário para viver decentemente. Foi uma pessoa extremamente generosa e não ligava para dinheiro”, revela a filha. As demais referências sobre Roquette-Pinto se assemelham às descritas por ela.

Edgard Roquette-Pinto: médico, sonhador, antropólogo, educador, radialista, escritor, cineasta bissexto, brasileiro. Num homem só, dos trópicos tórridos, único de sua época, raro em qualquer tempo. Criador do rádio educativo no Brasil. Grande impulsionador do cinema educativo. Médico e indigenista. Buscou mostrar o Brasil profundo para os de seu tempo (BUSS, ROQUETTE-PINTO, 2005, p. contracapa).⁵⁰

Um perfil de Edgard Roquette-Pinto, com características pessoais dele, foi descrito pelo jornalista e escritor João Condé (1917-1971) na coluna “Arquivos Implacáveis”, na

⁵⁰ Texto extraído da contracapa do livro “Rondonia, anthropologia – ethnographia”, edição de 2005, assinado por Paulo Marchiori Buss, então presidente da Fundação Oswaldo Cruz.

sessão “Flash” da revista “O Cruzeiro” na edição de 17 de julho de 1954, na página 25, conforme reprodução na íntegra abaixo, com grafia da época. A publicação revela aspectos pessoais e profissionais de Roquette-Pinto, quatro meses antes da sua morte, em 18 de outubro de 1954. Na sequência, se apresenta a reprodução da fotografia de Roquette-Pinto, que ilustra a citada coluna, com dedicatória e assinatura dele para o colunista João Condé.

Nome: Roquete Pinto – Nasceu em 1884, no Distrito Federal. – Altura, 1,78. – Peso, 75 quilos. – Sapato 41. - Colarinho no. 40 – Usa óculos só para ler: para o resto prefere “pince-nez” agarrado numa fita muito longa, modelo antigo. – Fuma cigarro, charuto e cachimbo (gosta mais de cachimbo, mas como não sabe fumar, fica mesmo com os cigarros). Frutas de sua predileção: as bonitas e as frescas; de sua antipatia: caqui (tomate metido a sebo), - Adora música, principalmente o canto. – Compositores de sua predileção: Bach, Beethoven, Mendelssohn, Saint Saens, Debussy e Chopin. Foi um excelente católico, depois ficou um insuficiente positivista. Em geral dorme as 24 horas, acordando às 4 da madrugada. – Tocava piano e ocarina. – Romancistas estrangeiros de sua predileção: Anatole France, Fielding. – Romancistas brasileiros de sua predileção: José de Alencar, que encantou a sua mocidade, e Machado de Assis, que o ajuda a carregar a velhice, José Lins do Rêgo e Jorge Amado. – Não vai ao cinema porque gosta muito de cinema. – Há muita ordem na desordem do seu apartamento: (no escuro está apto a achar o livro ou objeto que deseja. Na sua casa há um lugar para cada coisa e cada coisa é posta em seu lugar). – Não prefere nenhum dos seus livros publicados, acha que os livros são como filhos – Poeta brasileiro de sua predileção: Vicente de Carvalho. – Não tem medo de viajar de avião. – É capaz de entender fazer-se entendido em português, tupi, francês, italiano, espanhol, inglês, alemão e um pouco de latim e uma relembração de grego. – É fatalista. – Suas grandes admirações literárias: Goethe, Shakespeare, Racine, Dante e Carducci. – Santos de sua admiração: todas as nossas Senhoras e São Paulo. – Atualmente é um péssimo correspondente, porque escreve com muita dificuldade (mas sempre considerou a pontualidade em tudo e até nas cartas como um dever. Ser educado é ser pontual). – O primeiro livro que leu: Atala. De Chateaubriand (tinha 9 anos). – Remou quando moço, no clube de regatas Botafogo. – Acredita positivamente em assombrações apesar de nunca ter visto nada, crê que muita gente haja visto. – Foi o pai do rádio no Brasil. – Sua vida tem sido estudar, ensinar e difundir. – Não tem medo de morrer. – Gosta muito de licor forte, mas não pode beber. – Pintores de sua predileção: Rembrandt (se for preciso uma vida humana para salvar a “Ronda Noturna”, mande-me buscar). – Entre os antigos brasileiros, admira Pedro Américo, e entre os modernos, Portinari (1ª. Fase). – A gravura sempre foi uma paixão de sua vida. – Escreveu Rondonia, em 1912. – Gosta muito de gíria e tem horror à gramática: “se escreve certo é sempre por acaso”. – Gosta muito de pimenta e considera-se um bom cozinheiro. – Nunca

fracassou em suas iniciativas. – Sempre sentiu dentro de si o germe de um general, mas nunca lhe ofereceram senão postos de Tenente. – Pensa ter realizado o mais possível o seu sonho de mocidade. – Considera Villa-Lobos o maior compositor que as Américas têm dado. – Foi Major-médico da reserva da 1ª. Linha da 2ª. Classe, hoje reformado. – Considera encerrada sua carreira científica, desde que não pode continuar os seus trabalhos de pesquisa. – Espera morrer há muitos anos, a qualquer hora. “Acredito piamente que vou reviver em algumas violetas que estão plantadas no túmulo de minha mãe em Petrópolis, para onde irei” (CONDÉ, 1954, p. 25).



Reprodução da fotografia de Edgard Roquette-Pinto (do ano de 1948), que ilustra a coluna “Arquivos Implacáveis”, na sessão “Flash”, da revista “O Cruzeiro”, edição de 17 de julho de 1954, página 25, com dedicatória e assinatura para o colunista João Condé.

A referência descrita por Condé, sobre Roquette-Pinto, pela revista “O Cruzeiro”, revela-se como documento que reconstitui uma época e nos apresenta um gênio que esteve ao lado de muitos outros do seu tempo. Entre eles está um o ilustre escritor e ensaísta Gilberto Freyre (1900-1987), homem também de muitos títulos, com trabalhos voltados para a antropologia, sociologia, história, artes e jornalismo.

O mestre Roquette-Pinto foi talvez o primeiro intelectual que soube compreender no Brasil a importância do cinema e do rádio como meios de educação e não apenas de recreação do nosso povo. Seu esforço de pioneiro nesse particular é

um dos aspectos mais simpáticos, mais sugestivos e mais sedutores de sua personalidade de sábio constantemente em homem de ação FREYRE, 1950, p 10).⁵¹

Os homens da geração de Roquette-Pinto, que se dedicavam à educação e à cultura, são destacados como além da média pelo professor doutor, pesquisador da história da comunicação e escritor Luiz Carlos Saroldi (1931-2010).⁵² Admirador e estudioso da obra do “pai do rádio” ele ressaltou a importância, empenho, dedicação e genialidade de Roquette-Pinto, pela paixão, compromisso e extrema dedicação ao trabalho que realizava pela cultura e cidadania no Brasil:

Eu tenho a impressão de que os homens daquela época do Roquette-Pinto tinham alguma coisa a mais do que os homens de hoje, pelo menos dos intelectuais e principalmente dos governantes. Porque Roquette-Pinto não era um homem de comunicação. Ele não era nem jornalista profissional, nem muito menos comunicador de algum tipo de coisa. Ele era professor, era médico, antropólogo e viajou com o Marechal Rondon, então general, entrando em contato com os indígenas brasileiros do Planalto Central e voltou carregado de gravações, fotos e até de filmes sobre os indígenas. Fez medições de crânios, estaturas etc. e trouxe até gravações em rolo das canções dos indígenas. Isso em 1912, indo para lugares distantes e selvas, onde nenhum homem branco tinha passado. O maestro Heitor Villa Lobos depois ouvindo isso adaptou uma delas. E Rondon levantando postes telegráficos, sofrendo ataques, mas jamais atacando ou reagindo. Ele preferia ser morto a matar índio. Era a filosofia dele. E Roquette admirou isso profundamente. Quanto ele volta para o Rio de Janeiro e ouve falar do rádio, dez anos depois de retornar, e sobre a existência do rádio na Europa, que já estava sendo implantado, e ainda observa a apresentação de 07 de setembro de 1922, na exposição do centenário da Independência do Brasil, ele tem uma ideia. Conclui que o rádio é o instrumento que o Brasil precisa para educar toda aquela população já considerada imensa. E resolve criar uma rádio e faz uma proposta aos amigos da Academia de Ciências, de onde ele era secretário geral e sugere a criação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, que aconteceu em 20 de abril de 1923, sete meses depois da transmissão do dia 07 de setembro. E ele propunha o slogan que o rádio fosse a escola dos que não tem escola. Era um saque genial para a época. Não precisava ter a sede para ter a escola. Podia se chegar pelo ar e debaixo de uma mangueira, de uma jaqueira ter aulas. E ele tenta fazer isso, mas sem recursos suficientes, nem sede própria, nem

⁵¹ Trecho de texto assinado pelo sociólogo Gilberto Freyre sobre o título “Um filme sobre a vida de Rui (Rui Barbosa)”, para a revista “O Cruzeiro”, edição de 04 de fevereiro de 1950 – Ano XXII, número 16, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=003581&pasta=ano%20195&pesq=Roquette-Pinto&pagfis=68626>. Acesso em: 29 de abril de 2022.

⁵² Luiz Carlos Saroldi (1931-2010) foi professor doutor na Universidade Federal do Rio de Janeiro e estudioso da história do rádio.

transmissor. E convida pessoas para das palestras sobre diversos assuntos, leituras de poemas etc., mas sempre preocupado com a qualidade.⁵³

Dos estudiosos aos contemporâneos, e recorrendo aos familiares, Roquette-Pinto é unanimidade como homem visionário e de extrema educação, vivendo com intensidade o Brasil. “Era um brasileiro que amava a sua pátria e a sua gente, lutava pela educação e cultura naquela época, num país de maioria analfabeta. Via no rádio essa possibilidade, pela linguagem destinada aos ouvidos de quem não sabia ler e nem escrever”, declara a filha Carmen Lúcia Salles Roquette Pinto.

Meu pai era uma pessoa que gostava muito da vida, muito alegre, bem-disposto, afável, amável. Principalmente gostava muito de gente, gostava muito do homem. Realmente era um socialista pela própria natureza. Estava muito adiante do seu tempo. Foi extremamente generoso e não ligava para dinheiro. Era modestíssimo, com uma vida simplíssima, pobre. Tinha só o estritamente necessário para viver decentemente. O rádio foi assim um filho dele. Ele tinha um idealismo enorme de que o rádio não foi feito para dar lucro. O rádio foi feito para o ser humano, para a população brasileira poder aprender, poder ter uma noção do mundo. E até hoje quem desvaloriza o rádio é porque é burro (ROQUETTE-PINTO, 2002, depoimento).

O título de “pai da radiodifusão no Brasil”, surge para Roquette-Pinto pela fundação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, em 20 de abril de 1923. A revista “Radiocultura”, que circulou entre as décadas de 1920 e 1930, com sede no Rio de Janeiro, destacava constantemente o nome do intelectual e da estação fundada por ele. Na página 05, de 1926 da citada publicação, o editorial (com a grafia da época) tem encerramento com o seguinte trecho:

É consolador verificar que no chaos em que se afunda o paiz, o Sonho sobrepaira a tudo, e na certeza de melhores dias, a boa semente se atira ao sólo. A Rádio Sociedade é fructo opimo que já se colhe hoje; o sementeiro feliz sonha outras colheitas ainda melhores, para amanhã. Roquette Pinto é esse sementeiro! (RADIOCULTURA, 1926, p. 05)⁵⁴

⁵³ Trecho da entrevista exclusiva concedida a este autor em 17 de julho de 2002 pelo professor, escritor, poeta, dramaturgo e radialista, Luiz Carlos Saroldi Zahar, no auditório sinfônico da rádio MEC, na cidade do Rio de Janeiro.

⁵⁴ Revista “Radiocultura”, coluna intitulada “Ecos e Commentarios”, página 05 da edição contendo os números 59 e 60, ano 03, dos meses de maio e junho de 1926. Reuniram dois números na mesma publicação, pois naquela ocasião havia carência de papel *couchê* no mercado. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=229725&pesq=&pagfis=473>. Acesso em: 31 de maio de 2022.

A criação da estação contou com a participação do engenheiro civil francês, também geógrafo e industrial Henrique Charles Morize (1860-1930)⁵⁵, então presidente da Academia Brasileira de Ciências.

Pois bem, a prática da heteroglossia em Roquette-Pinto nos conduz a perceber a experiência de construção de uma escrita e dos usos desta como práxis direcionada a diagnosticar cientificamente a questão social como fundamento para a resolução dos problemas de organização nacional. Amalgamou pensamento e ação, agindo nos interstícios dos poderes institucionais com os quais lidou, a exemplo do Museu Nacional do Rio de Janeiro, da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, do Serviço de Radiodifusão Educativa do Ministério de Educação e Saúde, da Rádio Municipal do Distrito Federal e a do Instituto Nacional do Cinema Educativo, entre outras instituições e entidades. A vocação pública de Roquette-Pinto manifestou-se por uma aproximação heterodoxa do positivismo comtiano que, por sua vez, oscilou entre as duas correntes do liberalismo, a conservadora e da democracia liberal, o que se expressou na apreensão e incorporação críticas que Roquette-Pinto fez de autores nacionais e internacionais ligados ao comtismo, tais como, Euclides da Cunha, Alberto Torres, Manoel Bonfim, Bancroft, Bichat, Mendel, Galton, Davenport que o influenciaram na produção de suas teses argumentativas acerca dos conceitos de cultura e de brasilidade (RANGEL, 2010, p.22).

Segundo Carmen Lúcia Salles Roquette Pinto, e todas as demais referências sobre Roquette-Pinto, ele sempre manteve profunda preocupação com a educação dos brasileiros, diante de uma população dos anos de 1920 de maioria analfabeta no país.

Ele foi o pai do rádio educativo, do cinema educativo e, portanto, pioneiro no Brasil da educação à distância. Da mesma forma que a minha mãe, ele foi um homem adiante do seu tempo. Pensava na informação cultural para a formação do homem, nos ambientes domésticos e públicos. Já pensava a televisão para o país nos anos trinta. Aliás, o que sei do rádio veio pela minha mãe. Eles tinham um ano de relacionamento quando da inauguração da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, em 1923. Na ocasião, ela estava ao lado dele (ROQUETTE-PINTO, depoimento, 2002).

O Dia Nacional do Rádio, 25 de setembro, homenageia o médico, professor, cientista, Edgard Roquette-Pinto. Como destaca Antonio Camelo “o cientista e escritor Roquette-Pinto nunca se arvorou de pai do rádio. Pelo contrário, desde 1923, quando fundou a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, reconheceu que a emissora recifense (Rádio Clube de Pernambuco, fundada em 06 de abril de 1919) era a decana das sociedades brasileiras de

⁵⁵ Henrique Charles Morize, nasceu em 31 de dezembro de 1860 e faleceu em 19 de março de 1930. francês, naturalizado na cidade do Rio de Janeiro. Era engenheiro civil, geógrafo e astrônomo. Estudou na Escola Politécnica da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi o primeiro presidente da Academia Brasileira de Ciências. Também foi diretor do Observatório Nacional e membro do Ministério das Relações Exteriores. Disponível em: <http://anebrasil.org.br/membros/henrique-charles-morize/>. Acesso em: 28 de abril de 2022.

rádio” (MARANHÃO; CAMELO, 2012, p. 12). Camelo faz uma referência à fundação da Rádio Clube de Pernambuco, sobre a qual a questão de datas e pioneirismos, não foi para os gestores de uma ou de outra estação, motivo de disputas. Ambas se reconheciam e os gestores mantinham a harmonia.

O que se observa pela leitura de jornais e revistas, principalmente dos primeiros anos do rádio brasileiro e mesmo posteriormente nos anos de 1930, era a harmonia entre radioamadores e profissionais que se visitavam e trocavam experiências e gentilezas. A fase naturalmente exigia o intercâmbio. Um dos exemplos ocorria entre o renomado cientista Edgard Roquette-Pinto, gestor da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, em correspondências e contatos pessoais com Oscar Moreira Pinto, diretor da Rádio Clube de Pernambuco. Assim também com os demais pioneiros da instituição, entre eles Augusto Joaquim Pereira e João Cardoso Ayres. Todos compartilhavam os mesmos ideais: a difusão da cultura e promoção da educação (VAZ, 2020, p. 13).

Num domingo, no dia 17 de outubro de 1954, aos 70 anos de idade, Edgard Roquette-Pinto, voltava do fim de semana passado numa casa simples que mantinha na cidade de Nogueira, no Estado do Rio de Janeiro, e retornava à residência na capital fluminense. No dia seguinte, acordou cedo e seguiu a rotina semanal de escrever um artigo para o Jornal do Brasil. Enquanto datilografava sentiu-se mal. Deitou-se e um médico foi chamado, mas chegou tarde. O ilustre paciente faleceu naquela manhã de 18 de outubro de 1954. O coração dele não resistiu ao sofrimento das fortes dores causadas por um reumatismo agudo que o acompanhou durante 20 anos. A filha mais nova dele, Carmen Lúcia Salles Roquette Pinto, relembra: “quando eu tinha 20 anos meu pai me disse: aproveite bem o seu pai, pois aos 70 anos eu vou morrer. Eu dizia para ele: ‘Que isso pai? Que bobagem!’ Porém, foi o que aconteceu. Ele já tinha essa premunição”. Ela conta ainda que “no final da vida os problemas de saúde foram aumentando com reumatismo que o maltratou muito” (ROQUETTE-PINTO, 2002).

A morte de Edgard Roquette-Pinto foi “num pequeno apartamento do edifício São Miguel, na Avenida Beira Mar, Rio de Janeiro, onde por muitos anos, teve como vizinho o colega na Academia Brasileira de Letras, o grande amigo Manoel Bandeira (1886-1960)”. (BOJUNGA, 1971, p. 03). Ainda segundo a filha, o pai “era um pouco relaxado para os tratamentos de saúde”, informa. “Depois que se aposentou, ele criou uma máquina de impressão para fazer gravuras, em placas metálicas. Fora isso, como sofria com o reumatismo, ele mesmo fazia aspirina em casa para aliviar as dores. Colocava num vidro e de vez em quando tomava uma colher”, completa.

A partir dos 50 anos de idade ele teve um reumatismo deformante e foi ficando com o corpo curvo. Isso foi ruim para ele, que era um homem muito bonito. Só melhorou com o advento da cortisona. Aí ele praticamente renasceu. No final da vida, mesmo com a doença, não sofreu e nem ficou entevado. Era alegre. Também não foi abandonado pelos amigos e família. Mas do ponto de governo talvez. Continuou escrevendo para o Jornal do Brasil, onde tinha uma coluna semanal. Também dava assessoria para todas as pessoas sobre o cinema educativo, sobre rádio e vários outros assuntos. Era sempre muito procurado por intelectuais e procurava manter uma vida ativa. (ROQUETTE-PINTO, 2002).

Conclusão

Visitar a história de Edgard Roquette-Pinto é buscar inspiração e motivação. Em todas as atividades que realizou obteve sucesso, reconhecimentos e admiração. Esteve diante de importantes projetos e deixou legados e registros preciosos documentados. A bagagem que adquiriu na missão realizada em 1912, em Rondônia, ao lado do marechal Rondon, o acompanhou por toda a vida. Dessa forma, contribuiu consideravelmente para que desenvolvesse, no Brasil, o rádio e o cinema educativo. Como declarou a filha, Carmen Lúcia Salles Roquette-Pinto (2002), o pai foi pioneiro na educação a distância no país. “Ele não era um homem de gabinete”, enfatiza dizendo que Roquette-Pinto gostava de trabalhar com as mãos. “Ele dizia que o homem tem que trabalhar com o cérebro e com as mãos”, afirma a filha, que complementa: “foi um ser que gostava muito da vida, do ser humano e da natureza, de um modo geral. Se dependesse dele o mundo seria muito melhor” (ROQUETTE-PINTO, 2002).

Referências

CARNEIRO, Alan. **ROQUETTE-PINTO *médico, antropólogo, etnólogo, ensaísta, poeta e radialista**. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/ROQUETTE-PINTO.pdf>. Acesso em: 09 de maio de 2022.

MARANHÃO, Filho Luiz. **Memória do rádio**. Olinda: Editorial Jangada, 1991.

_____. **Raízes do Rádio**. Olinda: Editorial Jangada, 2012.

MEMÓRIA DE FAMÍLIAS. **Genealogias e histórias**. Disponível em: <https://www.memoriadefamilia.com.br/index.php?apg=arvore&idp=8890&ver=por>. Acesso em: 09 de maio de 2022.

RANGEL, Jorge Antonio, **Roquette-Pinto**. Recife: Editora Massangana, 2010.

REVISTA RADIOCULTURA. Coluna **Écos e Commentarios**. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=229725&pesq=&pagfis=473>. Acesso em: 31 de maio de 2022.

ROQUETTE-PINTO, Edgar. **Rondonia, anthropologia – ethnographia**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

ROQUETTE-PINTO, Carmen Lúcia Salles. Depoimento concedido a Pedro Serico Vaz Filho em 17 de julho de 2002.

VAZ FILHO, Pedro Serico. **Rádio Clube de Pernambuco 1919/2019: cem anos. sem esquecimentos**. In: 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, 2018, Joinville. http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/lista_area_DT4-RM.htm, 2018.

_____. **Fragmentos impressos sobre a história da centenária Rádio Clube de Pernambuco**. Intercom, 2020.

ESPORTES

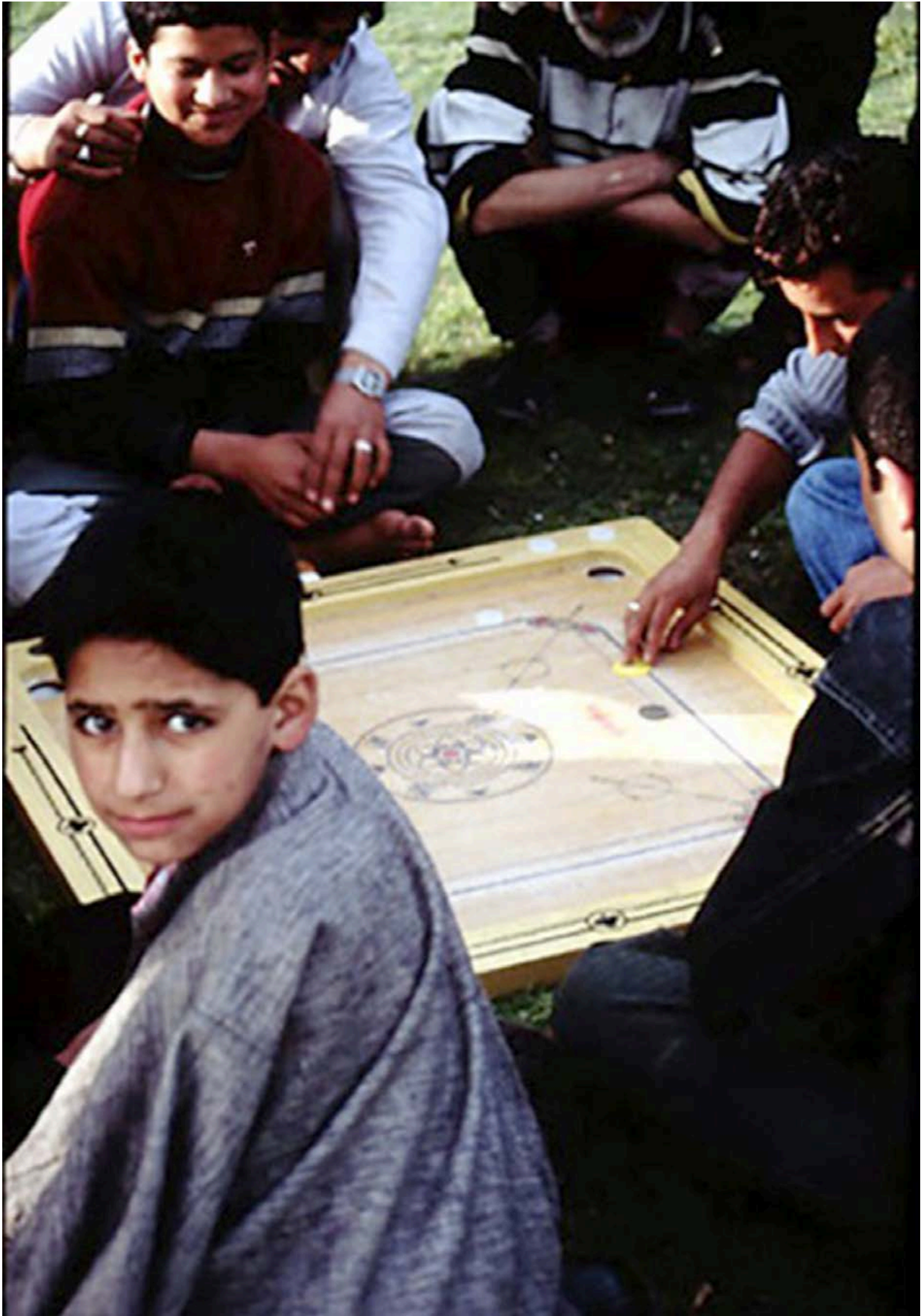


Foto: MediaQuatro – Crianças jogam o tradicional Carrom. Srinagar, Cashemira, 2004.

Megaeventos esportivos e a movimentação da economia mundial

Edwaldo Costa⁵⁶

Introdução

Para entendermos a projeção do esporte no cenário contemporâneo, é necessário analisarmos como tem se dado a evolução das relações de poder. Para tal, nos apoiamos nas teorias de Joseph Samuel Nye Jr. e Jean-Baptiste Duroselle.

Joseph Samuel Nye Jr. é um cientista político estadunidense e cofundador, junto com Robert Keohane, da teoria das relações internacionais do neoliberalismo, desenvolvida em seu livro de 1977, *Power and Interdependence*. Mais recentemente, ele explicou o conceito de *soft power* e publicou um livro sobre o tema:

O que é *soft power*? É a capacidade de obter o que deseja por meio de atração, em vez de coerção ou pagamentos. Isso surge da atratividade da cultura, dos ideais políticos e das políticas de um país. Quando nossas políticas são vistas como legítimas aos olhos dos outros, nosso *soft power* é aprimorado (tradução nossa).⁵⁷

O poder de uma nação, que antes era medida por seu material bélico e habilidade de defender seu território ou atacar outros, atualmente, segundo a teoria de Nye, se baseia na sua capacidade de influência, seja pelo respeito político que impõem, seja pelo fascínio de sua cultura. Daí a ideia de “poder leve” (*soft power*), uma vez que não é concreto e nem quantificado, mas elaborado e manifesto de maneira sutil.

Jean-Baptiste Duroselle, por sua vez, se destaca na escola francesa de história das relações internacionais, fundada por Pierre Renouvin. Ele acredita que, para entender a evolução das nações e das suas relações de poder, devem-se observar regularidades, regras temporárias e receitas, pelo fato de que “a regularidade é a existência de uma longa série de semelhanças que parecem transcender as épocas e, conseqüentemente, ser ligadas à própria natureza do homo sapiens”⁵⁸. Assim, para compreendermos a influência dos países e o papel que eles desempenham no cenário internacional, é necessário observar as regularidades e as

⁵⁶ Pós-doutorando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília (UnB). edwaldocosta1@gmail.com

⁵⁷ NYE, Joseph S. *Soft Power: The Means to Success in World Politics*. New York: PUBLIC Affairs, 2004, p. X. “What is soft power? It is the ability to get what you want through attraction rather than coercion or payments. It arises from the attractiveness of a country’s culture, political ideals, and policies. When our policies are seen as legitimate in the eyes of others, our soft power is enhanced.”

⁵⁸ DUROSELLE, Jean-Baptiste. *Todo império perecerá: Teoria das relações internacionais*. Tradução de Ane Lize Spaltemberg de Sequeira Magalhães, Brasília: Edunb, 2000. Coleção Relações Internacionais, p. 358.

repetições de seus comportamentos e de que maneira sua cultura e política são percebidas pelas outras nações.

Para a análise desses conceitos no cenário esportivo, ainda contamos com a teoria de Bourdieu em seu capítulo “Como é possível ser esportivo”. Apesar de o pesquisador francês ser sociólogo e não ter nenhum envolvimento com o tema, ele se dispõe a pensar o uso social do esporte e ainda afirma que o seu deslocamento da área pode ser interessante, uma vez que se oferece a colocar questões que pessoas mais familiarizadas com o assunto acreditam já estarem respondidas. Ele explica que as regras dos jogos e atividades esportivas são criadas por uma aristocracia que tem poder sobre a população. Tais regras também podem ser vistas como normas de conduta, que espelham as normas sociais vigentes e criam uma idealização de comportamento, não só dentro da prática esportiva, mas também em sociedade.⁵⁹

Nesse contexto, tomou-se como objetivo geral mostrar de que modo o esporte e os megaeventos esportivos têm acontecido dentro da sociedade capitalista contemporânea e o uso dessas instituições pelos países e por grandes corporações como aparato no trato internacional. Para se alcançar essa compreensão, foram adotados os seguintes objetivos específicos: salientar como o esporte pode ser usado socialmente não apenas como fonte de lazer e um direito social, mas também como modelo de conduta e instrumento de domínio por uma elite e como os megaeventos esportivos se transformaram e passaram a ser usados pelos países sede como um espelho de si para o mundo e, por consequência, como ferramenta para melhoria de sua imagem.

Esta pesquisa partiu de uma averiguação bibliográfica, insere-se numa abordagem qualitativa, que permitiu analisar as perspectivas atuais de pesquisadores da área de História, Arquitetura e Urbanismo, Sociologia, Relações Internacionais e Educação Física dos anos de 1983 a 2021. Ressalta-se não haver intenção de esgotar o tema, mas contribuir para as discussões acerca do esporte e dos megaeventos esportivos e sua função nas relações entre os países dentro de um contexto capitalista de domínio e poder.

Relações entre o esporte e os meios sociais de dominação

Continuando com a teoria de Bourdieu de que o esporte é fonte de regras de comportamento e apresenta um modo correto de agir, o pesquisador Vasconcellos (2008), em seu livro “Esporte, poder e relações internacionais”, explica:

⁵⁹ BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo. In: Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 136-153.

O desporto constitui admirável reservatório de energia para a lide com idiossincrasias humanas e sociais, sejam recônditas ou ostensivas, e toda sua grandiosidade decorre do culto de obediência às regras do jogo. O ânimo abastecido pelo esporte conduz ao cultivo de um comportamento ético e ao envoltório de um clima próspero de cultura, atitude que parece resumida numa expressão comum a qualquer jogo, inclusive o jogo político, *fair play*.⁶⁰

Assim, por meio das regras do jogo, cria-se um controle sobre o que é aceitável e justo (*fair*). É como se as questões complexas, polêmicas e dúbias que permeiam as disputas de forma geral pudessem ser, assim como os desportos, definidas pelos conceitos de certo e errado, do que se pode ou não se pode fazer, separando facilmente vencedores de perdedores, bons jogadores e trapaceiros. Além disso, ainda a partir da análise feita por Bourdieu, o esporte é um instrumento de separação: ele se opõe ao fazer artístico para marcar a virilidade, por exemplo, e tem as regras criadas pela aristocracia, o que marca uma docilização e delimitação do que pode se considerar amador e profissional. Essas regras, ainda, impõem lutas pela definição do corpo legítimo e do uso legítimo do corpo, esportes da massa e esportes de elite.⁶¹ Essas separações podem ser observadas já na origem da prática esportiva, como é explicado no artigo “O esporte como direito de cidadania”:

(...) é perceptível a vinculação entre sua gênese [do esporte] e as classes que desfrutavam de tempo livre. Essa aproximação relaciona-se diretamente à divisão social do trabalho vigente, uma vez que a classe que gozava de tempo livre suficiente para se dedicar às atividades esportivas era a aristocracia. A burguesia – ainda em sua fase ascendente – buscando consolidar sua visão de mundo como único projeto possível e a classe trabalhadora submetida a condições degradantes de trabalho não possuía o tempo necessário para se entregar à fruição das práticas esportivas. Em consequência do grande desenvolvimento das forças produtivas e das relações comerciais, bem como da apropriação privada dos meios de produção, assistimos no final do século XVIII o início do ‘reinado burguês’. A riqueza e liberdade das classes dirigentes possibilitaram o gozo de ócios marcados, abrindo espaço para a prática esportiva no âmbito da burguesia. Diante dessas mudanças, a consolidação do esporte dentro da formação social capitalista tem como consequência a assimilação dos axiomas culturais e ideológicos presentes nessa sociedade e na classe social que a hegemoniza.⁶²

⁶⁰ VASCONCELLOS, Douglas Wanderley de. Esporte, poder e relações internacionais. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2008, p. 259.

⁶¹ BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo, op. cit., p. 136-153.

⁶² ATHAYDE, Pedro; MASCARENHAS, Fernando; FIGUEIREDO, Pedro Osmar Flores de Noronha; REIS, Nadson Santana. O esporte como direito de cidadania. Pensar a Prática, Goiânia, v. 19, n. 2, p. 490-501, abr./jun. 2016 | <https://www.revistas.ufg.br>, p. 492.

Entretanto, apesar de poder ser entendido como instrumento de poder e de dominação, a visão comum que se tem do esporte é de uma prática popular de acesso também popular. No Brasil, por exemplo, é comum falar sobre futebol e sobre a performance de jogadores e técnicos numa roda de amigos ou com a família sem ser questionado sobre a autoridade e conhecimento a respeito do assunto. Conversar sobre esporte a partir de um olhar de torcedor/observador é uma prática tão comum – e aparentemente tão simplória – que nem é mesmo questionada.

Essa ilusória facilidade engendra um conjunto de opiniões, normalmente, caracterizado pela heterogeneidade e por uma escassez de reflexão crítica. Essa insuficiente criticidade recorrente no senso comum, também ocorre na cobertura da grande mídia e nas falas dos gestores governamentais e atores políticos, corroborando, em grande medida, para a disseminação e sedimentação de concepções idealistas – as quais tomam o esporte, tão somente, como algo bom em si mesmo, pairando acima de conflitos sociais e políticos, uma espécie de nova religião, um verdadeiro idioma universal e acessível. No caso dos gestores e atores políticos, cabe ressaltar o risco de que essas interpretações superficiais se tornem o marco conceitual e/ou a linha de orientação que estrutura e organiza as políticas públicas esportivas.⁶³

Essa aproximação da população com a prática esportiva, que lhe dá liberdade e até autoridade para debater o assunto, mas com falta de reflexão crítica a respeito do que representa e as questões sociais e políticas às quais estão envolvidas, permite que governos e mídias o usem como instrumento de manipulação. Aqui é possível retomar Nye e Duroselle, ao pensarmos o *soft power* dos eventos esportivos e como a frequência desses acontecimentos mantém esse poder sutil sobre as pessoas.

O poder do esporte e, por sua vez, da elite e os mecanismos que o influenciam (como governos, mídia e até o próprio sistema) advém dessa sensação de popularidade que ele emana. O esporte une uma comunidade e permite que as pessoas se sintam parte e importantes até mesmo para opinar. Esse “fazer parte” que o esporte proporciona pode dar a falsa sensação de concretização dos direitos de cidadania⁶⁴, necessidade social básica. Um exemplo do uso do esporte como tal é a “Carta Internacional de Educação Física e Esportes”, em 1978, publicada em 1979 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), que eleva o esporte como um direito universal. A partir disso, a população o entende como lazer e como direito, de forma que dificilmente se possa pensá-lo

⁶³ *Ibid*, p. 490.

⁶⁴ *Ibidem*, p. 496.

como objeto de manipulação em massa, seja pelas regras que sutilmente definem uma maneira de agir numa sociedade competitiva, seja pelos eventos que movimentam emoções e distraem torcedores de contextos sociais e políticos.

Um exemplo disso, em âmbito menor, são as associações esportivas das cidades e como elas se desenvolvem. Essas associações têm a função social de organizar as práticas esportivas e fornecer à população a possibilidade de acesso através do esporte. Silva e Mazo se debruçaram sobre este tema no artigo “Uma história das instrumentalidades do esporte no campo do associativismo esportivo em Porto Alegre/RS” e explicam:

O associativismo esportivo se constitui não apenas em um meio para o desenvolvimento do esporte, mas é parte da construção do conceito de esporte e uma ferramenta para a instrumentalização do esporte, para se chegar a fins externos à prática, propiciando modificação social.⁶⁵

Porém, como acontece com muitas instituições no sistema capitalista, as associações passaram também a ser instrumentalizadas e terem seu foco principal desviado:

Historicamente, as associações configuraram-se nos principais espaços onde os esportes são desenvolvidos. Entretanto, para a instauração de uma associação esportiva é necessário que existam objetivos a serem alcançados, os quais podem ser externos e internos à prática esportiva. Nesta perspectiva, as associações esportivas tornam-se meios para se chegar a um fim. Assim, desde sua fundação e ao longo de sua trajetória as associações esportivas apresentaram mais de um objetivo, servindo de espaços para a instrumentalização intrínseca e/ou extrínseca do esporte.⁶⁶

A colocação das pesquisadoras demonstra o deslocamento dos objetivos das associações e eventos desportivos. Apesar dessa relação íntima e importante com o público, as práticas esportivas e os campeonatos vão além da esfera esportiva e ganham importância e dever nas esferas políticas e econômicas. Dessa forma, as associações, que deviam cumprir sua função social de acesso, reforçam o papel separador do esporte colocado por Bourdieu, como explicam Marchi Júnior e Bueno:

Outra crítica versa sobre o campo esportivo retraduzir as distâncias sociais. Pela ótica de Bourdieu, o esporte reifica e veicula códigos de distanciamento que reforçam por meio de uma série de atributos e preceitos considerados legítimos e ilegítimos, superiores e inferiores, pertencentes a uma elite restrita ou então a uma

⁶⁵ SILVA, Carolina Fernandes da; MAZO, Janice Zarpellon. Uma história das instrumentalidades do esporte no campo do associativismo esportivo em Porto Alegre/RS. Movimento, Porto Alegre, v. 21, n. 2., p. 377-389, abr./jun. de 2015, p. 386. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento>.

⁶⁶ *Ibid*, p. 378.

massa heterogênea identificada comumente com aquilo que se entende por popular.⁶⁷

O esporte, portanto, trata-se de um fenômeno social que estabelece uma forma de controle sobre valores e regras. No entanto, por estar inserido num contexto mercantil, é controlado pelo mercado, que é, no fim das contas, quem vai definir esses valores e regras.

A evolução do esporte ao longo da história

A fim de discutirmos a regulamentação do esporte e sua evolução até os megaeventos contemporâneos, entendemos que seja importante construir um panorama histórico. Afinal, como afirma a doutora e professora Silvana Vilodre Goellner:

Ainda que o esporte tenha adquirido centralidade na vida moderna, ele não é invenção do presente. Resulta de conceitos e práticas há muito estruturadas no pensamento ocidental cujos significados foram e são alterados não só no tempo, mas também no local onde aconteceram e acontecem.⁶⁸

Para construir a nossa linha do tempo, baseamo-nos no artigo do professor e pesquisador Ary Rocco Júnior, “Gestão do esporte no Brasil e no mundo: evolução histórica, organizações e perspectivas”.

A princípio, é interessante entender como a atividade física se transformou em prática esportiva. Segundo o nosso artigo-base, a sistematização do esporte como tal começou na Inglaterra do século XVIII-XIX, nas *public schools* e junto com a Revolução Industrial. Entendia-se que era necessária a “regulamentação” dessas atividades, para que a falta de ordem e desorganização dessas práticas não resultasse em atitudes violentas que provocassem distúrbios nos conglomerados urbanos que começavam a se formar em volta das indústrias que nasceram naquele período⁶⁹. Afinal, a imposição de novas regras pactua com o conceito que temos de escola, que cuida da “educação do corpo e do espírito dos jovens de forma a despertar lideranças e a personificar, em carne e osso, os ideais representativos de um grupo social específico”⁷⁰.

Rocco Júnior cita ainda alguns autores para explicar os benefícios da evolução do esporte “tradicional e primitivo”, conceito adotado por Richard Giulianotti (1999), para o

⁶⁷ BUENO, Igor Alexandre Silva; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Conceitos fundamentais para leitura do campo esportivo pela perspectiva teórica bourdieusiana. Rev. Sociologias Plurais, v. 6, n. 1, p. 8-28, jan. 2020, p. 26. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/sclplr>.

⁶⁸ GOELLNER, Silvana Vilodre. Locais da memória: histórias do esporte moderno. Arquivos em Movimento, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, jul-dez/2005, p. 80.

⁶⁹ ROCCO JÚNIOR, Ary José. Gestão do esporte no Brasil e no mundo: evolução histórica, organizações e perspectivas. Revista do Centro de Pesquisa e Formação, São Paulo, n. 13, dez/2021, p. 180.

⁷⁰ GOELLNER, Silvana Vilodre. Locais da memória: histórias do esporte moderno, op. cit., p. 81.

“esporte moderno”, dos autores Norbert Elias e Eric Dunning (1995). A criação das regras, segundo os autores, deu origem ao controle da tensão e à cooperação entre as equipes adversárias; de acordo com aquele, a regulamentação permitiu a organização de torneios esportivos, primeiro entre escolas, futuramente entre nações.⁷¹

A partir da regulamentação do esporte, surgiram os clubes e as associações, que eram as instituições responsáveis pelos torneios e pela padronização nas regras. A *Football Association* (FA), por exemplo, “tornou-se o organismo a que todos os clubes e instituições menores se filiaram” e “o esporte passou a funcionar como um elemento de identificação comunitária e alcançar um apelo popular jamais imaginado até aquele momento”⁷².

Assim, passaram a surgir federações e associações cada vez maiores e mais abrangentes, como a Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA), 1904. Em 1892, foi criado o Comitê Olímpico Internacional (COI) e, em 1896, foi realizada a primeira edição dos Jogos Olímpicos, em Atenas, na Grécia. Tal competição internacional deu outra medida aos torneios: antes realizados entre clubes, agora aconteciam entre países. Dessa forma, surge a associação entre esporte e nacionalismo, principalmente no período da Guerra Fria (1947-1991)⁷³.

O fim da Guerra Fria e o crescimento comercial da Internet possibilitaram uma visão mais global do mundo. Dessa forma, esporte e os produtos e serviços dele originários transformaram-se “em produto de mercado, objeto das estratégias comerciais de marcas esportivas globais ou marcas que passaram a utilizá-lo como mídia para seus produtos e serviços”.⁷⁴ Um exemplo disso é o programa oficial de patrocínio, *The Olympic Partner Programme* (TOP), criado em 1984 pelo Comitê Olímpico Internacional (COI): “De acordo com o COI (2014), o programa tinha o propósito de desenvolver uma base de receita diversificada para os Jogos Olímpicos e estabelecer longas parcerias com as empresas interessadas em patrocinar os Jogos Olímpicos”⁷⁵.

Na década de 1990, a capitalização do setor esportivo passa a exigir desta área uma organização de mercado, chamando atenção para a Gestão do Esporte e introduzindo nesse campo conceitos como eficiência, eficácia e performance organizacional: “os Jogos Olímpicos de Barcelona, na Espanha, em 1992, logo depois da queda do Muro de Berlim, foi

⁷¹ ROCCO JÚNIOR, Ary José. Gestão do esporte no Brasil e no mundo: evolução histórica, organizações e perspectivas, op. cit., p. 180.

⁷² *Ibid*, p. 181.

⁷³ *Ibidem*, p. 180-182.

⁷⁴ *Ibid*, p. 179.

⁷⁵ *Ibidem*, p. 184.

o primeiro da história a admitir atletas profissionais”⁷⁶. O esporte e os torneios, agora compostos de profissionais, ganham uma distância do público torcedor, e o atleta passa a adquirir o *status* de herói. Os pesquisadores Gollner e Ehrenberg explicitam essa formação do novo esportista:

(...) poderíamos pensar na própria promoção do espaço esportivo como um terreno de virtuosas visibilidades visto que em torno do esporte, em especial de alto rendimento, há a construção de representações que associam seus protagonistas a figuras heroicas que, mediante intenso esforço pessoal, conquistaram um lugar ao sol num mundo pleno de adversidades. O esporte opera também, ao nível do imaginário individual e coletivo quando é representado como promessa de felicidade, ascensão social, marketing pessoal, domínio tecnológico, reconhecimento nacional e afirmação política de determinado país ou ideologia.⁷⁷ A nova mitologia do esportista (...) forja o indivíduo, um indivíduo heroico que assume riscos, em vez de buscar proteger-se deles por meio das instituições do Estado-providência; que busca agir sobre si mesmo, em vez de comandado por outros. (...) O esporte define a imagem do indivíduo ideal: um indivíduo puro, sem raízes e sem passado, que não se refere a nada, a não ser a si mesmo.⁷⁸

O *self-made man* do mundo capitalista, o trabalhador que com o seu próprio esforço e sem a ajuda do Estado, ou de ninguém, constrói o seu próprio império e vence os seus desafios e é espelhado na figura do atleta profissional, que treina e vence as competições apenas por mérito próprio. O herói capitalista agora também pode ser observado no esportista profissional.

Além de contribuir para a profissionalização da área, a mercantilização do esporte adentrou os critérios para a organização dos campeonatos. Um exemplo disso é a Copa dos Campeões da Europa de Futebol Masculino, que antes era formada pelos campeões nacionais de cada um dos países europeus e, em 1992, passou a ser Liga dos Campeões da Europa, “em que países economicamente mais representativos passaram a contar, nas fases mais importantes da competição, com um maior número de participantes”⁷⁹.

A capitalização do esporte continuou a evoluir e já é possível observar a formação dos grandes conglomerados esportivos, como a empresa de bebidas energéticas Red Bull, que hoje é proprietária de equipes de hóquei, jogos eletrônicos, futebol etc. de países diversos, ultrapassando as fronteiras nacionais. Segundo Dickson e Santos (2017), citado por Rocco

⁷⁶ *Ibid*, p. 180, 184.

⁷⁷ GOELLNER, Silvana Vilodre. Locais da memória: histórias do esporte moderno, op. cit., p. 81.

⁷⁸ EHRENBURG, Alain. O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa. São Paulo: Ideias & Letras, 2010, p. 25.

⁷⁹ ROCCO JÚNIOR, Ary José. Gestão do esporte no Brasil e no mundo: evolução histórica, organizações e perspectivas, op. cit., p. 185.

Júnior, esse tipo de *holding* é “a manifestação final da globalização do esporte”⁸⁰. Diríamos que também da mercantilização deste.

Além de mudar a estrutura das equipes esportivas, a globalização, a mercantilização do esporte e os avanços tecnológicos mudaram a forma como o público usufrui dos jogos e torneios. O avanço dos meios de comunicação transformou o esporte, surgiram canais de TV por assinatura dedicados a este 24 horas⁸¹. Atualmente, especialmente o consumidor mais jovem, acessa o *streaming* e a “segunda tela” (*second screen*), “que se refere a um dispositivo eletrônico adicional (como um smartphone), além da televisão, por exemplo, que permite ao consumidor interagir com o conteúdo que está consumindo, como esportes, filmes, música ou jogos eletrônicos”⁸². Além da possibilidade de acompanharem os jogos por essa modalidade interativa, os fãs do esporte, sobretudo do futebol, são grandes consumidores de videogames e jogos eletrônicos, escolhendo seus times e jogadores preferidos para disputarem uma partida⁸³.

A indústria do esporte passa, então, a se constituir globalmente e, junto com a atividade física, passam a ser enxergados como entretenimento e consumo, de forma que o acesso a esses se dá de acordo com a situação econômica dos praticantes, “agora alçados à condição de consumidores”.⁸⁴

O esporte e o seu contexto capitalista

É importante salientar que assim como o esporte define regras e sugere modos de conduta influenciando o contexto e as pessoas que nele estão, também é influenciado pelo meio em que está inserido. Ao ser transformado em megaeventos, as competições esportivas passam a inspirar um número maior de pessoas e se tornam espelhos de contextos e relações de dominação e poder mais complexos. Para explicar tal afirmação, abordaremos os Jogos Olímpicos e outros megaeventos como exemplo.

(...) o esporte, juntamente com uma de suas principais competições internacionais (Jogos Olímpicos), é submetido aos códigos, sentidos e valores que hegemonomizam a sociedade atual. Com o avanço da lógica do mercado sobre os tempos e os espaços da vida cotidiana, observaremos a dimensão ideopolítica atrelada ao esporte ser conjugada a seu potencial econômico. Em razão de sua

⁸⁰ Ibid, p. 193.

⁸¹ Ibidem, p. 185.

⁸² JENKINS, Henry. Cultura da Convergência. São Paulo: Aleph, 2008 apud ROCCO JÚNIOR, Ary José. Gestão do esporte no Brasil e no mundo: evolução histórica, organizações e perspectivas, op. cit., p. 190.

⁸³ ROCCO JÚNIOR, Ary José. Gestão do esporte no Brasil e no mundo: evolução histórica, organizações e perspectivas, op. cit., p. 192.

⁸⁴ Ibid, p. 185-187.

capacidade de mobilização e comoção dos indivíduos, o esporte despertou a cobiça de grandes conglomerados comerciais e das corporações midiáticas – detentoras dos meios de comunicação de massa. Diante desse cenário, o fenômeno esportivo foi acometido pelos processos de mercantilização e espetacularização, que o condicionaram às determinações mercadológicas.⁸⁵

Portanto, os Jogos Olímpicos, assim como vários eventos esportivos, não se bastam pela simples prática esportiva, pelo encontro de atletas nem pela competição em si, mas acontecem dentro de um cenário capitalista e mercantil, movimentando o capital de grandes empresas, a mídia e a economia dos países envolvidos. Dessa forma, assim como um contexto capitalista explora e influencia até mesmo as relações de poder que acontecem dentro de uma sociedade, ele também usufrui dessas grandes competições para a geração de lucro e, até mesmo, as molda e condiciona conforme as necessidades do mercado e do capital. É importante salientar que essa movimentação de riqueza se dá não apenas no âmbito privado, mas também no público, como explica Vasconcellos:

A relevância das manifestações esportivas transpõe mais claramente a área do lúdico, repercutindo em segmentos conexos, mais complexos e práticos, que permitem multifacetar o esporte como, por exemplo, seu setor industrial provedor de bens e serviços e gerador de empregos, propulsor de turismo e instrumento difusor de marketing internacional.⁸⁶

Aliás, essa movimentação econômica dentro das nações é que muitas vezes justifica a escolha por sediar megaeventos tais como a Copa e as Olimpíadas, de maneira que até mesmo as razões que fazem os grandes jogos acontecerem já não se bastam na competição ou no direito ao esporte e ao lazer, mas nos lucros gerados pelas empresas envolvidas e na movimentação da economia dos países participantes. Por isso, sabe-se e contabiliza-se a importância e a movimentação econômica desses eventos dentro do país ou da cidade onde esses são sediados, por exemplo. Entretanto, como afirma Vasconcellos (2008), a movimentação monetária daqueles que organizam e cuidam desses torneios e competições é dificilmente rastreada e não se tem um valor oficial do total dos lucros envolvidos:

Porque são esparsas, escamoteadas ou escondidas as estatísticas sobre o segmento esportivo internacional, torna-se difícil contabilizar precisamente a movimentação total da indústria do esporte, que multiplica valores em ritmo exponencial. Se, por exemplo, o anúncio mais caro de televisão já era o veiculado

⁸⁵ ATHAYDE, Pedro; MASCARENHAS, Fernando; FIGUEIREDO, Pedro Osmar Flores de Noronha; REIS, Nadson Santana. O esporte como direito de cidadania, op. cit., p. 498.

⁸⁶ VASCONCELLOS, Douglas Wanderley de. Esporte, poder e relações internacionais, op. cit., p. 261.

nas transmissões do Super Bowl do futebol dos EUA, que custava, em 1988, US\$ 650 mil por 30 segundos, no ano 2001, o mesmo comercial valia US\$ 2,3 milhões.⁸⁷

Voltando à reflexão a respeito dos Jogos Olímpicos, nos deparamos com a afirmação dos pesquisadores Lima, Martins e Capraro de que se tratam de uma tradição inventada. Eles se apoiam no livro “A Invenção das Tradições” de Hobsbawm e Ranger (1997, p. 9) para explicar o termo, que seria um conjunto de práticas rituais ou simbólicas que criam valores e normas de conduta por meio da repetição. Essa repetição, por sua vez, evoca o passado e estabelece uma ideia de continuidade.⁸⁸ Para que a tradição se cristalice como tal, é importante que ela se repita e, normalmente tal repetição, assim como o seu início, é imposta por uma classe dominante, ou seja, ela não é espontânea. Logo, segundo os pesquisadores:

Todos os símbolos associados às Olimpíadas Modernas fazem parte de um conjunto de tradições inventadas e estas tendem a persistir. Assim, é possível afirmar que houve uma espécie de equilíbrio entre modernidade e tradição, considerando que as sociedades ditas ‘tradicionais’ mantêm elementos como a família, a religião, a língua e o trabalho. Nesse sentido, essa ascensão retrata uma proposital exaltação da antiguidade numa alusão de continuidade acerca dos antigos jogos. Por outro lado, o seu declínio favoreceu o esquecimento dos rituais sagrados, substituídos por rituais pomposos e espetacularizados, como os observados nas Olimpíadas Modernas.⁸⁹

Trata-se, pois, de uma adaptação do que se entende da tradição antiga. Tanto a modernidade na adaptação quanto a alusão à tradição são importantes na caracterização do que são as Olimpíadas. Esse balanço repetitivo entre o moderno e o clássico que dão importância e visibilidade ao evento. Como já observado por Duroselle, essa retomada e frequência são muito importantes na análise da conjuntura e no entendimento do papel do esporte e dos megaeventos na contemporaneidade.

O esporte e a cidade sede

Tal como os novos Jogos Olímpicos se moldaram na contemporaneidade adaptando conceitos e práticas dos jogos helênicos, também as cidades-sede precisam se adaptar para recebê-los. Para isso, é preciso investir em infraestrutura para acolher tanto os atletas quanto as torcidas, ou seja, é necessário investimentos tanto em ginásios e quadras onde acontecerão as disputas, quanto em transporte e hotéis, por exemplo, para receber um número grande de

⁸⁷ *Ibid*, p. 270.

⁸⁸ LIMA, Mariza Antunes de; MARTINS, Clóvis J.; CAPRARO, André Mendes. Olimpíadas modernas: a história de uma tradição inventada. *Pensar a prática*, Goiânia, v. 12, n. 1, p. 1-11, jan./abr. 2009 | <https://www.revistas.ufg.br>, p. 2.

⁸⁹ *Ibid*, p. 8.

visitantes. Questiona-se se esse tipo de gasto vale a pena para a população local, que muitas vezes desconfia das vantagens que sediar tal evento traz:

As cidades aspirantes à sede dos Jogos utilizam como argumento os benefícios para a população local e, se não existem cidades já estruturadas para receber um evento deste porte, é fato que precisarão de adequação aos padrões exigidos. Isso representa para a cidade, em um curto espaço de tempo, a previsão das intervenções necessárias, bem como da captação de recursos para esse fim. Como os Jogos Olímpicos em si duram apenas alguns dias, é preciso considerar que os recursos sejam alocados em intervenções de grande relevância e com antevisão de seu aproveitamento no futuro.⁹⁰

Essa é a grande questão: o investimento a longo prazo é muito caro para um evento que dura poucos dias. Raramente se encontra um lugar com a infraestrutura preparada o suficiente para esse tipo de evento, de forma que as cidades que o sediam devem preparar ginásios, novos hotéis etc., novas construções e reformas que dificilmente poderão ser aproveitadas pela população local. Assim, muito dinheiro é investido para usufruto dos visitantes em um curto espaço de tempo, e sobra para a cidade lidar com a nova infraestrutura que foi cara e não se encaixa no seu dia a dia. A urbanista Ellayne Paiva reforça tal impasse afirmando que “uma das maiores ‘imprudências urbanísticas’ que poderia acontecer seria a utilização das Olimpíadas para grandes intervenções urbanas”.⁹¹ Então por que essas cidades insistem em sediar os Jogos Olímpicos? A urbanista salienta um tema importante, que pesa na decisão de um país que escolhe ser sede, apesar de não concordar que este seja um motivo bom o suficiente para um investimento deste porte:

A realização de um evento de tamanha proporção implica – ou deveria implicar – a necessidade de uma reflexão crítica sobre os reais ganhos de tais eventos à longo prazo e não somente utilizar o ‘valor do legado olímpico’ para justificar o gasto de cifras estratosféricas.⁹²

Muitos países decidem sediar as Olimpíadas e investir muito dinheiro em uma infraestrutura que não traz benefícios diretos à população por causa do legado olímpico, ou seja, o país entende este momento como uma oportunidade de se mostrar internacionalmente, apesar dos custos que isso tem para o seu povo. A afirmação de Paiva retoma momentos importantes da história mundial que foram atravessados pelas Olimpíadas, dando a algumas nações a possibilidade de usar o valor do legado político para melhorar ou reforçar sua

⁹⁰ PAIVA, Ellayne Kelly Gama de. A cidade para o cidadão: O legado urbano dos Jogos Olímpicos. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2013, p. 21.

⁹¹ *Ibid*, p. 323.

⁹² *Ibidem*, p. 23.

imagem diante do mundo. Trata-se de um poderoso instrumento de soft power, como elucidam os pesquisadores Silva e Cavalcanti:

Demonstrou-se que a partir dos megaeventos realizados, os países conseguem apresentar ao mundo as possibilidades de paz e crescimento econômico, ao gerar trocas de investimentos que favorecem a infraestrutura interna e, principalmente, mitigam os conflitos potencialmente gerados por fatores adversos. Além do mais, a indústria esportiva tem demonstrado expressivo crescimento nas últimas décadas, decorrente da necessidade de capitalização na economia. Percebeu-se, a partir de então, que o esporte, impulsionado pela realização de megaeventos é capaz de contribuir positivamente na construção de uma comunidade imaginada, pois sua amplitude abrange números suficientes de torcedores que consegue formar comunidades com um objetivo único, unir-se pelo forte laço invisível que os envolvem. Restou claro, que a diplomacia esportiva tem sua grande importância na projeção de poder por meio do *soft power*.⁹³

Portanto, além de seu poder mercantil, os megaeventos apresentam essa vitrine sutil para o mundo da propaganda de sua sede. A união e a diplomacia do esporte podem se confundir com a maneira como a nação sede se apresenta e ela usa isso como uma vantagem nas relações internacionais. Um exemplo clássico são os Jogos Olímpicos de Berlim na época da Alemanha nazista, como apontado pela pesquisadora Juliana Carneiro em seu artigo sobre esse tema específico:

Muito se falou e ainda se fala sobre a intensa propaganda utilizada naqueles jogos, sem, entretanto, considerar que, por mais eficaz que sejam as estratégias de propaganda, estas têm seus efeitos limitados, caso não haja um substrato simbólico que a sustente e que desfrute de valorização positiva marcada por discursos edificantes. Para Cornelsen, o que garantiu ao projeto nazista eficácia em termos de propaganda foi poder contar com um mercado simbólico, explorando-o à exaustão. O sucesso seria, então, uma consequência do que ele chama de ‘estratégias de marketing político’. Eu arriscaria acrescentar que esse marketing político dialogou diretamente com elementos do programa cultural. Uma vez que as atividades artísticas e culturais realizadas naquela conjuntura ultrapassaram a mera condição de produto/mercadoria e se constituíram, portanto, como ‘produtos culturais’ – inclusive o filme Olympia –, porque afetaram o campo das ideias, da expressão e, sobretudo, geraram significados. O andamento da minha pesquisa sobre o tema vai consolidando uma convicção de que a ‘centralidade da cultura’ é uma escolha política, inclusive. Portanto, analisar ou refletir sobre programas culturais olímpicos requer um olhar mais atento para esses diálogos entre cultura e: economia,

⁹³ SILVA, Thalita Franciely de Melo; CAVALCANTI, Renan Tenório. O esporte como instrumento de diplomacia no cenário internacional. RICRI, v. 8, n. 16, p. 130-145, 2021 | <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ricri>, p. 143.

marketing, turismo, identidade, comunicação, desenvolvimento social e tantas outras esferas.⁹⁴

Logo, para que o valor do legado político se materialize, é necessário que outros aspectos confluam. Como foi explicitado anteriormente, especificidades do país e do momento precisam estar de acordo com a imagem a ser passada por meio do megaevento, o que nos leva a concluir que reforçar a imagem de uma nação é bem mais fácil que tentar mudá-la ou ressignificá-la, mesmo com um instrumento tão poderoso quanto o valor do legado olímpico.

Em termos genéricos os megaeventos sempre foram utilizados como propaganda política de um país, os exemplos emblemáticos são: a) os Jogos Olímpicos de 1936 em Berlim; b) os Jogos disputados no período da Guerra Fria. Findada a Guerra Fria os jogos se consolidariam como mega espetáculos do século XXI, extrapolaria os conceitos de Guy Debord sobre a Sociedade do Espetáculo. Neste universo que nos encontramos, em uma sociedade de capitalismo avançado que busca a civilização, mas vive suas contradições mais pungentes como a fome e o terrorismo de Estado e Religioso. O país sede, desde o anúncio do evento, ficará no foco da mídia internacional, sendo assunto recorrente no noticiário de um grande número de países que incorporaram estes espetáculos como componente cultural. Temas como o andamento das obras, segurança dos turistas, gastos, atrasos e protestos são discutidos quase diariamente. Durante o evento os olhos do mundo se voltam para o país, que além de ser ocupado por um grande número de turistas, também atrai a imprensa internacional e seus leitores. Apesar de o foco principal ser o futebol, a audiência mundial acaba, mesmo que indiretamente, tendo contato com outros aspectos do país, e estes aspectos é que nos interessam.⁹⁵

São justamente esses os aspectos explorados pela mídia e pelo governo do país sede. Na verdade, são esses aspectos que realmente envolvem a realização do grande evento, desde a escolha do país onde vai ser realizado até a maneira como este lida com as reformas, as imposições e o destaque no cenário internacional. Entretanto, será que o uso do valor do legado político funciona para que o país atinja seus objetivos? Os pesquisadores Almeida e Gutierrez explicam que não, através dos seguintes exemplos:

O megaevento oferece de fato, aos países sede, oportunidades de se ingressarem como um porta-voz político representando uma região? Apenas se o país já possui as instituições fortes e democracias representativas, pelas análises

⁹⁴ CARNEIRO, Juliana da Silva Pinto. O lugar da cultura nos Jogos Olímpicos: uma análise dos Jogos de Berlim (1936). *FuLiA / UFMG*, v. 3, n. 1, p. 154-176, jan-abr 2018 | <https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/index>, p. 173.

⁹⁵ ALMEIDA, Marco Bettine; GUTIERREZ, Diego. O soft power do Brasil e a cobertura da mídia internacional da Copa do Mundo da Fifa 2014. *Licere, Belo Horizonte*, v. 21, n. 2, jun/2018 | <http://www.eeffto.ufmg.br/licere>, p. 233.

feitas aqui é falso pensar que nações como África do Sul, Rússia ou China podem reverter o olhar estrangeiro pós-evento.⁹⁶

Assim, sediar os megaeventos pode ser visto como uma tentativa de mudar a visão do país diante do cenário mundial, porém os outros aspectos já elucidados podem ser mais fortes que o valor do legado olímpico. Aliás, a maneira como a nação trata o esporte e a relação que se estabelece entre ele e outros patamares sociais também é importante e pode reforçar o valor do legado dos grandes eventos. Um exemplo disso é a Copa do Mundo quando foi sediada no Brasil. A seleção brasileira era uma das favoritas do Mundial e o histórico do país com o futebol atraiu a atenção do público, de forma que a derrota da seleção do Brasil de 7 a 1 contra a Alemanha foi mais significativa do que seria se o evento fosse em outro país. Ao mesmo tempo, em esportes de grande movimentação financeira, como o futebol no Brasil e no mundo, pouco se questiona a respeito dos grandes patrocínios e salários milionários dos jogadores.

Por causa do valor agregado, o esporte é valorizado pelas nações e cobra-se um investimento mínimo, ao mesmo tempo que se cobra dos governantes investimentos mais práticos em detrimento desse, como em saneamento e saúde, por exemplo. A grande questão é que no Brasil as instituições se misturam com o esporte. Grandes políticos fazem campanha vestindo a camisa de um time de futebol, por exemplo.

Considerações Finais

Esperava-se, de acordo com o objetivo geral proposto, constatar como o esporte e os grandes eventos desportivos, apesar de sua função social de união e acesso, são usados pelas grandes instituições capitalistas e governamentais como instrumentos de controle e poder. A fim de elucidar isso, abordamos a mercantilização do esporte e o ambiente em que ele está envolvido, desde os campeonatos às associações que o transformam e dão acesso.

Para explicar como acontecem as relações de poder dentro do esporte e como as nações usam os megaeventos na tentativa de se promoverem no cenário internacional, abordamos a teoria sobre o soft power, de Nye, que explica que a grande arma contemporânea das nações se encontra no poder sutil da influência e da respeitabilidade que essa ganha diante do resto do mundo a partir de suas instituições e cultura, diferente dos séculos passados, quando grandes civilizações eram temidas por seu poder bélico. Também foi apontada a teoria de Duroselle sobre a leitura do mundo a partir da repetição e da frequência que certos eventos

⁹⁶ *Ibid*, p. 248-249.

acontecem no mundo. A partir da observação desses fenômenos, segundo o pesquisador, é possível tomar decisões melhores. Enfim, foi trabalhada a visão mais socialista de Bourdieu sobre o esporte e como ele reforça as relações de poder que já existem em uma sociedade a partir de regras e normas de conduta.

Em seguida, abordamos como essas teorias se dão no uso do esporte e seus megaeventos pelas elites governamentais e econômicas, e ainda como elas podem ser observadas na importância que se dá ao legado olímpico. Segundo a literatura consultada, as relações internacionais entre os países passam pelo soft power e pela regularidade, que hoje são instrumentos mais eficazes, mesmo que pacíficos, nas relações de poder e na diplomacia. Foi cumprido o objetivo de elucidar a importância social do esporte, não só como acesso, mas também como modelo de normas e condutas, além de um instrumento dos países para reforço de sua boa imagem internacionalmente e alguma vantagem nas relações econômicas e diplomáticas com outros países.

Referências

- ALMEIDA, Marco Bettine; GUTIERREZ, Diego. O soft power do Brasil e a cobertura da mídia internacional da Copa do Mundo da Fifa 2014. **Licere**, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, jun, 2018. Disponível em: <http://www.eeffto.ufmg.br/licere>.
- ATHAYDE, Pedro; MASCARENHAS, Fernando; FIGUEIREDO, Pedro Osmar Flores de Noronha; REIS, Nadson Santana. O esporte como direito de cidadania. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 19, n. 2, p. 490-501, abr./jun. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br>.
- BOURDIEU, Pierre. **Como é possível ser esportivo**. In: Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 136-153
- BUENO, Igor Alexandre Silva; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Conceitos fundamentais para leitura do campo esportivo pela perspectiva teórica bourdieusiana. **Rev. Sociologias Plurais**, v. 6, n. 1, p. 8-28, jan. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/scplpr>.
- CARNEIRO, Juliana da Silva Pinto. O lugar da cultura nos Jogos Olímpicos: uma análise dos Jogos de Berlim (1936). **FuLiA / UFMG**, v. 3, n. 1, p. 154-176, jan.-abr. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/index>.
- DUROSELLE, Jean-Baptiste. **Todo império perecerá**: Teoria das relações internacionais. Tradução de Ane Lize Spaltemberg de Sequeira Magalhães, Brasília: Edunb, 2000. Coleção Relações Internacionais.

EHRENBERG, Alain. **O culto da performance**: da aventura empreendedora à depressão nervosa. São Paulo: Ideias & Letras, 2010.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Locais da memória: histórias do esporte moderno. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, jul-dez/2005. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/am/article/view/9062>.

LIMA, Mariza Antunes de; MARTINS, Clóvis J.; CAPRARO, André Mendes. Olimpíadas modernas: a história de uma tradição inventada. **Pensar a prática**, Goiânia, v. 12, n. 1, p. 1-11, jan./abr. 2009. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br>.

NYE, Joseph S. **Soft Power**: The Means to Success in World Politics. New York: Public Affairs, 2004.

PAIVA, Ellayne Kelly Gama de. **A cidade para o cidadão**: O legado urbano dos Jogos Olímpicos. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

ROCCO JÚNIOR, Ary José. Gestão do esporte no Brasil e no mundo: evolução histórica, organizações e perspectivas. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, São Paulo, n. 13, dez/2021.

SILVA, Carolina Fernandes da; MAZO, Janice Zarpellon. Uma história das instrumentalidades do esporte no campo do associativismo esportivo em Porto Alegre/RS. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 2., p. 377-389, abr./jun. de 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento>.

SILVA, Thalita Franciely de Melo; CAVALCANTI, Renan Tenório. O esporte como instrumento de diplomacia no cenário internacional. **RICRI**, v. 8, n. 16, p. 130-145, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ricri>.

VASCONCELLOS, Douglas Wanderley de. **Esporte, poder e relações internacionais**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2008.

Caipirices e modernices: as influências de Baby Barioni nos Jogos Abertos do Interior

Gustavo de Araújo Longo⁹⁷

Introdução

Em 20 de outubro de 1967, Baby Barioni e o Departamento de Esporte e Educação Física do Governo de São Paulo selavam um acordo de paz. Após dez anos, o criador dos Jogos Abertos do Interior voltaria a organizar a competição no ano seguinte, em Jaboticabal. O veterano promotor esportivo não escondia a mágoa de ter sido colocado de lado do evento que ele planejou sozinho e foi responsável por seu crescimento nas primeiras edições. Infelizmente, isso não chegou a acontecer: pouco mais de duas semanas após esse anúncio, Horácio Geraldo Barioni faleceu aos 61 anos, em São Paulo (SP), por problemas cardíacos.

Barioni dedicou quatro décadas de sua vida ao desenvolvimento do esporte, sobretudo em São Paulo. Seu maior legado é, sem dúvida, a criação dos Jogos Abertos do Interior, que atualmente se constituem no maior evento poliesportivo da América Latina. Diversos atletas de renome do país participaram da competição no início de suas carreiras, incluindo medalhistas olímpicos como Tetsuo Okamoto (natação), Nelson Prudêncio (atletismo), Maria Paula Gonçalves Silva (Maria Paula, do basquete) e Arthur Zanetti (ginástica).

Não à toa, desde 2007 a competição incorporou o nome de seu fundador, passando a ser oficialmente conhecida como *Jogos Abertos do Interior – Horácio Baby Barioni*. Entretanto, ainda que seja responsável, sozinho, pela ideia que deu origem ao evento, Baby Barioni contou com diversos fatores que contribuíram em sua expansão, permitindo que mais cidades e atletas pudessem participar. O país vivia um período de intensa ebulição política, econômica e social na década de 1930. Foi graças a esse cenário que os Jogos Abertos do Interior se consolidaram e ficaram conhecidos como *Olimpíadas Caipiras*.

Dois desses fatores se destacam como as principais influências de Baby Barioni na proposta de criação do evento no interior paulista. O primeiro deles foi a amizade que possuía com os modernistas Menotti del Picchia e, principalmente, Cassiano Ricardo. A aproximação com esse grupo e suas ideias nacionalistas e de valorização da expansão bandeirante garantiu não só o verniz ideológico para a criação dos Jogos Abertos como também resultou em um importante apoio operacional nas duas primeiras edições.

⁹⁷ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (PPGCOM ECA-USP). São Paulo | SP | Brasil. ORCID: 0000-0001-8798-0790. E-mail: gu.longo@yahoo.com.br.

Além disso, Baby Barioni obteve apoio dos meios de comunicação na divulgação dos Jogos Abertos do Interior com a valorização do imaginário olímpico, traçando paralelos entre os Jogos Olímpicos, que se consolidavam pelo mundo, com a competição *caipira*, que reunia cidades do interior do Brasil. Isso garantiu a criação de um possível imaginário olímpico caipira, colocando atletas e modalidades de diferentes municípios em posição de destaque.

O objetivo deste capítulo, portanto, é compreender como os efeitos do movimento modernista no Brasil e a expansão dos Jogos Olímpicos contribuíram para a formação e o crescimento dos Jogos Abertos. Para isso, vamos realizar uma revisão bibliográfica sobre o tema e uma pesquisa documental para analisar recortes de jornais da época que confirmam essa investigação. Foi essa combinação entre *modernices* e *caipirices* que possibilitou a formação de um dos mais importantes eventos esportivos do Brasil.

Baby Barioni e Jogos Abertos do Interior: um caso de amor

Filho de italianos que desembarcaram no Brasil no fim do século 19, Horácio Geraldo Barioni nasceu na cidade de São Paulo em 19 de maio de 1906. A família morava na região da Sé e o pai, Orestes, trabalhava em um armazém de secos e molhados voltado à comunidade italiana. Isso permitiu que o jovem crescesse no coração da metrópole em uma época de intenso desenvolvimento social. O apelido *Baby* (leia-se Babi) não possui maiores explicações, mas surgiu ainda na infância e o acompanhou em toda a sua história, segundo relato de sua filha mais nova, Edna Barioni⁹⁸ (2019, informação verbal).

Ainda na adolescência, ele encontrou a atividade que iria lhe acompanhar até o fim de sua vida: o esporte. A virada do século 19 para o século 20 ficou marcada pelo surgimento de diferentes atividades esportivas e de lazer nas grandes cidades. Diferentes clubes e agremiações surgiram nesse período, agrupando não apenas a elite econômica, mas também outros grupos. De acordo com o historiador Hilário Franco Júnior (2007, p. 64), “em pouco tempo, uma série de equipes e clubes foi constituída por iniciativa de pequenos comerciantes, operários e artesãos das grandes cidades”.

Entre as agremiações, se destaca o Palestra Italia (sem acento na grafia original), formado por imigrantes italianos em 1914. Horácio Barioni rapidamente encontrou seu espaço no clube, ingressando em seu quadro associativo logo no início da década de 1920. Ele se interessava e praticava qualquer modalidade que fosse convidado a conhecer, envolvendo-se como espectador, incentivador ou, até mesmo, como atleta. Atletismo, rugby, ginástica, vôlei,

⁹⁸ Entrevista concedida por BARIONI, Edna [nov. 2019]. Entrevistador: Gustavo de Araujo Longo. São Paulo, 2019.

beisebol e futebol são exemplos de modalidades que ele se envolveu entre os anos 1920 e 1930. Uma nota publicada no jornal Folha da Manhã (1929, p. 11) dá uma amostra da versatilidade de Baby Barioni⁹⁹:

O quadro do EC Paulistano da Cantareira vae jogar, disputando a taça “Villa Mazzei”, reforçado pelo athleta paulista Horacio Barioni, esportivamente conhecido por Baby, tendo já militado com destacado successo nos nossos campos de atletismo, bola ao cesto, rugby e que, ultimamente, vinha se revelando um excellente jogador de basebol. Agora no futebol, Baby está fadado a ter o mesmo progresso que teve nos outros esportes, pois, sua actuação, quer jogando na linha de medios, quer jogando na linha atacante, de jogo para jogo, demonstra que em breve, a andar nesse passo, o veremos entre os nossos principaes campeões do “soccer” paulistano.

Contudo, foi no basquete que Barioni obteve destaque. Alto e forte, a ponto de ser conhecido como *El Toro de los Pampas* por conta da semelhança com o pugilista argentino Luis Angel Firpo (dono do apelido e um dos principais nomes do boxe na época), Baby Barioni rapidamente se tornou pivô do quinteto titular do Palestra Italia. Foi campeão paulistano em 1928, 1929, 1931 e 1932, campeão paulista em 1932 (a primeira edição do evento estadual) e campeão do Torneio Início em 1931. Não chegou a competir pela seleção brasileira, mas em 1927 integrou a Seleção Paulista no Campeonato Brasileiro interestadual contra o selecionado do Rio de Janeiro.

Foi a partir desta experiência que Barioni teve a ideia que mudaria sua trajetória para sempre – e, também, a do desenvolvimento esportivo no interior. Na época, ele também atuava como cronista do Diário Nacional, em São Paulo. Era uma prática comum na época, uma vez que o esporte era totalmente amador e muitos praticantes ocupavam espaço nos jornais (o principal meio de comunicação da época) para justamente divulgarem suas modalidades, como salienta o pesquisador Ouhydes João Augusto da Fonseca (1981) em sua dissertação de mestrado.

Na ocasião, Barioni voltava da disputa do Campeonato Brasileiro, junto com a equipe paulista, quando leu no jornal em que trabalhava o pedido de apoio de esportistas de Campinas para a construção de uma quadra de basquete na cidade paulista. Com o intuito de expandir a prática de outras modalidades, além do futebol, em outros municípios, ele resolveu ir além. É o que afirma o próprio Baby Barioni em crônica publicada no jornal Diário da Noite (1946, p. 15):

⁹⁹ Este artigo vai manter a grafia da época na transcrição dos jornais.

Postos à disposição do Campineiro os nossos conhecimentos, fizemos mais: para a inauguração da referida quadra, levamos para Campinas todos os componentes da seleção paulista, da qual fazíamos parte, para dar uma demonstração do nosso esporte. O entusiasmo que o ‘quinteto’ despertou naquela ocasião em Campinas pareceu-nos que, tão logo, assim como os demais esportes se orientados diferentemente haveriam de tomar grande impulso no interior, onde, a nosso ver, pululavam centenas de cidades em condições de poder proporcionar aos seus habitantes a prática de vários esportes além do futebol, já perfeitamente familiarizado em todo o nosso interior.

Entretanto, a proposta de criar um evento próprio para o desenvolvimento esportivo no interior teria que esperar mais um pouco. Ele não só prosseguiu com sua trajetória como atleta esportivo, como também foi um dos esportistas mais ativos na Revolução Constitucionalista de 1932, conflito que colocou o Estado de São Paulo contra a União entre julho e outubro daquele ano.

Barioni se voluntariou no Batalhão de Emergência Borba Gato, composto por civis e organizado pelo 2º Batalhão de Caçadores Paulistas. “O meu pai tinha essa paixão grande por São Paulo, por tudo o que representa para o país. Foi algo que ele se orgulhou muito” (BARIONI, 2019, informação verbal). Além de pegar em armas, ele se aproximou de Cásper Líbero para atuar como correspondente de guerra no jornal A Gazeta. O veículo foi um dos principais incentivadores do conflito, como lembra a pesquisadora e professora Gisely Valentim Vaz Coelho Hime (2005).

Após o término da Revolução Constitucionalista em outubro de 1932, Baby Barioni retornou à vida de atleta e cronista e participou dos últimos jogos da temporada do Palestra Italia. Depois disso, resolveu se dedicar ao basquete nos bastidores, atuando como dirigente e promotor esportivo a partir de 1933.

Barioni começou a peregrinar pelo Estado de São Paulo, seja atuando como árbitro ou mesário em partidas da Federação Paulista de Bola ao Cesto, seja como convidado para falar sobre a modalidade em eventos de clubes ou inauguração de quadras nas mais diversas regiões. Cada visita a municípios menores e distantes da capital instigava Baby Barioni a realizar um sonho que cultivava desde a época em que era atleta: criar uma competição aberta interiorana para estimular a prática esportiva nestas localidades.

Era uma ideia ousada na época porque poucas cidades do interior possuíam uma estrutura esportiva adequada. Tanto que não obteve o apoio esperado. Nenhuma entidade esportiva da capital paulista, onde ele morava e possuía maiores condições de organizar campeonatos, demonstrou interesse em apoiar um evento nesse sentido. Nem mesmo a

Federação Paulista de Bola ao Cesto, a qual ele era filiado. Em março de 1936, se reuniu com Miguel Panzoni, então presidente da entidade, mas novamente as conversas não foram adiante. “Tudo quanto sugeríamos nas entidades metropolitanas em benefício dos esportes interioranos era considerado, oficialmente, ‘mais uma loucura do Baby’” (BARIONI, 1946, p. 15).

Curiosamente, foi um caso de amor à primeira vista que viabilizou os Jogos Abertos. Baby Barioni estava de passagem em Monte Alto para São José do Rio Preto quando conheceu Esther Ferreira, uma jovem de Jaboticabal, cidade vizinha. Se apaixonou no mesmo instante e a vontade de saber mais sobre aquela moça o fez perder o trem para seu destino. “Meu pai acabou ficando mais tempo em Monte Alto porque queria conhecer minha mãe”, explica Edna Barioni (2019, informação verbal).

Obrigado a pernoitar na pequena cidade interiorana, ele foi convidado a apitar um jogo de basquete – e lá conheceu Manoel Carvalho de Lima, então presidente da Associação Atlética Montealtense. Comentou seu projeto com o dirigente, que gostou da proposta de realizar um torneio aberto às cidades interioranas a ponto de estimular Baby Barioni a realizá-lo lá mesmo, em Monte Alto, ainda em 1936.

Barioni finalmente encontrou o apoio que precisava para transformar seu sonho em realidade. Enquanto Carvalho de Lima utilizava seu prestígio político e mobilizava a Câmara Municipal e a Prefeitura de Monte Alto para obter recursos financeiros, Horácio Barioni escreveu ofícios para prefeituras de diversos municípios do interior do Brasil, convidando-os para uma competição aberta de Bola ao Cesto. Cinco delas responderam positivamente: Franca, Mirassol, Olímpia e Piracicaba, todas de São Paulo, e Uberlândia, de Minas Gerais. Ao lado de Monte Alto, elas realizaram o primeiro Campeonato Aberto do Interior em dezembro de 1936.

Nem mesmo as fortes chuvas que caíram em Monte Alto durante o mês diminuíram o interesse. Os próprios jogadores se revezavam com rodos para secar a quadra e realizarem as partidas. Uberlândia, a única delegação fora do Estado de São Paulo, foi a campeã com três vitórias em três jogos e também demonstrou interesse no evento. Capitaneada por Boulanger Fonseca e Silva, a cidade do Triângulo Mineiro sediou a segunda edição, novamente organizada por Baby Barioni – foi a única vez em que os Jogos Abertos foram realizados fora de São Paulo. Além do basquete, houve a estreia de natação – o que levou à participação de Maria Lenk, já estrela do esporte brasileiro presente nos Jogos Olímpicos de 1932 e 1936.

O evento definitivamente caiu no gosto das cidades interioranas. Em 1938, Barioni levou a competição para Sorocaba e incluiu provas de pedestrianismo, outra grande paixão de sua trajetória esportiva. A partir de 1939, o Departamento de Educação Física e Esporte (DEFE), vinculado ao Governo de São Paulo, assumiu a organização. Contudo, Baby Barioni continuou no comando até 1940.

Depois disso, diferenças com as autoridades do governo estadual o fizeram se afastar da competição que ele próprio criou. Atuou na organização novamente, mas, apenas nas edições de 1943, 1944, 1956, 1957 e 1958, sempre a pedido das cidades-sedes. Em outros anos, chegou a participar da competição como membro da comissão técnica de cidades, treinando equipes de basquete e atletismo de São Carlos, Olímpia, Sorocaba e Botucatu em diferentes oportunidades.

Nos últimos anos de vida, aproveitou para viajar pelo país e promover outros eventos esportivos. Criou, por exemplo, os Jogos do Obelisco, uma homenagem aos fundadores dos Jogos Abertos do Interior. Auxiliou no desenvolvimento dos Jogos Abertos da Araraquarense, que deram origem aos Jogos Regionais (curiosamente um evento classificatório dos Jogos Abertos atualmente). Foi um dos promotores dos *tours* que o Harlem Globetrotters, famoso conjunto estadunidense de basquete, fez pelo Estado de São Paulo nos anos 1950. Foi incentivador para a criação dos Jogos Abertos do Paraná, em 1957, e de Santa Catarina, em 1960, além de iniciativas semelhantes em Minas Gerais e no Rio Grande do Sul. Propôs a criação dos Jogos Abertos Universitários e organizou eventos de automobilismo em Piracicaba.

Hipertenso, morreu de forma inesperada. “Ele passou mal de madrugada. Muitos pensavam que ele tinha morrido em acidente de carro por viajar tanto” (BARIONI, 2019, informação verbal). Além da filha Edna, deixou a viúva Esther Ferreira Barioni e a filha mais velha Aurea Magda (fruto de um relacionamento quando ainda era solteiro), além de não conseguir se despedir do seu principal legado esportivo no Brasil.

Modernices: o apoio do Movimento Bandeira

Além da trajetória esportiva, Baby Barioni também nutria grande apreço pelas artes. Atuou como cronista em jornais paulistanos na sua juventude e se revelou um ótimo desenhista. Ele fazia ilustrações e desenhava até fachadas para estabelecimentos comerciais, como a Casa Bueno, de Rio Preto. “Com fachada decorada pelo desenhista Baby Barioni, com

suas vitrines artisticamente arrumadas por um vitrinista de renome, é uma prova eloquente do fino gosto de seus proprietários” (CORREIO DE SÃO PAULO, 1936, p. 13).

Barioni utilizou desse recurso, inclusive, para promover os Jogos Abertos do Interior nas primeiras edições. Ele fazia de próprio punho os cartazes de divulgação do evento, um “trabalho do veterano Baby Barioni, o constante animador do certâmen” (SPORT ILLUSTRADO, 1939, p. 29). Visitava redações dos principais jornais e levava o desenho para ser divulgado nas páginas esportivas.

Essa predileção pelas artes foi uma herança da família. De acordo com Edna Barioni (2019, informação verbal), a pintura “era uma atividade de toda a família que ele sempre valorizou e, inclusive, passou para mim e meus primos”. Seu irmão mais velho, Walther, advogado e destacado educador, era um dos mais proeminentes artistas da família Barioni. Como pedagogo, atuou em diversas escolas do Estado de São Paulo. Contribuiu com diversas publicações artísticas nas décadas de 1920 e 1930. É patrono da Cadeira nº 40 da Associação Paulista de Psicologia e foi um dos principais incentivadores da Semana de Arte Moderna de 1922 e seus desdobramentos, segundo perfil escrito pelo psicólogo Nilson Pires (2003).

Walther e Horácio Barioni eram próximos dos modernistas Menotti del Picchia e Cassiano Ricardo. Ambos publicaram crônicas e poesias na revista *A Cigarra* quando os dois escritores ocupavam posições na direção do periódico. Mais do que isso, os irmãos compartilhavam muito de suas visões culturais, políticas e sociais. Assim, quando Baby precisou de apoio para organizar as primeiras edições dos Jogos Abertos do Interior, ele recorreu ao Movimento Bandeira, de Cassiano Ricardo.

A iniciativa surgiu por volta de 1935 derivado de outro movimento, o *verde-amarelismo*, que era uma resposta à Semana de Arte Moderna de 1922. Cassiano Ricardo e Plínio Salgado idealizavam um novo nacionalismo para o país que rejeitava qualquer influência do exterior. Contudo, as transformações sociais a partir da década de 1930 fez a iniciativa se desmembrar em duas. A mais conhecida foi o *Integralismo*, de Plínio Salgado, com forte influência fascista. Cassiano Ricardo elaborou o *Bandeirismo* ou *Movimento Bandeira*, igualmente com forte viés nacionalista, mas que atuava principalmente no campo cultural e social e não político.

O novo movimento agrupou grande parte dos intelectuais paulistas que se destacaram após a Semana de 1922. Menotti del Picchia, Mario de Andrade, Alcântara Machado, Guilherme de Almeida, entre outros, lançaram o *Bandeira*. Segundo o pesquisador George Leonardo Coelho (2014, p. 61):

Os intelectuais reunidos em torno do movimento defendiam a tese de que o Brasil tinha de encontrar o seu caminho como fizeram os bandeirantes. Segundo o manifesto, “esta Bandeira reunirá, em cooperação harmoniosa, todas as inteligências criadoras contra todas as concepções alheias ao clima do nosso espírito e contrárias às finalidades nacionais”. Tal “cooperação harmoniosa” sustentará “um movimento de legítima defesa destinado a salvaguardar a expressão original da alma brasileira e a fixar nossa unidade espiritual, sem a qual não haverá unidade política”. Cooperação, unidade e nacionalismo comporiam a base da doutrina que organizaria essa nova Nação. Como foco de irradiação de tal “unidade espiritual”, São Paulo dará novamente a orientação dos caminhos da Nação, pois o movimento – assim como as Bandeiras históricas – seria fruto da “arrancada da mentalidade paulista para a fixação e defesa das fronteiras da Pátria”.

Cassiano Ricardo no livro *O Brasil no Original* explica as características por trás do Movimento Bandeira e o que o diferencia, por exemplo, do Integralismo de Plínio Salgado. O bandeirismo era “nacionalista”, prezava pela “valorização do indivíduo como ser social”, lutava pela autonomia dos estados com o federalismo e, principalmente, se tratava de um “movimento cultural” enquanto que “o Integralismo era um partido político-eleitoral” (RICARDO, 1937, p. 233).

Baby Barioni compartilhava a mesma visão, principalmente no que tange ao federalismo e a autonomia dos estados em se estruturarem. Ele lutou na Revolução Constitucionalista de 1932 justamente por acreditar na força do Estado de São Paulo. Defendia a independência administrativa em relação ao governo federal, principalmente na condução de políticas esportivas. Ele explica seu ponto de vista em uma coluna publicada no jornal *Diário da Noite* (1946, p. 7).

Mas o nosso país, desde o advento da Revolução de 1930, centralizou toda a atividade nacional no Distrito Federal, reduzindo-a a vontade de um só homem; os esportes sofreram, igualmente, essa intoxicação nazista, principalmente com a criação do perfeitamente dispensável Conselho Nacional de Desportos, cujo presidente, sozinho, legisla de meia em meia hora decretos e leis para 20 Estados, 5 Territórios, 1 Distrito Federal e para 42.000.000 de almas, como se os interesses de toda essa rede que representa o âmbito esportivo nacional pode e deve continuar a depender dos caprichos de um só homem.

Desde sua trajetória como atleta, Baby Barioni defendia a liberdade de clubes e de competidores de participarem de diferentes iniciativas esportivas. Em 1927, por exemplo, se indis pôs com a Federação Paulista de Bola ao Cesto, que o puniu por ser atleta do Palestra Italia no Campeonato Paulistano organizado pela entidade, mas disputar a Liga dos Amadores pelo Antarctica FC. Era uma visão que ele levou para os Jogos Abertos do Interior. Não

acreditava que as cidades do interior deveriam seguir normas de instituições esportivas localizadas na capital estadual, que por sua vez seguiam diretrizes da União.

Em 1938, chegou a divulgar a criação de uma organização esportiva específica para representar o interesse dessa região. Entretanto, a entrada do governo estadual na organização do evento a partir de 1939 e a promulgação da Lei 3.199 de 1941, que criou o Conselho Nacional de Desporto e obrigou a instituição de uma única federação esportiva estadual para desenvolver modalidades amadoras, implodiu a iniciativa. Prossegue Baby Barioni (*ibidem*):

Não tardará o dia em que, do interior, se levantará a voz para mostrar aos nossos legisladores de meia tigela que leis esportivas não se fazem de acordo com as ambições pessoais de uns trinta ‘hitleres’ e ‘mussolinis’ improvisados, mas sim obedecendo o imperativo do meio: e o interior reclama a fundação de suas entidades independentes.

Essa proximidade entre a família Barioni e o grupo responsável pela *Bandeira* foi útil para a consolidação dos Jogos Abertos do Interior nas duas primeiras edições. Quando Baby Barioni conseguiu o apoio da Associação Atlética Montealtense para organizar a competição em 1936, precisava de outra entidade para patrociná-la. O departamento esportivo da *Bandeira* assumiu esse compromisso por enxergar na iniciativa um pouco do ideal bandeirante, ou seja, de levar o desenvolvimento esportivo de São Paulo para outras regiões. Um relato do jornal Folha da Manhã, em 7 de outubro de 1936 (p. 7), indicava a presença do movimento na competição:

Entre as realizações em que o Departamento Esportivo da “Bandeira” vae ter parte activa destaca-se o Campeonato Aberto do Interior, promovido pela Associação Athletica Montealtense, e que ella vae patrocinar, correspondendo ao desejo não só dos próprios promotores, como de todos os nossos meios cestobolistas do Interior. Semelhante iniciativa não pode deixar de ter o apoio de quantos pugnam pelo progresso e difusão de nossa bola ao cesto, o está fadada ao do torneio já se acha prompto, tendo mais completo êxito. O regulamento sido elaborado pelo conhecido esportista Baby Barione.

O braço esportivo da *Bandeira* teve papel de destaque na realização da primeira edição dos Jogos Abertos do Interior, em 1936. Além de auxiliar na promoção do evento, com notas nos principais jornais paulistanos, a instituição arcou com as passagens ferroviárias das cinco primeiras delegações que se inscreveram – curiosamente, apenas cinco cidades, além de Monte Alto, participaram da primeira edição. Além disso, também confeccionou o troféu de campeão e as medalhas para os atletas das quatro melhores equipes do campeonato (FOLHA DE MANHÃ, 1936, p. 13).

O apoio da *Bandeira* aos Jogos Abertos do Interior prosseguiu para a segunda edição, realizada na cidade mineira de Uberlândia em 1937. O objetivo, novamente, era promover a expansão de seus ideais por meio do desenvolvimento esportivo. Diz uma reportagem publicada no jornal Folha da Manhã em 12 de maio (1937, p. 16):

A exemplo do grande e eficiente apoio que deu ao primeiro certame effectuado em Monte Alto, a “Bandeira” desta vez empregará as suas melhores energias afim de dar aos jogos que se realizam este anno em Uberlândia um caracter essencialmente brasileiro, reunindo na linda cidade mineira os esportistas de todo o Brasil que assim terão a oportunidade de conhecer de perto o grau de progresso e de adiantamento em que se encontram as diversas cidades paulistas e mineiras.

Logo depois da segunda edição dos Jogos Abertos do Interior, o presidente Getúlio Vargas aplicou o golpe do Estado Novo, que endureceu o governo federal se apoiando ainda mais no autoritarismo e na centralização política. Partidos políticos e movimentos considerados de oposição foram extintos. Foi o que aconteceu com a *Bandeira*. Mesmo assim, o apoio dado a Baby Barioni nos dois anos foi suficiente para que a competição prosseguisse sozinha a partir de 1938 e se estabelecesse como um importante evento do calendário esportivo nacional.

Caipirices: em busca de um imaginário olímpico caipira

O *Bandeirismo* de Cassiano Ricardo foi essencial para garantir a sobrevivência dos Jogos Abertos do Interior em seus dois primeiros anos. O sucesso do torneio atraiu a atenção de mais cidades brasileiras. Na terceira edição, em 1938, dezesseis municípios participaram de três modalidades esportivas – quase o triplo das seis delegações que competiram no basquete dois anos antes. Entretanto, ainda que o apoio de um movimento notadamente nacionalista tenha sido importante para Baby Barioni, foi uma influência estrangeira que contribuiu para o crescimento da competição nos anos seguintes.

Os Jogos Abertos do Interior surgiram na mesma época em que a disputa dos Jogos Olímpicos se consolidava no cenário internacional. Criados em 1896 pelo educador francês Pierre de Coubertin, os Jogos Olímpicos da Era Moderna se estabeleceram nas décadas seguintes como uma grande atração global de destreza atlética. Em 1936, meses antes da primeira edição do campeonato interiorano, os Jogos de Berlim, sob o domínio do regime nazista, “inauguraram uma dependência mútua entre o esporte e a tecnologia das comunicações, que cada vez mais define nossa experiência como espectadores na atualidade”, como explica o ensaísta Hans Ulrich Gumbrecht (2007, p. 102).

Ou seja, nunca uma edição olímpica teve tanta repercussão mundial até aquele momento. Isso levou à criação de um imaginário olímpico amplamente divulgado nos meios de comunicação, permitindo a construção de uma narrativa comum em torno do evento – e que seria apropriada de certa forma por iniciativas semelhantes mundo afora.

Nesse caso, o conceito de imaginário leva em conta questões que envolvem a realidade. Não se trata de uma oposição, mas de um complemento à forma como observamos e entendemos os acontecimentos. Como explicam François Laplantine e Liana Trindade (1996, p. 26 e 27):

Como processo criador, o imaginário reconstrói ou transforma o real. Não se trata, contudo, da modificação da realidade, que consiste no fato físico em si mesmo, como a trajetória natural dos astros, mas trata-se do real que constitui a representação, ou seja, a tradução mental dessa realidade exterior.

No caso dos Jogos Olímpicos, o imaginário trabalhado pelo Comitê Olímpico Internacional e divulgado pelos meios de comunicação tem o objetivo de “colocar o esporte a serviço do desenvolvimento harmonioso da humanidade, promovendo uma sociedade pacífica e preocupada com a preservação da dignidade humana” (COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL, 2022). A disputa atlética é uma forma de celebrar esta percepção. Centrado na figura heroica do atleta, deveria destacar elementos essenciais como *fair play* e o amadorismo, elementos que incluam “o *ethos* aristocrático – atividade realizada pelo simples prazer de realizá-la, sem fins úteis, desinteressada, a arte pela arte” (BRACHT, 2005, p. 100).

Entretanto, a profissionalização do esporte enquanto atividade fez com que o Olimpismo incorporasse outros elementos em seu imaginário, como a valorização e a exaltação do triunfo em contraponto aos valores de amizade, respeito e excelência. Katia Rubio (2019, p. 28) afirma que “se o imaginário heroico é o mobilizador da figura espetacular do atleta, é o imaginário da vitória da terceira geração olímpica que circula no movimento olímpico contemporâneo”. Possuir o adjetivo *olímpico*, portanto, significa compartilhar esse imaginário para tentar se destacar, ainda que esteja sujeito às normas definidas pelo Comitê Olímpico Internacional (ibidem, p.31).

Ainda que Baby Barioni não tenha afirmado que os Jogos Olímpicos serviram de inspiração para a criação dos Jogos Abertos, ele soube compreender o espírito do seu tempo. A competição interiorana bebeu na fonte do Olimpismo ao aproximar esses valores de excelência e triunfo do imaginário caipira que marcava o interior de São Paulo, o sul de Minas Gerais e o norte do Paraná – não coincidentemente regiões consideradas essenciais para o sucesso dos Jogos Abertos em seus primeiros anos.

O discurso do “ser caipira”, narrado por Monteiro Lobato na literatura e interpretado por Mazzaropi no cinema, mostra a incorporação dos elementos de redenção, triunfo e volta por cima. Se no princípio era retratado como um sujeito preguiçoso e avesso ao trabalho, nas obras seguintes “o caboclo (ou caipira, nas áreas de influência paulista) passava a simbolizar um ‘tipo puro’, não contaminado pelo modo de vida urbano que se expandia naquele período histórico” (PEREIRA; QUEIROZ, 2005, p. 10).

Antonio Candido (2017), por sua vez, pontua que a cultura caipira independe de aspectos físicos e é estruturada a partir de determinadas características sociais, como isolamento e posse da terra, trabalho doméstico, margem de lazer e auxílio vacinal. Esses dois últimos pontos, aliás, compartilham similaridades com o imaginário olímpico de valorização do companheirismo e da confraternização entre as pessoas (amizade e respeito).

Diante disso, os Jogos Abertos do Interior buscaram, ao longo dos seus primeiros anos, uma união entre os imaginários olímpico e caipira. Ao mesmo tempo em que valorizavam as particularidades regionais da competição e dos heróis que representavam as cidades, também se aproveitavam do adjetivo olímpico como uma tentativa de se distinguir de outras iniciativas.

Isso foi possível com a incorporação de *tradições* e discursos que possibilitaram essa aceitação entre os torcedores. O uso de ritos e símbolos revela-se uma estratégia fundamental para consolidar qualquer imaginário. São práticas que “visam vincular certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado” (HOBSBAWN, 2012, p. 9).

No caso dos Jogos Abertos do Interior, isso aconteceu em duas frentes distintas. De um lado, os próprios meios de comunicação que realizavam a cobertura das primeiras edições e utilizavam o imaginário olímpico para explicar e enaltecer a iniciativa interiorana. Do outro, os organizadores que buscavam aumentar a participação de cidades e recorriam a símbolos desse mesmo imaginário para se distinguirem perante o público e valorizarem a força interiorana.

A primeira menção ao imaginário olímpico aconteceu na primeira edição em 1936, na cidade de Monte Alto. José Oliveira Figueiredo, representante do fórum local, iniciou seu discurso na abertura com uma alusão às Olimpíadas da Antiguidade. Segundo relato do jornal Folha da Manhã (1936, n.p.), ele disse: “Evoco, neste momento, as seintillações fulgurantes do gênio hellenico. Foi de lá que, numa feliz predestinação, partiram os primitivos estes da educação esportiva como base da actividade humana”.

O mesmo jornal, na edição de 29 de dezembro de 1936 (p. 15), fez a primeira citação direta aos Jogos Olímpicos: “Possuindo a cidade de Casa Branca as instalações necessárias para um certame desse vulto, cogita-se iniciar-se a olympiada num sábado para terminar no domingo seguinte”. No ano seguinte, o periódico O Jornal, do Rio de Janeiro, trazia no título: “Os jogos abertos do interior virão a ser, para o futuro, uma verdadeira olympiadas”. O texto prossegue: “O interesse que estes jogos estão tomando, de dentro de muito pouco tempo venham a constituir uma verdadeira olympiada quando nelles serão incluídas as provas de atletismo, tennis e outros sports” (1937, p. 4).

O Correio Paulistano fez um paralelo entre a trajetória dos Jogos Olímpicos e os Jogos Abertos do Interior, que iria realizar sua terceira edição em Sorocaba naquele ano. “Haverá quem possa afirmar que entre as olympiadas mundiaes e os jogos abertos do interior não há certa e interressante afinidade?” (1938, p. 6).

Para o Comitê Organizador dos Jogos Abertos, a incorporação do imaginário olímpico se deu por meio de ritos e protocolos aceitos nos Jogos Olímpicos. Na primeira edição do evento já existia um desfile das delegações na cidade-sede. Na segunda, em 1937, Baby Barioni instituiu a bandeira e o símbolo da competição. O juramento do atleta foi realizado pela primeira vez em 1938 e o revezamento da tocha, inaugurado com grande sucesso nos Jogos Olímpicos de 1936, inspirou o revezamento entre as cidades participantes da competição interiorana a partir de 1939. Por fim, em 1941, surgiu a Cerimônia de Abertura e a pira com fogo simbólico.

Esses dois trabalhos foram úteis para mobilizar torcedores e aumentar o número de participantes ao longo do tempo. Criou-se uma cultura esportiva do interior, focada na valorização de seus atletas e de suas características regionais por meio de um evento similar aos Jogos Olímpicos. “Do ponto de vista institucional, participar de um seletto grupo, coberto com a égide sagrada da palavra olímpica, representa o pertencimento a um grupo exclusivo composto por imortais” (RUBIO, 2019, p. 28). Portanto, não é surpreendente que os Jogos Abertos do Interior cultivem ainda hoje a alcunha de “Olimpíada Caipira”.

Considerações finais

Com 86 anos de história, os Jogos Abertos do Interior só não foram realizados em três oportunidades. Em 1989, uma greve de professores na rede estadual de ensino inviabilizou o uso de escolas como alojamentos para os participantes – vital para o sucesso da organização. Depois, em 2020 e 2021, a pandemia de Covid-19 também cancelou o evento, ou seja, já

foram realizadas 83 edições da competição, permitindo consolidá-la como um importante atrativo do calendário esportivo nacional.

Na última disputa, em 2019 na cidade de Marília, mais de nove mil atletas de 189 municípios paulistas participaram de 30 modalidades da programação oficial. Houve edições em que o número de competidores chegou a 15 mil. Ainda que a cobertura midiática não seja a mesma de antigamente, diversas prefeituras investem e mobilizam seus clubes para participarem da competição.

Os números dão uma dimensão da dimensão dos Jogos Abertos do Interior. Evidentemente, outros fatores contribuíram para o sucesso da competição ao longo das décadas. A malha ferroviária foi bastante útil, uma vez que seu avanço permitiu conectar diferentes regiões do Estado de São Paulo, principalmente até a década de 1950. A própria cobertura jornalística, com transmissão do evento em emissoras de televisão e divulgação nos principais jornais até a década de 90, também exerceu um importante papel.

Entretanto, o objetivo deste artigo não era identificar os fatores de crescimento dos Jogos Abertos do Interior, mas sim pontuar as influências que cercavam Baby Barioni e o ajudaram a criar a competição. Por meio da revisão bibliográfica e da pesquisa documental com análise de jornais, é possível identificar como a atuação do grupo de modernistas que criou o Movimento Bandeira e a popularização do imaginário olímpico entre os meios de comunicação foram importantes para que o evento se estabelecesse no país.

O *Bandeirismo*, liderado por Cassiano Ricardo (de quem a família Barioni era próxima), garantiu o apoio operacional para as duas primeiras edições, fornecendo troféus, medalhas e até passagens ferroviárias para delegações inscritas, além de auxiliar na divulgação da competição. A iniciativa enxergava na competição interiorana o seu ideal de expansão do progresso paulista, permitindo a integração de mais cidades de diversas regiões por meio da prática esportiva.

O imaginário olímpico, que exalta o triunfo e a excelência, foi incorporado pelos meios de comunicação e a própria organização do evento como uma forma de destacar e diferenciar o projeto de Baby Barioni, garantindo maior adesão de atletas, clubes e torcedores. Além disso, também foi útil para enaltecer o próprio interior paulista, aproximando a figura do *Caipira* com esses valores do Olimpismo.

Se hoje os Jogos Abertos são conhecidos como *Olimpíadas Caipiras* e se posicionam como grande celeiro para jovens atletas que querem se destacar no esporte, é muito por conta desses dois fatores que levaram Baby Barioni a criar a competição na década de 1930. Sem o

ideal de expansão do Movimento Bandeira e sem o imaginário olímpico para destacar os feitos atléticos, a competição não teria a mesma importância que possui atualmente para as cidades e os atletas do interior paulista.

Referências

- A Casa Bueno, uma magazine completo. **Correio de São Paulo**, São Paulo, 6 jun. 1936, p. 13.
- As actividades do Departamento Esportivo da “Bandeira”. **Folha da Manhã**, São Paulo, 7 out. 1936, p. 7.
- As actividades do Departamento Esportivo da “Bandeira”. **Folha da Manhã**, São Paulo, 11 dez. 1936, p. 13.
- BARIONI, Edna. Entrevista 2. [nov. 2019]. Entrevistador: Gustavo de Araujo Longo. São Paulo, 2019. 1 arquivo .mp3 (24 min.).
- BARIONI, Horácio Geraldo. Colaborar com quem? **Diário da Noite**, São Paulo, 11 mar. 1946, p. 15.
- _____. Haverá lei que possa impedir a fundação de uma entidade interiorana? **Diário da Noite**, São Paulo, 13 fev. 1946, p. 7.
- BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. Ijuí: Editora Ijuí, 2005.
- CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito**. São Paulo: Edusp, 2017.
- COELHO, George Leonardo. O Martim Cererê em marcha: os “novos bandeirantes” em defesa das fronteiras espirituais da nação. In: **MONÇÕES**. Revista de História da UFMS/CPCX, vol. 1, nº 1, set. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/moncx/article/view/146>. Acesso em: 20 abr. 2022.
- COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. Who we are. Disponível em: <http://www.olympic.org>. Acesso em: 20 abr. 2022.
- FONSECA, Ouhydes João Augusto da. **Cartola e o Jornalista: influência da política clubística no jornalismo esportivo de São Paulo**. 1981. 201 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1981.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Dança dos Deuses: futebol, sociedade e cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Elogio da beleza atlética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HIME, Gisely Valentim Vaz Coelho. Um Projeto Nacionalista em Busca da Modernidade: A Gazeta de Cásper Líbero na Era Vargas. In: **3º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho - ALCAR**, 3, 2005, Novo Hamburgo. Anais on-line, São Paulo: ALCAR, 2005. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/3o-encontro-2005-1/Um%20Projeto%20Nacionalista%20em%20Busca%20da%20Modernidade.doc/view>. Acesso em: 20 abr. 2022.

HOBBSAWN, Eric. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz & Terra, 2012.

II Campeonato aberto de bola ao cesto do interior. **Folha da Manhã**, São Paulo, 29 dez. 1936, p. 15.

LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana. **O que é imaginário?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

O futebol em Villa Mazzei. **Folha da Manhã**, São Paulo, 15 nov. 1929, p. 11.

O primeiro campeonato aberto de bola ao cesto do interior. **Folha da Manhã**, São Paulo, 15 dez. 1936, n.p.

Os ‘IV Jogos Abertos do Interior’ empolgam os sportistas do coração do Brasil. **Sport Ilustrado**, Rio de Janeiro, 16 ago. 1939, p. 29.

Os jogos abertos do interior virão a ser, para o futuro, uma verdadeira olympiadas. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 28 mai. 1937, p. 4.

Os jogos do terceiro campeonato aberto do interior. **Correio Paulistano**, São Paulo, 1º jul. 1938, p. 8.

PEREIRA, João Baptista Borges; QUEIROZ, Renato da Silva. Por onde anda Jeca Tatu? Arcaísmo e Modernidade no Contexto Agrário. Dossiê Rural. **Revista USP**, São Paulo, nº 64, p. 6-13, dezembro/fevereiro 2004-2005.

PIRES, Nilson Campos. Resgatando a memória dos Patronos: Vida e Obra de Walther Barioni. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**. Ano XXIII, n. 02/ 03, p. 6-8, 2003.

RICARDO, Cassiano. **O Brasil no Original**. 2ª ed. São Paulo: Coleção Cultural da Bandeira (Revista dos Tribunais), 1937.

RUBIO, Kátia. Olimpização: notas sobre o desejo de inclusão no modelo olímpico. In: RUBIO, Kátia (org.). **Do Pós ao Neo Olimpismo: esporte e movimento olímpico no século XXI**. São Paulo: Editora Laços, 2019.

Segundo campeonato aberto de Bola ao Cesto do Interior. **Folha da Manhã**, São Paulo, 12 mai. 1937, p. 16.

A canoagem slalom de Piraju (SP) e a primeira sul-americana a competir na modalidade em Jogos Olímpicos

*Marcelo Cardoso*¹⁰⁰

Introdução

A canoísta Poliana Aparecida de Paula, de 33 anos, competiu em 2008 nos Jogos Olímpicos de Verão, em Pequim, na China, pela categoria K-1, slalom. A embarcação é um caiaque para uma remadora e as competições são realizadas em corredeiras. A atleta ficou em 14º lugar, mas naquele momento alcançou dois feitos inéditos: se tornou a primeira canoísta brasileira a chegar a uma semifinal olímpica e a primeira mulher da América do Sul a competir na canoagem em uma olimpíada. Na época, a atleta de 1,63m de altura, estava com apenas 18 anos.

Quase quinze anos após as conquistas poucos se lembram da canoísta e o espaço que recebe das mídias é quase “nenhum”. Afinal, no Brasil a memória dos nossos atletas costuma ter importância em meios como o acadêmico, a exemplo do trabalho desenvolvido por tantos anos pela professora Katia Rubio, e seus orientandos, no Grupo de Estudos Olímpicos na Universidade de São Paulo (USP).

Resolvi, portanto, realizar um trabalho de resgate de parte da história da atleta, natural de Piraju e, também, do princípio da canoagem esportiva nesta localidade paulista. Paralelamente trago relatos de Milene Wolf, de 33 anos, atleta que foi importante na modalidade e competiu lado a lado com Poliana. Ambas se estimulavam para melhorar os seus desempenhos e dividiam frequentemente os lugares nos pódios.

A ideia sobre esta pesquisa e texto ocorreu após visitar a cidade de Piraju, em 2022, onde, pela segunda vez, pude remar com um caiaque pelas águas da represa local. Fui movido pelos ideais e pelas pesquisas desenvolvidas pelo professor do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da USP, Luciano Victor Barros Maluly, um filho da região, e com quem realizo, em parceria, atividades de pesquisa, extensão e jornalismo no âmbito do Grupo de Pesquisa Jornalismo Popular e Alternativo (Alterjor – USP).

¹⁰⁰ Jornalista e Mestre em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero São Paulo. Professor no curso de pós-graduação em Jornalismo Esportivo e Multimídias da Universidade Anhembi-Morumbi (SP). E-mail: cardoso_marcelo22@yahoo.com.br.

O professor Maluly atua na preservação da história do município e realiza ações para a melhoria dos Ensinos Fundamental 1 e 2 na região. Parte deste trabalho é desenvolvida em parceria com o Centro Regional de Arqueologia Ambiental Mario Neme, Casa da USP, em Piraju, em conjunto com a Prefeitura Municipal da Estância Turística do município, e divulgado pelo site Registro Digital da Memória e do Turismo da Estância Turística de Piraju¹⁰¹.

Piraju é sinônimo de natureza e de canoagem

Piraju é um município localizado a sudoeste do Estado de São Paulo na região conhecida por Vale do Paranapanema, perto do Estado do Paraná. Com uma população estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2021) em cerca de 30 mil habitantes, a cidade é conhecida pela oportunidade de viver próximo da natureza. Piraju é um dos 29 municípios paulistas que se enquadram como estância turística por cumprir a legislação vigente.

A região é cercada por rios, como o Paranapanema com suas corredeiras, e já foi sede para o treinamento dos atletas da seleção brasileira de canoagem slalom. Hoje Piraju é referência para a modalidade esportiva, sendo considerada uma cidade olímpica por ter recebido projetos esportivos-educacionais que estimularam atividades como a canoagem (MALULY, CERVEIRA FILHO, 2011). E foi por meio de um desses projetos que se iniciou a história da canoísta Poliana Aparecida de Paula.

A notoriedade para a modalidade na região data do ano de 2001, quando integrantes da seleção brasileira masculina começaram a treinar nos rios que cortam a cidade, após uma parceria que envolveu a prefeitura, “a Confederação Brasileira de Canoagem (CBCa) e uma empresa concessionária de energia hidrelétrica para a construção do Centro Esportivo de Alta Performance (Ceap)” e que permitiu que Piraju abrigasse “a sede de treinamentos da seleção brasileira de Canoagem, o que, efetivamente só ocorreu de 2001 a 2004” (MALULY; CERVEIRA FILHO, 2011).

A então diretora do Departamento de Esportes da Prefeitura de Piraju, Eliana Maria Pereira Carneiro, conhecida como Elianinha, informa que quando o velejador Lars Grael¹⁰² participou do governo federal, implantou o Projeto Navegar Brasil, que proporcionava o

¹⁰¹ Disponível em: <http://www.usp.br/piraju>. Acesso em: 3 de julho de 2022.

¹⁰² Lars Schmidt Grael foi secretário Nacional de Esporte entre 2001 e 2004 no governo do presidente Fernando Henrique Cardoso. O velejador conquistou inúmeros títulos pelo Brasil, entre os quais, mundiais e medalhas olímpicas.

acesso ao aprendizado das modalidades de vela, de remo e de canoagem e, a partir daí, houve uma parceria com o município. Elianinha explica que o impulso para esta parceria, porém, foi motivado por um fato trágico. O afogamento de duas crianças em um dos rios da cidade a deixou tocada e isso a fez procurar saídas para reduzir os índices de mortes por este fator:

Um dia ouvi que duas crianças, uma de 9 e outra de 7 anos, haviam morrido afogadas no rio, por conta da facilidade de acesso. O de maior idade foi tentar salvar o mais novo e os dois acabaram morrendo! Eu havia acabado de me tornar mãe e a notícia me doeu muito, pois a mãe deles tinha que sair para trabalhar e ficavam sozinhos. Imediatamente fui até o gabinete do prefeito Mauricio de Oliveira Pinterich e pedi para que solicitasse os dados da mortalidade por afogamentos em nosso município. Percebemos que o índice era muito alto. Tentamos solucionar o problema em parceria com o Corpo de Bombeiros, mas nos disseram que seria impossível em decorrência da extensão territorial do rio (CARNEIRO, 2021).

Na visão de Elianinha, o prefeito, um jovem bem relacionado com as esferas estaduais e federais, abraçou o desafio e a comunidade se encantou pelo Projeto Navegar Brasil, o que estimulou a parceria com o governo federal. E ainda teve uma ajudinha extra de um médico ortopedista que já fora da seleção brasileira, conforme narra:

Ele morou aqui [em Piraju], era médico da seleção brasileira de canoagem de velocidade e já havia feito contato com o diretor Carlos Francisco, meu antecessor e amigo. A ideia era viabilizar os treinamentos da seleção aqui, pois estavam com problemas em Londrina (PR), em decorrência da seca, e, também, para que eles conhecessem o nosso rio (CARNEIRO, 2021).

Em 2004 foi criada a Associação Pirajuense de Esportes Náuticos (Apen), “uma associação civil de direito privado sem fins econômicos, de duração por tempo indeterminado, com sede e foro no município da Estância Turística de Piraju” (MALULY; CERVEIRA FILHO, 2011). Assim, os atletas poderiam “participar de competições oficiais pelo fato de que tinham de ser filiados a alguma associação desportiva”, explica Milene Wolf (2022), que viria a ser a principal adversária de Poliana durante quase toda a carreira da canoísta. As duas atletas caminharam lado a lado em várias ocasiões firmando uma espécie de parceria.

A partir das iniciativas que estimularam a canoagem, jovens pirajuenses se empolgaram em conhecer melhor a modalidade o que propiciou o surgimento de atletas na região e em outras localidades do país. Nasceram ou treinaram em Piraju, Poliana Aparecida de Paula, Milene Wolf, Charles Correa, Anderson dos Santos Oliveira, Patrick Ronald de Almeida, atleta paralímpico, Pedro Henrique Gonçalves da Silva, o Pepê, atleta com medalhas em Jogos Pan-Americanos e um título mundial, além de ser o melhor classificado do país em jogos olímpicos (em 2016, no Rio de Janeiro, ficou em sexto lugar na K-1, slalom).

Mas por que o trecho do Rio Paranapanema favorece tanto a canoagem em Piraju? Pelo fato de o rio ter certas características que nenhum outro, no Brasil, tem, segundo opina Milene (WOLF, 2022):

Há redemoinhos e borbulhas (bolhas na água que são impulsionadas debaixo para cima pelo movimento das corredeiras). São movimentos que desestabilizam o caiaque. Quem vem de fora, reclama bastante, e quem rema bem aqui, vai bem em qualquer lugar (WOLF, 2022).

O fato de a cidade ser quase toda circundada por rios e com acessos relativamente fáceis também pode ter contribuído para o sucesso do esporte na região.

Sementes que brotam na água

Poliana Aparecida de Paula começou as suas remadas aos 11 anos por meio de um projeto social em Piraju, onde nasceu, e que foi fruto de uma parceria entre prefeitura e governo federal. Em 2005, então com 17 anos, já integrava a seleção brasileira da modalidade. A história, porém, poderia ser outra, afinal, como muitas crianças e adolescentes que moravam na zona rural do município, desde cedo ela ajudava os pais no trabalho, conforme afirma em seu depoimento:

Morava na zona rural quando conheci o Projeto Navegar. Eu e meus quatro irmãos participávamos (do projeto). Meus pais sempre fizeram muita questão da nossa participação no esporte, então, a gente saía do sítio às 5h30 em um ônibus da Prefeitura de Piraju que levava os alunos do projeto. Pela manhã fazíamos aulas no rio e, depois, a gente almoçava na cozinha-piloto cuja comida também era fornecida pela prefeitura. No início da tarde nós íamos para a escola e, assim, passávamos o dia todo na cidade para voltar para casa no finalzinho da tarde. Mas o projeto era algo que todos adoravam ir. Tinha competição, tinha formatura dos alunos no final de cada ciclo e que acabava incentivando mais as crianças a fazerem. E foi a porta para a canoagem slalom, também, e um passo muito importante para a minha vida (DE PAULA, 2022a).

A canoísta Milene Wolf lembra de quando ela e Poliana participaram do mesmo projeto, mas, na época, treinavam na modalidade velocidade pelo fato de ainda não haver a categoria slalom na cidade. Milene foi uma das crianças curiosas pelo que ocorria nas águas da região naqueles tempos. “Eu conheci a canoagem na escola e me chamou a atenção quando disseram que os atletas mais destacados poderiam viajar. E eu sempre quis conhecer o mundo e vi ali uma oportunidade”, conta (Wolf, 2022).

Com o sucesso da modalidade esportiva as autoridades municipais criaram uma escola de canoagem, conforme narra Milene (Wolf, 2022), que também foi treinadora dos atletas da categoria slalom, desde os iniciantes até os de alto rendimento, entre os anos de 2009 e 2021:

A escolinha era custeada pela prefeitura e gratuita. Os melhores atletas disputavam provas fora de Piraju e com despesas, em geral, pagas. Acredito que, ainda hoje, seja a única do país que tem professores concursados para ministrar as aulas de canoagem. Chova ou faça sol, o professor vai dar a aula porque é concursado (WOLF, 2022).

Bacharel em Educação Física e pós-graduada em *Personal Trainer* e em Treino Funcional, Milene deixou o trabalho na prefeitura em 2021 para se dedicar à academia de musculação que abriu no centro da cidade. Cinco anos antes ela foi convidada para ser árbitra de competições da canoagem slalom durante os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro.

Dos tempos de parceria e disputas com Poliana, Milene se recorda que ambas foram para a modalidade slalom e começaram a participar das provas regionais e, posteriormente, fora do Estado de São Paulo. “A gente sempre ficava no pódio, se revezando”, conta Milene (WOLF, 2022). Uma das primeiras conquistas da dupla ocorreu em 2004, em uma das etapas do Campeonato Paulista de Slalom, quando Milene, Poliana e a canoísta Suzy Araujo subiram ao pódio, algo que se repetiria mais vezes ao longo do mesmo ano.

Poliana, por sua vez, recorda que não havia muitas mulheres na canoagem naqueles tempos e que foram precursoras da modalidade na região: “Por sermos mulheres, a gente (Poliana e Milene) conseguiu trazer mais meninas para a prática. Fizemos muitas viagens nacionais e internacionais, competindo”. A canoísta ressalta o fato de Milene ter se tornado professora na modalidade, após deixar o alto rendimento, e já ter formado vários atletas dando continuidade ao que fez por anos.

Naquela época em que as duas atletas davam suas remadas mais fortes ainda não existia uma seleção brasileira feminina de canoagem slalom. Milene elogia a técnica de Poliana e garante que havia muita competitividade entre as duas canoístas, mas com respeito:

A Poliana sempre teve mais técnica e talento para a canoagem slalom do que eu. Ela deslizava melhor na água e eu era mais na força. O técnico italiano Ettore Ivaldi, que nos treinou na seleção brasileira, dizia que, ao contrário do que as pessoas pensam, a canoagem slalom é um esporte mais feminino porque precisa ter delicadeza para vencer os obstáculos que a corredeira impõe (WOLF, 2022).

Em 2011 Ivaldi foi técnico da seleção brasileira de canoagem, mas deixou o seu comando após os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, em 2016. O treinador é considerado por muitos especialistas como o responsável por parte da evolução da canoagem slalom no Brasil.

Em 2022 o treinador, de 59 anos, foi chamado novamente pela Confederação Brasileira de Canoagem, em parceria com o Comitê Olímpico Brasileiro, para ocupar o antigo cargo, mirando os próximos Jogos Olímpicos em Paris, na França.

A recriação da seleção brasileira de canoagem

Em 2005 as duas atletas se separaram. Milene, com apenas 16 anos, foi convidada para o que seria o novo embrião de uma seleção feminina de canoagem e foi morar em Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul, município localizado perto de Três Coroas, na Serra Gaúcha, conhecido local para práticas e competições de canoagem. Na época, Milene se desentendeu com o seu pai, contrário à ideia de a filha morar longe de casa. “Ele me disse que se eu fosse embora, não voltaria mais” (WOLF, 2022).

A exemplo de Poliana, Milene e sua família moravam na zona rural onde eram agricultores, tinham terras e cultivavam café e outros alimentos. Todos trabalhavam no plantio e secagem do café e vendiam os produtos colhidos na feira livre do município. Hoje Milene se emociona ao lembrar do que ocorreu entre ela e o pai. “Eu fui embora e ficamos sem nos falar há até pouco tempo, mas eu lhe pedi desculpa e hoje entendo as preocupações dele. Nós tínhamos um gênio forte”, justifica (Wolf, 2022).

Os planos da jovem, entretanto, foram frustrados. A ideia das entidades esportivas da modalidade era formar uma seleção feminina de canoagem de velocidade, o que não se concretizou, e Milene ficou apenas seis meses em Caxias do Sul, regressando à terra natal. E o destino uniu Poliana e Milene mais uma vez. Em 2005 elas foram morar em Tibagi, no Paraná, outra referência em esportes com canoa. Foi lá que a seleção brasileira feminina de canoagem foi recriada, e agora, com as duas canoístas. As viagens não pararam e quase um ano depois ambas se mudaram para Foz do Iguaçu, no Paraná, onde treinaram.

Em 2007, com 18 anos, as duas canoístas começaram a se destacar e participaram do Mundial de Canoagem Feminino Sênior, na categoria K1 – caiaque para uma remadora. “Nós éramos de uma categoria menor, Júnior, mas participamos e consegui ir para a semifinal me tornando a primeira mulher a chegar tão longe em uma competição oficial”, destaca Milene (WOLF, 2022).

Ambas tiveram inúmeras conquistas na canoagem slalom regional, nacional e fora do país. Milene conquistou títulos como o Campeonato Sul-americano de Canoagem slalom de 2013, em Los Andes, no Chile, quando a equipe feminina do Brasil também levou a medalha de ouro.

Em 2015 e 2016 a canoísta ocupou o primeiro lugar no Ranking Nacional de Canoagem Slalom, sempre na categoria K1, Feminino. “A primeira medalha que ganhei na vida foi em 1º de agosto de 2003, quando conquistei ouro na categoria para iniciantes no Open de Canoagem Slalom da Cidade de Piracicaba (interior de São Paulo)” (WOLF, 2022), relembra a canoísta.

Poliana, por sua vez, obteve títulos sul-americanos na categoria K1, Feminino, em 2007 e em 2009, além de medalhas de prata e de bronze em quatro Campeonatos Panamericanos, entre 2007 e 2011, e os títulos nacionais da modalidade em 2006, 2007, 2009 e 2011. A canoísta de Piraju também conquistou o Prêmio Brasil Olímpico nos anos de 2008 e 2009 pela modalidade. A premiação é organizada desde 1999 pelo COB e homenageia os principais atletas olímpicos, treinadores e personalidades do cenário esportivo no país.

E apesar de não ter conseguido uma medalha nos Jogos Olímpicos de Pequim, Poliana se emociona ao lembrar do seu pioneirismo na modalidade:

É incrível poder ser a primeira mulher a ter participado na canoagem slalom - um esporte muito pouco praticado por mulheres - e poder quebrar esse tabu de que é um esporte para homens. É um título que nunca ninguém vai poder me tirar. Poder ter aberto portas para as mulheres é maravilhoso. (...) canoagem era um esporte de muitos poucos recursos, equipamentos, estruturas de treinamento. Em muitas viagens eu tinha que tirar dinheiro do bolso se eu quisesse competir. Só quem me acompanhou desde o começo sabe como foi chegar até a Olimpíada. Foi muito suor, garra, choro e vontade de desistir (DE PAULA, 2022a).

A canoísta entende que todos os títulos obtidos durante a carreira foram importantes e que cada um teve uma história, uma superação, uma batalha anterior, porém, o pioneirismo olímpico tem um lugar especial em seu coração. “Sem dúvida, meu maior título foi chegar até às olimpíadas. Mesmo sem a medalha considero algo que poucos atletas têm a chance de viver. Será o mais importante durante a minha vida: poder passar para os meus filhos, um dia. Ter história para contar”, garante Poliana (DE PAULA, 2022a).

Entre os grandes incentivadores de Poliana estavam os pais e um dos irmãos, o mais velho, André Luiz de Paula, também canoísta e que sempre a apoiou. “O meu irmão sempre foi a minha maior inspiração na canoagem”, ressalta (DE PAULA, 2022a). André começou na canoagem antes de Poliana conforme lembra a canoísta:

Ele chegou à seleção masculina e quando fui para a seleção brasileira, ele já estava lá. Depois parou com a canoagem e, após alguns anos, voltou como professor e atleta na cidade de Tibagi, no Paraná. O André comanda hoje uma escolinha de

canoagem onde há vários atletas, mas também compete no caiaque extremo (modalidade de canoagem)” (DE PAULA, 2022a).

A lesão que encurtou a carreira

A vida de atleta, no entanto, não é eterna. Poliana sofreu uma lesão em um dos ombros que a obrigou a parar de competir. Durante os Jogos Olímpicos de 2008 a atleta já sentia dores, mas só conseguiu passar por exames mais específicos em 2014 para, posteriormente, ser submetida a uma cirurgia. “Na época não havia suporte das entidades esportivas como se tem agora e a Poliana não se tratou adequadamente. Quando passou por uma ressonância magnética, o médico lhe disse que já estava com aquela lesão há cerca de sete anos”, conta a mãe Sandra Aparecida Leme de Paula, uma espécie de porta-voz da atleta (DE PAULA, 2022b).

Apesar da cirurgia, a atleta reclama que ainda sente dor no local da lesão. “O médico me perguntou como eu remei por tantos anos com o ombro machucado. Infelizmente atletas mal cuidados levam lesões para a vida toda”, lamenta (DE PAULA, 2022a). Mesmo com o fim da carreira como atleta de alta performance, e de ter ouvido ironias sobre sua saúde, Poliana garante que não guarda mágoa daqueles momentos:

Mágoa não (guardo), mas acredito que faltou apoio, com certeza. Na seletiva para as olimpíadas em 2012 minha mãe teve de ouvir de uma pessoa de dentro da seleção que eu fingia sentir dor. É humilhante demais, para um atleta que batalha tanto, não ser valorizado. Mas eles têm hoje uma estrutura que consegue dar todo suporte para a canoagem. É muito legal ver essa evolução no esporte (DE PAULA, 2022a).

A canoísta espera que as entidades esportivas e a mídia, em geral, possam incentivar mais a permanência da história dos atletas brasileiros. “Todo atleta que passou pelo esporte, de alguma maneira, foi a chave para abrir portas ali e deixa um legado, uma história. Não se deveria deixar morrer a história de pessoas que fizeram a diferença e que, de alguma maneira, levaram o nome da cidade e fizeram crescer mais alunos e pessoas de bem”, alerta (DE PAULA, 2022a).

Em 2013, já próximo da aposentadoria precoce das competições, Poliana atuou por dois anos no Instituto Votorantim por meio do projeto Remando Contra a Maré, cujo objetivo era a inclusão social de jovens interessados em aprender canoagem nas modalidades velocidade ou slalom. O cenário era o mesmo onde a atleta começara, o Rio Paranapanema, em Piraju. O trabalho envolvia crianças carentes, mas ia além do ensino da canoagem. Poliana

destaca que tentava mostrar, também, o ser humano que aqueles jovens poderiam ser no futuro, com boas notas na escola e bom comportamento.

Tudo isso a gente colocava como objetivo para que eles pudessem usar na prática da canoagem. Trabalhar com crianças carentes acaba nos transformando em seres humanos melhores. Além das aulas na água, o projeto (o instituto) dava palestra sobre os atletas da cidade e abordava sobre a capacidade de se tornar um atleta de alta performance e um cidadão de bem (DE PAULA, 2022a).

Poliana, então, se mudou para o Sul do país onde se graduou em Educação Física e, posteriormente, cursou pós-graduação em Educação Física Escolar, com ênfase em Deficiência Física. Quando a entrevistei, estava noiva e animada para o casamento e revelou um desejo relacionado à sua história: “quero formar família e poder passar tudo, toda a minha história para os meus filhos. Quero mostrar (para eles) quem eu fui” (DE PAULA, 2022a).

A mãe da canoísta, Sandra, diz que a filha prefere levar uma vida discreta (DE PAULA, 2022b), mas ressalta o pioneirismo de Poliana por ter ajudado muita gente na região e no Brasil: “Muito do que se conquistou em Piraju, e no país, se deve a atletas como ela”, garante (DE PAULA, 2022b).

A canoagem nos Jogos Olímpicos

A canoagem em águas calmas surgiu oficialmente em 1936 na edição dos Jogos Olímpicos de Berlim. Antes, em Paris, 1924, a modalidade foi um esporte demonstração (KLAUSENERK, s/d). A partir de 1972, nos Jogos Olímpicos de Munique, na Alemanha, a modalidade slalom – disputada em águas brancas ou corredeiras - foi aceita como esporte para demonstração.

Apenas nos Jogos Olímpicos de Barcelona, na Espanha, em 1992, é que o slalom foi considerado válido para concorrer a medalhas (CONFEDERAÇÃO, s/d). Foi neste mesmo evento que o Brasil participou pela primeira vez com seus remadores e, desde então, tem enviado atletas para as competições olímpicas.

Nas competições de canoagem são utilizados dois tipos de embarcação: a canoa e o caiaque. Na canoa, que pode ser aberta ou fechada, se utiliza um remo com uma pá, apenas. Sua origem pode estar ligada aos índios do Canadá, na América do Norte, ou aos polinésios, na Oceania.

O caiaque de competição, por sua vez, é fechado e apenas quem vai remar fica dentro da embarcação cujo remo possui duas pás, uma em cada extremidade. A palavra deriva de *kayak* e significa homem-barco, em esquimó, e em sua forma original era encontrada com

mais frequência na América do Norte, na Sibéria e na Groenlândia onde eram “transportes individuais ideais e usados principalmente para caça e pesca” (OLYMPICS.COM, 2021).

Referências

CARNEIRO, Eliana Maria Pereira. Informações obtidas por Marcelo Cardoso. [São Paulo]. 26 mar. 2022. [Informações concedidas por aplicativo WhatsApp].

COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL, 2022. Atletas. Disponível em: <https://www.cob.org.br/pt/cob/time-brasil/atletas?modalidades=3551|543|&>. Acesso em: 11 mar. 2022.

_____, 2022. Com apoio do COB, Ettore Ivaldi volta ao Brasil para treinar a seleção de canoagem slalom. **Time Brasil**. <https://www.cob.org.br/pt/galerias/noticias/com-apoio-do-cob-ettore-ivaldi-volta-ao-brasil-para-treinar-a-selecao-de-canoagem-slalom/>. Acesso em: 12 abr. 2022.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CANOAGEM. História, s/d. Disponível em: <http://www.canoagem.org.br/pagina/index/nome/historia/id/12#gsc.tab=0>. Acesso em: 15 abr. 2022.

_____. Eventos, Resultados e Atletas. s/d. Disponível em: http://www.canoagem.org.br/evento/resultadosonlineatletas/eventos_id/24#gsc.tab=0. Acesso em: 22 mar. 2022.

CORRENTES: A História da Canoagem Slalom de Piraju! 2022. Produção: Olimpíada Todo Dia e Giovana Pinheiro. Direção: Caio Poltronieri. Roteiro: Giovana Pinheiro e Caio Poltronieri. Edição. Caio Poltronieri. São Paulo, 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=i_8csbomppA. Acesso em: 21 mar. 2022.

DE PAULA, Poliana Aparecida. Entrevista concedida a Marcelo Cardoso. [São Paulo]. 11 mar.; 19 abr. 2022a. [Entrevista concedida por aplicativo WhatsApp].

DE PAULA, Sandra Aparecida Leme. Informações obtidas por Marcelo Cardoso. [São Paulo]. 8 mar. 2022b. [Informações concedidas por telefone e por aplicativo WhatsApp].

DIÁRIO DE NOTÍCIAS EXPRESSO PIRAJU, 2014. Instituto Votorantim renova convênio com projeto social. Disponível em: <https://expressopiraju.blogspot.com/2014/02/votorantim-renova-convenio-com-projeto.html>. Acesso em: 26 abr. 2022.

FELIX, Wesley. Filme conta a história do projeto social que revelou Pepê Gonçalves. **Olimpíada Todo Dia**. Canoagem Slalom, 2022. Disponível em: <https://www.olimpiadatododia.com.br/canoagemslalom/422627-filme-conta-a-historia-do-projeto-social-que-revelou-pepe-goncalves/>. Acesso em: 7 abr. 2022.

FONTES, Carol. Ex-lavradora de plantação de café se realiza na canoagem e pode ir a 2016. Olimpíada. **GE**. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <http://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/2015/12/ex-lavradora-de-plantacao-de-cafe-se-realiza-na-canoagem-e-pode-ir-2016.html>. Acesso em: 23 fev. 2022.

IBGE. Brasil, São Paulo, Piraju, 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/piraju/panorama>. Acesso em: 4 mar. 2022.

KLAUSENERK, Christian. Canoagem e os Jogos Olímpicos. *Centro de Práticas Esportivas da Universidade de São Paulo*, s/d. Disponível em: <https://cepe.usp.br/wp-content/uploads/Canoagem-e-os-Jogos-Olimpicos.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2022.

LAGUNA, Marcelo. Piraju brilha na Rio-2016 e se torna a capital da canoagem. **Lance**, 2016. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/lance/piraju-brilha-na-rio-2016-e-se-torna-a-capital-da-canoagem,afe84d2a731d46018f53398eb97154ae5dkcf5qn.html>. Acesso em: 24 fev. 2022.

MALULY, Luciano Victor Barros; CERVEIRA FILHO, José Luiz Fernandes. Comunicação, esporte, turismo e meio ambiente: como a canoagem transformou Piraju em cidade olímpica. **Organicom**, São Paulo, a.8, n.15, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/139114>. Acesso em: 8 fev. 2022.

OLYMPICS.COM. Descrição da Canoagem de Velocidade, 2021. Disponível em: <https://olympics.com/pt/noticias/descricao-da-canoagem-de-velocidade>. Acesso em: 15 abr. 2022.

REGISTRO DIGITAL da Memória e do Turismo da Estância Turística de Piraju: Desenvolvimento das habilidades comunicacionais no Ensino Fundamental I e II, 2022. Disponível em: <http://www.usp.br/piraju/>. Acesso em: 14 mar. 2022.

RUBIO, Katia. **Atletas olímpicos brasileiros**. São Paulo: Sesi-SP, 2015, p.183. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Katia-Rubio/publication/281178503_Atletas_Olimpicos_Brasileiros/links/5735c24a08ae298602e08d0a/Atletas-Olimpicos-Brasileiros.pdf. Acesso em: 24 fev. 2022.

WOLF, Milene. Entrevista concedida a Marcelo Cardoso. [São Paulo]. 7 abr. 2022. [Entrevista concedida por telefone].

INOVAÇÕES



Foto: MediaQuatro - Metrô de Praga, República Tcheca, 2001

Jornalismo ambiental e a pluralidade de vozes do debate na atualidade¹⁰³

Andreia Terzariol Couto¹⁰⁴

Introdução

O jornalismo ambiental, embora refira-se a uma área específica, carrega em seu cerne o caráter multidisciplinar de análise e ampara-se em outras áreas do conhecimento para pautar suas reflexões. São diversas as áreas que apoiam as discussões ambientais, tanto teóricas quanto factuais e cada uma dela traz seu escopo no sentido de ajudar as ponderações sobre o meio ambiente, extrapolando, muitas vezes, o universo das humanidades - Ciências Sociais, Economia, Política e Comunicação, para buscar contribuições nas ciências agrárias, biológicas ou mesmo nas áreas mais especificamente técnicas.

Ao mesmo tempo, reforça-se aqui o compromisso do jornalismo ambiental, *pari passus* a todo o arcabouço que abrange o fazer jornalístico, com o envolvimento e as tomadas de posição mais contundentemente engajadas, com a pluralidade de vozes que conformam o debate ambiental, acreditando que a questão ambiental é, necessariamente, uma questão social. Nesse sentido, colocar na atualidade todos os assuntos que envolvem o meio ambiente significa, também, tratar de todos os problemas ambientais que estão e virão a impactar séria e diretamente a sociedade planetária. Já não falamos de um jornalismo ambiental regional ou nacionalmente problemático, mas sim, de uma saúde planetária, seriamente comprometida pelo modelo econômico neoliberal, consumista e predatório.

O debate ambiental, devido às evidências dos desequilíbrios climáticos dos últimos tempos, tem ganhado fôlego, embora ainda persista, em muitos setores, uma visão negacionista que tenta escamotear o problema para o futuro. A partir do Rio 92, a discussão tornou-se mais ampla, envolvendo cada vez mais um público preocupado com a visível deterioração do meio ambiente.

A forma mais comum de acesso às notícias sobre meio ambiente dá-se pelos meios de comunicação, primeiro os de massa, que passam as informações de forma não aprofundada e descontextualizada, através de uma linguagem que possa abranger a maior quantidade

¹⁰³ Este capítulo é um desdobramento do workshop ocorrido em 23 de junho de 2021, intitulado “Jornalismo ambiental e os desafios atuais”, promovido pelo CJE/ECA/USP, com a participação do Professor Dr. Wilson da Costa Bueno, do pesquisador Dr. Miguel Ângelo da Silveira e por mim, como uma das atividades propostas durante meu pós-doutorado em Jornalismo Ambiental, sob a supervisão do Professor Dr. Luciano Victor de Barros Maluly.

¹⁰⁴ Jornalista, professora, pós-doutoranda no CJE/ECA/USP. E-mail: andreiatcouth@usp.br.

possível de pessoas, de todas as regiões e classes sociais. Entra aqui o papel dos meios de comunicação de massa, por meio do telejornalismo diário, do rádio, e em menor abrangência, dos jornais e por último, em termos de alcance, das revistas especializadas, as produzidas a partir das premissas de uma área específica do jornalismo, o jornalismo científico.¹⁰⁵

O presente capítulo procura situar o atual estado da discussão sobre meio ambiente, alocando esse objeto de forma transdisciplinar, como deve ocorrer quando se trata de jornalismo ambiental, em meio aos autores atuais que têm situado a questão ambiental no patamar econômico e político. Isso é interessante, pois ao discutirmos o envolvimento da grande mídia com a pauta ambiental, necessitamos posicionar esse novo binômio junto com os outros dois importantes: jornalismo e meio ambiente, ou, segundo a teoria proposta por Bertalanffy (1977), em dois diferentes sistemas.

Para uma explanação dessa natureza, em que o caminho multidisciplinar se impõe, é necessário discutir a pluralidade de vozes que circundam o discurso sobre o meio ambiente na atualidade, onde o jornalismo ambiental é uma delas e se vale, inclusive dessa própria pluralidade para apresentar, debater, refletir e informar sobre o assunto. Sendo o jornalismo ambiental, em sua forma conceitual, um subsistema do Jornalismo científico, também situamos as análises sobre a produção de matérias jornalísticas de ciência nesse contexto, uma vez que a veiculação de matérias ambientais se insere nesse espaço.

A questão ambiental hoje

A produção acadêmica sobre meio ambiente tem crescido de forma relevante nos últimos tempos. Uma das razões que podemos apontar é o aumento do número de publicações, inclusive de jornalistas, sobre os desastres iminentes que se avizinham por conta dos impactos ambientais em decorrência do aquecimento global, fato esse que deixou de ser um assunto projetado em um futuro que não nos diria respeito, para fazer parte das nossas preocupações atuais, no nosso cotidiano.

Embora, como cita Giddens (2010), para muitos cidadãos, a mudança climática seja uma questão que fica no fundo da mente, e “não um problema em primeiro plano”, e está no “centro de uma gama de outras influências que tendem a paralisar ou inibir a ação (...) – nada

¹⁰⁵ Em termos gerais, o jornalismo científico, de acordo com Calvo Hernando (1984, p. 79), pode ser compreendido da seguinte maneira: “propõe-se a contar ao público, através dos meios de comunicação de massa, a atualidade científica e tecnológica: informações e notícias; descrição de laboratórios e centros de pesquisa, além de criar um ambiente de interesse em relação à ciência e uma consciência pública sobre o valor e a rentabilidade da pesquisa científica e técnica para conseguir um desenvolvimento integrado e harmonioso do indivíduo na civilização tecnológica e na nova sociedade do conhecimento e da informação” (Tradução livre).

que eu possa fazer como indivíduo isolado fará a menor diferença” – uma vez que a ideia predominante é que os “grandes poluidores/detratores ambientais são as grandes empresas, estatais ou privadas, além do modo de vida e produção das nações industrializadas”, percebe-se um “crescente movimento global que se contrapõe à inércia de que esse seja um fato consumado e necessário, e que a humanidade acabará encontrando um caminho, uma saída sem, necessariamente, ter que mudar seu estilo de vida” (p. 21).¹⁰⁶

A intensificação das queimadas, a desflorestação, o desmatamento, o buraco na camada de ozônio que só aumenta, as consequentes alterações climáticas, o derretimento das calotas polares, o aumento da temperatura e do nível do mar são motivos de preocupações atuais, cujas ações para minimizar os danos já causados deverão ser tomadas agora se quisermos mitigar as consequências do aquecimento global. Nessa direção algumas publicações recentes tiveram e ainda têm grande impacto sobre a consciência sobre os perigos que o planeta está correndo¹⁰⁷ e que, caso nenhuma atitude séria for tomada pelos países industrializados e os países que desmatam, em poucos anos os danos serão irreversíveis.

O binômio capitalismo/destruição ambiental é uma das principais pautas hoje discutidas em publicações sobre meio ambiente, e não há porque ser diferente: extrai-se, momento após momento, recursos naturais em quantidades inimagináveis do planeta, seja para o setor alimentício, seja para a construção civil, infraestrutura, indústria automobilística, de eletrônicos, enfim, em todos os setores da cadeia de consumo, que, como uma nuvem de gafanhotos, devasta a cada instante as camadas superficiais ou profundas do planeta terra, tudo fruto de um modelo predador socioambiental.¹⁰⁸

O modelo de produção capitalista mostra-se predatório em relação ao meio ambiente e destrutivo não apenas no que se refere à natureza, mas com as populações humanas, especificamente as de baixa renda, que sofrem e sofrerão ainda mais com os impactos ambientais de grandes proporções. Como afirma ainda George Martine¹⁰⁹ “no atual paradigma, é simplesmente absurdo imaginar que os atuais padrões de consumo da minoria

¹⁰⁶ Andreia T. Couto, Workshop “Jornalismo ambiental e os desafios atuais”, 2021.

¹⁰⁷ No campo jornalístico, interessantes trabalhos têm sido publicados, em formato livro-reportagem, na área ambiental, por jornalistas tais como Naomi Klein, Wallace-Wells, Mckenzie Funk, Sergio Abranches, Andrew Revkin, Cândido Grzybowski, Bertha Becker, Aleksievitch Svetlana, entre tantos outros.

¹⁰⁸ O que de fato impulsiona o avanço das crises socioambientais da atualidade é sem dúvida o modelo capitalista acumulativo, somado à crescente disparidade na distribuição de renda e riqueza (Marques, 2020, p. 361), sobre o trabalho *Return to the Population Growth Factor: Its impact upon the Millenium Development Goals. Report of Hearings by the All Party Parliamentary Group on Population, Develop. and Reproductive Health*. Jan. de 2007 (em rede).

¹⁰⁹ Martine: Sustainability and the missing links in global governance. News of the International Union for the Scientific Study for population (N-IUSSP), 14/III/2016, cit. por Marques, 2020, p. 362).

rica possam ser adotados pela população inteira – seja ela de 8 ou de 15 bilhões de pessoas – sem ultrapassar drasticamente os limites planetários”.

O discurso que aborda o crescimento da população e o relaciona à necessidade de aumentar a produção cada vez mais de alimentos para alimentá-la deve ser analisada com cuidado. De fato, o que deveríamos supor é que o grande impacto sobre o meio ambiente deve ser levado em conta a partir do ampliação desenfreada do consumo nos países capitalistas, que gera uma demanda gigantesca por alimentos, roupas, eletrônicos, e toda a sorte de produtos industrializados que exigem a extração de recursos naturais ao redor do mundo. Para alimentar a sanha cada vez maior do consumo incentivado nos países industrializados, a produção capitalista instala-se ao redor do planeta onde houver recursos naturais para alimentar as fábricas. Em outras palavras, é o que afirma Guiddens (2010), que o futuro planetário se dobra aos interesses de dois países hoje, Estados Unidos e China, que “juntos contribuem com uma proporção altíssima das emissões mundiais de gases do efeito estufa. Estão incansavelmente vasculhando o mundo em busca de novos suprimentos de energia para abastecer suas economias” (p. 34).¹¹⁰

No cerne do debate ambiental, encontramos uma interessante vertente proposta e implementada pelo grupo de pesquisa da professora Ilza Girardi, pioneira na implantação de uma disciplina sobre meio ambiente no curso de Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que situa o debate ambiental a partir dos estudos descoloniais.¹¹¹

A mentalidade que guia os rumos econômicos e políticos do Brasil na atualidade não se descola daquela propagada pelas elites coloniais, que propunham um modelo econômico baseado na produção monocultora em larga escala. Mudamos o foco dos produtos agroexportadores – da cana-de-açúcar e café para a soja e a carne bovina, porém os parâmetros são os mesmos. Continuamos seguindo o pensamento colonialista exportadora agrícola de que o propósito economicista de desenvolvimento se baseia na produção de commodities geradas no Sul exportadas em direção ao Norte. Assim como o Sul colonial sustentava a opulência do Norte, da mesma forma que as elites coloniais desmatavam para estender sua produção latifundiária, o mesmo se faz agora, porém com tecnologia moderna, de forma mais voraz e mais predatória.

¹¹⁰ Cf. Couto, 2021.

¹¹¹ “Os estudos centrados na questão colonial emergem, de forma esparsa, nos anos 1950 e propõem uma nova forma de observar e fazer o mundo, que discute a hegemonia do pensamento presente no Sul Global. Vários grupos, com diferentes denominações (anticolonial, descolonial, pós-colonial etc.), posicionam-se contra a ideia do pensamento único e homogeneizante, que desumaniza e oprime o outro em razão de seus interesses”. Loose e Girardi, 2021, p. 322.

Curiosamente, a mesma elite agrária conservadora que tanto se posicionou contra uma produção mais socialmente comprometida, que tanto tentou e ainda tenta barrar todas as formas de acesso à terra aos verdadeiros produtores de alimentos, os agricultores familiares, é a mesma que, através de seus representantes no Congresso, barra veemente as propostas para a reforma agrária e discursa contra as “invasões” dos assentamentos rurais de reforma agrária e tenta desqualificar os movimentos sociais que lutam pelo acesso à terra. É essa mesma elite que, ela sim, e sob o aval do governo, invade, expulsa, desmata, queima e se apropria do capital natural do país.

Em relação a isso, a imprensa hegemônica não se posiciona, pelo menos não da forma como se posicionou, em meados dos anos de 1980, contra o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra que iniciaram de forma formidável, as ocupações de terras devolutas e improdutivas do Estado brasileiro.

O jornalismo ambiental brasileiro caminha de mãos dadas com o poder. Envolve-se em questões pontuais ambientais, como grandes enchentes ou incêndios devastadores, aponta, periodicamente, os números do desmatamento da floresta amazônica, mostrando quantos hectares de mata estão sendo devastados mês a mês, comparando as áreas destruídas a campos de futebol, mas não reflete sobre esse desmatamento, quais são os verdadeiros autores da destruição, que essa destruição é uma verdadeira lesa pátria, que grupos econômicos, apoiados pelo governo, promovem, no cotidiano, o genocídio dos povos originários e a aniquilação das principais riquezas naturais do país em nome do desenvolvimento econômico, da riqueza agrícola. Em nenhum momento menciona em quais mãos se acumulam as riquezas fruto da devastação.

A elite agrária brasileira, é preciso dizer, é uma elite historicamente preguiçosa e mal-acostumada às facilidades das grandes extensões do latifúndio. Os investimentos em tecnologia referem-se a grandes maquinários, grandes colheitadeiras, semeadeiras, pulverizadores de agrotóxicos – os próprios insumos, elaborados para a grande extensão. As elites agrárias saíram da mão-de-obra escrava e semiescrava, da utilização desumana do “boia-fria” que colhia a cana, para as grandes máquinas colheitadeiras das lavouras de commodities exportadoras. As questões sociais fundamentais do campo, como tanto apontaram autores como Graziano da Silva (1997), Maria da Conceição D’Incao (1977), para citar apenas dois trabalhos fundamentais entre muitos, que tanto penalizaram os cortadores de cana, foram resolvidas substituindo-os por maquinários pesados. O que foi feito dessa massa

subempregada e agora desempregada, não interessa aos promotores de grande parte do agronegócio brasileiro.

A tecnologia que envolve o latifúndio moderno é desenvolvida nos laboratórios de biotecnologia, de onde saem venenos cada vez mais potentes para combater as ervas daninhas que prejudicam as extensões de soja e que atacam o alimento produzido em uma terra cada vez mais precária de fertilizantes e proteção natural. Qual a diferença entre uma produção com alta produtividade, como por exemplo, da agricultura francesa, realizada basicamente por agricultores familiares e a produção monocultora exportadora latifundiária? Por que não adotar a tecnologia que possibilita produzir e bem, em pequenas áreas? O ideal das elites agrárias brasileiras é o latifúndio, é a posse de grandes extensões, porque possuir terra, mesmo que improdutiva, é ter riqueza, assim como a posse do gado, em muitas culturas, é possuir riqueza, poder e status, mesmo que essa riqueza sacrifique a vida e o bem-estar de milhões de pessoas.

Os estudos descoloniais ajudam a pensar nessa narrativa da posse, da mentalidade tacanha que sempre envolveu o latifúndio e de que está na raiz do pensamento social brasileiro, de que nosso futuro está na agricultura, como uma maldição às avessas e da qual não podemos nos libertar. Posto isso, desmatar para produzir parece natural, uma vez que a produção de commodities, assim como a naturalização da destruição ambiental parece ser naturalmente a base de um pensamento que acompanha a história agrária brasileira desde os engenhos de cana-de-açúcar. A “colonialidade, herança do colonialismo, que mantém, em diferentes âmbitos sociais, relações de poder assimétricas, permanece até hoje”,¹¹² trazendo as mesmas indagações do passado: a quem serve; que riqueza traz e para quem; qual o ônus da produção e exportação dessas commodities. São questionamentos que deveriam ser tratados pelo jornalismo ambiental, uma vez que o profissional que atua nessa área é, antes de tudo, alguém preocupado com seu tempo, com seu espaço, com sua história.

Assim como autores importantes da sociologia e da antropologia, como Sérgio Buarque de Holanda (2015), Prado Jr. (2011) e Roberto DaMatta (1986), por exemplo, buscaram desvendar o pensamento que conforma a sociedade brasileira, desde suas raízes, podemos trazer para a atualidade outros pensadores, também das humanidades, que buscam explicações no campo das mentalidades, para além das vertentes soterradas teoricamente pelos discursos economicistas que empanam a visão do setor agroexportador. Qual o nosso ideal? O canavial, “ressignificado” hoje, desdobrado em soja e milho para alimentar o gado

¹¹² Loose, E. B.; Girardi (2021, p. 321).

externo, enquanto o rebanho brasileiro pasta livre e solto no latifúndio? Seria enviar, juntamente com as commodities, importante parte dos nossos recursos naturais sob a forma de água, desflorestação e destruição de uma das maiores biodiversidades do mundo?

Mas ainda é difícil concorrer com a propaganda de que o agronegócio necessita cada vez mais de terras para alavancar o sucesso da produção das monoculturas de soja,¹¹³ a riqueza exportada, junto com a produção do gado, cuja carne tem seguido direto para o mercado externo (que a consome fechando os olhos para entender que sua produção pode se dar em áreas de desmatamento ilegal); que é a grande riqueza do Brasil,¹¹⁴ em contraposição com os danos que causa e que uma outra via seria possível, menos desastrosa ambientalmente e mais saudável. E que poderia ser produzida em espaços muito mais reduzidos. As raízes latifundiárias do Brasil fincaram-se não apenas na monocultura, mas na monocultura extensiva. As grandes extensões de terra promoviam - e ainda o fazem - a ideia de que são sempre necessárias grandes quantidades de terra para uma produção rentável, assim como a cultura de criação de gado extensivo, mantendo-se em grandes pastagens.

O contraponto a esse modelo é a agricultura sustentável, promovida, em grande medida, pela agricultura familiar.¹¹⁵ De acordo com o pesquisador Miguel Ângelo da Silveira, durante o workshop “Jornalismo ambiental e os desafios atuais” (2021), o conceito de agricultura sustentável:

Propicia o potencial para a definição de tomadas de ações. A prática da sustentabilidade deve incluir métodos para a determinação de quais problemas e ações devem ser imediatamente definidas para solucioná-los. A agricultura é um dos setores da economia que mais impactos causa, então nada mais natural que passássemos a nos preocupar com a questão ambiental relacionada à agricultura. (...) A sustentabilidade da agricultura exige não somente o uso da razão científica, mas

¹¹³ O atual governo chegou inclusive a dizer, por ocasião da votação do Marco Temporal da Terra Indígena “Se a proposta [o voto] do Ministro Fachin vingar, será a proposta da demarcação de novas áreas indígenas que equivalem a uma região Sudeste toda, ou seja, é o fim do agronegócio” (<https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2021/10/05/demarcacao-de-terras-indigenas-pode-impactar-na-producao-de-comida.htm>).

¹¹⁴ Curiosamente, a mídia hegemônica não questiona que a tão propalada riqueza verde, agroexportadora, não consegue colocar alimento no prato de milhões de brasileiros na miséria, tampouco indaga que a grande riqueza “agro” não é sinônimo de alimento farto e barato para os brasileiros.

¹¹⁵ Em linhas gerais, um empreendimento familiar tem duas características principais: gestão ou administração familiar; trabalho predominantemente familiar. Cada agricultor familiar pode contratar até dois trabalhadores permanentes. Um estabelecimento familiar é uma unidade de produção, de consumo e de reprodução social. A lei 11.326 de 24 de julho de 2006 define o que é agricultor familiar e permite que ele se enquadre dentro dessa definição, podendo conseguir recursos do governo, empréstimos. A lei estabelece as diretrizes para a formulação da política nacional da agricultura familiar e empreendimentos familiares rurais. Por intermédio dessa Lei, milhares de propriedades familiares brasileiras têm acesso a crédito. No Brasil são quatro milhões de estabelecimentos familiares – mais de 85% do total do país; ocupação de 30% da área utilizada pela agricultura nacional; responde 38% do valor bruto da produção agrícola; 14 milhões de pessoas envolvidas, igual a 77% do total da agricultura brasileira (SILVEIRA, 2021).

também o conhecimento local. A agricultura sustentável vai muito mais além da pesquisa.

Ainda nesse sentido, Silveira aponta a importância do exercício da multifuncionalidade do meio rural (desenvolvimento de novas atividades ligadas à atividade agrícola e não-agrícola como por exemplo, a agroindústria, artesanato, turismo etc.).

O termo funcionalidade, utilizado na França, tem a ver com o que o governo francês acredita, que o agricultor familiar deveria ser recompensado por exercer uma importante atividade que ajudava a preservar o meio ambiente. O agricultor familiar francês fazia um acordo com o governo por estar desempenhando outras funções além da função principal além de produzir o alimento.

A França, para ficarmos em apenas um exemplo, é um dos grandes fornecedores de alimentos do mundo, com alto índice de produtividade, baseando sua produção muitas vezes em agricultura familiar e com grande mecanização. Mas para isso o país apoiou fortemente o setor com tecnologia, além de os agricultores serem amparados por uma sólida política agrícola, o que os torna altamente produtivos respeitando paralelamente o meio ambiente. Assim afirmou Silveira (2021):

Um caso emblemático é o da França, a segunda agricultura mais rentável do mundo, porque ela processa os alimentos e a economia da agricultura francesa é centrada na agricultura familiar, um exemplo que nós poderíamos seguir no Brasil. As regiões com agricultura de base predominantemente familiar sempre apresentam uma configuração mais harmoniosa, melhores qualidades de emprego, valorização da cultura e desenvolvimento da economia local. Um exemplo muito apropriado para a agricultura familiar são os assentamentos rurais, eles são formados por famílias de agricultores, então onde você tem um assentamento rural você tem famílias que consomem do comércio local. Tem uma cidade do interior de São Paulo, Promissão, com um assentamento com mais de cem famílias. Vá até o comércio local e pergunte se os comerciantes têm interesse que o assentamento saia de lá. Óbvio que não.

Porém, repito, a grande quantidade de terra no Brasil, ousado dizer, tornou os produtores brasileiros pouco avessos à ideia da criação de gado confinado, ao investimento em tecnologia no campo – salvo em maquinário pesado para ser utilizado em grandes extensões – plantadeiras, colheitadeiras, pulverizadores, irrigação. É soltar o gado no pasto e fechar a porteira da fazenda que o pasto abundante dá conta do recado.

As fábricas do mundo capitalista não raro situam-se em países periféricos (exceção da China, politicamente não capitalista e economicamente não periférica, mas que detém o maior parque industrial poluidor do mundo), onde a mão-de-obra de pobres e desnutridos, que nunca têm acesso à maioria dos bens que ajudam a extrair e produzir, é mal alimentada e não chega

a pesar na balança da enorme produção alimentar do mundo, que é direcionada justamente para os que podem pagar por ela: a pesca industrial de alto mar, a carne bovina, os alimentos ultra processados; os eletrônicos de última geração, os automóveis sofisticados. Assim é também com a construção civil, que descasca as crostas do planeta arrancando areia, pedras e depois, quando não devasta áreas verdes, privatiza regiões de bosques e lagos para a construção de condomínios fechados. A parte privilegiada da população que tem acesso aos bens produzidos pelo sistema, que também utiliza, da forma mais voraz, dos estoques de água potável do planeta, para todos os fins que vai alimentar a cadeia produtiva.

O acesso à água doce de qualidade também não é um privilégio de todos. A quantidade da população que não tem acesso à água de qualidade é enorme, e os que têm, a utilizam de forma irresponsável, como se fosse infinita. Portanto, nada mais correto do que associar o avanço capitalista com a devastação ambiental, em que os aspectos desse modo predatório de vida relacionam-se à queda da qualidade de sobrevivência do planeta.

A questão do consumo, portanto, deve estar na consciência de todos os que se preocupam com a questão ambiental, uma vez que o estilo de vida que promovemos está na raiz do problema. Guiddens (2010) afirma que se você se preocupa com a questão ambiental, deve olhar – e mudar – seu estilo de vida, sua maneira de consumir. Para esse autor, a avaliação sobre os perigos da mudança climática deve ser feita no contexto de uma análise de risco essencialmente igual à que cada indivíduo utiliza no seu dia a dia ou que empresários utilizam ao tomar decisões sobre seus negócios. O desenvolvimento atual é insustentável para a humanidade, para a civilização humana (p. 10).

As publicações sobre meio ambiente não começaram neste século, porém seu alcance costumava ficar no âmbito de um número restrito de pessoas relacionados ao tema, como cientistas, pesquisadores, professores, ecologistas, divulgadores de ciência, ambientalistas e, mais tarde, ONGs.

A década de 1960, que tanto promoveu mudanças comportamentais, sociais, políticas e científicas no mundo ocidental, viu surgir também uma preocupação em direção às transformações decorrentes da produção capitalista e que estavam impactando de alguma forma, a vida no planeta. Um dos livros germinais nesse sentido, *A primavera silenciosa* (1962), da bióloga Rachel Carson alertou o mundo sobre o uso indiscriminado dos agrotóxicos e os efeitos nefastos sobre a saúde da população, apontando, pioneiramente, como substâncias venenosas entravam em contato com o corpo humano através da alimentação,

comprometendo, inclusive, o aleitamento materno. Hoje esse fato é amplamente conhecido, mas na época Carlson sofreu duras críticas, inclusive de colegas de pesquisa (pp. 25-26).¹¹⁶

Incrivelmente, décadas depois, especialmente no nosso país nos últimos quatro anos, a utilização dos agrotóxicos na lavoura, não apenas não diminuiu ou deixou de existir, como aumentou em uma quantidade criminosa, com a liberação de agrotóxicos banidos há anos em outros países, envenenando a população grão a grão, folha a folha na hora das refeições. Não só pouco se avançou, desde o alerta da autora e de tantas outras produções desde então, como o uso de agrotóxicos atingiu quantidades inaceitáveis, incentivados pelo governo, que se rende ao lobby dos grandes produtores de veneno, mesmo quando pesquisas relacionam o aumento do câncer, inclusive infantil, com o consumo de agrotóxicos.¹¹⁷ Paralelamente, o incentivo à produção de produtos orgânicos, o apoio e o estímulo à agroecologia não encontram espaço no país, a não ser em pequenos nichos, e mais uma vez, apenas uma pequena camada da população privilegiada pode se livrar do veneno de cada dia.

A partir do final do século 20, e principalmente com o encontro promovido pelas Nações Unidas, a Rio – 92, a discussão no Brasil ampliou-se, envolvendo um número maior de pessoas ditas comuns, preocupadas com o tipo de planeta que deixariam para as gerações futuras. Hoje, observa-se um movimento de pessoas mais jovens, estas sim conscientes de que seu futuro tem sido sistematicamente hipotecado pela geração de seus pais e avós, e tentam engajar-se de alguma forma em lutas por um mundo possível e a ativista sueca Greta Thunberg é em exemplo para a nova geração de todo o planeta, assim como a jovem indígena do Povo Paiter-Suruí, Txai Suruí, cujo discurso se destacou na abertura da COP 26, em 2021, além da participação das mulheres Indígenas da Articulação Nacional das Mulheres Indígenas Guerreiras da Ancestralidade – ANMIGA.¹¹⁸ Outros importantes personagens que dão luz aos problemas ambientais atingindo especialmente as comunidades indígenas são Sonia Guajajara, atual coordenadora-executiva da Apib (Articulação dos Povos Indígenas do Brasil) e Ailton Krenak¹¹⁹.

¹¹⁶ Um paralelo a essa situação poderia ser feito em relação às micropartículas de plástico. Recentemente, pesquisadores encontraram micropartículas de plástico em pulmão humano (<https://noticias.ambientebrasil.com.br/clipping/2020/08/18/162180-cientistas-acham-pela-primeira-vez-plastico-em-orgaos-humanos.html>) e, em 2022, no sangue humano (<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/04/25/pesquisa-encontra-pela-1a-vez-microparticulas-de-plastico-no-sangue-de-seres-humanos.ghtml>).

¹¹⁷ Cf. reportagem com a médica oncologista Sílvia Brandalise (<http://www.ihu.unisinos.br/594816-a-liberacao-de-agrotoxicos-e-a-incidencia-das-doencas-onco-hematologicas-da-crianca-e-do-adolescente-entrevista-especial-com-silvia-regina-brandalise>), 2019.

¹¹⁸ <https://amazoniareal.com.br/jovens-cidadaos/conferencia-da-onu-sobre-mudancas-climaticas-entre-construcoes-e-decisoes-uma-perspectiva-jovem-indigena-na-cop-26/>; Cf. também Dutra, 2020.

¹¹⁹ Krenak (2020; 2020b; 2021) é uma importante referência entre as lideranças indígenas.

Mídia e poder

O binômio mídia/poder é um fato consumado e está, em grande parte, por trás do pouco interesse mostrado na divulgação e aprofundamento do jornalismo ambiental, contextualizado de forma objetiva para a população em geral, além de estar essa mesma mídia comprometida economicamente com os anunciantes detratores ambientais, bem como com o setor político e financeiro do país. Como lançar um olhar crítico aos agrotóxicos, ao desmatamento promovido pela expansão do agronegócio se as empresas envolvidas são os principais anunciantes?

A tomada de posição crítica da população em relação a esses temas que a envolvem diretamente é uma das funções do jornalismo ambiental. E um dos problemas é esse: a junção entre grande mídia/capital, binômio que anda de mãos dadas pela questão da sobrevivência e lucro das grandes empresas midiáticas, que a todo momento inundam as telas da tevê com o slogan agro é vida, agro é tudo, misturando na mesma publicidade, as commodities, como soja e carne bovina, com produtos característicos da agricultura familiar, como a mandioca, cultivados para a alimentação da população.

Apesar de toda a complexidade que cercam os meios midiáticos, não se pode menosprezar a íntima relação entre as empresas de mídia e a pública. Na sua exposição durante o workshop “Jornalismo ambiental e os desafios atuais” (2021), o professor e jornalista Wilson da Costa Bueno, deixou clara a relação entre o poder da mídia hegemônica e a cobertura ambiental:

A adesão da mídia, sem espírito crítico, ao modelo exportador acaba contribuindo para que a defesa do meio ambiente seja vista como um entrave ao desenvolvimento. É isso o que temos observado hoje nas pautas oficiais, das fontes oficiais do governo, a adoção de uma perspectiva elitista, que torna a pauta refém das fontes especializadas, muitas vezes comprometidas com os grandes interesses. Nem todas as fontes especializadas, que ostentam currículo Lattes produtivo, são isentas. Há pesquisadores e jornalistas que têm uma narrativa contrária ao meio ambiente e que subsidiam as ações dos predadores ambientais.

Portanto, parece quase impossível encontrarmos, na mídia hegemônica, um jornalismo ambiental comprometido com o meio ambiente.¹²⁰ No entanto, fontes alternativas a ela existem e têm se transformado na forma de informação de muitos preocupados com essa questão. A internet hoje não somente abriga como também se tornou um espaço democrático para apresentar e discutir as situações relacionadas ao meio ambiente. Seu alcance e forma

¹²⁰ O jornalista André Trigueiro é uma das raras e gratas exceções.

democrática de acesso ajuda a construir os alicerces da conscientização ambiental. Nesse sentido, são diversos os portais de revistas voltados ao jornalismo ambiental. No âmbito do jornalismo ambiental em setores tradicionais, as matérias produzidas estão não raro atreladas aos desastres ambientais de grande impacto, como por exemplo, as que se encaixam no nível de catástrofe, como o rompimento da barragem em Bento Rodrigues, distrito de Mariana, MG, ocorrido no final de 2015; derramamento de petróleo no mar, tempestades, inundações, entre outras. Essas matérias acabam ocupando as páginas e noticiários da tevê durante semanas, no entanto a contextualização e as raízes dos problemas que levaram a tudo isso jamais são analisadas com profundidade, deixando o grande público com a sensação de que mais um desastre aconteceu.

Segundo Bueno, (2021):

A imprensa noticia e aplaude as fusões das grandes empresas de biotecnologia, mas não questiona o monopólio das sementes. Ela não vê conexões entre empresas de biotecnologia e agrotóxicos, enxergando confronto onde há interesses que se sobrepõem. A imprensa não relaciona a agroindústria exportadora com o consumo de recursos naturais (água, solo, energia etc.) porque só vislumbra um lado do processo (recorde da produção de grãos, PIB da agroindústria). Nós exportamos os nossos recursos naturais que vão junto com a carne, com a soja. Ela não indaga e nem indaga o governo e a comunidade empresarial sobre a contrapartida deste “desenvolvimento”.

Para ele, a cobertura ambiental na grande imprensa é “não democrática, porque limita o pluralismo das fontes e legitima os grandes interesses; pouco crítica, nada investigativa, porque tem receio de contrariar interesses de anunciantes e governos”.

Nesse contexto, está mais que claro que uma discussão teórica acerca do Jornalismo Ambiental deve abarcar a pluralidade de vozes que permeiam o assunto. De partida, são discussões que envolvem o aporte teórico das Comunicações, que se desdobram no Jornalismo Científico e desembarcam no Jornalismo Ambiental. Ao lado, andam juntas as pesquisas sobre meio ambiente e todo o arcabouço teórico que englobam o desenvolvimento dessas investigações, que são bastante amplas, em diversas áreas do conhecimento. Acima, foram citados, por exemplo, autores das áreas da Sociologia, da Antropologia, da Economia, da Biologia, e a somatória dessas vozes, refletindo criticamente sobre o assunto, ajudam a assentar as discussões sobre meio ambiente no Jornalismo de forma mais ampla, ao mesmo tempo, profunda. Portanto, Jornalismo Ambiental deixa de ser “apenas” um binômio para tornar-se uma multiplicidade de falas que envolvem o assunto.

De acordo com Bueno (2007):

“Comunicação Ambiental e o Jornalismo Ambiental se interessam por um número formidável de pautas e questões, o que, certamente, define esses campos como multi e interdisciplinares, já que, para seu entendimento, concorrem vários saberes e competências. A multiplicidade tem impacto na própria cobertura do meio ambiente pela mídia, de tal modo que se pode contemplar matérias em vários cadernos, editoria ou veículos (cidades, política, economia, ciência e tecnologia, saúde etc.)” (p. 35).

Reafirmando a necessidade de alocar teórica e metodologicamente a discussão ambiental dentro de jornalismo, privilegiando uma visão sistêmica, encontra-se Bacchetta (2000, apud Girardi et al, 2012, p. 138), para quem o jornalismo ambiental encontra-se em uma posição diferente do jornalismo científico, uma vez que o primeiro envolve “concepções filosóficas e éticas sobre as quais a ciência moderna exclui expressamente a possibilidade de emitir opiniões”. A amplitude dos interesses ambientais e a necessidade de colocar a sociedade diante das questões que envolvem meio ambiente e cidadania colocam o jornalista ambiental na posição de exercer uma postura crítica diante dos fatos que cobre nessa área. Na sequência dessa visão, está a discussão sobre a necessidade de uma Educação ambiental, que possa servir como base para esclarecimento e reflexão sobre temas de seu interesse, ocasionando uma mudança nos hábitos de consumo de modo de vida, uma vez que passam a ver em seu entorno e sentir no seu cotidiano, por exemplo, a finitude dos recursos naturais. “Nos estudos da área, é recorrente considerar que a divulgação das notícias ambientais possibilita novas percepções sobre os impactos sentidos no dia a dia e serve como motivação para a busca de alternativas” (Girardi et al., 2012, p. 139). De acordo com esses autores, a situação atual demanda uma discussão maior que envolve o binômio Jornalismo e Meio Ambiente, pois é a partir dele que podemos entrever as “potencialidades da informação jornalística na construção de soluções para uma vida sustentável”. Afirmam ainda que, embora tenha havido certo crescimento na produção de artigos de jornalismo ambiental, ao mesmo tempo falta uma maior clareza na delimitação do que seja jornalismo ambiental em suas especificidades e que falta avaliar se os veículos de fato aplicam em seus canais o que seriam esses “preceitos” do Jornalismo Ambiental e interrogam quais são eles (p. 5). Reafirmam, diante dessas colocações, como sendo fundamental a análise sistêmica para a prática jornalística, uma vez que evocam uma “pluralidade de vozes” (p. 7).

Para finalizar, é preciso colocar a importância, no contexto da pluralidade de vozes que conformam o jornalismo ambiental, pela busca de outras fontes, dando voz ao cidadão comum para que se expresse diante de fatos e acontecimentos em que se vê cotidianamente envolvido e afetado. Nas palavras de Dornelles (2008),

Estas fontes podem ser os representantes dos povos da floresta, os agricultores familiares, os pescadores artesanais, os mateiros, os operários e trabalhadores em geral, os integrantes das nações indígenas, as ONGs ambientalistas e a vigilante dona de casa” (p. 2).

Essa constatação é também compartilhada por Bueno (2021):

Disso decorre uma defesa minha muito clara de que a gente deve envolver na cobertura ambiental o cidadão comum, entidades da sociedade civil e quase sempre, as fontes autorizadas são aquelas que acompanham as elites do país, são aquelas muitas vezes comprometidas com uma visão de meio ambiente absolutamente aterradora.

Sem tempo para o futuro

O engajamento dos profissionais da área do Jornalismo Ambiental é enfatizado por teóricos e jornalistas aqui apresentados, como Bueno, Girardi, Loose, Dornelles, para quem não se pode desvincular a prática jornalística ambiental sem que se marque um posicionamento crítico por parte do profissional.

A cobertura jornalística, como já foi acima mencionado, ganha relevância em ocasiões de grandes tragédias. Passado o momento do “espetáculo”, o caso “esfria”, o comprometimento da mídia desaparece e perante o público e os atingidos pela catástrofe, a sensação que fica é a de vazio, desânimo e impunidade.

No jornalismo ambiental, a responsabilidade em relação às coberturas dessa natureza é muito maior, pois não se atém ao “sensacionalismo das boas imagens”, vai além, pois liga-se ao comprometimento da denúncia, de seguir os responsáveis, de cobrar responsabilidades, tanto em relação aos seres humanos quanto ao meio ambiente. É o que Bueno (2007) chama de “militância cívica, não partidária” da pauta ambiental, que decorre de um espectro que abrange, além das questões “técnica ou científica, (...) uma perspectiva econômica, uma vontade política, um componente sociocultural e assim por diante” (p. 2).

Na atualidade, o debate ambiental, forçosamente, tem surgido com maior frequência não apenas na mídia, mas em publicações de diversas áreas de pesquisa, como foi mostrado neste capítulo. Hoje, nada mais verdadeiro do que a frase que passamos a ouvir e ler comumente em muitos lugares: “não existe Planeta B”. E assim é. Embora setores predatórios da produção, da economia, das elites continuem, sem nenhum critério, vasculhando e retirando da Terra todo o seu potencial que pode vir a transformar-se em mercadoria, lucro, dinheiro, poder, atores de diversas esferas progressistas tentam barrar, ou mitigar, de alguma forma, uma destruição irreversível. As ações para o futuro são o “aqui e agora”.

Referências

- ABRANCHES, Sérgio. **Copenhague antes e depois**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2010.
- BACCHETTA, Victor L. El periodismo ambiental. In: BACCHETTA, Victor L. (Ed.). **Ciudadanía planetaria**. Montevideo: IFEJ/FES, 2000. p. 18-21.
- BECKER, Bertha. **Amazônia**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- BERTALANFFY, Ludwig von. **Teoria geral dos sistemas**. Petrópolis, Vozes, 1977.
- BRANDALISE, Silvia. A liberação de agrotóxicos e a incidência das doenças onco-hematológicas da criança e do adolescente. Entrevista especial com Sílvia Regina Brandalise – **Centro Boldrini**. 04/12/2019. <http://www.ihu.unisinos.br/594816-a-liberacao-de-agrotoxicos-e-a-incidencia-das-doencas-onco-hematologicas-da-crianca-e-do-adolescente-entrevista-especial-com-silvia-regina-brandalise>. Acesso 21/06/2021.
- BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 15, p. 33-44, jan./jun. 2007.
- _____. Jornalismo Ambiental no Brasil – uma leitura crítica. **Workshop “Jornalismo ambiental e os desafios atuais”**. CJE/ECA/USP, 23/06/2021.
- COUTO, Andreia Terzariol. “Jornalismo ambiental e os desafios atuais: como aproximar o grande público de conteúdos que envolvem áreas estratégicas de grande impacto no meio ambiente”. **Workshop “Jornalismo ambiental e os desafios atuais”**. CJE/ECA/USP, 23/06/2021.
- DAMATTA, Roberto. **O Que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- DORNELLES, Beatriz. O fim da objetividade e da neutralidade no jornalismo cívico e ambiental. **Brazilian journalism Research** (Versão em português) - Volume 1 - Number 1 - Semester 2- 2008.
- DUTRA, L. et al. Uso de agrotóxicos e mortalidade por câncer em regiões de monoculturas. DOI: 10.1590/0103-1104202012706. **Saúde Debate**. Rio de Janeiro, V. 44, N. 127, P. 1018-1035, Out-Dez 2020. <https://scielosp.org/article/sdeb/2020.v44n127/1018-1035/pt>. Acesso em 21/06/2021.
- DWYER, Augusta. **Into the Amazon: Chico Mendes and the Struggle for the Rain Forest**. Canadá: Key Porter, 1990.
- FUNK, Mckenzie. **Caiu do céu**. São Paulo: Três Estrelas, 2016.

- GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; Massierer, Carine; Loose, Eloisa B.; Schwaab, Reges. Caminhos e descaminhos do jornalismo ambiental. **C&S** – São Bernardo do Campo, v. 34, n. 1, p. 131-152, jul./dez. 2012.
- GRAZIANO DA SILVA, José. **De Boias-frias a Empregados Rurais: as greves dos canavieiros paulistas de Guariba e de Leme**. Maceió: Edufal, 1997.
- GRZYBOWSKI, Cândido (org.). **O testamento do homem da floresta**: Chico Mendes por ele mesmo. Rio de Janeiro: Fase, 1989.
- GUIDDENS, Anthony. **A política da mudança climática**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- HERNANDO, Manuel Calvo. Periodismo científico. **Comunicación y Medios**, n. 4, dec. 1984.
- HOLLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das letras, 2015.
- KLEIN, Naomi. **This changes everything**. Capitalism vs the climate. New York: Simon & Schuster, 2014.
- KRENAK, Aílton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- _____. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- _____. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- LOOSE, Eloisa Beling; CAMANA, Ângela; BELMONTE, Roberto Villar. A (não) cobertura dos riscos ambientais: debate sobre silenciamentos do jornalismo. **Rev. Famecos**. Mídia, Cultura e Tecnologia. Porto Alegre, v. 24, n. 3, setembro, outubro, novembro e dezembro de 2017.
- _____ e GIRARDI, Ilza Maria Tourinho. Interfaces entre o debate colonial e os estudos de jornalismo ambiental. **Desenvolv. Meio Ambiente**, v. 58, p. 319-333, jul./dez. 2021.
- MARQUES, Luiz. **Capitalismo e colapso ambiental**. Campinas: Unicamp, 2020.
- MARTINE, George. **Sustainability and the missing links in global governance**. News of the International Union for the Scientific Study for population (N-IUSSP), 14/III/2016.
- MELLO, Maria Conceição D’Incao e. **O boia-fria. Acumulação e miséria**. Rio de Janeiro: Vozes, 1977.

PRADO Jr., Caio. Formação do Brasil contemporâneo. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SILVEIRA, Miguel Ângelo. Jornalismo Ambiental - Revista Agricultura Sustentável Grupo de Interesse de Pesquisa em Agricultura Familiar – GIPAF. Workshop “Jornalismo ambiental e os desafios atuais”. CJE/ECA/USP, 23/06/2021.

SVETLANA, Aleksievitch. Vozes de Tchernóbil. Companhia das Letras, 2016.

WALLACE-WELLS, David. **A terra inabitável. Uma história do futuro.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

WORKSHOP Jornalismo ambiental e os desafios atuais. Evento promovido pelo departamento de Comunicação, Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, coordenado pelo professor Dr. Luciano Victor Barros Maluly. Palestrantes: professor Dr. Wilson da Costa Bueno, pesquisador Dr. Miguel Ângelo da Silveira e professora Dr^a. Andreia Terzariol Couto. São Paulo, 22/06/2021. Disponível em: https://www.youtube.com/results?search_query=Canal+da+USP+WORKSHOP+JORNALISMO+AMBIENTAL. Acesso em: 25 de maio de 2022.

Introdução

Ao longo da história, a Ciência¹²² tem se mostrado uma aliada importante para o desenvolvimento econômico e social. No entanto, a realidade científica no Brasil, seja por parte do governo (investimentos em pesquisa e educação) ou da população (interesse, consciência da sua importância) tem sofrido altos e baixos ao longo da história¹²³, principalmente nos últimos anos, com corte de verbas, desmonte por parte do governo federal de setores ligados à educação e pesquisa, além da proliferação de desinformação, do surgimento da pandemia de Covid-19, entre outros problemas conjunturais.

Em abril de 2019, por exemplo, o anúncio de congelamento de R\$ 1,7 bilhão dos gastos das universidades de um total de R\$ 49,6 bilhões, no dia 15 de maio, gerou protestos por todo o país contra esse bloqueio. Além disso, 5.613 bolsas que seriam ofertadas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), agência de fomento à pesquisa, foram “congeladas”. O número se soma às 6.198 bolsas que já haviam sido bloqueadas no primeiro semestre daquele ano.

Controvérsias ligadas à negação do aquecimento global e aos supostos malefícios das vacinas, a defesa de medicamentos ineficazes para o tratamento da atual pandemia, o terraplanismo e outros movimentos negacionistas têm preenchido as narrativas presentes, sobretudo nas mídias sociais.

A expressão *fake news* surgiu no século XIX com os *penny press newspapers*, jornais e revistas de cunho popular com o objetivo único de entreter. As *fake news*, compreendidas por alguns teóricos como um subgênero da desinformação, são conteúdos intencionalmente distorcidos para fins econômicos e/ou políticos, que procuram mimetizar materiais jornalísticos com o objetivo de enganar massivamente a audiência (GELFERT, 2018)

¹²¹Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. E-mail para contato: carla.tozo@usp.br.

¹²² É importante ressaltarmos que a Ciência sempre esteve muito ligada à elite, aristocracia. No século XIX, por exemplo, há uma construção “ideal” de mundo com discurso civilizatório de que a Ciência poderia resolver tudo.

¹²³ Esse levantamento das ações do Brasil (via governo, universidade, imprensa etc.) em relação às Ciências são importantes para compreendermos o contexto atual, mas tanto para a pesquisa de doutorado da autora quanto para este artigo não é possível mencionarmos todos os fatos. Assim, as informações aqui retratadas trazem um recorte mais atual, especificamente, a partir de 2019.

De acordo com Bimber e Gil de Zúñiga (2020), os estudos convergem em demonstrar como as *fake news* ganharam força com a plataforma digital e contribuíram massivamente para o processo desinformativo, sobretudo ao se adotar um discurso populista autodeclarado e marcadamente de cunho político mais conservador. Tal fenômeno está longe de ser espontâneo: as plataformas digitais favorecem a circulação de desinformação por meio de *affordances* tecnológicas (ou seja, potencial de uso para o qual tal plataforma foi projetada), que ajudam a ocultar a procedência da informação de seus usuários, facilitam possíveis enganos quanto ao real autor da mensagem (humano ou máquina) e manipulam sinais de manifestações do público.

Em 2020, a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) adotou a expressão “infodemia massiva” para se referir à circulação de informações falsas ou incorretas que circulam sobre a pandemia de Covid-19, ou seja, “(...) um dos principais fatores de propagação da própria pandemia (...)” (POSETTI; BONTCHEVA, 2020, p. 2). Na classificação da entidade, a desinformação ganha abrangência ampla, podendo se referir desde a divulgação de informações de tratamentos falsos, com o objetivo de lucro, ao compartilhamento intencional de informações incorretas.

Desse modo, tem-se percebido uma mobilização por parte da comunidade científica quanto ao problema da desinformação, por exemplo, divulgando melhor suas pesquisas e se comunicando – direta ou indiretamente – mais com a sociedade. Muitos cientistas, pesquisadores e divulgadores científicos perceberam a importância de se comunicar tornando-se, inclusive, figuras públicas nas redes sociais digitais para refutar informações falsas ou distorcidas em relação à pandemia.

Com isso, os relatos sobre saúde e ciência alcançaram maior visibilidade nas redes sociais em 2020 e 2021 e alguns cientistas, antes desconhecidos, ganharam certa notoriedade com suas “traduções” e esclarecimentos sobre a Covid-19 e diversas outras doenças.¹²⁴ A grande mídia também passa a buscar as universidades e seus pesquisadores no esforço de compreender os efeitos da Covid-19, bem como sobre as vacinas contra o vírus, enquanto as instituições de ensino superior decidem fazer e/ou ampliar a comunicação com a sociedade via produção jornalística em seus canais oficiais ou mídias sociais.

As universidades são grandes geradoras de pautas e propulsoras de pesquisas, por isso, o potencial para serem divulgadoras científicas de excelência.

¹²⁴O biólogo Atila Iamarino, a jornalista Luiza Caires, a biomédica Mellanie Fontes-Dutra e os médicos Otavio Ranzani e Márcio Bittencourt foram os principais influenciadores brasileiros sobre Covid-19 no Twitter (IBPAD, 2020).

(...) mais de 90% da produção científica nacional vem das universidades públicas, feita por professores e alunos de pós-graduação. Só a USP, por exemplo, tem cerca de 2 mil pesquisadores bolsistas de produtividade do CNPq, ou seja, que se destacam entre seus pares, além de 30 mil pós-graduandos. A USP é responsável por 20% de todos os trabalhos produzidos no país. (...) Oito das dez instituições que mais depositam patentes no Brasil são universidades públicas, federais e estaduais (JORNAL DA USP, 2019, 28 jun., online).

Assim, o objetivo principal da pesquisa de doutorado, cujas primeiras observações são aqui retratadas, é identificar como as universidades públicas têm utilizado o jornalismo científico para a defesa da Ciência e o combate às *fake news*, no intuito de auxiliar na reflexão e discussão sobre quais características, potencialidades, fragilidades e em que contexto esse jornalismo é produzido, tendo como referencial a Universidade de São Paulo e, mais especificamente, o *Jornal da USP*. Trata-se de conectar três pontos fundamentais: ciência, universidade e jornalismo.

Quanto à metodologia, em um primeiro momento, realizamos pesquisas bibliográficas, levantamento documental, além de iniciarmos a pesquisa de campo.

Para retratar como funciona o *Jornal da USP* foram entrevistados em 2020: Marcia Blasques (diretora de Redação do *Jornal da USP* e coordenadora da Rádio USP), Luiza Caires (editora de Ciências do *Jornal da USP*), Luiz Roberto Serrano¹²⁵ (superintendente de Comunicação) e Luiz Prado (repórter de cultura do *Jornal da USP*), com o objetivo de auxiliar na melhor compreensão do objeto. As perguntas foram formuladas de acordo com a área de atuação de cada um. No entanto, as questões que se referem ao *Jornal da USP*, especificamente, se replicam. Já em março de 2021, as conversas aconteceram com os professores Eugênio Bucci¹²⁶ e Elizabeth Nicolau Saad Côrrea (membros da comissão de discussão para as alterações na comunicação da USP), que participaram do processo de reorganização das mídias da USP, iniciado em 2012 e implementado a partir de 2015.

Como parte das primeiras etapas da pesquisa de campo – ainda exploratória – houve a participação em uma reunião de pauta remota do *Jornal da USP* em agosto de 2020. Além disso, uma amostra aleatória do *Jornal da USP* de março (30 e 31), de abril (13 e 14) e de junho (18 e 19; 25 e 26) de 2021 ajudou a identificar como se dá a organização do veículo, a

¹²⁵O jornalista Luiz Roberto Serrano ficou à frente do cargo até janeiro de 2022 quando o novo reitor Carlos Gilberto Carlotti Junior e a vice-reitora Maria Arminda do Nascimento Arruda tomaram posse.

¹²⁶Dois dias após o novo reitor e a nova vice-reitora da USP, Carlos Gilberto Carlotti Junior e Maria Arminda do Nascimento Arruda, respectivamente, tomarem posse, a Superintendência de Comunicação Social passa a ser gerida pelo professor Dr. Eugênio Bucci. Ele já havia sido superintendente entre os anos de 2015-2018.

distribuição das temáticas (as que mais aparecem na sequência são ciências, universidade, cultura e institucional), gêneros e formatos jornalísticos (informativos/reportagens).

Outro destaque foi a realização de um workshop¹²⁷ em outubro de 2021 sob a coordenação do Departamento de Editoração e Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (tendo à sua frente os professores doutores Dennis de Oliveira e Luciano Maluly) e minha mediação. Intitulado *Jornal da USP: jornalismo em ambientes universitários*, o encontro teve a participação de Luiz Roberto Serrano (superintendente de Comunicação Social), Marcia Blasques (diretora de Redação do *Jornal da USP* e coordenadora da *Rádio USP*), Luiza Caires (editora de Ciências), Herton Escobar (repórter especial), Marcello Rollemberg (editor de Cultura), Cinderela Caldeira (editora de Atualidades), Thaís Helena dos Santos (editora de Universidade), Adriana Cruz (assessora de imprensa da USP) e Moisés Dorado (editor de arte, foto e vídeo).

A ideia surge não apenas como uma etapa dessa pesquisa, mas de uma demanda de um público diverso que busca saber mais sobre ciências e como o jornalismo da USP se organiza.

A importância da divulgação da ciência para a população

O *Relatório da Percepção Pública da C&T no Brasil* (2019)¹²⁸ demonstra que os brasileiros têm interesse por assuntos que envolvem Ciência. A quinta rodada da pesquisa *Percepção pública da ciência e tecnologia no Brasil*, já realizada em 1987, 2006, 2010 e 2015, mostra que apesar de uma queda em todos os interesses declarados (política, esportes, arte e cultura, Ciência e Tecnologia, economia, religião, meio ambiente e saúde), permanecem sendo os temas de maior interesse dos brasileiros aqueles relacionados à medicina e saúde, meio ambiente e religião – que se mantiveram estáveis nos últimos anos. Participaram dessa última versão 2.200 pessoas com idade superior a 16 anos, com cotas por gênero, idade, escolaridade, renda e local de moradia em todas as regiões do país.

Em relação às fontes de maior confiança, as respostas apresentadas foram: médicos (49%), jornalistas (38%), cientistas de universidades/institutos públicos de pesquisa e/ou

¹²⁷ Tivemos 112 inscritos (estudantes de graduação e pós-graduação, recém-formados, servidores técnicos ligados a universidades públicas), oriundos de todo o país. No dia do evento, 21 de outubro, com duração de cerca de três horas (das 14h às 17h15), 65 acompanharam o workshop em tempo real.

¹²⁸ Com o intuito de conhecer a visão, o interesse e o grau de informação da população em relação à Ciência e Tecnologia no país, o estudo foi realizado via parceria que envolveu o Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC), Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE), Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia – Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia (INCT-CPCT) e Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.

empresas (34%), religiosos (29%), militares (12%), representantes de organizações de defesa do meio ambiente (9%), escritores (7%), artistas e políticos (2% cada).

É nesse sentido que há a defesa da Ciência, pela via do jornalismo científico ou por ações de divulgação científica, no sentido de reforçar o importante papel que cumprem na democratização do acesso ao conhecimento, estabelecendo condições para que a população amplie seu repertório e, conseqüentemente, possa vir a participar de debates ou tomadas de decisões.

Wilson da Costa Bueno (2010) explica que a divulgação científica compreende a utilização de recursos, técnicas, processos e produtos (veículos ou canais) para a veiculação de informações para o público leigo, enquanto a comunicação científica dissemina a informação para um público mais seletivo e especializado. “A divulgação científica cumpre função primordial: democratizar o acesso ao conhecimento científico e estabelecer condições para a chamada alfabetização científica” (BUENO, 2010, p. 5).

A divulgação científica exerce esse papel de comunicar, difundir os conteúdos de Ciência, tecnologia e inovação para uma audiência ampla e heterogênea, e isso pode ocorrer de diversas maneiras. Por exemplo: (1) um cientista/pesquisador pode usar sua rede social (pessoal ou institucional) e se comunicar diretamente com essa audiência; (2) um museu distribui material complementar sobre uma das suas exposições; (3) uma palestra e/ou congresso sobre um tema específico para um público um pouco mais restrito em função da própria capacidade do local. Reforçando, a divulgação científica torna o conhecimento científico mais acessível através de livros, filmes, programas de rádio e TV, reportagens e matérias jornalísticas para diversos meios de imprensa analógica e digital, exposições e atividades em museus, feiras, artigos, seminários, palestras, entre outros.

Na prática, a linguagem, a forma como a divulgação científica se apresenta para a sociedade tem suas características particulares, então, não se trata apenas de traduzir o discurso científico. No caso da divulgação científica feita pela imprensa (via jornalismo científico), há algumas características específicas que precisam ser consideradas, pois “[...] incorpora novos elementos ao processo de circulação de informações científicas e tecnológicas porque estabelece instâncias adicionais de mediação.” (BUENO, 2010, p. 4).

Para o autor, neste caso:

(...) a fonte de informações (cientista, pesquisador ou, de maneira geral, um centro de produção de C&T – universidades, empresas e institutos de pesquisa) sofre a interferência de um agente (o jornalista ou o divulgador) e de uma estrutura de

produção (que apresenta especificidades dependendo do tipo de mídia e da sua proposta de divulgação). (BUENO, 2010, p.4)

O professor de jornalismo norte-americano Warren Burkett (1990), inclusive, defende que o jornalismo ainda é uma das formas mais importantes de divulgação do conhecimento científico às pessoas, já que, em geral, possibilita a aproximação entre informação e conhecimento, considerando que muitas vezes os cientistas têm dificuldades de produzir e transmitir mensagens de fácil assimilação pela população.

Basicamente, jornalismo científico, cuja tradução vem da expressão em inglês *scientific journalism* ou do espanhol *periodismo científico*, tem sido definido no Brasil como veiculação de informações científicas e tecnológicas pelos meios de comunicação, sejam eles de massa ou não.

Na introdução da versão em português do *Manual de Edição em Jornalismo Científico do KSJ* (2020), os editores da *Knight Science Journalism*, escrevem que produzir conteúdo sobre Ciência pode ser intimidante, mas é fundamental que os jornalistas:

(...) não apenas expliquem temas relacionados à ciência com clareza, mas também cubram a área com o mesmo ritmo e exigência do que acontece em outras editoriais, como política, economia ou esportes. Os profissionais que trabalham com jornalismo científico devem fazer perguntas difíceis, analisar as informações e exigir que explicações extraordinárias estejam baseadas em evidências igualmente extraordinárias. (BLUM; HATCH; JACKSON, 2020, p. 5)

O fato é que as relações entre Ciência, tecnologia e sociedade são complexas, permeadas por interesses. Portanto, o jornalismo científico precisa estar comprometido com uma postura crítica desse processo de produção e divulgação. Não se trata de “propor” um confronto, mas de reforçar uma postura crítica e atenta para evitar a propagação de informações desconstruídas e/ou, de maneira ingênua, acreditar numa Ciência mágica que resolve tudo em um estalar de dedos. “A Ciência por si só não é boa ou má, é o uso que se faz dela (...) precisa refletir sobre o uso da ciência pelos governos para justificar suas atitudes (...) para justificar seus atos. (...)” (ALEXINO, 2021).

Herton Escobar, repórter especial do *Jornal da USP*, no artigo *Divulgação Científica: faça agora ou cale-se para sempre*, defende que nunca a divulgação científica fez tanta falta quanto agora. Para ele, a crise orçamentária que foi imposta à Ciência brasileira, nos últimos anos, escancarou o abismo entre a comunidade científica e a sociedade e, portanto, não podemos mais delegar à imprensa a responsabilidade de falar sobre a importância da Ciência. É preciso haver uma rede comunicativa de fato.

Faz parte da missão da universidade pública tornar acessível, a um público mais amplo, o conhecimento e a inovação que produz. Por isso, a partir da observação do *Jornal da USP*, questiona-se como se configura o jornalismo científico em ambiente digital feito nas/pelas universidades públicas. Quais são suas características e para quem é feito esse jornalismo? Ele tem contribuído na defesa da Ciência e no combate às *fake news*?

A divulgação de ciências via jornalismo produzido pelo *Jornal da USP*

A estrutura de comunicação da universidade é muito grande. Há a assessoria de imprensa (ligada diretamente à reitoria), que cuida da comunicação institucional; as assessorias de comunicação das unidades, dos laboratórios e dos grupos de pesquisa; e a Superintendência de Comunicação Social (SCS), responsável pela comunicação mais geral voltada para o público interno (todas as unidades da USP, professores, alunos e funcionários de todos os campi, visando à integração do conjunto da universidade) e externo (a mídia em geral, parceiros, instituições públicas, outras universidades e a sociedade como um todo), relatando o que acontece na universidade (educação, pesquisa e extensão) via canais/ferramentas de caráter jornalísticos. É sob sua alçada que está a produção do *Jornal da USP*.

O *Jornal da USP*, criado em 1985, é considerado o veículo mais antigo na categoria de jornalismo universitário institucional do Brasil e tem como missão principal divulgar para a sociedade a produção e o conhecimento da Universidade de São Paulo no campo das ciências exatas, humanas e biológicas, além de produzir conteúdo e ações que visam à defesa da Ciência e do conhecimento, principalmente em um mundo em que a desinformação tem crescido a ponto de ocupar espaços de destaque no debate público.

Em maio de 2016, o *Jornal da USP* deixou de circular na sua versão impressa e passou a ser digital, além da Superintendência de Comunicação Social começar “a trabalhar em uma redação integrada na produção de conteúdo que posteriormente é veiculado no jornal, rádio, revista e assim por diante” (BLASQUES, 2021).

(...) Atualmente nós temos equipes da Superintendência de Comunicação Social em Ribeirão Preto que produz conteúdo para o *Jornal da USP* e *Rádio USP RP* e também um jornalista no campus de Pirassununga. Nos outros campi nós contamos com a parceria das comunicações locais. A USP trabalha de uma maneira bem descentralizada na comunicação, portanto, é comum que as unidades tenham sua própria assessoria, equipe de comunicação (...) então de uma forma ou de outra eles mesmos produzem seu conteúdo e nós aproveitamos às vezes na íntegra, às vezes servindo como pauta e às vezes fazendo trabalho em parceria com essas

equipes locais (...) de toda forma a gente tenta expandir nossa capacidade de produção por meio dessas redes de profissionais, já que, todos têm esse foco de levar a USP pra fora (BLASQUES, 2021).

Para a equipe, essa produção integrada entre o *Jornal da USP*, da *Rádio USP São Paulo e Ribeirão Preto* e do *Canal USP* no YouTube, tem despertado o interesse cada vez maior do público, ampliando, assim, sua audiência.

De 2018 até 2020, os números de visualizações e assinantes tanto do *Jornal da USP* quanto do *Canal USP* só cresceram. Do jornal, passou de 15,5 milhões (2018) para 25,6 milhões (2020). Já o canal do YouTube, de 100 mil (2019) para 311 mil (2021)¹²⁹.

A tarefa que eu recebi foi reforçar claramente para a sociedade paulista e brasileira a excelência da USP nas áreas de pesquisa, ensino e extensão. Mostrar que graças a essa excelência de nível mundial cada centavo dos 5,3 bilhões do ICMS estadual anual destinados para a USP reverte amplamente para a população sob a forma de educação, serviços, políticas públicas, produtos e pesquisas em todos os campos do saber. Reforçar, enfim, que a USP como universidade pública (isso é sempre importante ressaltar) é essencial para o desenvolvimento da sociedade dos pontos de vista científico, técnico, social e humanístico. (SERRANO, 2021)¹³⁰

Essa tarefa, segundo o coordenador, tornou-se ainda mais vital pelo momento atual que a sociedade tem passado, em especial no que se refere ao ensino superior e à pesquisa científica, os quais têm sido destratados e desrespeitados em âmbito federal, com o corte de verbas.

Na reportagem *Jornal da USP fortalece redes para divulgação da ciência*¹³¹, publicada em dezembro de 2019, o repórter Matheus Souza descreve que, com esse crescimento, aumenta a responsabilidade de trazer conteúdo de qualidade: “Além das matérias que explicam pesquisas e descobertas científicas, hoje há também um esforço maior de compartilhar as experiências da equipe para contribuir com outros projetos de divulgar a ciência.”

Como exemplo, podemos citar a publicação do guia *De cientistas para jornalista – noções de comunicação com a mídia*¹³², que reúne orientações sobre como lidar com a imprensa e produzir conteúdo para divulgar a Ciência de forma mais eficiente. Aliás, uma das

¹²⁹Os dados foram apresentados durante o workshop *Jornal da USP - Jornalismo em ambientes universitários*, realizado no dia 21 de outubro de 2021 e transmitido pelo *Canal USP* no YouTube. Os números do jornal referentes a 2021 ainda não tinham sido consolidados na época do evento. Quanto ao canal do YouTube, o número de inscritos em 6 de janeiro de 2022 era de 320 mil.

¹³⁰Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=molY7XIAW2s&t=312s>. Acesso em: 7 jan.2022.

¹³¹ Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/jornal-da-usp-fortalece-redes-para-divulgacao-da-ciencia>. Acesso em: 1 ago. 2021.

¹³² Disponível em: https://jornal.usp.br/wp-content/uploads/2018/12/de_cientista_para_jornalista_FINAL.pdf. Acesso em: 10 set. 2020.

autoras é Luiza Caires, editora de Ciências do *Jornal da USP*. “O que a gente vem buscando, principalmente, é fortalecer a rede de divulgação de ciência tanto na USP quanto fora dela. Não apenas ajudando com a nossa experiência, mas ouvindo, porque quando vamos para outros lugares também aprendemos muito”, explica a profissional na reportagem mencionada.

Em sua *home*¹³³, encontramos reportagens e notícias, artigos, *podcasts* e vídeos nas editorias de ciências, cultura, atualidades, universidade e institucional, além dos programas veiculados na *Rádio USP*. Cada uma dessas editorias tem subeditorias. No caso de ciências, por exemplo, temos as subeditorias de ciências agrárias, ciências ambientais, ciências biológicas, ciências da saúde, ciências exatas e da terra e ciências humanas.

É importante ressaltar que o público pode acessar diretamente cada um dos produtos em páginas específicas ou ser encaminhado via *home* do *Jornal da USP*. Todas têm, logo abaixo do endereço, ícones para o Portal da USP, Fale Conosco, WhatsApp, Envie uma Pauta, Newsletter, *Podcasts*, *Rádio USP*, *TV USP*¹³⁴ e, em seguida, as informações específicas do endereço em questão.

O jornal tem cinco destaques diários (atualizados de segunda a sexta-feira), depois vêm outras notícias que também são alteradas todos os dias e a lista dos últimos vídeos do *Canal USP*, *podcasts* e colunistas, cursos, artigos e os indicadores das mais lidas (do dia, da semana e do mês).

Além do mais, todo o conteúdo produzido pelo *Jornal da USP* e *Rádio USP* pode ser usado/reproduzido livremente, desde que aferidos os créditos, ou seja, ocorra a citação da fonte de origem.

O entendimento de como as informações estão dispostas (o que publicam e como publicam) ocorreu após uma observação mais detalhada da página principal do *Jornal da USP* e, posteriormente, da editoria de ciências e suas subdivisões nos meses de março (30 e 31), de abril (13 e 14) e de junho (18 e 19; 25 e 26) de 2021 no sentido de identificar as editorias de destaque, gêneros e formatos jornalísticos, temas (pautas), estrutura do texto, fontes consultadas e responsável pela produção.

¹³³ Disponível em: <https://jornal.usp.br>. Acesso em: 3 de julho de 2022.

¹³⁴ Apesar de aparecer com o nome TV USP, o antigo canal universitário não existe mais e hoje ele se refere ao conteúdo do YouTube. Ao clicar, o público é levado para a página do *Canal USP*.

Quadro 1– Levantamento geral da *home* do *Jornal da USP*

Jornal da USP – home	
Editorias	Universidade (16) Ciências (15) Cultura (8)
Gêneros	Informativo (35) Opinativo (4)
Formatos	Reportagem (21) Notícia (8) Entrevista (6) Artigo (3) Resenha (1)
Temas	Calouros, pandemia (vacina, número de infectados, ações políticas), doação de sangue, produção de melatonina na gravidez, influenza/vacina, taxação de livros, cigarro/estrutura óssea, uso de memes na educação, bioeconomia na Amazônia, alteração no Lattes, queda do presidente da Capes, modernismo brasileiro, síndrome de Haff (urina preta), programa USP Vida, aumento da islamofobia.
Estrutura	Como padrão todos os textos têm título, linha fina e uma foto de abre antes do texto principal. Outros trazem o áudio (originário do <i>Jornal da USP no Ar</i> veiculado na <i>Rádio USP</i>), infográficos, galeria de imagens e vídeos.
Fontes	Em sua maioria, docentes e pesquisadores de uma das escolas da USP SP e USP Ribeirão Preto.
Assinatura	A maioria é assinada por um repórter (do <i>Jornal da USP</i> ou eventualmente da <i>Rádio USP</i>), mas há também a clássica assinatura “redação”.

Fonte: elaboração própria, 2021.

O jornalismo produzido pelo *Jornal da USP* segue basicamente duas premissas: (1) prestar contas para a sociedade do que é investido na universidade, prestar contas das ações das pesquisas que a USP faz e de que maneira isso impacta no mundo e na sociedade brasileira; (2) mostrar para a sociedade de que maneira as pessoas que não fazem parte da

comunidade USP também podem acessar os vários serviços oferecidos por ela, sejam eles de educação, saúde, cultura etc.

Existe esse desafio da USP de se mostrar para a sociedade, o quanto ela devolve em benefícios, seja em pesquisa, serviços, aulas, formação de cidadãos. Nós não temos nenhuma ascendência sobre a comunicação das unidades ou a Assessoria da reitoria, mas podemos formar parcerias. No *Jornal da USP* o carro chefe são as ciências exatas, biológicas e humanas. Temos uma amplitude que nos permite trabalhar quase todos os assuntos que interessam a sociedade, como economia, educação, psicologia, infraestrutura, Covid. Nós trazemos professores, alunos, pesquisadores e os puxamos para discutir os problemas do dia a dia (SERRANO, 2020).

O *Jornal da USP* como principal veículo jornalístico da Superintendência de Comunicação Social faz uma ampla cobertura científica, seja divulgando ações ou produzindo conteúdo jornalístico.

No *Jornal da USP* tem mais Ciências como destaque. A gente produz mais, é a característica da editoria, e também porque há uma percepção interna de que ciências acaba sendo o carro chefe do *Jornal*. A USP é uma instituição que faz pesquisa, então é natural que o jornal vá nessa linha também, de falar das pesquisas. Esses assuntos também mostram para a sociedade que a USP está produzindo, está pesquisando (CAIRES, 2020).¹³⁵

Essa constatação pode parecer natural, pois trata-se de um veículo ligado a uma universidade pública que precisa prestar contas à sociedade e que tem alta produção de pesquisas. Mas, mesmo que essa seja uma das premissas de uma universidade pública, nem todas têm uma equipe de comunicação, verbas e uma linha editorial preocupada com a divulgação científica¹³⁶.

Pela questão ética, faz parte da missão da Universidade tornar acessível a um público mais amplo o conhecimento e a inovação que produz. A democratização do saber deve ser uma das prioridades da Universidade, dá visibilidade à instituição e é também uma forma de prestação de contas à sociedade que a mantém, orientando-se pelo princípio da transparência. (CAIRES, 2018, p.1)

¹³⁵ Luiza Caires é jornalista e atua como editora de Ciências no *Jornal da USP*. Por sua experiência no tema, passou a cuidar das redes sociais que falam especificamente de ciências e a realizar a coordenação e apresentação dos webinars e lives com a mesma temática.

¹³⁶A partir da discussão sobre a “emergência” ou “ampliação” da divulgação científica no Brasil e, conseqüentemente, do jornalismo científico, principalmente por causa da pandemia e da desinformação em rede, um dos próximos passos da pesquisa é compreender como as universidades públicas (amostra a ser definida) exercem essas práticas jornalísticas.

Mesmo encontrando alguns textos assinados por assessorias dos departamentos, Serrano (2020) reforça que o *Jornal da USP* “ (...) não é “apenas” um jornal institucional, é jornalismo.”

Verifica-se tratar de um jornalismo prioritariamente informativo apresentado no formato de reportagem e notícias (conforme descrição das tabelas), mas que ainda é muito dependente de fontes internas.

Na maioria das vezes as pautas nascem na universidade, ou seja, nas pesquisas de mestrado, doutorado e nos laboratórios, porém mesmo quando o tema é mais amplo, as fontes continuam sendo internas. Luiza Caires, por exemplo, reconhece a importância da multiplicidade de vozes, mas afirma faltar braços para dar conta da demanda. “O ideal era trazer alguém de fora para repercutir, seria a terceira fala, mas não dá pra fazer por falta de braços (...) então a gente acaba focando nas fontes que produziram as pesquisas” (CAIRES, 2020).

O padrão textual, como já foi mencionado, são as reportagens e notícias. Além disso, muitos destes textos trazem infográficos, vídeos, links para áudios de reportagens da rádio como recursos auxiliares para a compreensão do conteúdo. Sem contar que a editoria de Ciências se preocupa muito com os títulos. “Título é muito importante para qualquer texto e formato, mas ainda mais para quem trabalha com ciência. Tem que ser atrativo e correto e em poucos caracteres. Isso é bem desafiador” (CAIRES, 2020).

Caires (2021) defende que o jornalismo científico precisa ter um olhar crítico, político, mas, antes de qualquer coisa, é preciso entender por quais transformações esse fazer jornalístico vem passando nos últimos anos. O principal deles se refere aos enxugamentos das redações, conseqüentemente, o jornalismo científico perde espaço nos veículos e passa a haver falta de um profissional mais bem preparado.

Ao mesmo tempo, hoje temos as mídias sociais que interferem diretamente na maneira como o público vê a temática e o trabalho do jornalista. Nesse sentido é importante destacar que o conteúdo jornalístico produzido pelo *Jornal da USP* também está no Instagram, Twitter, Facebook e Youtube. Não se trata de material exclusivo para esses canais, mas sim, um recurso a mais para chamar a atenção para o *Jornal da USP* e a *Rádio USP*.

Considerações finais

Desde março de 2020 quando o Brasil passou a ter que encarar a pandemia de frente e autoridades precisaram tomar decisões que envolviam o distanciamento social, o fechamento

de instituições, entre outras medidas, diversas pesquisas e/ou reportagens trouxeram dados de que a população passou a buscar mais informações de fontes garantidas de confiança, entre elas o jornalismo e as universidades.

A pandemia do coronavírus fez a população buscar por fontes garantidas de informação. Segundo uma pesquisa do Datafolha, os programas jornalísticos da TV, jornais impressos, programas jornalísticos de rádio e sites de notícias são vistos pela população como os mais confiáveis na divulgação de notícias sobre a crise (PEZZOTTI, 2020).

Assim, tanto a USP quanto outras universidades enxergaram a possibilidade de criar e/ou ampliar esse diálogo, essa comunicação com o público em geral.

Em um mundo cada vez mais globalizado, é fundamental que a universidade brasileira estabeleça novas diretrizes para o seu relacionamento com a sociedade, ainda mais no que se refere ao combate à desinformação. Não cabe mais à academia se comunicar somente por meio de publicações científicas (ainda que prioritárias e fundamentais). É necessário transpor os muros, deixar de lado somente o discurso institucional, enxergar de forma estratégica a comunicação.

A partir da discussão sobre a “emergência” ou “ampliação” da divulgação científica no Brasil e, conseqüentemente, do jornalismo científico, principalmente por causa da pandemia e da desinformação em rede, é preciso compreender como as universidades exercem suas práticas jornalísticas, especialmente as de jornalismo científico.

Como já mencionado, uma das etapas da pesquisa é conversar com jornalistas e/ou gestores de comunicação de universidades públicas no sentido de compreender: (1) qual a importância de a universidade produzir jornalismo científico; (2) esse interesse/compromisso por parte da universidade de produzir o seu próprio jornalismo sempre existiu ou isso ocorreu nos últimos anos em função do corte de verbas, falta de espaço para o tema na grande mídia etc.; (3) como está organizado o departamento (setor) de jornalismo (equipe, meios/formatos, público); (4) se todos esses produtos são produzidos sob a égide do jornalismo científico; (5) se há uma divisão do que é produzido para o público interno e externo e o porquê; (6) qual a linha editorial, os critérios para a seleção de pautas, fontes; (7) se esse material já nasceu no ambiente virtual e, caso não, qual a necessidade de estar nesse ambiente, os prós e contras dessa reformulação; (8) como se dá a interação/feedback com o público; (9) se os entrevistados conhecem/acompanham o *Jornal da USP* e o que acham do jornalismo produzido por este veículo.

Algumas universidades públicas, federais ou estaduais, e até particulares dispõem de estruturas de comunicação, editam periódicos (jornais, revistas ou boletins) e mantêm um fluxo regular de informações via meios de comunicação próprios, como é o caso da Universidade de São Paulo, com o *Jornal da USP*.

Quando olhamos para a distribuição dos assuntos por meio das editoriais (ciências, universidade, atualidades, cultura e institucional) identificamos que o *Jornal da USP* faz uma separação do que é visto como informação ligada à imagem da instituição e o que tem caráter jornalístico, além de uma amplitude de assuntos – direta ou indiretamente – ligados às ciências na editoria específica e em outras, como universidade e atualidades.

Burkett (1990) afirma que a informação sobre Ciência é abundante e, por isso, escolher o que merece ser publicado é tarefa difícil para o jornalista. “Julgar bem a importância das notícias faz parte do processo de tomada de decisões do jornalista bem-sucedido. Compreender alguns dos critérios que determinam o valor noticioso irá ajudar a desenvolver o julgamento das notícias” (BURKETT, 1990, p.49).

Luiza Caires reconhece que não é possível dar conta de tudo e tem consciência que nem sempre pode escolher a melhor pauta ou fonte. “Às vezes alguém escreve reclamando porque não foi entrevistado sobre aquele assunto. Temos que fazer escolhas e podem não ser as melhores. Eu tenho um filtro, você tem outro”.

Percebe-se até o momento que o *Jornal da USP* tem uma vasta cobertura de ciências e, mesmo que não dê conta de tudo, contribui para a Divulgação Científica, pois ao divulgar a ciência estamos valorizando a própria ciência.

Referências

ALEXINO, Ricardo. **Jornalismo Científico e Divulgação Científica**. [Entrevista concedida a] Carla de Oliveira Tôzo. São Paulo, 11 nov. 2021.

BLASQUES, Marcia. **Workshop Jornal da USP - Jornalismo em ambientes universitários**, 21 out. 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=molY7XIAW2s&list=PLAudUnJeNg4uQn_7hJ2cLR5QSvSCJperf&index=15. Acesso em: 24 out. 2021.

BLUM, Deborah; HATCH, Joshua; JACKSON, Nicholas Jackson. *Introdução. Manual de Edição em Jornalismo Científico do KSJ MIT*. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology, 2020. Disponível em: <https://ksjhandbook.org>. Acesso em: 4 jan.2022.

BUENO, W.C. *Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais*. **Informação & Informação**. Londrina, v. 15, n. 1, especial, 2010, p. 1-12. Disponível em: [10.5433/1981-8920.2010v15n1esp1](https://doi.org/10.5433/1981-8920.2010v15n1esp1). Acesso em: 12 jun. 2021.

BURKETT, Warren. **Jornalismo científico: como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

CAIRES, Luiza. **Jornal da USP**. [Entrevista concedida a] Carla de Oliveira Tôzo. São Paulo, 30 jul. 2020.

_____. *Diálogo entre gerações*, 27 set. 2021. In: **1º Congresso Brasileiro de Divulgação Científica**, 27 a 30 set. 2021. Disponível em: <https://www.academica.jor.br/congresso>. Acesso em: 28 set. 2021.

CAIRES, Luiza; NAOE, Aline. **De cientista para jornalista – noções de comunicação com a mídia**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2018. Disponível em: https://jornal.usp.br/wp-content/uploads/2018/12/de_cientista_para_jornalista_FINAL.pdf. Acesso em: 10 set. 2020.

CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS - CGEE. **Percepção pública da C&T no Brasil– 2019**. Resumo Executivo. Brasília/DF: 2019. Disponível em: https://www.cgee.org.br/documents/10195/734063/CGEE_resumoexecutivo_Percepcao_publica_CT.pdf. Acesso em: 17 jun. 2021.

ESCOBAR, Herton. *Divulgação científica: faça agora ou cale-se para sempre*. Dossiê Divulgação Científica 2018. **Revista eletrônica ComCiência**. Disponível em: <https://www.comciencia.br/divulgacao-cientifica-faca-agora-ou-cale-se-para-sempre>. Acesso em: 6 dez. 2021.

IBPAD. **Principais vozes da ciência no Twitter em 2021**: mapeando a conversa de cientistas e especialistas sobre a covid-19. Disponível em: <https://www.ibpad.com.br/blog/ibpad-e-science-pulse-mapeiam-principais-influenciadores-cientificos-no-twitter>. Acesso em: 6 jan. 2022.

JORNAL DA USP. *10 mitos sobre a universidade pública no Brasil*. 28 jun.2019. Disponível em: <https://jornal.usp.br/universidade/10-mitos-sobre-a-universidade-publica-no-brasil>. Acesso em 22 dez.2021.

PEZZOTTI, Renato. **Coronavírus: crescem audiência e relevância de notícias**. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/03/23/coronavirus-crescem-audiencia-e-relevancia-de-noticias.htm>. Acesso em 26 de setembro de 2020.

SERRANO, Luiz Roberto. **A Superintendência de Comunicação Social**. [Entrevista concedida a] Carla de Oliveira Tôzo. São Paulo, 24 jul. 2020.

_____. **Workshop Jornal da USP - Jornalismo em ambientes universitários**, 21 out. 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=molY7X1AW2s&list=PLAudUnJeNg4uQn_7hJ2cLR5QSVSCJperf&index=15. Acesso em: 24 out. 2021.

Foca nas mídias: o uso do vídeo para promoção da alfabetização midiática

*Mônica Rodrigues Nunes Vieira*¹³⁷

Introdução

O texto “Proclamação de Alexandria de 2005” da Unesco descreve a alfabetização informacional e a aprendizagem ao longo da vida como os “faróis da Sociedade da Informação”, iluminando os caminhos para o desenvolvimento, a prosperidade e a liberdade (...). É um direito humano básico em um mundo digital e promove a inclusão social em todas as nações” (UNESCO, 2005). Saber escolher e avaliar os produtos informacionais, que são disponibilizados pelas diferentes mídias, permite o êxito em formar cidadãos.

Por alfabetização midiática entende-se proporcionar "conhecimento básico sobre as funções das mídias e de outros provedores de informação e sobre como acessá-los" (WILSON, 2013, p. 16). Nesta perspectiva, ela apresenta caminhos para que o público saiba identificar as intencionalidades por trás dos conteúdos a que tem acesso, produzir conteúdo em diferentes gêneros e formatos e, também, ampliar o pensamento crítico.

O projeto intitulado “Educação para as mídias em escolas públicas: jornalismo, cultura, vídeo, ensino e aprendizagem”, é uma iniciativa ligada à inclusão social e diversidade e aos objetivos de desenvolvimento sustentável da agenda 2030 da ONU. Ele tem o apoio da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP (PRCEU), por meio do edital “Inclusão Social e Diversidade na USP e em Municípios de seus Campi”, e do Programa Unificado de Bolsas (PUB) da Universidade de São Paulo (USP). Trata-se da continuidade às atividades realizadas no projeto de extensão “Alfabetização midiática em vídeo na Escola de Aplicação da FEUSP” (2019-2021), contemplado pelo edital Empreendedorismo Social da PRCEU da USP, e apoio do PUB/USP.

O conceito de extensão que se articula neste projeto está associado a uma atividade acadêmica que permita contribuir significativamente para mudanças da sociedade, com a realização de atividades com forte integração entre ensino, pesquisa e extensão.

Trata-se de um projeto interdisciplinar, voltado ao âmbito da alfabetização informacional e midiática, e direcionado a professores, crianças, adolescentes e jovens de escolas públicas, que conta com a participação de docentes e pesquisadores da Escola de

¹³⁷ Professora doutora do curso de jornalismo da ECA/USP. E-mail: mnrunes@usp.br.

Comunicações e Artes, da Faculdade de Educação e da Escola de Aplicação da FEUSP, alunos de pós-graduação e graduação da USP.

As principais atividades realizadas até o momento são: oficinas com professores, acompanhamento de atividades nas escolas parceiras, criação de conteúdo, em diferentes formatos, para redes sociais (TikTok, Instagram, Facebook e YouTube).

As atividades, realizadas pelo projeto, direcionadas aos professores de escolas públicas, visa oferecer educação midiática de modo que possam apropriar-se e discutir com os respectivos alunos os processos que envolvem a produção e a difusão de audiovisual pelas grandes empresas de mídia e redes sociais, a fim de torná-los cidadãos mais críticos quanto aos vídeos que produzem e consomem.

Para as produções audiovisuais realizadas no âmbito do referido projeto de extensão, adotou-se o modelo seriado, com linguagem e formato voltados ao público infantojuvenil sobre temas que permitam compreender as funções da mídia, entender e interpretar as mensagens produzidas por ela e, também, identificar conteúdos falsos e com intenção de dano.

A divisão deste texto visa, primeiramente, abordar as questões relativas ao contexto das novas mídias, o consumo de mídia por crianças, adolescentes e jovens e, na sequência, enfoca a produção dos vídeos, mais especificamente, as séries audiovisuais.

Novas mídias, público infantojuvenil e alfabetização midiática

Ao lado das mídias tradicionais – rádio, televisão e publicações impressas – a virada do século XX para o século XXI marca definitivamente o estabelecimento e uso das novas tecnologias da informação e comunicação. Um fenômeno irreversível, em que “os novos meios de comunicação eletrônica não divergem das culturas tradicionais: absorvem-nas” (CASTELLS, 1999, p.456).

Já não é possível imaginar o mundo sem a utilização dos equipamentos eletrônicos que permitem o lazer, o trabalho, a conexão com outros grupos e indivíduos e que moldam a forma como nos relacionamos com o mundo.

Nos últimos anos assistimos a uma supremacia dos dispositivos eletrônicos. As Tecnologias da Informação e Comunicação permitiram que o mundo ficasse muito menor, e se tornaram arte e parte da globalização. De um lado, o processo foi facilitado e acelerado ao permitir acesso instantâneo e fácil à informação sobre o que está acontecendo em qualquer lugar do mundo, diluindo assim as fronteiras. De outro lado, transformaram-se em um fator a mais da globalização: ter um telefone

celular ou estar conectado à internet, ter acesso a determinados conteúdos na rede, nos transforma em parte da sociedade globalizada, nos iguala e nos uniformiza com milhões de pessoas de qualquer parte do mundo (CHALEZQUER e SALA, 2009, p.31).

As transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais resultaram na cultura da convergência – como um processo tecnológico que une múltiplas funções dentro dos mesmos aparelhos (JENKINS, 2008):

Onde as velhas e as novas mídias colidem, onde mídia corporativa e mídia alternativa se cruzam, onde o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis. (...) No mundo da convergência das mídias, toda história importante é contada, toda marca é vendida e todo consumidor é cortejado por múltiplas plataformas de mídia (JENKINS, 2008, p.30).

Neste contexto, Chalezquer e Sala, (2009, p.31) apontam que “crianças e jovens têm em comum um grau significativo de posse e uso das Tecnologias da Informação e Comunicação”.

E os dados apresentados na pesquisa TIC Kids Online Brasil (2020) mostram que a maioria das crianças e adolescentes brasileiros estão conectados e exercem diversas atividades online. Aproximadamente 89% da população entre nove e 17 anos é usuária de Internet no Brasil, o que equivale a 24,3 milhões de crianças e adolescentes conectados. O seu uso, pelo público infantojuvenil brasileiro, se dá principalmente através do celular, e as atividades mais realizadas são: assistir a vídeos, programas, filmes ou séries, com 83%; baixar músicas e filmes, 59 %; usar redes sociais, 68 %; e pesquisar na Internet para fazer trabalhos escolares, 76%.

Embora a Internet possa ser utilizada para múltiplos fins, sobretudo durante a pandemia em que se tornou a única alternativa para dar continuidade às atividades escolares de milhares de crianças e adolescentes, o seu uso deve ser visto com cautela.

Segundo Souza (2016, p.202), a produção e o uso de diferentes narrativas – teóricas, literárias, cinematográficas, jornalísticas, publicitárias e narrativas sociais – pelo conjunto da sociedade “interferem diretamente no comportamento de crianças e adultos, modelando as formas de agir de acordo com as expectativas criadas, inevitavelmente, por interesses culturais, políticos e econômicos”. Além disso:

O consumo, ou o ‘novo hedonismo das massas’, encontrou na revolução dos meios de informação e no avanço da tecnologia seu mais perfeito modo de sustentação e expansão, atualizando as relações de poder mercadológico de acordo com as necessidades surgidas (SOUZA, 2016, p.203).

Portanto, é preciso considerar a forte influência das imagens no cotidiano do público infantojuvenil, uma vez que é grande a adesão e preferência pelas produções audiovisuais – disponibilizadas na internet e de múltiplos fins (de informação, de publicidade e de ficção).

Os vídeos são resultado de mediações. Imagens, textos e sons são organizados para gerar sentido. Não é tarefa fácil aceder e entender a caixa preta das produções audiovisuais.

Flusser (2009) descreve que nas imagens técnicas:

Há um fator que se interpõe (entre elas e seu significado): um aparelho e um agente humano que o manipula (fotógrafo, cinegrafista). Mas tal complexo ‘aparelho operador’ é demasiadamente complicado para que possa ser penetrado: é caixa preta e o que se vê é apenas *input* e *output*. Quem vê o input e ou output vê o canal e não o processo codificador que se passa no interior da caixa preta (FLUSSER, 2009, p.15) [grifos do autor].

Outro ponto que deve ser objeto de atenção é o acesso irrestrito a equipamentos eletrônicos com acesso à internet por crianças e adolescentes, sobretudo, em dispositivos móveis, que garantem acesso a todo tipo de conteúdo e o consumo pode ser realizado em qualquer lugar, permitindo que o faça sem a presença e monitoramento de um adulto.

Não são raros os casos em que eles são tratados, no ambiente digital, de forma ofensiva (Figura 1), segundo dados levantados pela pesquisa TIC Kids Online (2020), 43% das crianças e dos adolescentes de 9 a 17 anos viram alguém ser discriminado na Internet e 7% da população nessa faixa etária reportou ter se sentido discriminado. Já 22% disseram ter visto cenas de violência ou com muito sangue, e 15% viram na Internet imagens ou vídeos de conteúdo sexual e 18% receberam mensagem de mesma natureza.

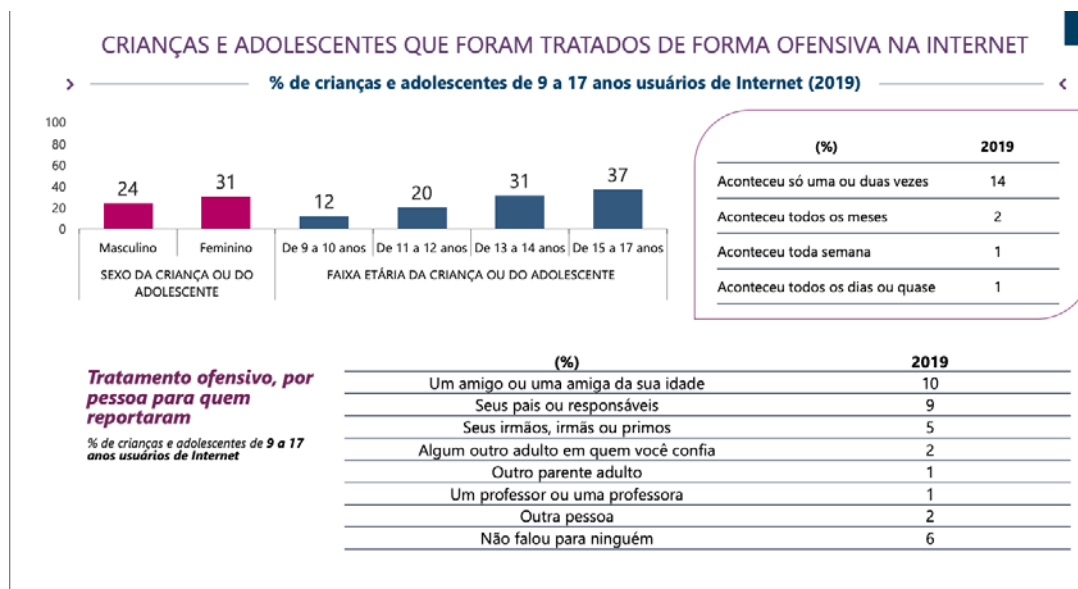


Figura 1 – Gráfico percentual de crianças e adolescentes que foram tratados de forma ofensiva na Internet.

Fonte: CGI.BR/NIC.BR, Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), dados da pesquisa TIC Kids Online 2020.

Além disso, o pequeno repertório das crianças, adolescentes e jovens sobre como os conteúdos confiáveis – nos mais diferentes formatos: textos, áudios, imagens, vídeos etc. – são produzidos, como pesquisas científicas e notícias, torna-se uma armadilha que os leva a não questionar a veracidade dos conteúdos a que têm acesso. Este público também não domina o funcionamento das redes, tampouco tem consciência dos mecanismos que se operam por trás de cada clique, visualização, curtida e compartilhamento.

Sem a mediação de adultos e acesso ao letramento midiático e informacional, crianças e adolescentes ficam suscetíveis aos conteúdos que consome, pois não possui todas as habilidades para entender e avaliar criticamente ao que assiste, lê ou ouve.

Uma armadilha perigosa é a disseminação de desinformação, popularmente conhecida como *fake news*. Elas não estão restritas ao ambiente digital e não surgiram com ele, mas encontraram nele as condições favoráveis à sua rápida proliferação. Isto ocorreu também devido ao desenvolvimento das ferramentas, programas, serviços, interação e equipamentos, em especial os *Smartphones*, que permitiram que um número consideravelmente grande de pessoas sejam potenciais criadores e fornecedores de conteúdo.

E é no ambiente digital que mensagens manipuladas (com intenção de dano) são facilmente copiadas e compartilhadas, permitindo que parte da sociedade seja vítima da desinformação. Como aponta Debord (1997, p. 201-2) “o que consegue se opor a uma verdade oficial tem de forçosamente ser uma desinformação proveniente de forças hostis, ou

no mínimo rivais, que já vem deliberadamente falseada pela malevolência”. E acrescenta que, ao contrário da pura mentira, a desinformação “deve fatalmente conter uma certa parte de verdade, mas deliberadamente manipulada por um hábil inimigo”.

Mostra-se urgente a realização de atividades que ensinem a ao público infantojuvenil a importância e a necessidade de consumir e produzir conteúdo com compromisso com a verdade, de buscar fontes confiáveis na internet e saber identificar conteúdos falsos e com intenção de dano.

Trata-se de uma atividade desafiadora, sobretudo, porque a desordem da informação é complexa (Figura 2). Wardle e Derakhshan (2017) apontam uma divisão em três categorias: 1) informação incorreta, uma informação falsa que a pessoa acredita ser verdadeira; 2) desinformação, uma mentira falsa e deliberada, a pessoa que a divulga sabe que é falsa; e 3) má-informação que é uma informação baseada na realidade, mas usada para causar dano a uma pessoa, organização ou país. Não obstante:

Casos particulares podem exibir combinações desses três conceitos, e há evidências de que exemplos individuais de um são frequentemente acompanhados pelos outros (por exemplo, em plataformas diferentes ou em sequência) como parte de uma estratégia mais ampla de informação por atores específicos (WARDLE e DERAKHSHAN, 2017, p. 48).



Figura 2 - Quadro Desordem da Informação - Disponível em: <https://bitly.com/UjMTxD>.

Extensão Universitária

Como atividade de extensão, o projeto “Educação para as mídias em escolas públicas: jornalismo, cultura, vídeo, ensino e aprendizagem” está diretamente relacionado aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030 da ONU, mais precisamente aos seguintes:

4. Educação de Qualidade: “Assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e prover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos e todas”. E às seguintes metas estabelecidas neste objetivo:

4.1 garantir que todas as meninas e meninos completem o ensino primário e secundário livre, equitativo e de qualidade, que conduza a resultados de aprendizagem relevantes e eficazes;

4.4 aumentar substancialmente o número de jovens e adultos que tenham habilidades relevantes, inclusive competências técnicas e profissionais, para emprego, trabalho decente e empreendedorismo;

4.5 eliminar as disparidades de gênero na educação e garantir a igualdade de acesso a todos os níveis de educação e formação profissional para os mais vulneráveis, incluindo as pessoas com deficiência, povos indígenas e as crianças em situação de vulnerabilidade;

10 Redução das desigualdades: “Reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles”. Mais precisamente, quanto à seguinte meta:

10.2 empoderar e promover a inclusão social, econômica e política de todos, independentemente da idade, gênero, deficiência, raça, etnia, origem, religião, condição econômica ou outra;

16. Paz, Justiça e Instituições eficazes: Mais precisamente, quanto à seguinte meta: “Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis”. E assegurar o acesso público à informação e proteger as liberdades fundamentais, em conformidade com a legislação nacional e os acordos internacionais.

Neste projeto, busca-se abrir um espaço de interlocução com a comunidade, aproximando os alunos e docentes de uma demanda urgente da sociedade, superar a grande disseminação de desinformação, que tem reflexos negativos na vida de todos e, ao mesmo tempo, ampliar a formação cidadã e maior inserção na realidade política e social do país.

Considerando a importância que as mídias exercem sobre o desenvolvimento de crianças, adolescentes e jovens, os pilares da alfabetização midiática estão presentes na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que define “o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das

etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento" (BRASIL, 2015, p. 7)¹³⁸.

As atividades realizadas junto à Escola de Aplicação têm por premissa incentivar a participação ativa dos alunos, permitindo uma troca de saberes. Isto porque, como aponta Paulo Freire (1983, p.26), (...) “o conhecimento não se **estende** do que se julga sabedor até aqueles que se julga não saberem; o conhecimento se constitui nas relações homem-mundo, relações de transformação, e se aperfeiçoa na problematização crítica destas relações [grifo do autor]”.

Durante a realização deste projeto considera-se o desenvolvimento cognoscitivo das crianças, adolescentes e jovens e sua relação produtiva com os conteúdos audiovisuais que consomem e, para aproximá-los da alfabetização midiática, os vídeos foram produzidos com linguagem e formatos voltados a eles. O objetivo desta produção é auxiliá-los a compreender os mecanismos e funcionamentos dos meios e a criar as suas próprias mensagens de forma responsável.

O interesse por crianças, adolescentes e jovens dá-se porque este público não é formado apenas por consumidores de mídias, ele possui grande potencial de envolver pessoas da mesma faixa etária e de adultos, tornando-se parceiros no combate às chamadas *Fake News*.

Nesse projeto de extensão, o uso do vídeo como forma de acesso deve-se ao fato de que ele é apresentado como um outro modo de ver e ler, de aprender e de conhecer, possibilitando ampliar o aprendizado e o pensamento crítico.

Canal Foca nas Mídias

Antes da divulgação e disponibilização das produções audiovisuais, buscamos um título que resumisse os propósitos do projeto. Para esta etapa contamos com a participação dos alunos da Escola de Aplicação que sugeriram nomes e votaram naqueles que tinham maior significado para eles.

O título “Foca na Mídias” foi escolhido por indicar a necessidade de que todos devem analisar e avaliar cuidadosamente os conteúdos que são disponibilizados pelas diferentes mídias. Também buscamos trabalhar uma identidade visual que tivesse afinidade com o público-alvo do projeto.

¹³⁸ Disponível em: <https://bitly.com/GUsKH>. Acesso em: 28 de abril de 2022.

Para a disponibilização da produção audiovisual escolhemos o YouTube (www.youtube.com/focanasmidias), maior plataforma de conteúdo audiovisual de livre acesso. Mas também foram publicadas no site desenvolvido para o projeto (www.focanasmidias.com.br) e nas redes sociais @focanasmidias no Instagram e no TikTok (figura 3).

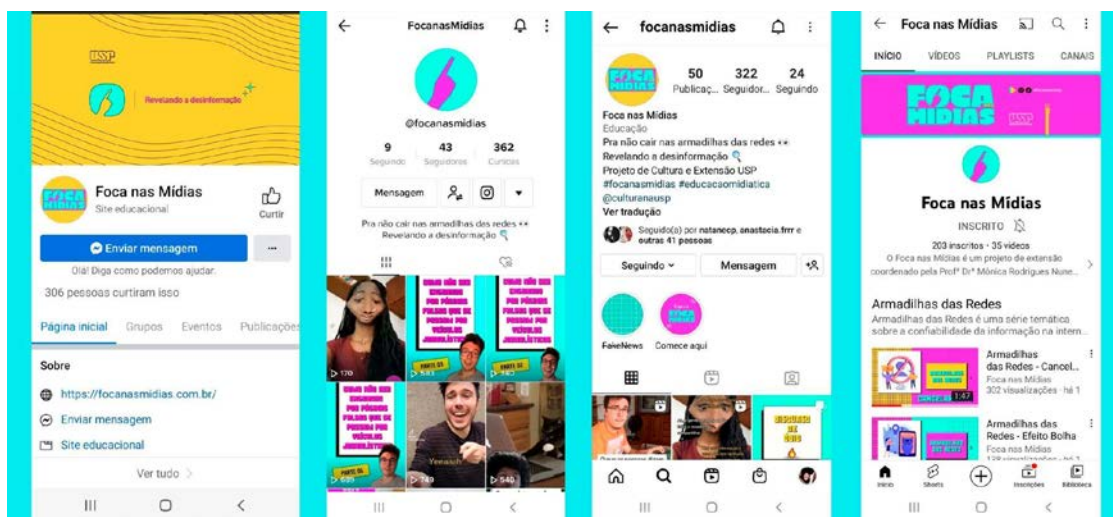


Figura 3 - Capas dos perfis em redes sociais do Foca nas Mídias: Facebook, TikTok, Instagram e YouTube.

O YouTube disponibiliza os conteúdos aos usuários via *streaming*, que realiza a transmissão de sons e imagens (áudio e vídeo) através de equipamentos conectados à internet sem a necessidade de efetuar *downloads*. O consumo de vídeos em plataformas de *streaming* é sob demanda, ou seja, o usuário escolhe o quê, quando e como assistirá ao conteúdo. Neste modelo, as informações são repassadas ao usuário ao mesmo tempo em que são recebidas pela máquina (AVILA, 2008).

A utilização de uma plataforma de *streaming* deve-se ao fato de esta ser caracterizada por “conglomerado de nicho” por meio de “uma customização de massa” (LOTZ, 2017, p. 26), em que há a eliminação da especificidade do tempo e da linearidade, possibilitando a produção de conteúdo para diferentes segmentos de públicos, em diferentes linguagens, gêneros e formatos.

Segundo Wolf (2015, p.137), o avanço do YouTube “foi transformar o *streaming* de vídeo em uma operação de um só clique. Antes do YouTube, o vídeo na web era um mundo de vídeos e *players* de vídeo conflitantes e muitas vezes incompatíveis; mas depois do YouTube virou...televisão”.

Os criadores de conteúdo do YouTube têm a possibilidade de gerenciar seus vídeos e *playlists*, responder a comentários, acessar estatísticas do canal (por exemplo, o perfil dos usuários, duração média da visualização, entre outros).

Produção audiovisual

A rotina de produção dos vídeos foi realizada em equipe, com a participação de alunos de graduação e pós-graduação, sob a direção da coordenadora desse projeto de extensão. É importante ressaltar que parte dessa produção foi realizada como atividade da disciplina “CJE-0533 -Projetos em Televisão” do curso de Jornalismo, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Além disso, parte considerável da produção dos vídeos ocorreu de forma remota, com reuniões semanais via *Google Meet*, com todos os participantes em casa e sem a realização de qualquer atividade externa, devido às restrições impostas pela pandemia de covid-19. As decisões tomadas em todas as fases de produção levaram isso em consideração.

Para a produção dos vídeos foram utilizados textos de repertórios consolidados e análise de produtos audiovisuais. A rotina de atividades obedeceu às três fases de produção: pré-produção, em geral, realizada em dois estágios - no primeiro, a transformação da ideia básica em roteiro (pauta), e o segundo, a preparação de todos os detalhes necessários à produção (pessoas e equipamentos); produção, com o início das gravações; e pós-produção, com a edição de imagens e sons (ZETTL, 2017).

A realização dos vídeos adotou o modelo de produção seriada utilizado na disciplina “CJE 0533 -Projetos em Televisão” - oferecida no curso de Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da USP - cujo objetivo é permitir a serialização de produtos audiovisuais estruturados em vários episódios (no mínimo, três). É importante ressaltar que este tipo de produção se constitui na principal forma de estruturação da oferta de programas da televisão linear, que facilitou a adoção de programas em larga escala, em que a serialização e a repetição constituem regra (MACHADO, 2014). Mas esta mesma lógica também tem sido adotada tanto para a produção, quanto para a divulgação de produções audiovisuais, em plataformas digitais.

De acordo com o modelo metodológico, indicado na disciplina “CJE0533- Projetos em Televisão”, o primeiro passo para a realização das séries audiovisuais é a produção de uma proposta de série, com título, objetivo, público-alvo, formato, tratamento e método de produção. Além disso:

1. A série é concebida para o consumo em partes e/ou em conjunto (de acordo com as estratégias de exibição do emissor, ou no *streaming*, de acordo com a preferência do público).
2. Cada série constrói uma narrativa temática – um vídeo pode ser assistido de forma independente, sem prejuízo do entendimento, e a conexão entre ele e os demais é o assunto tratado, mas seus protagonistas podem ser outros.
3. Os vídeos são produzidos buscando ter uma relação de complementaridade, não de dependência. Cada episódio é suficiente em si, para entendê-lo não será necessário assistir aos outros da mesma série.
4. A produção dos vídeos busca tratar o assunto de uma forma em que o texto, ou apenas o áudio, não seriam capazes de fazê-lo.
5. O objetivo é desenvolver uma narrativa que seja adequada tanto ao telespectador de meios virtuais – considerando a sua visualização em diferentes tipos de tela (computadores, tablets, smartphones etc.), alguns, inclusive, em situações de deslocamento – quanto ao de plataformas tradicionais.
6. A linguagem adotada nos vídeos evita reproduzir o modelo clássico de vídeo jornalístico para telejornais.
7. O produto final apresenta a mesma identidade visual e estrutura narrativa (MALULY e VIEIRA, 2022).

Deste modo, as séries produzidas para esse projeto de extensão foram concebidas para serem disponibilizadas via *streaming*, permitindo que seu consumo ocorra em diferentes momentos e dispositivos, de acordo com a vontade dos usuários. São séries temáticas, em que cada episódio pode ser visto separadamente e compreendido em sua integridade. No entanto, todos são unidos por uma narrativa temática (MACHADO, 2014). Neste processo, a proposta de série deve apresentar um ângulo, visando o tratamento de um ponto de vista específico; para maior aprofundamento do assunto tratado.

Para gerar maior interesse de crianças, adolescentes e jovens adotou-se a média de tempo máximo, para cada vídeo, de sete minutos, mas a maioria possui até três minutos. E a linguagem adotada nas produções evita o modelo tradicional de telejornalismo, fazendo uso de imagens, gifs, memes e outras referências próximas do público infantojuvenil, estabelecendo uma identidade visual clara que também conecta todos os vídeos.

Entre 2020 e 2021 foram produzidas cinco séries: “Notícia falsa, dinheiro real”, “Armadilha nas Redes”, “Parece, mas não é”, “Zap confirma” e “Tá tudo na Internet mesmo”. Estas séries temáticas tratam de assuntos que permitem compreender melhor questões que envolvem o funcionamento das redes, modos de produção das mídias, elementos essenciais para a realização de um jornalismo de qualidade, intencionalidades por trás dos conteúdos, confiabilidade da informação na internet, financiamento das páginas e *sites* de desinformação,

desordem da informação, problemas introduzidos ou potencializados com a multiplicação do uso das redes sociais e que resultam em efeitos que extrapolam os limites do mundo virtual e afetam o exercício da cidadania, entre outros.

O conjunto das produções audiovisuais visa, também, ser um recurso para professores do ensino básico, que podem utilizá-lo como forma de acesso para tratar de assuntos que envolvam o letramento informacional e midiático. A série “Armadilhas das redes”, por exemplo, mostra-se como uma possibilidade para o debate sobre temas frequentes na internet e que geram comportamentos e ações que colocam os usuários em bolhas, que incentivam a discriminação, a disseminação de ódio e o compartilhamento de desinformação. Estes temas, inclusive, estão sugeridos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

As séries apontam, também, questões essenciais que devem ser levadas em consideração para aqueles que pretendem produzir conteúdo audiovisual, e podem ser utilizadas em atividades no âmbito escolar, que estejam ou não associadas ao objetivo de auxiliar o público infantojuvenil na tarefa de assumir uma postura crítica em relação aos conteúdos midiáticos que consome.

O acesso aos vídeos, como apontado anteriormente, se dá em diferentes plataformas: Instagram, TikTok, Facebook e YouTube. Para este último, para melhor visualização da produção audiovisual, foram criadas *playlists* – que já contabilizam 2.810 visualizações.

Considerações finais

Atualmente, no Brasil, são muitos os prejuízos causados pelo fenômeno da desordem informacional. É importante que todos os segmentos da sociedade – governos, instituições, famílias, entre outros – busquem desenvolver ações de disseminação de boas práticas e que possa auxiliar crianças, adolescentes, jovens e adultos a adquirirem as competências necessárias para o consumo crítico das mídias e colaborar para um mundo de mais igualdade e de respeito às diferenças.

As ações realizadas no âmbito das universidades assumem papel relevante nesta jornada. Segundo Gadotti (2017, p. 4), “a extensão realiza, por excelência, o sentido da universidade, já que tem uma função integradora e articuladora da vida universitária como um todo”.

O documento intitulado “Política Nacional de Extensão Universitária”, produzido pelo Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX, 2012), em suas diretrizes reafirma que a Extensão Universitária é um processo acadêmico.

“Nessa perspectiva, o suposto é que as ações de extensão adquirem maior efetividade se estiverem vinculadas ao processo de formação de pessoas (Ensino) e de geração de conhecimento (Pesquisa).

O presente projeto de extensão segue nesta perspectiva, pois as atividades ensino, pesquisa e extensão são realizadas de forma indissociável e permite aproximar a USP de importante demanda da sociedade, sobretudo, neste momento, em que assistimos aos prejuízos causados pelo fenômeno da desordem informacional, tendo como uma das consequências a crescente circulação de desinformação.

É importante ressaltar que são poucas as ações voltadas a crianças, adolescentes e jovens, e a produção audiovisual mostra-se como uma oportunidade de aprendizado acessível, em um formato adequado a este público e que pode ser facilmente compartilhado. Um dos principais desafios atuais deste projeto de extensão é aumentar o seu alcance, ou seja, atingir o máximo de público possível, já que está disponível em uma plataforma de *streaming* de fácil acesso.

Por fim, e não menos importante, é que esse projeto possibilita a melhoria da formação acadêmica de jovens universitários de graduação e pós-graduação – que atuam como bolsistas e participam das suas diferentes atividades – que têm a oportunidade de adquirir novas competências e novos conhecimentos, cujos resultados serão importantes para a sua formação acadêmica e atuação profissional.

Referências

AVILA, Renato Nogueira Perez. **Streaming**: aprenda a criar e a instalar a sua rádio ou TV na Internet. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda, 2008.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.

CGI.BR. TIC Kids online Brasil 2019: pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil. São Paulo: Comitê Gestor de Internet, Brasil, 2020.

CHALEZQUER, Charo S.; SALA, Xavier B. **A Geração Interativa na Ibero-América. Crianças e adolescentes diante das telas**. Faculdade de Comunicação, Universidade de Navarra, Espanha, 2009.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

WARDLE, Claire & DERAKHSHAN, Hossein. Reflexões sobre a “desordem da informação”: formatos da informação incorreta, desinformação e má informação. In:

IRETON, Cherilyn & POSETTRI, Julie (org.). **Jornalismo, fake news & desinformação: manual para educação e treinamento em jornalismo**. Brasil: UNESCO, 2019. p.46-58.

FORPROEX, 2012. Política Nacional de Extensão Universitária. Manaus.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. Rio de Janeiro: Sinergia Relume Dumará, 2009.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GADOTTI, Moacir. **“Extensão Universitária: Para quê?”**. Brasil: Instituto Paulo Freire, 2017.

LOTZ, Amanda. **Portals: a treatise on internet-distributed television**. Ann Arbor: Michigan Publishing, 2017.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Editora Senac, 2014.

MALULY, Luciano Victor Barros; VIEIRA, Mônica de Fátima Rodrigues Nunes. Projetos em televisão e rádio: experiências em jornalismo audiovisual na Universidade de São Paulo. **INTERIN**, v. 27, n. 1, jan./jun. 2022. p. 155-170.

SOUZA, Solange Jobim. Por uma crítica dos modos de subjetivação na cultura do consumo: crianças e adultos em ação. In: FONTENELLE, L. **Criança e consumo: 10 anos de transformação**. São Paulo: Instituto Alana, 2016. p. 200-2013.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

UNESCO. Faróis da sociedade da informação. National Forum on Informational Literacy. Grécia: 2005. Disponível em: <https://www.ifla.org/wp-content/uploads/2019/05/assets/wsis/Documents/beaconinfsoc-pt.pdf>. Acesso em: 20 de maio de 2022.

WILSON, Carolyn. **Alfabetização midiática e informacional: currículo para formação de professores / Carolyn Wilson, Alton Grizzle, Ramon Tuazon, Kwame Akyempong e Chi Kin Cheung**. – Brasília: UNESCO, UFTM, 2013.

WOLF, Michael. **Televisão é a nova televisão: o triunfo da velha mídia na era digital**. São Paulo: Globo, 2015.

ZETLL, Herbert. **Manual de produção de televisão**. São Paulo: Cengage Learning, 2017.

Quer que desenhe? Fake news no jornalismo hegemônico e no independente

Vinicius Guedes Pereira de Souza¹³⁹

Introdução

O projeto de pesquisa *Quer que Desenhe? Manipulação, fake news e mudança no modo de pensamento tempo-histórico-linear para mágico-imagético-circular*, iniciado formalmente na Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT em 2018 e atualmente sendo desenvolvido em estágio pós-doutoral na Universidade de São Paulo – USP, aprofunda as pesquisas realizadas desde o meu doutorado (SOUZA, 2016). É importante, contudo, ressaltar as ligações entre o projeto e o Grupo de Pesquisas em Jornalismo Popular e Alternativo da ECA USP – Alterjor. Afinal, além de membro do grupo desde 2007, as ideias iniciais do projeto foram apresentadas pela primeira vez no 7º encontro do grupo (SOUZA, 2017b) e depois desenvolvidas em vários eventos acadêmicos, artigos e capítulos de livros. O projeto investiga a relação entre a centralidade das imagens na sociedade atual e a possível mudança na forma de raciocínio da humanidade na produção e consumo de produtos midiáticos (como a distribuição e sucesso das fake news) por meio de discussões sobre narrativas, representações, memes, discursos de ódio e seus impactos nos sistemas de comunicação e poder, relacionamentos e na própria construção dos imaginários.

Sua principal hipótese é que como vivemos em um mundo cada vez mais midiático e com nossas experiências mediadas por telas e outros aparelhos, estamos lendo todos os textos da contemporaneidade, sejam eles escritos, audíveis, visuais, estáticos ou em movimento, como se fossem imagens. Enquanto a leitura linear de textos escritos pressupõe relações de causas e efeitos, a leitura imagética utiliza as concepções previamente adquiridas para uma relação significativa com a imagem muito mais calcada nas emoções, especialmente as mais básicas, como o medo, o ódio e o desejo.

Como exposto desde o primeiro artigo da pesquisa (SOUZA, 2018), as imagens sempre foram abertas a interpretações divergentes, mas os textos objetivos, como os jornalísticos por exemplo, não deveriam ser. Temos visto, contudo, não somente imagens, mas também textos sendo compreendidos e usados de maneira oposta por pessoas de vinculação ideológica e imaginários diferentes. A razão pode estar na teoria de Flusser (2009) de que estaríamos retornando ao raciocínio baseado em imagens: o mágico-imagético-

¹³⁹ Jornalista, professor da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT) e Pós-doutorando no CJE/ECA/USP. E-mail: vgpsouza@uol.com.br.

circular, dando início ao que ele chama de pós-história (FLUSSER, 1983). Ainda que não tenham a mesma natureza e uso das imagens tradicionais pintadas nas paredes das cavernas, as imagens técnicas atuais, mesmo quando formadas por letras em uma tela de celular, continuam a carregar seu caráter mágico, que pode usar a emoção para a manipulação da compreensão do leitor sobre seus significados.

Para a consciência estruturada por imagens a realidade é situação: impõe a questão da relação entre os seus elementos. Tal consciência é mágica. Para a consciência estruturada por textos a realidade é devir: impõe a questão do evento. Tal consciência é histórica. Com a invenção da escrita a história se inicia. (FLUSSER, 1983, p. 99).

Como analisado em Souza e Pereira (2021) a pós-verdade da pós-história parece ser, portanto, uma situação estruturada por imagens que se inter-relacionam e não uma relação definitiva de causa/consequência, passado/presente/futuro, do pensamento baseado em textos. Ela tem como seus blocos formadores as fake news, definidas por Derakhshan e Wardle (2018, p. 9) como “transtornos de informação” e classificadas em três categorias: informação errada (*misinformation*), que pode ser não intencional e não é feita para causar danos; má informação (*malinformation*), baseada na realidade e difundida intencionalmente para causar prejuízos; e desinformação (*disinformation*), essa sim deliberadamente inventada, muitas vezes sem qualquer base na realidade ou distorcendo totalmente um fato, com o intuito de atacar pessoas, grupos ou instituições de modo a obter vantagens políticas, financeiras ou de status.

Se o advento da internet já havia derrubado as tiragens de jornais e revistas impressas e a audiência da TV aberta, além de abrir espaços para o jornalismo independente nas redes como já havíamos analisado em artigo para a Revista Alterjor (SOUZA, 2017a), o fenômeno das fake news veio abalar a credibilidade mesmo dos veículos tradicionais. Já nas redes sociais e novos veículos da extrema-direita, de simulacros de jornais como o Jornal da Cidade OnLine¹⁴⁰ a rádios tradicionais que ganharam canais de TV como a Jovem Pan¹⁴¹, constroem imageticamente toda uma realidade paralela quase que sem vínculos com os fatos objetivos. Já não há consenso sobre coisa alguma, de fatos históricos como o genocídio indígena aos culpados pela volta da fome atingindo 33 milhões de brasileiros¹⁴². Esse novo ambiente comunicacional midiaticado sem dúvida tem potencial para a exploração criativa de novas

¹⁴⁰ Disponível em: <https://www.jornaldacidadeonline.com.br>. Acesso em: 4 de julho de 2022.

¹⁴¹ Disponível em: <https://jovempan.com.br>. Acesso em: 4 de julho de 2022.

¹⁴² Disponível em: <https://jovempan.com.br/videos/programas/morning-show/33-milhoes-de-brasileiros-passam-fome-de-quem-e-a-culpa.html>. Acesso em: 4 de julho de 2022.

estéticas, experimentações, conceitos, aprendizado e jornalismo sério, como apregoava o próprio Flusser (2008). Mas também é campo fértil para as mais terríveis manipulações, já que as mídias terciárias nulodimensionais nos afastam da experiência palpável (SOUZA, 2016 e 2022).

O projeto de pesquisa *Quer que Desenhe? Manipulação, fake news e mudança no modo de pensamento tempo-histórico-linear para mágico-imagético-circular*, tem analisado nos últimos anos, entre outras manifestações da cultura e da comunicação, a utilização das fake news nas disputas políticas, em especial as eleições presidenciais, desde 2010. Entre os casos analisados estão a passagem das informações distorcidas dos *think thanks* de extrema-direita nos EUA para as páginas de jornais brasileiros nas eleições de 2010, a evolução dos spams via e-mail para o Facebook em 2014 e os resultados desse ambiente contaminado por notícias falsas nas eleições de 2018. A pesquisa tem olhado, ainda, as formas como lemos objetos midiáticos, os mecanismos cerebrais de entendimento e recusa de narrativas, e as correlações entre o pensamento imagético e as religiões que proíbem o culto às imagens. No mais recente texto publicado, a pesquisa observa as influências das imagens no pensamento decolonial e suas relações com o que Flusser (1967) denomina de *Homo Ludens*, o homem que joga. O próximo texto avançará para produtos audiovisuais como documentários consagrados e pseudodocumentários (como os desenvolvidos pelo canal de Youtube Brasil Paralelo¹⁴³).

1. Fake news e leitura das notícias

Se é fato que sempre houve mentiras publicadas nos jornais com intenção de manipular a vontade popular interferindo nos destinos políticos das nações, talvez nunca as falsificações tenham sido tão capazes de levar ao poder em democracias consolidadas, ou nem tanto no caso do Brasil, governantes que conseguem negar os fatos científicos mais óbvios, como as mudanças climáticas ou a capacidade de matar da atual pandemia de Covid-19.

Como pudemos chegar a um ponto em que pessoas com boa educação formal e acesso a modernos veículos de comunicação, podem contestar conhecimentos científicos consolidados como a eficácia das vacinas ou mesmo o formato da Terra, somando-se aos reacionários e mesmo fascistas? Como fiéis de uma religião que venera um mártir torturado e morto por motivos políticos puderam votar em massa num candidato que sempre pregou a tortura e morte de seus inimigos políticos? E qual o papel do jornalismo e da internet,

¹⁴³ Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCKDjjeBmdaiicey2nImISw/videos>. Acesso em: 4 de julho de 2022.

especialmente as redes sociais, nesse cenário? Essas são algumas das questões que o projeto de pesquisa tenta responder analisando, a partir dos pressupostos dos mais diversos autores, vários casos jornalísticos e outras produções midiáticas.

Antes, porém, era preciso analisar como é feita a leitura das notícias tanto nos jornais tradicionais como nos veículos digitais e quais as diferenças entre os leitores “nativos digitais” e as gerações que tiveram quase toda sua formação feita com textos impressos. Por isso, um dos primeiros textos (SOUZA, 2018) resultantes do projeto de pesquisa cruzou as teorias de Flusser (2008; 2009); as observações de Costa (2014) sobre as diferenças geracionais na relação com os produtos jornalísticos; as conclusões de Mario Garcia a partir das experiências do *Eyes on the News*, em 1992 e 2007; e dos estudos de Carr (2014) sobre as mudanças no cérebro com a migração das leituras do papel para os suportes digitais.

A conclusão é que a leitura nas telas, incluindo os textos escritos, segue a mesma lógica da leitura imagética, com o olhar circulando sobre a imagem e tirando dela de uma única vez o seu significado a partir dos preconceitos do leitor. Com a profusão das telas levando a mudanças físicas nos cérebros¹⁴⁴ (CARR, 2014), a lógica do pensamento mágico-imagético-circular passa a influir também na leitura de materiais impressos. Os textos imagnetizados seriam, portanto, menos que meros acessórios das imagens e nós já estaríamos na pós-história apregoada por Flusser.

O observador confia nas imagens técnicas tanto quanto confia em seus próprios olhos. Quando critica as imagens técnicas (se é que as critica), não o faz enquanto imagens, mas enquanto visões do mundo. Essa atitude do observador em face das imagens técnicas caracteriza a situação atual, onde tais imagens se preparam para eliminar os textos. (Flusser, 2009, p. 14).

2. Fake news e pensamento mágico-imagético-circular

Na pós-história dominada por imagens técnicas e textos lidos como imagens, o impacto das informações passadas ao público pelos jornais ou pelas redes sociais será sempre mais “emocional” do que “racional”. Assim, para o leitor/receptor mais importante do que o que está de fato escrito em um determinado post ou notícia é a suposta posição político-ideológica de quem produziu, enviou ou publicou esse material. Se o leitor/receptor achar que o escritor/emissor/publicador comunga com seus valores e visão de mundo, sua compreensão da mensagem será de certa forma condicionada a essa opinião. Assim, quando uma fonte

¹⁴⁴ Novo texto explicando como o cérebro processa as fake news (SOUZA, 2021) também foi produzido para o projeto.

“confiável” passa uma imagem falsa ou fora de contexto associada a um texto que vem de encontro às convicções do leitor, a fake news tem grande chance de ser aceita como verdadeira, não importando o quão absurda ela possa ser se analisada racionalmente.

O ambiente das mídias sociais, em si (com grandes quantidades de informações constantemente atualizadas em tempo real) promovem o processamento periférico/heurístico constringendo tanto a habilidade quanto a motivação de pensar cuidadosamente sobre as informações apresentadas. Como resultado, fatores como “quem compartilhou” e “isso me faz me sentir bem ou do lado certo” praticamente ditam como entender as informações e se comportar em relação a elas. (STROUD; THORSON; YOUNG, 2018, p. 47)¹⁴⁵.

Conforme analisei em outro texto (SOUZA, 2019) decorrente do projeto de pesquisa, talvez o primeiro caso de uma fake news nos modelos atuais que saiu do submundo dos blogs brasileiros de extrema-direita direto para a primeira página de um dos principais jornais do país seja a ficha falsa da ex-presidenta Dilma Rousseff no Dops, como assaltante capturada, publicada na capa da Folha de S. Paulo 5 de abril de 2009 (figura 1) antecipando a corrida eleitoral de 2010.

Figura 1 – Capa e detalhe da Folha de São Paulo de 5 de abril de 2009



Fonte: elaboração própria.

¹⁴⁵ Tradução livre.

Além publicar uma falsificação grosseira disponível há anos em blogs de extrema-direita como o Coturno Noturno¹⁴⁶ informando erroneamente que se tratava de um documento oficial do Dops – Departamento de Ordem Política e Social (encarregado da repressão política durante a ditadura), o jornal ainda trouxe como manchete o plano para um sequestro que não ocorreu, fato refutado pelos dois entrevistados, incluindo a então Ministra da Casa Civil e depois Presidenta da República. Foram necessários 20 dias e muita mobilização na internet para o que jornal publicasse em uma página interna, sem qualquer destaque, que houve “um erro técnico” ao dizer que a ficha pertenceria ao Dops, já que “a imagem” na verdade teria sido enviada “por uma fonte” e que sua “autenticidade, pelas informações hoje disponíveis, não pode ser assegurada – bem como não pode ser descartada”¹⁴⁷.

O texto traz, também, outro case de fake news de 2009 usado para atacar o Partido dos Trabalhadores, mas totalmente traduzido do inglês, de uma farsa produzida por algum *think tank* de extrema direita nos Estados Unidos e publicado em sites como *The Last Crusade* (atualmente fora do ar) e distribuída primeiro por spam de e-mail e depois nas redes sociais. Trata-se da deturpação de uma reportagem verdadeira sobre um casamento coletivo patrocinado pelo partido político Hamas na Faixa de Gaza feita pelo Editor de Internacional da *Sky News*, Tim Marshall, em 31 de julho de 2009, com um vídeo e uma ampla galeria de fotos, mas que hoje também está fora do ar. Uma versão sem as fotos, ainda pode ser lida em outro site¹⁴⁸. A fake news usa praticamente todo o texto original, mas afirma que a maioria das 450 noivas teria menos de 10 anos de idade para desfilar um imenso rosário de desinformações sobre práticas de pedofilia, violência de gênero, abusos sexuais e mutilações genitais entre os mulçumanos. Na versão brasileira¹⁴⁹, o então presidente do PT, Valter Pomar, apoiaria a pedofilia do Hamas e foi fartamente distribuída por spam antes das eleições de 2010.

Quatro dias depois, o jornalista publicou em seu blog um longo desabafo sobre sua revolta acerca da criminosa perversão do seu trabalho, então já disponível em dúzias de sites de língua inglesa, normalmente de extrema direita e/ou fundamentalistas judeus ou

¹⁴⁶ Disponível em: <http://coturnonoturno.blogspot.com/2009/04/desta-parte-dilma-lembra-tudo.html>, com a foto da então ministra da Casa Civil atualizada depois da publicação na Folha. Acesso em: 4 de julho de 2022.

¹⁴⁷ Outra boa matéria sobre o caso pode ser lida no Observatório da Imprensa de 25 de abril de 2009, disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/folha-publicou-ficha-falsa-de-dilma>, com a errata original da Folha podendo ser lida em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u556855.shtml>. Acesso em: 4 de julho de 2022.

¹⁴⁸ Disponível em: <https://www.smh.com.au/world/hamas-sponsors-mass-wedding-in-gaza-20090731-e3f5.html>. Acesso em: 4 de julho de 2022.

¹⁴⁹ Disponível em: <http://www.edobabado.com.br/a-historia-oculta-do-mundo-a-pedofilia-do-hamas>. Acesso em: 4 de julho de 2022.

evangélicos:

A coisa ia de blog para blog. Talvez eu estivesse inventando o fato de que as noivas estavam em outro lugar. É possível. Mas em quem você acreditaria, no repórter que foi ao evento, ou numa versão desesperadamente pobre de “jornalista cidadão”, sentado em casa, inventando coisas, não verificando nada e sem saber ou, deliberadamente, escrevendo absurdos anti-islâmicos históricos? (Marshall, 2009: s/p)¹⁵⁰

3. Fake news e fundamentalismo jurídico e religioso

Com a experiência de 2010, a disputa presidencial de 2014 e a campanha pelo impeachment de Dilma Rousseff fatalmente seriam alimentadas por fake news e, para analisá-las, desenvolvi um novo texto, com uma versão reduzida publicada como artigo em revista acadêmica (SOUZA, 2020a) e estendida (SOUZA, 2020b) no livro da Compós 2020. Nele, relaciono a manipulação do eleitorado com a fé religiosa. Entre outros argumentos, o texto cita o uso pela Lava Jato, para “provar” a corrupção de Lula, do raciocínio a partir da hipótese abdutiva, utilizada pelo santo católico Anselmo de Canterbury (que viveu entre 1033 e 1109) para “provar” a existência de Deus com o mais famoso dos argumentos ontológicos: “se seres existentes são superiores a seres inexistentes, e se Deus é o ser superior a todos, logo ele necessariamente tem de existir” (MIRANDA JÚNIOR, 2016).

O problema dessa lógica argumentativa é trazer a conclusão na premissa, mas ela é perfeita para confirmar as certezas fundamentalistas de quem já está convencido de algo, seja verdadeiro ou não. Por isso seu uso é tão frequente nas igrejas, nas fake news e também em certo judiciário populista e manipulador, como explica Rubens Casara (2018), ao dizer que há uma tradição (p. 74) que, no caso do Brasil, é autoritária e preconceituosa quanto à origem social dos afetados. Segundo ele, não raro aquele considerado pela mídia hegemônica como o “bom juiz” pratica um ativismo judiciário no qual o texto jurídico muitas vezes atrapalharia a eficiência do (Deus) mercado e do Estado. Quando se junta fundamentalismo religioso, jurídico e político, está aberto o caminho para o fascismo.

No mesmo texto, retorno à defesa da argumentação de mudança atual do pensamento baseado em texto, o tempo-histórico-linear, para o pensamento mágico-imagético-circular ao citar a forma como as redes bolsonaristas repercutiram as óbvias fake news construídas possivelmente pelo “Gabinete do Ódio”¹⁵¹, via pseudônimo Pavão Misterioso, para se

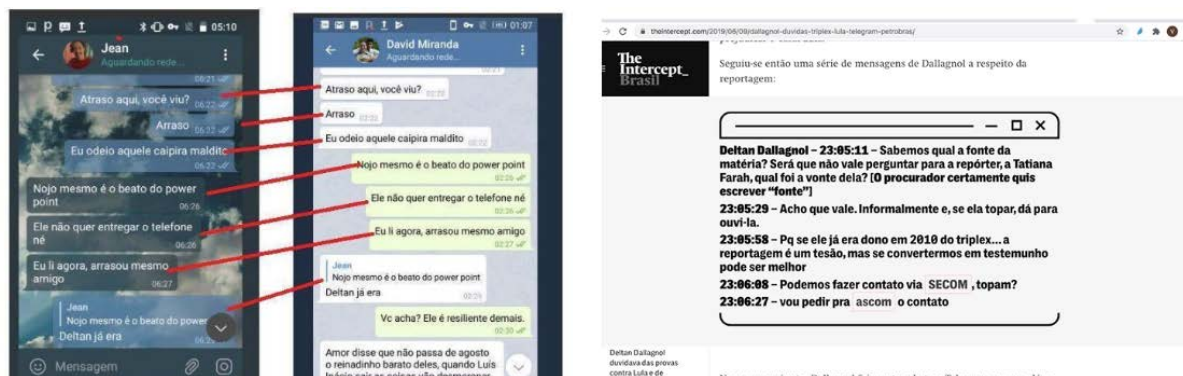
¹⁵⁰ Tradução livre.

¹⁵¹ Gabinete do Ódio é como os parlamentares que fazem parte da CPI das Fake News no Congresso chamam o grupo formado pelo filho do presidente, Carlos Bolsonaro, pelo *youtuber* Alan dos Santos, do canal Terça Livre,

contrapor às denúncias sérias do site jornalístico The Intercept Brasil, sobre as manipulações jurídicas da Lava Jato. Mas, pelo uso de capturas de tela de celular pelo perfil do tal Pavão em comparação com a estilização usada pela imprensa (figura 2) para publicar as mensagens trocadas entre os então procuradores da Lava Jato e o então juiz Sérgio Moro, quem não tem conhecimento sobre as rotinas jornalísticas tende a achar que as primeiras são mais próximas da realidade.

Não existe, a rigor, qualquer diferença entre a captura de imagem de uma conversa no WhatsApp feita pelo Intercept e pelo Pavão. O diferente é o texto, sua origem, sua intenção e suas consequências. Se eu vejo os textos apenas como o que pretendem mostrar (crimes sendo cometidos), eles são equivalentes. A partir da leitura mágico-imagética-circular do texto, quem previamente acredita que Lula é um ladrão, tende a dar mais credibilidade às imagens veiculadas pelo Pavão, porque confirmam sua crença. Para essa pessoa, o fato de Greenwald ter um prêmio *Pulitzer*, um *Esso* e um *Oscar* pelo documentário *Citizenfour*, que mostra os vazamentos de espionagens feitas pela Agência de Segurança Nacional dos Estados Unidos – NSA, em todo o mundo, não significa absolutamente nada (SOUZA, 2020, p. 342).

Figura 2 – Imagens de telas Pavão Misterioso e reportagem The Intercept Brasil



Fontes: <https://www.e-farsas.com/analizamos-as-principais-provas-apresentadas-pelo-pavao-misterioso.html> e <https://theintercept.com/2019/06/09/dallagnol-duvidas-triplex-lula-telegram-petrobras>. Acesso em: 10 Mai. 2022.

4. Fake news e a disputa de imagens da imprensa nas redes

O próximo texto de trabalho do projeto de pesquisa em 2021 (SOUZA, PEREIRA, 2021) seria escrito com a colaboração da estudante de Iniciação Científica Letícia Souza

e outros produzem e distribuem por meio de redes cadastradas e uma infinidade de robôs os conteúdos falsos para chantagem ou destruição de reputação de inimigos políticos do Bolsonarismo.

Pereira e publicado na Revista Nhengatu, da PUC-SP. Nesse texto, além das definições de fake news e descrições dos sistemas cerebrais de entendimento das notícias, analisamos a manipulação deliberada de imagens da imprensa por alguns apoiadores do Bolsonarismo, como o jornalista Guilherme Fiuza, atualmente na TV Jovem Pan, que afirmou, mas depois apagou, em sua conta oficial no Twitter que era antiga ou manipulada digitalmente uma imagem realizada pelo premiado fotojornalista Wilton Júnior publicada pelo jornal O Estado de São Paulo (figura 3). A manipulação do jornal teria sido feita para questionar se as pessoas estavam mesmo frequentando as praias apesar do “ilegal lockdown imposto pelos governadores e pelo STF”.

Figura 3 – Comentários no perfil do Estadão induzidos pela postagem de Fiuza Twitter.



Fonte: <https://twitter.com/Estadao/status/1300460346981986304>. Acesso 30 Abr. 2021.

Outros cases apresentados no texto são a manipulação pelo blogueiro hoje foragido da justiça Allan dos Santos, na legenda de um vídeo do presidente Bolsonaro ameaçando “encher de porrada” a boca de um jornalista por ter sido perguntado sobre os cheques depositados pelo ex-assessor parlamentar Fabrício Queiroz na conta da primeira Dama, Michelle Bolsonaro; e a insinuação, com imagens também no Twitter, pela deputada federal Bia Kicis, então presidente da Comissão de Constituição e Justiça da Câmara, de que um policial na Bahia, provavelmente em surto psicótico, teria sido morto pelos colegas por “se recusar a fazer o trabalho indigno de prender trabalhadores” que insistiam em não cumprir a quarentena. O assassinato, segundo ela, seria culpa do governador petista do estado, Rui Costa.

5. Epistemologias decoloniais e produtos audiovisuais

O mais recente texto publicado no âmbito do projeto de pesquisa (Souza, 2022), já no período de pós-doutorado na USP, dá uma guinada fora da imprensa para analisar outros produtos da cultura midiática. Ele traz uma versão datilografada do artigo *Jogos*, de Vilém Flusser, de 1967, e pesquisadores e pesquisadoras do decolonialismo e do feminismo negro para analisar a utilização de baralhos de cartas sobre heroínas negras da história brasileira como recurso em aulas trazendo materialidade e tridimensionalidade, além do lúdico, para o ensino.

As bases do texto foram apresentadas em minicurso no V SICCAL – Simpósio Internacional de Cultura e Comunicação na América Latina, promovido pelo Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação – CELACC, e organizado pelo meu supervisor no pós-doutorado, professor Dr. Dennis de Oliveira. Com isso, ele foi também publicado na edição especial do evento da Revista ExtraPrensa.

No momento, a pesquisa trabalha novos textos que pretendem trazer um olhar sobre diversas obras audiovisuais que atualmente disputam as narrativas e imaginários sobre a história do colonialismo no país, a escravidão e as relações com os povos originários. Começando com o período da ditadura, ou regime, civil-militar de 1964 a 1985, estou analisando: *O dia que durou 21 anos* (2012), de Camilo Tavares pela Pequini Filmes e depois passamos a *1964 O Brasil entre armas e livros* (2019), de Filipe Valerim e Lucas Ferrugem, pela produtora Brasil Paralelo.

Além dessas obras, pretendo analisar também outros vídeos como a série *Brasil - A última cruzada*, também do Brasil Paralelo, que mostra o “descobrimento” e construção de nossa “nação” como parte das lutas entre o “Ocidente” e o “Oriente”, entre o cristianismo e

outras religiões, entre a “civilização” e os “bárbaros”. E como contraponto e análise sobre os discursos a respeito da representação e identificação dos povos indígenas e populações negras, também irei abordar alguns capítulos da série *Guerras do Brasil*, produzida por Laís Bodanzky, da Buriti Filmes, para o canal de streaming *Netflix*. De forma totalmente oposta às obras da *Brasil Paralelo*, a série dirigida por Luiz Bolognesi coloca no centro das ações o genocídio contínuo dos povos originais do Brasil e as lutas dos negros escravizados por 350 anos e atualmente vítimas do racismo estrutural e da política de encarceramento em massa.

Considerações finais

Até aqui, o projeto de pesquisa *Quer que Desenhe? Manipulação, fake news e mudança no modo de pensamento tempo-histórico-linear para mágico-imagético-circular*, tem conseguido alcançar seu objetivo de analisar a hipótese de mudança na forma de pensamento hegemônica da humanidade por meio da análise de diferentes cases, especialmente no campo do jornalismo e da Comunicação. Nesse sentido, as análises de fake news utilizadas nos períodos eleitorais recentes no Brasil se mostraram uma escolha acertada. Os resultados coletados até o momento estão consolidando não somente a hipótese inicial de Flusser (2008, 2009), mas também a do coordenador do projeto de que as pessoas estão lendo mesmo os textos como se fossem imagens.

Referências

- BAITELLO Jr., N. **A era da iconofagia** – Ensaio de comunicação e cultura. São Paulo: Hacker Editores, 2005.
- CARR, N. **Os superficiais**. Lisboa, Portugal: Gradiva, 2012.
- COSTA, C. T. Um modelo de negócio para o jornalismo digital – Como os jornais devem abraçar a tecnologia, as redes sociais e os serviços de valor adicionado. **Revista de Jornalismo ESPM**, nº 9, abril/maio/junho, 2014, pp. 51-115.
- DERAKHSHAN, Hossein; WARDLE, Claire. Information Disorder: Definitions. *In: Understanding and Addressing the Disinformation Ecosystem*. Filadélfia – EUA: Annenberg School of Communication, 2018, v.1, pp. 5-12.
- FLUSSER, V. **Pós-história: vinte instantâneos e um modo de usar**. São Paulo: Duas Cidades, 1983.
- _____. **O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade**. São Paulo: Annablume, 2008.

_____. **JOGOS** (provável esboço de “Jogos”, artigo publicado em outra versão no Suplemento Literário do jornal O Estado de São Paulo em 09/12/1967). Arquivo Flusser: São Paulo. Sem data, provavelmente 1967. Disponível em: <http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?p=583>. Acesso em: 4 de julho de 2022.

MIRANDA JÚNIOR, G. O argumento ontológico abduutivo de Dallagnol – Ou da falácia do uso da conclusão como premissa. **Revista Krinos**, São Paulo, 16 set. 2016.

SODRÉ, M. Antropológica do Espelho – **Uma teoria da comunicação linear e em rede**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

SOUZA, V. Tese (Doutorado em Comunicação). **Imagens Vencedoras** – o fotojornalismo nos processos de produção de realidades e invisibilidades midiáticas. São Paulo: Universidade Paulista, 2016.

_____. Quem é que vai pagar por isso? Um olhar sobre os modelos de negócio no Jornalismo em mídias digitais. **Revista Alterjor**, v. 16, n. 2, p. 81-95, 2017a.

_____. A foto de mil palavras - Estaríamos lendo os textos como se fossem imagens? *In* MALULY, L. V. B.; DENNIS, O.; TAVARES JÚNIOR, C. A. **Anais do 7º Encontro dos Pesquisadores do ALTEJOR** (Grupo de Pesquisas em Jornalismo Popular e Alternativo). 1ed. São Paulo: ECA-USP, 2017b.

_____. Quer que desenhe? A leitura de textos como se fossem imagens. *In* Sousa, Jorge Pedro (org.). **Jornalismo e estudos mediáticos – Memória**. Porto, Portugal: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2018, pp. 121-135.

_____. Contra fotos não há argumentos - A influência das imagens nas fake news e seu impacto nos fluxos comunicacionais e na atual crise democrática. *In* Sousa, Jorge Pedro (org.). **Jornalismo e estudos mediáticos – Memória II**. Porto, Portugal: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2019, pp. 99-109.

_____. Não farás para ti imagem: fé, política e pensamento mágico-imagético-circular. **Revista de Estudos de Gestão, Informação e Tecnologia**, v. 13, 2020a, pp. 87-97.

_____. Não farás para ti imagens – Fé, política e pensamento mágico-imagético-circular. *In* Heller, B.; Cal., D; Rosa, A. P. (org.). **Midiaticização, (In)tolerância e Reconhecimento; conflitos e disputas de poder na sociedade contemporânea**. Salvador: EDUFBA, 2020b, pp. 327-344.

_____ ; PEREIRA, F. S. É verdade esse bilete – Manipulação de imagens e massas. **Nhengatu Revista de Comunicação e Cultura Contra-Hegemônicas**, PUC-SP, V 5, s/p, 2021.

_____. Cartas na mesa: imagens e materialidade na luta informacional decolonial. **Revista ExtraPrensa**, v. 15, n. Especial, p. 532-550, 2022.

STROUD, Natalie; THORSON, Emilie; YOUG, Dannagal. Making Sense of Information and Judging it's Credibility. *In: **Understanding and Addressing the Disinformation Ecosystem***. Filadélfia – EUA: Annenberg School of Communication, 2018, v.1, pp. 45-50.

MUNDO



Foto: MediaQuatro – Roda Gigante na Praça da Rotunda, Porto, Portugal, 2015.

Reflexões sobre José Martí, jornalismo e Revolução Cubana

Beatriz Buschel Pasqualino¹⁵²

Introdução

Cambiar de dueño, no es ser libre.
José Martí

Jornalismo revolucionário. É assim que os cubanos nomeiam a prática jornalística realizada no país. Mas isso é jornalismo “de verdade” ou propaganda política ou censura disfarçada de jornalismo? Mas afinal, o que é e para que serve o jornalismo? Não se pretende aqui trazer respostas a essas questões, mas sim refletir sobre a natureza histórica, o contexto político-social e os pilares que compõem essa conceituação na perspectiva cubana.

Quando se fala sobre Cuba no Brasil, o que não falta no senso comum são estereótipos, preconceitos e desinformação. E isso não se restringe às questões políticas. Também não faltam cúmplices para a composição desse cenário: a mídia hegemônica, o imperialismo dos Estados Unidos, a lacuna de ensino sobre América Latina desde a escola etc. Por isso, falar sobre comunicação e Revolução Cubana pelo ponto de vista de uma pesquisa acadêmica brasileira é tarefa que exige o esforço de trazer – previamente – ao debate alguns conceitos e contextos a fim de que o ponto de partida, tanto de produção do estudo como da leitura dele, não seja, necessariamente, o tal cenário descrito acima. Para isso, cabe a ponderação do pesquisador cubano Julio García Luis sobre o jornalismo:

El periodismo, como tampoco la propaganda, la publicidad, las relaciones públicas o la comunicación organizacional, no tiene un sello político o ideológico a priori. Este se lo impone la clase o grupo social que hace uso de él (LUIS, 2014, p. 40).

Para começar é preciso compreender que a Revolução Cubana – iniciada com triunfo do Exército Rebelde comandado por Fidel Castro em 1º de janeiro de 1959 e que encerrou a ditadura de Fulgêncio Batista – não é um processo isolado e descolado dos antecedentes políticos e históricos da ilha quando o assunto é luta insurrecional.

¹⁵² Jornalista pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), socióloga pela Universidade de São Paulo (USP) e mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Atualmente é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP, sob orientação do professor Dr. Luciano Maluly. Artigo escrito em maio de 2022. E-mail: biapasqualino@usp.br.

(...) a revolução cubana de 1959 foi a continuidade das frustradas lutas de independência iniciadas na segunda metade do século passado e pode ser caracterizada efetivamente como uma revolução não pelo fato de ter tomado o poder, mas por ter desenvolvido um processo de transformações radicais das estruturas econômicas, sociais, políticas e ideológicas que fizeram de Cuba o primeiro país socialista da América Latina e do mundo ocidental (SADER, 1992, p.15).

Sob o ponto de vista político e econômico, se faz necessário visitar os antecedentes dos anos 1950, voltar o olhar para as lutas por libertação que o país travou. O comandante revolucionário Fidel Castro, em 1973, no aniversário de 20 anos do assalto ao Quartel Moncada – considerado o marco que deu início à luta armada do *Movimiento Revolucionario 26 de Julio* contra a ditadura – afirmou que:

La fase actual de la Revolución Cubana es la continuidad histórica de las luchas heroicas que inició nuestro pueblo en 1868 y prosiguió después infatigablemente en 1895 contra el colonialismo español; de su batallar constante contra la humillante condición a que nos sometió Estados Unidos, con la intervención, la Enmienda Platt y el apoderamiento de nuestras riquezas que redujeron nuestra patria a una dependencia yanqui, un jugoso centro de explotación monopolista (...) (CASTRO, 2013, p. 121).

Por conta de sua localização geopolítica estratégica no mar do Caribe, a cerca de 200 quilômetros de distância dos Estados Unidos, Cuba sempre foi alvo de disputa internacional. Ao todo, foram quase quatro séculos como colônia espanhola. Nesse período de exploração agrícola, destacaram-se os cultivos de tabaco, açúcar e café com uso de mão de obra escrava.

Tal cenário se dá no fim do século XVIII e no início do XIX, quando o país recebe importante fluxo de haitianos refugiados da Guerra de Independência da então colônia francesa, onde a produção açucareira era a principal atividade econômica. Intensifica-se a importação de escravos e cresce o poder econômico do latifúndio açucareiro em Cuba. Enquanto isso, a massa de “*guajiros*” – como são chamados os camponeses pobres – era constantemente expulsa de suas terras.

A ilha caribenha estava entre as últimas colônias latino-americanas a se libertar da dominação espanhola, fato que se concretizou em 1898, após duas guerras de independência. A Primeira Guerra de Independência (1868-1878) – também conhecida como a Guerra dos Dez Anos – se deu em um cenário de profunda crise econômica derivada da queda da cotação internacional do açúcar.

O movimento, inicialmente liderado por latifundiários descontentes das regiões central e oriental, logo ganhou adeptos entre outros segmentos da sociedade,

particularmente entre a população pobre do campo e das cidades, principalmente os escravos libertos pelas forças revolucionárias (MÁO JÚNIOR, 2007, p. 92).

É neste cenário que surge a figura de José Julián Martí y Pérez (1853-1895), hoje condecorado como “apóstolo da independência” e “herói nacional” em Cuba, e cujo legado é uma forte influência no pensamento político-ideológico de Fidel Castro. Nascido em 1853 na capital Havana, e filho de espanhóis, Martí revelou ainda na escola a veia poética e política, de patriota cubano.

No período da Primeira Guerra de Independência, ele apoiou o movimento de libertação nacional do domínio espanhol, por meio também da publicação e da divulgação clandestina de seus textos.

Em 1869, chegou a ser preso (tinha 16 anos) e condenado a seis anos de trabalho forçado. Com a pena comutada por desterro na Espanha, deixou Cuba. Na terra da metrópole, se dedicou aos estudos e se formou em Direito, Filosofia e Letras, pela Universidade de Saragoça. Tratou-se de fértil período para sua formação ideológica, intelectual e política.

A guerra, no entanto, termina sem a derrota das tropas coloniais espanholas, e sim em um pacto conhecido como “*Paz de Zanjón*”, que se constituía em um acordo de capitulação cubana. Martí retorna a sua terra natal, porém é novamente expulso e exilado nos Estados Unidos por organizar mais uma tentativa independentista, conhecida como Guerra Pequena.

No exílio, passa a escrever textos com reflexões políticas para vários jornais, de diversos países. Entre os temas abordados, a liberdade, a injustiça, a desigualdade, o humanismo, o anti-imperialismo e o desenvolvimento latino-americano. Em seus escritos, está presente o permanente olhar para a América Latina e a relação com os Estados Unidos, onde passou boa parte do exílio.

A partir de seus estudos e vivência em terras estadunidenses, Martí consolida seu pensamento em torno da inevitável emancipação da América, do que ele chamou de “*Nuestra América*”. Trata-se de uma território que, em resumo, deveria ser livre do colonialismo, multicultural, com autonomia dos povos etc. Portanto, a guerra pela libertação de Cuba, para ele, não era um objetivo em si. Implicava na guerra de libertação da América Espanhola. As bases fundamentais desse independentismo de Martí consistem no anticolonialismo, caracterizado pelo anti-anexionismo, anti-imperialismo e hispano-americanista (CARVALHO, 2006).

Para que la Isla sea norteamericana no necesitamos hacer ningún esfuerzo, porque, si no aprovechamos el poco tiempo que nos queda para impedir que lo sea,

por su propia descomposición vendrá a serlo. Eso espera este país, y a eso debemos oponernos nosotros (MARTÍ, 1975, p.249).

Além da farta produção literária e jornalística, Martí avançou na organização partidária em prol da libertação nacional.

No exterior, dedicou-se à difícil tarefa de unificar todos os setores independentistas, organizando com eles o Partido Revolucionário Cubano, para reiniciar a guerra contra os espanhóis (SADER, 1992, p. 20).

Três anos antes da Segunda Guerra de Independência (1895-1898), é oficializada a fundação do Partido Revolucionário Cubano, concebido por Martí, em 10 de abril de 1892. É na preparação e no confronto militar desse novo período que ele desempenhou relevante papel de liderança política por uma Cuba independente e soberana. Em 19 de maio de 1895, Martí é morto em combate, aos 42 anos.

Derrotada na Guerra com os Estados Unidos, a Espanha renunciava, pelo Tratado de Paris celebrado em dezembro de 1898, às suas últimas possessões coloniais no continente americano: Cuba e Porto Rico. Um fim, para muitos revolucionários cubanos, trágico e melancólico, sobretudo quando se considera a intervenção dos Estados Unidos nos momentos finais da Guerra e a tutela imposta por esta grande potência imperial norte-americana à Cuba recém liberada do jugo espanhol. (CARVALHO, 2006, p. 26).

Para o cubano Pedro Pablo Rodríguez, Martí foi:

(...) um transgressor consciente da lógica dominadora imposta pelas mudanças do fim do século na nova etapa da modernidade que se iniciava. A consciência que tinha do problema iluminou sua cuidadosa, contínua e abundante reflexão sobre os Estados Unidos, ao mesmo tempo em que esta nação tendia a se converter no principal obstáculo a seu anseio de libertação continental (RODRÍGUEZ, P.P., 2006, p. 23).

A importância de Martí para a luta de libertação de Cuba, bem como a atualidade de seu pensamento, é assim resumida no Museu da Revolução, em Havana:

Las generaciones que le sucedieron le concedieron los títulos de El Maestro, Apóstol de la Independencia y Héroe Nacional. Su imagen traspasó las fronteras nacionales para convertirse no sólo en una figura de la América que tanto amó, sino para alcanzar una dimensión universal con vigencia tal que llega a nuestros días (Texto em exposição permanente no Museu da Revolução, em Havana, visto em julho de 2013).

A respeito da influência de Martí sobre os pilares teóricos e estratégicos na gênese e no avanço da Revolução Cubana, aponta Florestan Fernandes (1979), ao comentar os resultados da Guerra dos Dez Anos:

A espoliação inerente ao esbulho colonial continuou a imperar e a revolução nacional frustrada converteu-se numa herança política, transferida para o futuro. Fidel identifica-se com essa herança ao retomar a tradição de Martí e sua ideologia revolucionária. Acabar com as ditaduras que apenas prolongavam, como versão militar e política modernizada, a tirania espanhola e extinguir a satelitização dos Estados Unidos, que apenas era uma versão imperialista da dominação colonial, converteram-se nos dois polos *sine qua non* da revolução nacional (FERNANDES, 1979, p. 18).

O próprio Fidel, em sua defesa no julgamento do assalto ao Quartel Moncada –, afirma que o “responsável intelectual” por tal ação armada foi justamente Martí. Tal fato reforça a noção de o quanto os escritos e a atuação dele serviram de referência para o *Movimiento Revolucionario 26 de Julio*. Não à toa, a comunicação – levada a cabo, por exemplo, com a produção de dezenas de jornais e criação de emissoras de rádio clandestinas – foi posicionada como uma das prioridades políticas e estratégicas para garantir a vitória da Revolução Cubana.

Jornalismo martiniano

José Martí, desde a adolescência, usou da escrita como ferramenta de luta política anticolonial e independentista. Ainda aos 16 anos, publicou um artigo no único número lançado da publicação “*El Diablo Cojuelo*” e que circulou em 19 de janeiro de 1869, em que – em tom crítico e sarcástico – faz oposição à política espanhola praticada em Cuba. Cinco dias depois, já estava em circulação o semanário “*La Patria Libre*”, editado por ele em oito páginas, onde também publicou textos seus.

Sin embargo, la verdadera entrada de Martí en el ambiente de la prensa ocurrió en la Ciudad de México, cuando a poco de su llegada se incorporó a la ‘Revista Universal, Diario de Literatura Política y Comercio’. El 2 de marzo de 1875 publicó su primer escrito en el diario, firmado bajo el seudónimo de El Corresponsal y titulado ‘Crónica de París’” (PABLO RODRÍGUEZ, 2012, p. 18).

A partir de então, a produção jornalística dele avançou em meio a redação – ainda que muitas vezes usando pseudônimos – de artigos, editoriais, resenhas, informes parlamentares e crônicas, em publicações de países como Venezuela, Estados Unidos, Honduras, Colômbia, Uruguai, Espanha etc. Chegou, inclusive, a ser diretor do jornal mensal “*La América*”, entre 1883 e 1884, onde imprimiu a linha editorial de que os EUA eram uma ameaça à soberania dos povos latino-americanos.

Grande parte das crônicas martinianas foram escritas durante seu período exilado em Nova Iorque, principalmente. São as chamadas de “*escenas norteamericanas*”. A respeito de

tal gênero, cabe aqui esclarecer que, ainda que a crônica em si transite entre a literatura e o jornalismo, as características da narrativa das crônicas de Martí não deixam dúvidas sobre sua natureza.

Siendo considerada la crónica como un relato eminentemente noticioso, donde los hechos son interpretados por el autor, podríamos concluir que este género periodístico fue muy bien utilizado por Martí para satisfacer sus intereses en el ámbito de la información y la comunicación (RODRÍGUEZ, M. N., 2014, p.10).

Nesses textos, a bagagem intelectual, cultural, bem como vivência naquele país eram a base para suas narrativas recheadas não só de análises, como de descrições e relatos. Era mestre em abordar a vida urbana cotidiana de forma atenta aos grandes desafios do país naquele período, como a onda imigratória, a corrupção e lutas políticas. Martí viveu períodos marcantes e de profundas mudanças políticas e sociais, seja em Cuba ou também nos Estados Unidos, no exílio. Sendo assim, ele trouxe para o centro de seus textos o debate político que permeava a sociedade estadunidense, a partir do olhar de um cubano independentista que vivia justamente no país com objetivos coloniais e imperialistas para com Cuba.

Neste sentido, Pedro Pablo Rodríguez afirma que as características básicas de tais crônicas eram *“la narración de sucesos por cierto no contemplados directamente por el cronista, el encabalgamiento, el colorido, la peculiar puntuación, el lenguaje metafórico ilimitado, el atrevido y castizo neologismo y el juicio moral”* (2002, p. 22).

Além das crônicas, a expressiva contribuição jornalística de Martí é comumente destacada na fundação e direção do jornal *“Patria”*, em 14 de março de 1892. Segundo Ibrahim Hidalgo Paz, os colaboradores da publicação *“(...) se propusieron levantar una trinchera de ideas, que en aquellos momentos iniciales era más importante que las trincheras de piedra”* (RODRÍGUEZ, P.P., 2012, p. 373).

O sucesso da publicação é considerado resultado não somente de sua qualidade, mas também por ser visto pelo povo cubano como o órgão do Partido Revolucionário Cubano, ainda que oficialmente não o fosse. Para Pedro Pablo Rodríguez, o *“Patria”* foi a *“apoteose da integralidade jornalística do líder cubano”* (2012, p. 28), considerando as suas habilidades técnicas e políticas na direção da publicação, frutos de sua vasta experiência editorial. Martí chegou a escrever que o jornal era, na verdade, um soldado.

O jornal político, ao longo de artigos, notícias e comentários, revelava que tinha entre seus objetivos contribuir com a organização dos cubanos e porto-riquenhos no exterior na luta pela emancipação de seus povos. Durante os três anos em que dirigiu a publicação, tratou de cumprir com tal objetivo por meio de conteúdos revolucionários, preparando o povo cubano

para o conflito inevitável que se concretizou em 1895, na Segunda Guerra de Independência, em que ele acabou sendo morto.

Jornalismo revolucionário

A partir desse breve percurso do texto, percebe-se que o termo “jornalismo revolucionário” não pode ser visto como uma simples nomenclatura com viés político e cuja estrutura pública estatal de tal sistema comunicativo supostamente limita a liberdade de imprensa. Existe uma complexidade de contexto histórico, debates político-ideológicos e acúmulo de práticas jornalísticas que fundamentam tal conceito, e somente a partir da compreensão deles é possível avançar na discussão.

Sendo assim, cabe destacar que Martí contribuiu para tal conceituação, ao menos em duas camadas centrais: na elaboração política sobre o papel do jornalismo cubano e no pensamento ideológico da Revolução Cubana. E sobre ambos os aspectos cabe análise e debate profundos. E é essa apenas a ponta do *iceberg* que funda o jornalismo revolucionário.

Agrega-se também a essa conformação, a guerra entre Estados Unidos e Cuba que há mais de 60 anos assume diversas dimensões, seja econômica, social, política e também comunicacional. Não é de se espantar que o rompimento das relações diplomáticas e comerciais entre os dois países tenha ganhado contornos profundos no jornalismo de ambos os países, em termos teóricos e práticos. Tal constatação reforça que não se pode desvincular o jornalismo de seu “entorno”.

Por fim, é preciso ressaltar que o conteúdo do jornalismo, ao estar preso ao senso comum, está também necessariamente vinculado a um contexto. O texto só adquire sentido dentro de um contexto. (MEDITSCH, 1997, p. 9) (...) Como toda outra forma de conhecimento, aquela que é produzida pelo Jornalismo será sempre condicionada histórica e culturalmente por seu contexto e subjetivamente por aqueles que participam desta produção. Estará também condicionada pela maneira particular como é produzida. (MEDITSCH, 1997, p.10).

Considerando o jornalismo uma instituição social e parte de um sistema político, é de esperar que ele se fundamente em e reflita – neste caso de Cuba e dos Estados Unidos – uma sociedade em guerra. Sabe-se por inúmeros exemplos históricos que ele é uma das principais armas quando há guerra comunicacional. Este elemento não é mero detalhe quando se observa os modelos de jornalismo adotados por esses países.

No caso cubano – foco deste texto –, isso fica evidente quando se nomeia o jornalismo praticado na ilha com a composição “jornalismo revolucionário”, ou seja, alinhado aos ideais políticos da Revolução Cubana, como evidenciou Fidel Castro em inúmeros discursos.

“Creo que la prensa (...) tiene la misión primordial de defender la Revolución. Defender la Revolución es defender el socialismo. Cuando hablamos de esta Revolución, no la puedo concebir separada del socialismo, son inseparables”¹⁵³.

A União de Jornalistas de Cuba (UPEC) – fundada apenas cinco anos após o triunfo revolucionário sobre a ditadura de Fulgêncio Batista –, por exemplo, estabelece em seu estatuto que ela foi constituída *“como expresión de la voluntad de los periodistas cubanos de organizarse para la defensa de la Revolución Cubana, la independencia nacional y el ejercicio de la profesión”¹⁵⁴.*

Voltando às perguntas que iniciaram este texto e sem pretender respondê-las, nota-se que não se trata de rotular se o jornalismo cubano é ou não jornalismo “verdadeiro”. As contextualizações aqui trazidas, ainda que como considerações iniciais, buscam apontar apenas que o caminho para debater essas questões – a partir de um olhar científico e não meramente político – passa por um profundo estudo a fim de compreender a realidade político-social em que o jornalismo nasce e se desenvolve ali, para conseguir absorver a complexidade do que ele é e a quem serve, livre de julgamento. E isso não se aplica estritamente ao caso de Cuba, por ser socialista e revolucionária. Mas a todo e qualquer país, inclusive os capitalistas e conservadores.

Referências

- CARVALHO, Eugenio F. **José Martí e o sentido da ideia de independência cubana.** Anuario brasileño de estudios hispánicos, 2006.
- CASTRO, F. **Fragmentos del discurso pronunciado por el Comandante en Jefe Fidel Castro Ruz, en el acto central en conmemoración del ataque al cuartel Moncada.** Revista Bohemia. Havana. 2013.
- FERNANDES, Florestan. **Da guerrilha ao socialismo: a revolução cubana.** São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.
- LUIS, Julio García. **Revolución, socialismo, periodismo – La prensa y los periodistas cubanos ante el siglo XXI.** Havana. Pablo de la Torriente Editorial, 2012.
- MÁO JÚNIOR, J. R. **A revolução cubana e a questão nacional (1868-1963).** São Paulo: Ed. Do Autor, 2007.

¹⁵³ Referência ao texto original de Fidel Castro: *Discurso pronunciado en la clausura del VI Congreso de la Unión de Periodistas de Cuba, efectuada en el Palacio de Convenciones, 24 de diciembre de 1993.*

¹⁵⁴ Texto disponível em: <https://www.cubaperiodistas.cu/index.php/estatutos-de-la-upec>. Acessado em: 30 de maio de 2022.

MARTÍ, José, 1975, **Obras Completas**, 27 tomos, 2ª ed., La Habana, Editorial de Ciencias Sociales. [Primera edición publicada por la Editorial Nacional de Cuba, en coordinación con la Editora del Consejo Nacional de Cultura y la Editora del Consejo Nacional de Universidades. La Habana, 1963-1965.]

MEDITSCH, Eduardo. **O jornalismo é uma forma de conhecimento?** Santa Catarina, 1997.

RODRÍGUEZ, Mauricio Núñez. **José Martí – Narrar desde el periodismo**. Havana. Editorial José Martí, 2014.

RODRÍGUEZ, Pedro Pablo. **El periodismo como misión**. Havana. Pablo de la Torriente Editorial, 2012.

SADER, E. **A Revolução Cubana**. São Paulo: Página Aberta, 6ª edição, 1992.

Maria Inês Amarante: vozes comunitárias no rádio de Timor-Leste

Carlos Augusto Tavares Júnior¹⁵⁵

Introdução

Graduada em Letras, com habilitação em francês pela Universidade Livre de Bruxelas, Maria Inês Amarante possui doutorado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica desde 2010, com pós-doutorado realizado na mesma instituição – e desde 2005 teve passagens pela Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior (CAPES), Universidade de Cabo Verde e a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, ministrando lá as aulas de Teorias da Cultura, Interdisciplinaridade, Fundamentos da América Latina, bem como os projetos de pesquisa em Rádio e Comunicação Comunitária: gênero, etnia e fronteira; e Redes de Comunicação Comunitária: processos de integração, participação e construção da autonomia discursiva dos movimentos de mulheres e feministas latino-americanas; até o ano de 2021.

A Professora Maria Inês Amarante foi contactada em plena época do isolamento sanitário devido à pandemia de Covid-19, em 22 de abril de 2021. Coincidentemente, muitos recursos do *Google WorkSpaces* – como gravação de conferências em vídeo com tempo indeterminado e disponibilização destas em espaços da nuvem (*cloud computing*) de maneira gratuita em um convênio com a Universidade de São Paulo em dezembro de 2021 – mostraram-se bastante úteis principalmente em uma época em que o deslocamento e a visitação presencial aumentava o risco de propagação da doença no Brasil. Para informações mais detalhadas sobre o procedimento metodológico com essa ferramenta digital, recomenda-se acessar um artigo dedicado exclusivamente a esse tipo de análise, publicado nos anais da IV Jornada Internacional GEMInIS¹⁵⁶.

Amarante explica como se deu o início das atividades e do projeto voltado à Educação no Timor-Leste:

Na verdade, eu gostaria muito de começar falando sobre primeiro o enquadramento da minha pesquisa para explicar o que você chama de multiculturalismo, porque a sociedade timorense é bastante complexa e sempre tive muito cuidado para não violar os códigos culturais. Então, eu gostaria muito de te colocar um pouco a par do que foi a minha pesquisa, como é que ela se deu, que

¹⁵⁵ Radialista, Mestre e Doutor em Ciências da Comunicação e pós-doutoranda no CJE/ECA/USP. E-mail: ctavares98@gmail.com

¹⁵⁶ Disponível em: <https://shorturl.at/uBTVX>. ISSN: 2358-8977. Acesso em: 5 de julho de 2022.

enquadramento foi esse, porque eu não fui ao Timor-Leste para fazer pesquisa. Eu fui ao Timor-Leste no âmbito de um projeto que surgiu em 2005, que foi o programa de formação de docentes em língua portuguesa. Esse programa que foi criado [na época] no governo Lula e previa inicialmente o envio de 50 professores para contribuir em diferentes locais para o progresso no ensino da língua portuguesa. O edital era do final de 2004. Eu me inscrevi. Eu tinha terminado o mestrado naquele ano e estava no Fórum Social Mundial, em janeiro de 2005.

Maria Inês Amarante também menciona como a seleção para a participar das atividades educacionais no Timor-Leste foram ao mesmo tempo, uma surpresa e a realização de um desafio a se cumprir com finalidades distintas entre si:

(...) quando eu voltei para São Paulo, abri o meu e-mail e eu tinha sido selecionar e estava sendo convocada para ir para Brasília. O nosso Ministro da Educação ainda era o Tarso Genro. O [Fernando] Haddad não tinha entrado ainda. Fizemos uma reunião com 50 candidatos selecionados lá em Brasília. Disseram que tinham recebido mais de 13 mil candidaturas. Começou, então, toda aquela preparação para ir ao Timor-Leste. Então, o que eu queria dizer é que, ao chegar ao Timor[-Leste], eu fiz parte dessa primeira delegação de professores. Não foram 50 [professores], foram 47 porque alguns desistiram antes da viagem. Tive muita sorte de ter sido enviada para trabalhar na direção de educação não formal. Alguns professores foram para o centro de formação de professores da Escola Secundária, alguns professores foram para a universidade, alguns professores ficaram no Ministério da Educação trabalhando com o profissionalização e eu tive a grande sorte – e mais um companheiro [colega] – de ter sido enviada à direção de educação não formal através do Ministério da Educação. Era um anexo... Era menosprezado porque a educação não formal no Timor-Leste não tem um trabalho equivalente no Brasil. Eu dava aula para alunos de fora de faixa [escolar], que não tinham ou não sabiam a [língua] portuguesa porque não tinham sido alfabetizados. Também havia preparação de professores e outros tipos de projetos, inclusive de audiovisual projeto de alfabetização dos distritos: você sabe que o Timor-Leste tem 13 distritos?

Os distritos referidos por Maria Inês Amarante são equiparáveis aos Estados (no Brasil) ou às Províncias (em Portugal). Entretanto, a denominação diminuta também se aplica à extensão das áreas administrativas com áreas igualmente reduzidas, entre essas, destacam-se a ilha Ataúro em pleno estreito oceânico da Indonésia e o distrito Pante-Macassar, cercado pelo território indonésio na área do Timor-Oeste.

A prática religiosa no Timor não possui laços apenas com a cultura, mas também é um elo de distinção e nacionalidade do povo timorense, em sua grande maioria, católicos-romanos em oposição à maioria islâmica da população indonésia. Durante os anos de

ocupação do Timor-Leste pela Indonésia, um espaço em especial era destinado ao idioma nativo dos timorenses: o tétum, utilizado nas missas e rituais solenes. Em meio à realidade do Timor-Leste, Amarante explica que:

(...) isso é importante porque quando eu for falar de língua ele tem que mencionar esse aspecto. Ali eu pude conhecer, por exemplo, o trabalho de pastorais que tinham ali no Timor. Eram todas as fundadas por religiosos católicos brasileiros. Eu enfatizo porque a igreja portuguesa aqui que sempre tem é a igreja da Adoração da Nossa Senhora de Fátima ninguém fazia trabalho social. Então, não tinha essa pegada do trabalho social que nós temos aqui no Brasil. Há algum tempo atrás, então, eu conheci religiosas que trabalhavam lá no Timor e religiosos também – e uma freira que estava fazendo o trabalho sobre prevenção à AIDS numa ONG católica (...). Então, essa é a freira me leva a um local, eu fico conhecendo um padre italiano que tinha vivido no Brasil e faz o trabalho pastoral também, inclusive com comunicação. Ele dava aula de teologia da libertação com um grupo de crianças.

Rádio como ferramenta de integração e audiovisual como material didático

O fato de Maria Inês Amarante desenvolver pesquisas e estudos envolvendo o rádio como ferramenta comunicacional para a criação de vínculos sociais se deparou com duas situações distintas no Timor-Leste: as pastorais que desenvolviam atividades lúdicas, religiosas e educacionais tinham espaços em emissoras comunitárias – e, por outro lado, alguns colegas da delegação brasileira de professores de português utilizavam materiais audiovisuais da série Telecurso, programa de alfabetização desenvolvido no Brasil pela Fundação Roberto Marinho, com aulas gravadas em vídeo para serem transmitidas em canais abertos, emissoras retransmissoras da Rede Globo e instituições privadas conveniadas com esse projeto para a aplicação de provas e aquisição de material pedagógico complementar. Maria Inês Amarante explica que o vínculo *incidental* com o rádio ocorreu quando um:

(...) grupo de crianças era um grupo chamado MAC: Crianças Unidas, que eram cantores e também tinha um programa de rádio. E essas crianças trabalhavam pelo direito da infância, porque havia crianças maltratadas no Timor[-Leste]; então eles cantavam pelos direitos das crianças. Aí eu conheci o grupo de crianças, fiquei encantada porque eles cantam lindamente não só as crianças, os adultos também. Mas no caso das crianças, era lindo, já tinham gravado dois CDs e estavam carentes de atividades no final de semana, assim como eu estava também carente de atividade de lazer no final de semana. Então eu comecei a frequentar o espaço do MAC Crianças Unidas e dar aula de radiodramaturgia. Aí fizemos uma adaptação da lenda do crocodilo: essa lenda do crocodilo eu tinha conhecido como banca da Universidade que eu fui [avaliadora] porque os trabalhos finais da licenciatura que

tinham sido feitos em [19]74 poderão ser defendidos em 2005. Na banca da universidade fiquei conhecendo vários aspectos da cultura, então levei essa lenda que eu tinha conhecido na universidade: uma lenda de Luís Cardoso que é uma versão feminina da lenda do crocodilo e acabei adaptando para o rádio e uma dessas crianças tinha uma mãe radialista e ela falou: vamos lá conhecer a Rádio Nacional de Timor-Leste, RTTL.

Então a partir desse leque de pessoas que eu fui contactando, eu comecei a me abrir [sobre] a questão cultural de Timor-Leste, porque eu conheci muitas pessoas, pessoas que trabalhavam, pessoas que desenvolviam diversos projetos, [havia] desenvolvido ideias. Com isso, eu acredito que eu comecei assim a enriquecer no próprio espaço da direção de educação não formal. Eu trabalhei em conjunto com um brasileiro jornalista que tinha sido cooperante [membro] da CAPES e esse brasileiro tinha inclusive atuado na Ilha do Telecurso para o Timor[-Leste], o que valeu uma pesquisa que eu comecei a fazer com ele, porque ele me mostrava como que o audiovisual tinha começado a penetrar no Timor-Leste com a questão do Telecurso, só que esse Telecurso não serviu para todas as disciplinas como eles pretendiam. A História era adaptada [com] Geografia [e] tinha que ser adaptada [em] português – nem se falava língua portuguesa. Então, valeu muito para Matemática, Ciências Exatas e Biologia. Eu, inclusive, conheci uma professora que se informou pelo Telecurso Matemática. Ela dava aula de Matemática não formal. Então, eu escrevi o primeiro artigo nesse momento, eu comecei a ter esse contato privilegiado com as minhas leituras e pensando nessa realidade de um país que não tinha publicado autores nacionais, que não tinha teórico. Praticamente os teóricos eram todos europeus ou australianos.

Um primeiro impacto decorrente para a valorização nacional do Timor-Leste, não apenas pelos agentes de divulgação da cultura como os meios de comunicação, notadamente rádio e televisão, mas também de protagonistas acadêmicos nascidos no próprio país. Uma possibilidade, por exemplo, iria além da normalização dos estudos em língua portuguesa, interrompidos durante o período de ocupação pela Indonésia, mas também a valorização da produção artística e intelectual do Timor-Leste, independentes da necessidade de o idioma ser português ou tétum, a fim de se criar referências por meio de livros e obras identificáveis com a nacionalidade do povo timorense.

Aspectos e diferenciais do ensino, cultura e produção artística no Timor-Leste

Durante o período de ocupação indonésia em Timor-Leste, entre 1975 e 1999, um resíduo de natureza educacional passou a fazer parte do *continuum* cultural do país: a proibição do ensino de português como idioma de habilitação dos cursos de licenciatura em

Letras. Esse efeito impactou diretamente uma gama de estudantes concluintes da graduação universitária em 1974, pois no ano seguinte, o diploma não poderia ser emitido e nem as defesas dos trabalhos de conclusão de curso puderam ser efetivadas na língua portuguesa.

Os últimos universitários, professores de português, passaram a ter uma tarefa para a qual nunca teriam sido requisitados: ensinar tétum, único idioma nacional permitido pelos indonésios durante a ocupação. A realização das bancas de avaliação em 2005, aproximadamente 20 anos após a conclusão desses alunos, reacendeu discussões antigas, principalmente quanto à cultura dos timorenses, um dos objetos de estudo recorrentes daqueles alunos. Maria Inês Amarante relembra:

(...) então assim eu tive contato com professores de língua estrangeira, professores de português, formei esses *estudantes temporões*, porque tinham terminado, deveriam ter terminado o Trabalho de Conclusão em [19]74 e foram terminar em 2005. Já eram professores, iam para a sala de aula e tudo mais na universidade. Tive contato com trabalhos, projetos, pastorais e essa gama toda de pessoas, inclusive artistas plásticos também. Daí é interessante também falar sobre isso, porque em 2005 o Banco Mundial financiou uma atividade que era uma festa em homenagem aos 25 anos de libertação de Timor-Leste, mal vividos, porque de [19]75 a [19]99, foi ocupado pelos indonésios, então eu participei da equipe da organização dessa atividade, desse evento grandioso e fui entrevistar artistas. Então, comecei a perceber que os portugueses que escreveram mais a maior parte da bibliografia... Aí tem essa questão da bibliografia patriarcal colonialista, incerta entre a visão do colonizador e a visão local. Eles não reconheciam a pintura como arte em Timor[-Leste, mas se] reconhece a escultura, que é uma coisa assim mais básica do instinto do artista, que já produz, que não precisa de grandes estudos. Mas a pintura, que é uma arte um pouco mais sofisticada, eles não reconheciam.

O âmbito bilingue: português e tétum

Quando se menciona o fato da coexistência de dois idiomas oficiais no Timor-Leste, o tétum, nativo, de origem austronésia – e o português, dos colonizadores europeus que lá se estabeleceram em 1512, até a independência declarada por Portugal em 1975. Assim como no Brasil, onde os colonizadores exportavam a madeira do pau-brasil, em Timor-Leste o produto procurado era o sândalo. Com o período de invasão da Indonésia, entre 1975 e 1999, um outro idioma, o bahasa (idioma nacional indonésio) foi falado, ensinado e difundido nos meios de comunicação durante esse período. Nesse caso, ocorreu a divisão de segmentos de idiomas diferentes e o ensino da língua portuguesa para timorenses falantes de bahasa, em meio a subdivisões do próprio idioma tétum: em Timor-Leste, a denominação do idioma também

aparece grafado como tétun e teto, cuja variedade mais notória se encontra próxima ao distrito em que se localiza a capital Dili, o tétum-praça.

Maria Inês Amarante ressalta:

Timor-Leste tem 13 distritos em e em cada distrito se fala pelo menos uma língua diferente. Segundos os linguistas Luiz Costa e Benjamin Côrte-Real – este último que também era reitor da Universidade [que esteve] com a gente – existem 16 troncos linguísticos em Timor-Leste, mais ou menos. 33 línguas derivadas desses troncos. Fora a língua tétum, [a variante] tétum-praça hoje mais falada, [por]que é conhecida com diferentes variações em vários distritos, além do português, que foi institucionalizado. Bom, então temos uma grande variedade linguística e se a gente for pensar na língua como identidade, a identidade do povo timorense é a língua do seu distrito, e a língua falada em casa não é o tétum e não é o português. Então assim, é complexo falar isso porque eu não sou linguista para estudar como é que a coisa aconteceu, mas quando nós chegamos lá em 2005, eu vi um outro agravante: os indonésios impuseram a língua bahasa nas escolas e toda a juventude falava bahasa. E não falava português. Então nós chegamos pensando que fossemos encontrar um país onde as pessoas falavam português e quem falava português eram os velhos que antes de [19]74 tinham estudado, a juventude não falava português. Então eu dei aula de rádio na [modalidade de ensino] não formal, não fiz uma oficina de rádio com jovens etc., tudo com um tradutor do meu lado. Esse tradutor era de tétum, mas na verdade ele estava traduzindo bahasa, porque a maior parte da juventude não falava nem tétum, daí eu fui tendo essa noção da complexidade que isso representou no ponto de vista cultural e assim: é complicado porque todos os cursos que eu dei, de cultura no Timor[-Leste], falando sobre arte, falando sobre audiovisual, falando sobre a necessidade de materiais educativos etc., foram cursos [que contavam] com tradução.

A barreira dos múltiplos idiomas em países de língua portuguesa

As experiências de ensino de português em um país que oficialmente reconhece esse idioma como parte de sua herança histórica, ao mesmo tempo em que este coexiste com as variações contemporâneas do tétum, cuja origem histórica chamada tétum-terik, não possui correspondência latina, tendo a única distinção que se notabiliza pela incorporação de estrangeirismos de origem portuguesa na variação tétum-praça. A necessidade do uso de um tradutor de tétum e português ocorreu em meio à emergência de uma geração nascida entre 1975 a 1999, que nunca teve contato com a língua portuguesa, mesmo dentro de casa, cujos residentes mais velhos chegaram a conviver com falantes de português.

Contudo, em uma situação educacional em que o ensino do idioma parte de situações de contato prévio, os desafios enfrentados por Maria Inês Amarante se revestiram de uma complexidade ímpar, muito semelhante ao ensino de um idioma estrangeiro, mas nesse caso, se trata de uma língua nacional. No rádio, os segmentos divididos entre português e tétum ilustram de forma simplificada, porque as complexidades existentes em relação aos idiomas falados no Timor-Leste têm necessidade de serem irradiados, principalmente pela principal característica típica do rádio: comunicar e levar a informação inteligível para as pessoas abrangidas pela cobertura das emissoras comunitárias.

Porém, durante a realização de uma pesquisa em Cabo Verde, país insular africano conhecido pelo uso consolidado do português por séculos. Amarante aponta as *surpresas* que se deparou na ilha africana, sobretudo com a existência de uma língua popular, sem reconhecimento de *idioma nacional*, que em determinados veículos passaria a ocupar espaços nos programas de rádio e televisão das emissoras cabo-verdianas:

Sobre a questão do rádio, porque na verdade eu fui a dois países ditos lusófonos, que foram colônias portuguesas, Timor-Leste e Cabo Verde. Este é o último em que eu vivi, na capital de Cabo Verde, Praia, onde estive entre 2011/2012 e depois desenvolvi uma outra pesquisa que não tem a ver com a língua portuguesa, mas tem a ver com uma escritora francesa que falou sobre escravidão e então fui para o Peru. [O estudo] franco-peruano eu comecei a desenvolver em 2011. Ao comentar um pouco sobre essa questão de língua do rádio, como é que se desenvolve o rádio e tudo mais, eu falei um pouco sobre a rádio de Timor-Leste. Esse aspecto que observei quando eu estava lá, o projeto que a gente começou a trabalhar e no qual depois foi executado esse bilinguismo do rádio: na verdade eu não fiquei sabendo se o rádio começou a abordar línguas outras, ou seja línguas dos distritos, que não são as línguas oficiais. O caso de Cabo Verde é mais simples porque Cabo Verde só tem duas línguas: português [língua nacional] e crioulo cabo-verdiano [língua do povo] – o português sempre foi ensinado, então como não teve um invasor, o português realmente continuou fazendo parte da realidade do país. Foi estranho para mim o fato do português ser praticamente dominante nas rádios e na televisão em detrimento do crioulo cabo-verdiano, que não foi oficializado até hoje incrivelmente, porque dizem que existem nove ilhas habitadas e que em cada ilha se fala [uma variante] diferente [de crioulo cabo-verdiano], então se pode legalizar o idioma porque ele existe de formas diferentes. Eu acho que essa argumentação não é totalmente correta, eu acho que existe aí uma questão política e não quero discutir isso porque há polêmicas sobre essa questão, mas no rádio, quando eu cheguei, dificilmente eu ouvia crioulo [cabo-verdiano], na televisão; quase nunca ouvia crioulo, mas começou a haver um embate muito grande, dos cabo-verdianos em

relação à comunicação, e quando começaram a surgir rádios comunitárias, que foi até algo recente, as rádios comunitárias começaram a trazer programação majoritariamente em crioulo. Então eu comecei a perceber, como eu sempre coloco nas rádios comunitárias, que uma rádio local está antenada com a comunicação do povo, ela leva informação para aquela localidade, para os bairros principalmente, mesmo que ela esteja na *web*, ela atende um território determinado, principalmente em um arquipélago em que uma frequência FM não é captada de uma ilha distante para outra. Então nós temos rádios autônomas, e essas rádios comunitárias na realidade começaram a trazer muito ouro na programação. Eu entrevistei algumas dessas [locutoras] radialistas, que [saiu no] livro que nós publicamos sobre a África, *Múltiplos Olhares Sobre a Comunicação: mulheres da comunicação na rádio de Cabo Verde*, e eu comecei a perceber que a televisão aos poucos foi também trazendo tais programações específicas.

Considerações finais

As experiências relatadas pela professora e pesquisadora Maria Inês Amarante enfatizam a necessidade do rádio e, sobretudo, das emissoras comunitárias, quando se deparam com uma multiplicidade de idiomas falados em um mesmo país. Não são casos isolados, como em comunidades formadas por imigrantes oriundos de outros países, mas faz parte da própria complexidade e especificidade cultural de um povo específico, como o caso dos timorenses ou mesmo, dos cabo-verdianos.

Embora o olhar de um estrangeiro, ao se deparar com uma realidade distinta em países estudados em pesquisas de Comunicação, convém ressaltar que no Brasil a uniformidade do idioma português ocorre mais como norma do que como constatação, como é demonstrado pela diversidade de etnias indígenas, falantes de idiomas nativos do Brasil, anteriores à chegada dos portugueses no século XV. Essa questão tem sido alvo de estudos (MATSUURA, 2010) e debates na Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), sobre um processo continuado de extinção de idiomas nativos de etnias residentes nos países da América do Sul.

Com efeito, no Brasil, qualquer transmissão em idioma nativo (indígena) tem classificação proibida pelo motivo do reconhecimento e obrigatoriedade da língua portuguesa. Desse modo, transmitir um programa de rádio em tupi-guarani ou em ianomâmi, sem ter esse idioma nativo classificado como *estrangeiro*, reflete o cerne da complexidade relatada por Maria Inês Amarante durante seus estudos e reforça a necessidade da realização de pesquisas em países que permitem a radiodifusão multilíngue como estratégia para a comunicação da diversidade étnica e cultural.

Referências

AMARANTE, Maria Inês. “Radio comunitária em Timor-Leste: os meios de comunicação em novos tempos de cidadania”. In: **Contracampo**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFF. Dossiê Comunicação, Infância e Adolescência. Rio de Janeiro: UFF, 27-dez-2006, p. 165-181.

_____; HOHLFELDT, Antonio (Org.). **África - Múltiplos Olhares sobre a Comunicação**. São Paulo: Intercom, 2013.

_____. **Entrevista**: professora Dr^a. Maria Inês Amarante [abr. 2021]. Entrevistador: Carlos Augusto Tavares Junior. Foz do Iguaçu: Google Meet WorkSpaces, 2021. Documento sonoro (entrevista): 1 arquivo WAV (96 min).

Associação dos Docentes da Universidade de São Paulo (ADUSP). **Google cortará espaço ilimitado na nuvem em 2022, e USP admite buscar “outras opções”**. Publicado em: 11/05/2021. Referência eletrônica (webgrafia) Disponível em: <https://www.adusp.org.br/index.php/defesauniv/4118-goog-espaco>. Acesso em: 15/03/2022.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Extra Coleção. Lisboa: Edições 70, 2008.

BERNAL TORRES, Cesar Augusto. **Metodología de la investigación**. 3^a. ed. Bogotá: Prentice Hall, 2010.

MATSUURA, Koichiro. Invertir en la diversidad cultural y el dialogo intercultural: informe mundial de la UNESCO. **Informe Mundial de la Unesco**. Paris: Organização das Nações Unidas, 2010.

TAVARES JUNIOR, Carlos. “Integração multicultural Brasil-Nova Zelândia: uso de ferramentas digitais na pesquisa radiofônica”. IV Jornada Internacional da GEMInIS (Anais). Disponível em: <https://doity.com.br/anais/jig2021/trabalho/227713>. Acesso em 22/05/2022.

Um milagre econômico e repressivo: a cobertura do *New York Times* sobre o “milagre econômico” do Regime Militar Brasileiro

Daniel Azevedo Muñoz¹⁵⁷

Introdução

Agências de notícias e grandes jornais têm uma tradição, em alguns casos mantida até os dias atuais, onde sua primeira notícia do dia é um informe sobre a abertura e os primeiros movimentos das Bolsas de Valores do local onde o escritório jornalístico está localizado, uma tradição que certamente muitos associam à cobertura da *Bloomberg* nos EUA. O *New York Times* (NYT) não escapa e nem escapava desta tradição do jornalismo econômico na segunda metade do século XX, inclusive em suas coberturas internacionais.

Ao avaliar o nível de análise da cobertura econômica do influente rotativo de Nova Iorque, ano após ano no período investigado, se observa que uma maioria das notícias estão vinculadas a assuntos de crucial importância para o recorte temporal deste artigo: *commodities* e comércio internacional. No caso brasileiro, a situação não foi diferente, mesmo tratando-se do período marcado pelo que o regime militar denominou como “milagre econômico”. Este capítulo se propõe a ampliar a compreensão sobre a hipótese de o “milagre” brasileiro ser somente uma ampliação da propaganda militar, com a ajuda de grupos apoiadores e da imprensa tradicional brasileira, que em parte apoiou o regime e fortaleceu o uso do termo citado para definir a situação econômica do país.

O uso da imprensa internacional para experimentar tal hipótese, especialmente utilizando-se de um jornal de um país com uma aliança chave para com o regime brasileiro, pretende oferecer uma melhor dimensão do “milagre” brasileiro e também trazer uma contribuição de fontes primárias para o estudo do capitalismo no Brasil, se utilizando como marco teórico, entre outras, a teoria econômica do sociólogo Francisco de Oliveira, presente nas obras *Crítica à Razão Dualista* e *O Ornitórrinco*. A tese de Oliveira é que o Brasil teria criado seu próprio caminho no capitalismo, onde o incremento econômico não necessariamente oferece um desenvolvimento da sociedade, em especial pela característica de não promover a valorização do trabalho. A metáfora do ornitórrinco descreve um animal que existe, mesmo sendo “muito estranho”, difícil inicialmente de ser reconhecido como um mamífero, ave ou réptil (Oliveira, 2003). O aceite ou não do NYT em noticiar alguns relatos

¹⁵⁷ Mestre em História Contemporânea pela Universidad Autónoma de Madrid. Graduado em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade de São Paulo. danielmunoz321@gmail.com.

econômicos sobre o Brasil, utilizando-se do regime como fonte oficial, também serve para ampliar as pesquisas sobre a evolução da opinião pública internacional sobre a ditadura militar brasileira, em especial nos EUA.

Definições de “milagre”

O período definido como o “milagre econômico” do regime militar brasileiro é suscetível a algumas variações, de acordo com os intelectuais que estudaram a história do regime e as diversas forças políticas do país. Para este capítulo, foi feito o recorte mais amplo possível dentro das diversas interpretações. A própria ditadura obviamente não definiria datas específicas para o início, e tampouco o término, do seu “milagre”, mas a utilização do termo está fortemente vinculada ao governo do terceiro general do regime, Emílio Garrastazu Médici, com seu então ministro da Fazenda, Antônio Delfim Netto¹⁵⁸.

Bernardo Kucinski demarca o período do “milagre” brasileiro entre 1968 e 1973 (Kucinski, 2018: 11-12). Elio Gaspari, em seu grande conjunto de obras sobre o regime militar brasileiro, afirma que o primeiro ano do “milagre” foi 1969 (Gaspari, vol. 2, 2016). O NYT menciona o termo pela primeira vez somente no dia 30 de julho de 1972, entre aspas, para indicar que se tratava de um termo oficial do regime (Maidenberg, 30/07/1972: F15)¹⁵⁹.

Kucinski credita a imprensa tradicional brasileira por, ao menos parcialmente, difundir o “milagre” do regime, já que esta apresentava uma posição mais complacente perante a ditadura (Kucinski, 2018: 11). Gaspari oferece um contraponto, apontando que o fim do apoio da imprensa ao regime foi anterior ao próprio “milagre”, levando em conta a censura dos importantes jornais do país à época. O “milagre” teria tido seu início exatamente no mesmo período em que a ditadura institucionalizou seus aparatos opressores e de censura (com o decreto do Ato Institucional nº 5), esta última que se mostrou crucial para defender a narrativa econômica, que serviu principalmente como uma arma política de legitimação do governo dos generais e justificativa do não cumprimento das promessas de “retorno à democracia”, feitas desde o início da ditadura pelos militares que ocuparam o cargo máximo da república.

É importante destacar que a cobertura que acontecia no jornal de Nova Iorque com mais frequência oferecia visões “oficiais” quando replicava notícias de agências, que assim

¹⁵⁸ Delfim Netto enquanto ministro da Fazenda foi conhecido como o “homem do milagre”, devido às suas inúmeras aparições na televisão e em outros meios de informação, falando do “desenvolvimento” do país. Era praticamente desconhecido antes de se tornar ministro. Após a mudança dos generais no poder, Delfim Netto seguiu ocupando cargos políticos, e após da redemocratização chegou a ser eleito deputado federal por múltiplos mandatos, em múltiplos partidos políticos, entre 1987 e 2007.

¹⁵⁹ Este e todos os artigos do NYT citados neste trabalho foram recolhidos da hemeroteca do jornal disponibilizada pela *ProQuest Historical Newspapers*.

faziam suas coberturas em nome da simplicidade do relato¹⁶⁰. A relação entre a imprensa nacional e o regime militar acabou por ser de grande complexidade. Os generais se preocuparam em criar uma estrutura “legal”, o mais legítima possível, para garantir que os jornais se adaptassem à sua expectativa, como podemos exemplificar com o caso da Folha da Manhã, publicação que era notoriamente de esquerda e passou depois a ser conhecida como Diário Oficial da OBAN. Para um resumo completo das ações dos censores da ditadura, o trabalho de Beatriz Kushner é um notável marco teórico (Kushner, 2004).

Destaca-se também alguns marcos teóricos básicos utilizados como âncoras da sociologia e antropologia brasileira, em especial obras que definem a relação da cultura nacional com os eventos históricos encapsulados no período determinado por esta pesquisa. Cita-se a tríplice obra de Gilberto Freyre¹⁶¹ e as atualizações e críticas construídas por Jessé Souza (Souza, 2000: 69-100). A importância da demarcação destas âncoras teóricas serve para oferecer a mais satisfatória interpretação em comparações entre os relatos dos estrangeiros do NYT e visões nacionais. Também merece citação os trabalhos de Sérgio Buarque de Hollanda (Buarque de Hollanda, 1999) e as atualizações e críticas também feitas por Souza (Souza, 2019). No que concerne a construção do capitalismo brasileiro e suas particularidades, destaca-se as obras de Florestan Fernandes e o já previamente citado trabalho de Oliveira¹⁶².

O “milagre” foi econômico e repressivo

A partir de 1969, o regime militar realmente conseguiu um crescimento econômico em cifras notáveis para a história brasileira até o momento, com um crescimento do PIB de 9,5%, 11% de expansão industrial e uma inflação estabilizada (nos padrões nacionais da época) em 20% ao ano. As exportações chegariam a 1,8 bilhão de dólares, cifra 23% maior que a de 1968. Em 1970, o PIB cresceu 10,4% e não havia sinais de que uma queda se aproximava. O país se convertera na décima economia do mundo e a primeira do hemisfério Sul. Tal cenário era acompanhado de uma vitória da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1970, que com sucesso foi convertida em um símbolo de “êxito” do regime e de seu ufanismo. A propaganda militar afirmava que as pessoas deveriam “amar ou deixar o Brasil” e os números do “milagre” serviam como uma “comprovação” de que o modelo de “progresso e repressão” de

¹⁶⁰ A informação sobre a diferença entre a cobertura de correspondentes de dedicação exclusiva e agências de notícias foi oferecida ao autor pelo correspondente do NYT no Brasil no período demarcado por esta pesquisa, Joseph Novitski, através de mensagem por correio eletrônico. 9 de abril de 2020.

¹⁶¹ As três obras citadas têm como referência bibliográfica: (Freyre, 2006), (Freyre, 2013) e (Freyre, 2004).

¹⁶² As duas obras citadas têm como referência bibliográfica: (Fernandes, 2006) e (Oliveira, 2003).

Médici oferecia melhores resultados que os pedidos de “democracia e desenvolvimento” da oposição (Gaspari, vol. 2, 2016). A ideia do “milagre” mostrava claros sinais de que o capitalismo a ser desenvolvido pelo regime militar brasileiro tinha as características do ornitorrinco de Oliveira, já que com a proibição da sindicalização dos trabalhadores e a estagnação do poder de compra da população em geral, o país crescia, mas o desenvolvimento não chegava à grande maioria das pessoas (Oliveira, 2003).

O NYT, na sua cobertura, não deixou de reconhecer os êxitos econômicos do regime, mas diferentemente do que faziam os jornais da imprensa tradicional brasileira, o rotativo estadunidense tomava uma posição que ressaltava o outro lado da moeda que acompanhava o “milagre”: um crescente e implacável autoritarismo. A questão da desigualdade no acesso aos recursos do “milagre”, contudo, não recebeu a mesma atenção do jornal de Nova Iorque.

Este período foi o princípio das denúncias de tortura da ditadura aparecendo no NYT, que destacava a estranha dualidade de um país onde “qualquer um pode ser detido pela vontade de um militar, mas em geral as pessoas não estão com medo” (Novitski, 08/01/1971: 2). O regime se utilizava da presença de guerrilhas urbanas no país e dos sequestros de notáveis figuras que estavam sendo realizados, como o caso do embaixador estadunidense Charles Elbrick (Novitski, 08/09/1969: 1)¹⁶³, para ter uma justificativa pela qual “comprovavam” não podiam “relaxar” o controle repressivo (Novitski, 08/01/1971: 2). No NYT esta situação já se documentava, contudo, a qualidade na cobertura jornalística aparecia quase que somente em notícias que levavam o selo *Special to The New York Times*¹⁶⁴. As notícias de agências geralmente apareciam nas páginas de Nova Iorque quando um correspondente não estava disponível para fazer uma cobertura especial¹⁶⁵. Muitas vezes o jornal falou dos “custos do crescimento” (Hovey, 09/07/1974: 37)¹⁶⁶ para o Brasil, referenciando sempre que o regime deveria fazer uma transição de volta à democracia. A cada mudança de general na cadeira presidencial, o jornal novaiorquino tentava recuperar a esperança democrática em um editorial, somente para posteriormente publicar outro afirmando que o Brasil tomara, mais uma vez, o caminho errado¹⁶⁷.

¹⁶³ A notícia destacada na bibliografia relata a libertação do embaixador estadunidense no Brasil, quando o regime aceitou a troca do diplomata pela liberação e transporte seguro de quarenta presos políticos ao México.

¹⁶⁴ O selo *Special to The New York Times* aparece em todas as notícias do jornal que são exclusivas.

¹⁶⁵ Joseph Novitski, mensagem por correio eletrônico ao autor. 9 de abril de 2020.

¹⁶⁶ A bibliografia demarcada é um exemplo entre as múltiplas notícias e artigos.

¹⁶⁷ Pode-se observar este processo no NYT comparando dois editoriais, o primeiro sobre a chegada de Geisel ao poder, representando uma “nova chance para a democracia”, e o segundo mostrando a decepção do jornal com o “caminho errado” escolhido pelos militares brasileiros. 1º editorial: (artigo não assinado, 23/03/1974: 30), 2º editorial: (artigo não assinado, 18/04/1977: 29).

Por mais que o NYT não tivesse praticamente nenhuma repercussão para o público brasileiro, além daqueles que viviam nos EUA¹⁶⁸, a ditadura não deixou de se incomodar com as notícias que eram veiculadas em seu principal aliado do Norte. A informação do assassinato de um estudante detido pelo regime foi a primeira denúncia de violência explícita dos militares brasileiros que foi publicada pelo NYT (Novitski, 03/12/1969: 9). Já que tinham o intuito de sempre alinhar-se com o lado “capitalista” da Guerra Fria, os generais brasileiros estavam acostumados a receber críticas somente de Havana e Moscou, por isso a perturbação foi profunda ao se ver “mal representado” em uma imprensa internacional “prestigiada”. O correspondente Joseph Novitski foi um dos que incomodaram o regime, que chegou a acusá-lo de “mentir como um cão” (Gaspari, vol. 2, 2016). Além de algumas cartas do embaixador brasileiro ao jornal, o regime pôde contar com uma defesa através da própria imprensa nacional, segundo demonstra Gaspari:

Quando o New York Times atacou a censura brasileira com um editorial intitulado “As notícias encarceradas na América Latina”, citando as prisões de jornalistas e pedindo que o governo americano pressionasse Brasília, O Globo respondeu em 72 horas: “A campanha de imprensa nos EUA destina-se a criar problemas diplomáticos com Washington, mas essa pressão não afeta os brasileiros na sua decisão de resolver os seus problemas domésticos sem pedir as bênçãos do New York Times ou do jornal francês Le Monde, que abençoaram Fidel Castro, Guevara e outros paladinos dos ‘direitos humanos’ (Gaspari, vol. 2, 2016).

As cartas dos leitores do NYT mostravam que a “difamação” da qual o regime se dizia vítima era de alguma maneira efetiva, já que tais cartas chegavam inclusive a criticar o governo estadunidense por associar-se aos generais brasileiros, com assinaturas muitas vezes de figuras de comprovada importância na formação de opinião política e intelectual do país¹⁶⁹. O jornal de Nova Iorque também chegou a sofrer censuras no Brasil¹⁷⁰, incluindo a detenção de alguns de seus *stringers* pela ditadura, mas não se pode comparar tal tratamento com o que os militares reservavam para os jornalistas e mídia nacionais (Arns, 2011: 167-171). Os métodos utilizados pelo regime para “vigiar” o NYT foram menos “tradicionais”, mas segundo os correspondentes e jornalistas, existiam¹⁷¹.

¹⁶⁸ Joseph Novitski, mensagem por correio eletrônico ao autor. 9 de abril de 2020.

¹⁶⁹ Em sua maioria professores universitários ou representantes de instituições econômicas e/ou empresariais.

¹⁷⁰ Joseph Novitski, mensagem por correio eletrônico ao autor. 9 de abril de 2020. Mery Galanternick, mensagem por correio eletrônico ao autor. 31 de março de 2020.

¹⁷¹ Joseph Novitski, mensagem por correio eletrônico ao autor. 12 de abril de 2020.

A economia e o “milagre” segundo a cobertura do NYT

Uma das características pelas quais o NYT era conhecido no período estudado era por ser um jornal “rico”¹⁷². Desta maneira, não era de se surpreender que o jornal tivesse os recursos para fazer coberturas mais completas, o seu jornalismo econômico não foi exceção. O jornal de Nova Iorque não somente se atinha a comentar como economias pelo mundo afetavam os EUA, mas também cobria questões que poderiam ter sido ignoradas como “locais”.

Entre 1968 e 1973, o jornal publicou 361 notícias e artigos na temática econômica relacionados de alguma forma com o Brasil e seu regime.

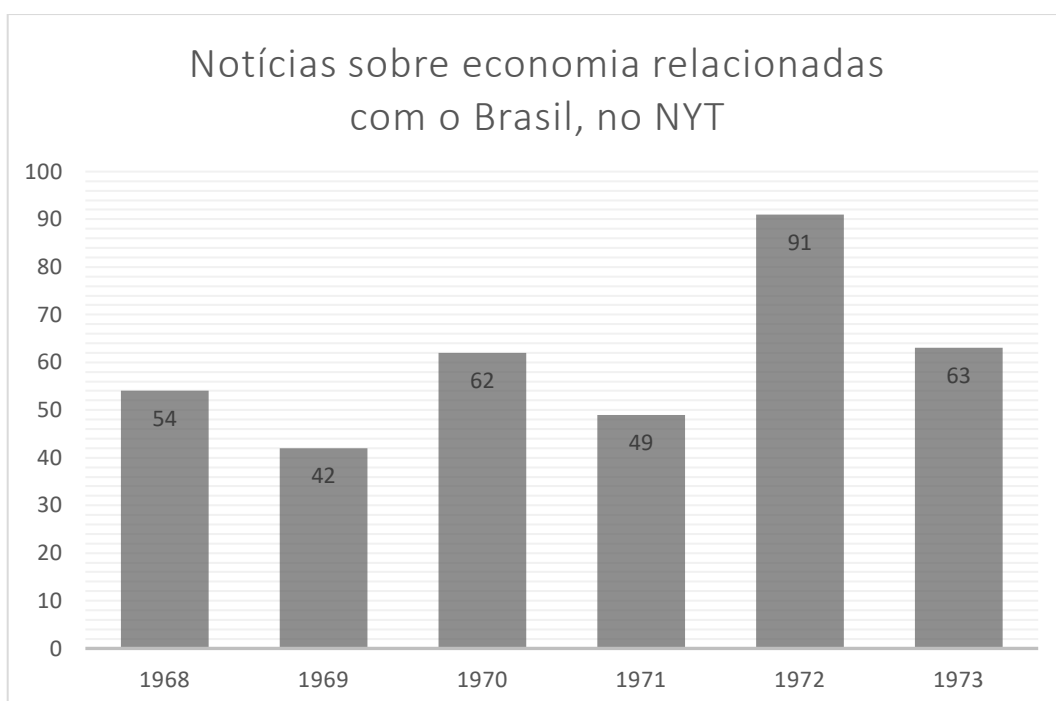


Gráfico 1: Relação de notícias veiculadas no NYT sobre economia que envolviam de alguma maneira o Brasil. Esta relação inclui análises de correspondentes e jornalistas especialistas em economia. Também se encontram presentes notícias de acontecimentos econômicos notáveis, incluindo notas replicadas de agências. O recorte feito foi o mais amplo possível, baseando-se em uma pesquisa completa realizada previamente nas entradas da hemeroteca do NYT previamente citada, utilizando-se apenas a palavra-chave “Brazil”. Elaboração própria.

O primeiro ponto a destacar-se nesta análise é a influência de fatores globais na quantidade de notícias veiculadas por um jornal. Tomemos, por exemplo, o crescimento de notícias sobre economia do Brasil em 1972, que pode ser diretamente relacionado com o país

¹⁷² Joseph Novitski, mensagem por correio eletrônico ao autor. 9 de abril de 2020.

se posicionando na crise internacional do petróleo. O NYT chegou a enviar editores especializados em economia para fazer coberturas especiais no país, como H. J. Maidenberg.

Observar a cobertura do NYT permite identificar a baixa efetividade do discurso desenvolvimentista do regime brasileiro internacionalmente, já que o jornal não reconhecia o Brasil como o mais novo país industrial que seria incorporado no “mundo desenvolvido”. A própria cobertura econômica mostra o processo pelo qual países como o Japão e os chamados Tigres Asiáticos tiveram sua “posição” nas páginas econômicas do NYT “melhoradas”, se incluindo entre aqueles países chamados de “desenvolvidos”, garantindo assim o olhar diferente dos EUA e da Europa Ocidental que desejavam. O Brasil chegou a ganhar uma pequena cobertura sobre seu crescimento industrial, onde até se insinuou que poderia tornar-se um “novo Japão” (Maidenberg, 28/01/1973: 181), mas tal nota foi ofuscada pela quantidade muito superior de notícias em que o país era representado como um regime autoritário, além de relatos sobre o fim do seu “boom” econômico nos anos do governo Ernesto Geisel. A ditadura desejava um espaço semelhante ao japonês nas páginas da imprensa estadunidense e acreditava que notícias do “milagre” poderiam ajudar, baseando-se inclusive no ideal da *Alliance for Progress* do presidente John F. Kennedy¹⁷³. A cobertura do NYT chegou a mudar de visão sobre o país economicamente, reconhecendo seu “crescimento”, mas sempre acompanhado das críticas que se fazia sobre seu caráter ditatorial e seu modelo industrial frágil. Brasil tornava-se somente um exemplo de país “um pouco mais desenvolvido”, junto do México, mas longe do conceito de desenvolvimento que o jornal estadunidense oferecia ao Japão e à Coreia do Sul.

¹⁷³ Sobre a *Alliance for Progress*, a obra utilizada como referência para este artigo, por tratar-se de uma das poucas que conta com o auxílio investigativo de um jornalista que realmente esteve presente nos países latino-americanos durante o período da política, é (Levinson e Onís, 1970). Como fonte mais atualizada sobre a *Alliance*, também se utilizou: (Dunne, 2013: 1389-1409).

1968 – Brasil é café

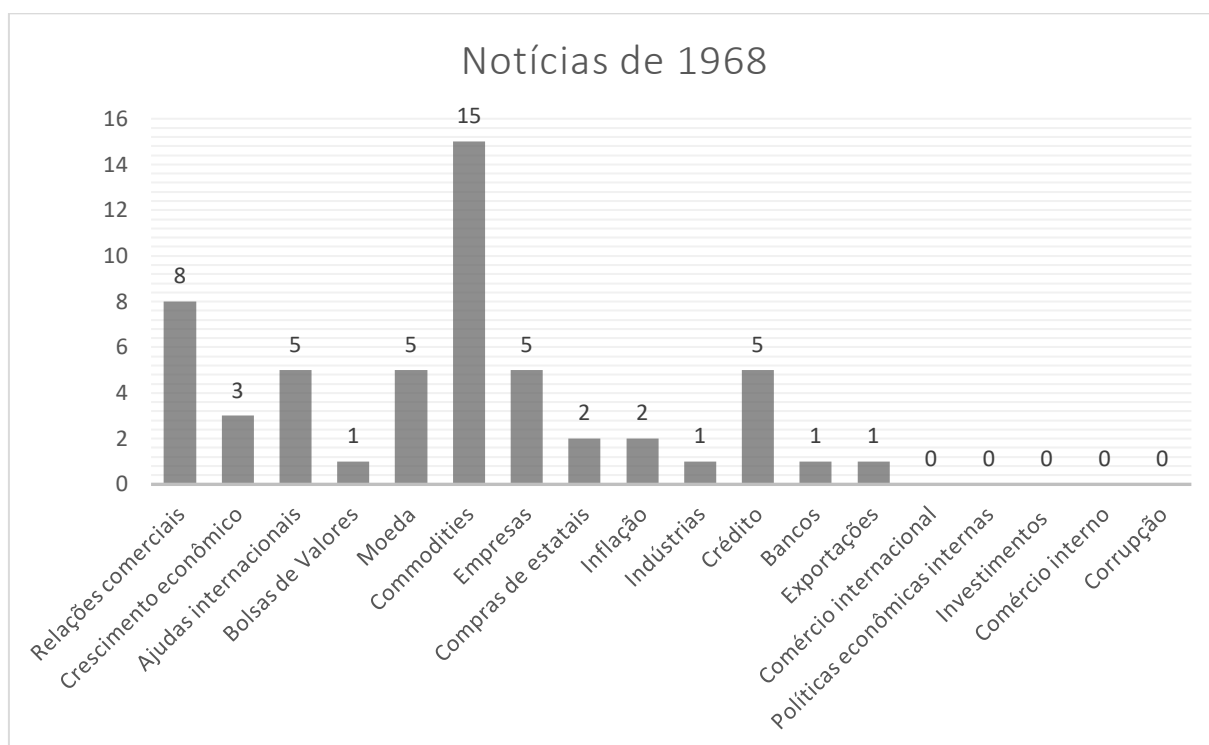


Gráfico 2: Notícias do NYT sobre economia, relacionadas com o Brasil, em 1968. Com um total de cinquenta e quatro notícias no ano, a grande temática tratada foi o comércio de *commodities*, especialmente o café.

Elaboração própria.

No primeiro ano do “milagre” brasileiro, o NYT ainda não notava milagre algum na economia do gigante da América do Sul. Economicamente as principais notícias do jornal de Nova Iorque ainda eram as tradicionais notas sobre o clássico produto nacional, o café. O “furo do ano”, para os jornalistas de economia do NYT, começou já no dia 7 de janeiro, com o artigo do correspondente Paul L. Montgomery, com expressivo título: “*Coffee: Brazil vs. United States*” (Montgomery, 07/01/1968: E6).

O conflito relatado foi relativamente simples, o presidente Lyndon B. Johnson esperava “liberalizar” produtos agrícolas que eram de especial interesse dos EUA, o café sendo obviamente um deles. Como o Brasil já era o país que oferecia o café mais barato aos EUA, Johnson esperava aproveitar a influência de seus compatriotas na *National Coffee Association* (Montgomery, 07/01/1968: E6), organização estadunidense que negociava diretamente com o Instituto do Café, para renovar o acordo que existia. O contrato venceria no próximo mês de setembro, abrindo espaço para a negociação de um novo acordo, que permitiria que os grãos fossem processados em qualquer lugar, não somente no país de

origem. A grande surpresa da notícia foi o empenho brasileiro em não aceitar as condições propostas pelos estadunidenses, especialmente tratando-se do regime militar considerado profundamente “favorável aos EUA” e um receptor de muitas “ajudas”¹⁷⁴ do aliado do Norte. A relação comercial forte entre os EUA e o Brasil era vista em ambos os países como o principal fator que sustentava sua aliança (Levinson e Onís, 1970), justificando os “problemas” que esta poderia ter para a ditadura brasileira e para o governo estadunidense. Assim se explica a preocupação com a falta de acordo em relação ao café, principalmente sendo os EUA um dos principais consumidores do produto brasileiro (Montgomery, 07/01/1968: E6).

Vale recordar que uma das motivações mais importantes dos EUA em apoiar o regime militar brasileiro era justamente a falta de apreço que o país do Norte tinha pelas anteriores lideranças brasileiras, desde Getúlio Vargas até os diversos espectros políticos que o país teve na cadeira presidencial posteriormente (Rabe, 1999). A questão econômica sempre esteve presente, mesmo quando parecia não ser o cerne dos conflitos diplomáticos. A elite brasileira muitas vezes apoiava o aliado do Norte, imaginando que medidas econômicas que afastassem o capital estrangeiro trariam ainda mais problemas ao país, mas os governos deste curto período democrático não estiveram tão alinhados a este ponto de vista. A presença forte das “ajudas” estadunidenses ao Brasil neste momento representavam quase como um acordo informal de apoio dos EUA ao regime, em troca de algumas facilidades econômicas para as empresas do país e para os interesses de seu governo, como havia sido pensado na antiga *Alliance*:

In 1964, immediately following Goulart's overthrow, the United States offered the new Brazilian government a \$50 million program loan, future capital assistance, and debt renegotiation, contingent on, among other things, fulfillment of the AMFORP contract¹⁷⁵. President Castello Branco, unlike Goulart, favored increase foreign enterprise (Levinson e Onís, 1970: 145).

Segundo o plano de Kennedy, as “ajudas” oferecidas serviriam como uma garantia que os aliados do Sul estariam sempre respeitando e honrando os interesses dos EUA, e de suas empresas, em reconhecimento pelo que seu país oferecia ao “desenvolvimento” destes. Além disso, o interesse em uma aliança especial entre os EUA e os países latino-americanos já era

¹⁷⁴ Trata-se das famosas *aids* dos EUA, ajudas financeiras que o país oferecia a aliados mais pobres que precisavam de capital para reconstruir suas economias. Neste momento o Brasil ainda era considerado um destes países. Em 1968, foram publicadas cinco notícias sobre as *aids*, algumas já levantando questionamentos sobre a legitimidade de o Brasil receber este tipo de fundos. (Levinson e Onís, 1970) e (Dunne, 2013).

¹⁷⁵ Trata-se de um contrato entre o governo brasileiro e uma empresa de distribuição elétrica estadunidense, que acabou por causar alguns conflitos na relação diplomática dos países. Não existem notícias no NYT sobre tais conflitos.

antigo (Levinson e Onís, 1970: 30), o que também explica a leve surpresa que os jornais estadunidenses tinham ao ver um governo do Sul, reconhecido pelo seu país como um aliado, brigando com os EUA em temas econômicos.

O assunto da assinatura do novo pacto do café foi tema de onze das quinze notícias do ano sobre *commodities*, estas que se acumularam nos dois primeiros meses do ano, culminando com a aceitação do Brasil em “ceder” um pouco no acordo. O editorial do NYT tratou o acordo como uma vitória para os EUA, por ter garantido seu acesso à *commodity*, mesmo que isso só tenha sido possível graças a Johnson ter cedido também em sua posição intransigente. O jornal também alertava a administração estadunidense para ter cuidado, que “a boa-fé da América já está sendo questionada nos países mais pobres” (artigo não assinado, 26/02/1968: 36). O caso teve uma importância muito baixa para a mídia brasileira, possivelmente já por uma censura do regime, uma autocensura dos jornais nacionais ou um genuíno desinteresse da cobertura econômica nacional pelo tema.

É visível o fator noticiável destes acontecimentos, já que mostravam que outro dos pontos da *Alliance* idealizada por Kennedy se perdia, com os conflitos sobre *commodities*. Kennedy havia utilizado da regulação e do controle de preços das *commodities* como uma das bases de suas condições para garantir as “ajudas” e investimentos para toda a América Latina, como delimitou seu Secretário do Tesouro, Douglas Dillon, na conferência realizada em Punta del Este, que apresentou ao continente latino-americano a carta da *Alliance* (Dunne, 2013).

O restante das notícias de 1968 trataram de: créditos internacionais oferecidos por bancos (em sua maioria estadunidenses), “ajudas”, algumas novidades empresariais, acordos comerciais notáveis – incluindo um entre o Brasil e a URSS (artigo não assinado, 10/04/1968: 29) – e cinco pequenas notas sobre as desvalorizações do cruzeiro – parte das ações de Delfim Netto para o controle da inflação de maneira gradual e sem medidas muito notáveis em curtos períodos, para não chamar a atenção da imprensa e da população brasileira. O NYT não dedicou muito do seu espaço para avaliar estas medidas, que não ganharam mais de 10 linhas (artigo não assinado, 19/11/1968: 73)¹⁷⁶. O “milagre”, por sua vez, nem sequer aparecera nas páginas do jornal de Nova Iorque em 1968.

¹⁷⁶ A bibliografia indicada serve como exemplo de como o NYT falava sobre tal desvalorização. As notas eram curtas e em sua grande maioria mantinham um formato, sendo também quase sempre replicadas da *Reuters*.

1969 – Diminuindo as “ajudas”, crescem os empréstimos

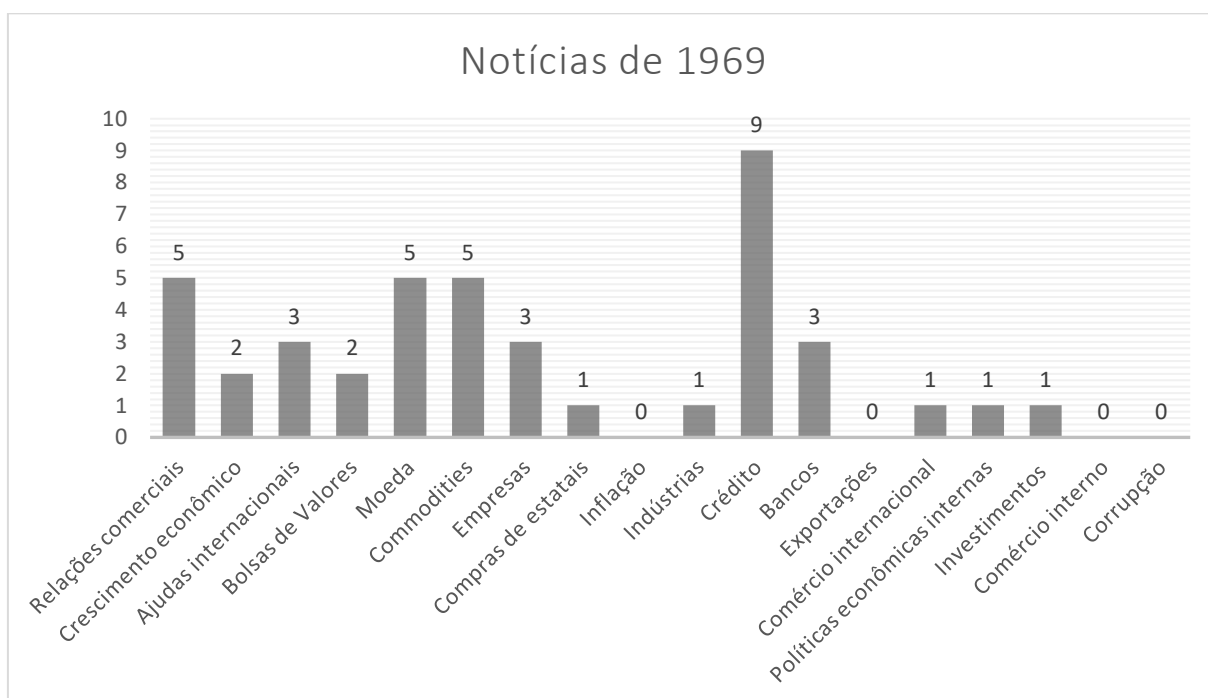


Gráfico 3: Notícias do NYT sobre economia, relacionadas com o Brasil, em 1969. Com um total de quarenta e duas notícias no ano, o destaque foi para as notas sobre ofertas de crédito e empréstimos ao país desde bancos estrangeiros. Elaboração própria.

Em 1969, o NYT seguia sem ver “milagres” e, sem “crise” do café, mudou seu foco para um ano mais “tradicional” de cobertura econômica no país. O maior destaque do ano foi a diminuição das notícias sobre “ajudas” estadunidenses, seguindo já padrão que era observável, mas com o adendo de um “substituto” que surgia, o aumento nos empréstimos oferecidos ao Brasil por bancos estrangeiros. Entre 1968 e 1969, o aumento de notas nesta temática foi de quase 100% (de cinco para nove notícias).

Os informes de empréstimos revelavam que por mais que o regime brasileiro começava a preocupar o governo dos EUA, por não estar sempre de acordo em assuntos econômicos, o plano inicial da *Alliance* se mantinha. A mudança de “ajudas” a empréstimos também sinalizava que o Brasil já não era visto como “tão pobre” aos olhos dos EUA. O jornal não questionava a manutenção do plano da *Alliance* quando informava sobre os créditos, mas recordava sempre o problema de repressão que o Brasil tinha, um problema que

não estava previsto nas “soluções iniciais” de Kennedy e aparecia neste momento em segundo plano na diplomacia do governo estadunidense com o Brasil (Levinson e Onís, 1970: 35)¹⁷⁷.

A expectativa da seção mais “liberal” do partido democrata sobre a importância dos valores democráticos e dos direitos humanos era compartilhada pelo jornal de Nova Iorque. Quando o NYT noticiou a visita de Robert Kennedy ao Brasil, ao tentar mostrar o lado dos “progressistas” de seu país como uma saída à crise brasileira, o jornal acabou por oferecer uma imagem que pareceu profundamente “direitista” no Brasil, com Bobby Kennedy recebido pelas “esquerdas” exatamente como Richard Nixon viria a ser tratado¹⁷⁸. O Brasil fora até este momento o voto que sempre acompanhava os EUA nas reuniões da OEA, especialmente em políticas de “contenção” de Cuba e do Chile de Salvador Allende. Percebe-se tal fator nas notícias do NYT, que ilustravam como o governo dos EUA não se preocupava tanto com as denúncias de violações de direitos humanos no Brasil, enquanto seguissem gozando de tal apoio (Dunne, 2013). A pressão econômica que o Brasil eventualmente oferecia aos EUA em algumas questões do mercado de *commodities* pode indicar a possível consciência do regime brasileiro da importância de seu apoio político aos interesses do Norte, sendo os “conflitos” econômicos uma tentativa de aproveitar-se desta situação.

As notícias sobre créditos também indicavam que o Brasil buscava incentivar o desenvolvimento, em especial na sua “nova fronteira” na Amazônia (Novitski, 01/07/1969: 6). Além disso, o jornal de Nova Iorque publicou algumas novidades empresariais e as usuais notícias sobre a desvalorização do cruzeiro, novamente cinco em 1969. Neste momento, ocorria no Brasil um *crash* de 50 pontos (6%) na Bolsa de Valores do Rio de Janeiro. O NYT publicou somente uma pequena nota sobre o acontecimento, em 3 de setembro (artigo não assinado, 03/09/1969: 61), dois dias após o anúncio que informava que o regime brasileiro facilitaria o crédito nas Bolsas de Valores do país (artigo não assinado, 01/09/1969: 26). Ao falar do *crash*, os estadunidenses afirmavam que os *brokers* brasileiros e os militares não estavam alarmados, já que se tratava de um “ajuste natural” (artigo não assinado, 03/09/1969: 61). Como referência bibliográfica sobre tal temática, o trabalho da jornalista Marta Barcellos

¹⁷⁷ É notável que, entre os dez pontos da *Alliance*, destacados pelo próprio Kennedy no lançamento desta política em 1961, a manutenção e/ou promoção da democracia e o respeito aos direitos humanos não aparecem. Não se pode esquecer, que até o momento, os dois únicos países que já estavam sob uma ditadura militar no continente eram a Guatemala e o Paraguai. Não se considera aqui Cuba, já que não fazia parte dos “convidados” de Kennedy.

¹⁷⁸ Se acompanharmos o conjunto de notícias do próprio NYT e o tom assumido pelo regime e pelas oposições no Brasil, percebe-se que aos olhos dos oprimidos do país, Robert Kennedy tampouco figurava entre um que poderia salvá-los. As notícias mostram estes “visitantes” quase como uma caricatura de “gringos” fora do lugar no Brasil. Os únicos representantes estadunidenses que romperam tal imagem ao visitar o país durante o regime foram o casal Jimmy e Rosalynn Carter. Como exemplos entre as notícias: (artigo não assinado, 29/11/1965: 44), (artigo não assinado, 23/11/1965: 18), (Montgomery, 14/05/1967: 28), (Smith, 31/03/1978: 15).

se destaca. A autora defende em sua obra que não existiu um *crash* no Brasil, pelo menos não um semelhante ao famoso *crash* de 1929 nos EUA. Na realidade, nesta época começava um período de quedas que se estendeu até 1973. Os motivos eram incentivos equivocados do governo e a ilusão criada por falsas narrativas de desenvolvimento (Barcellos, 2018).

1970 – Voltam as *commodities*, se mantêm os empréstimos e surge o *boom*¹⁷⁹, não o “milagre”

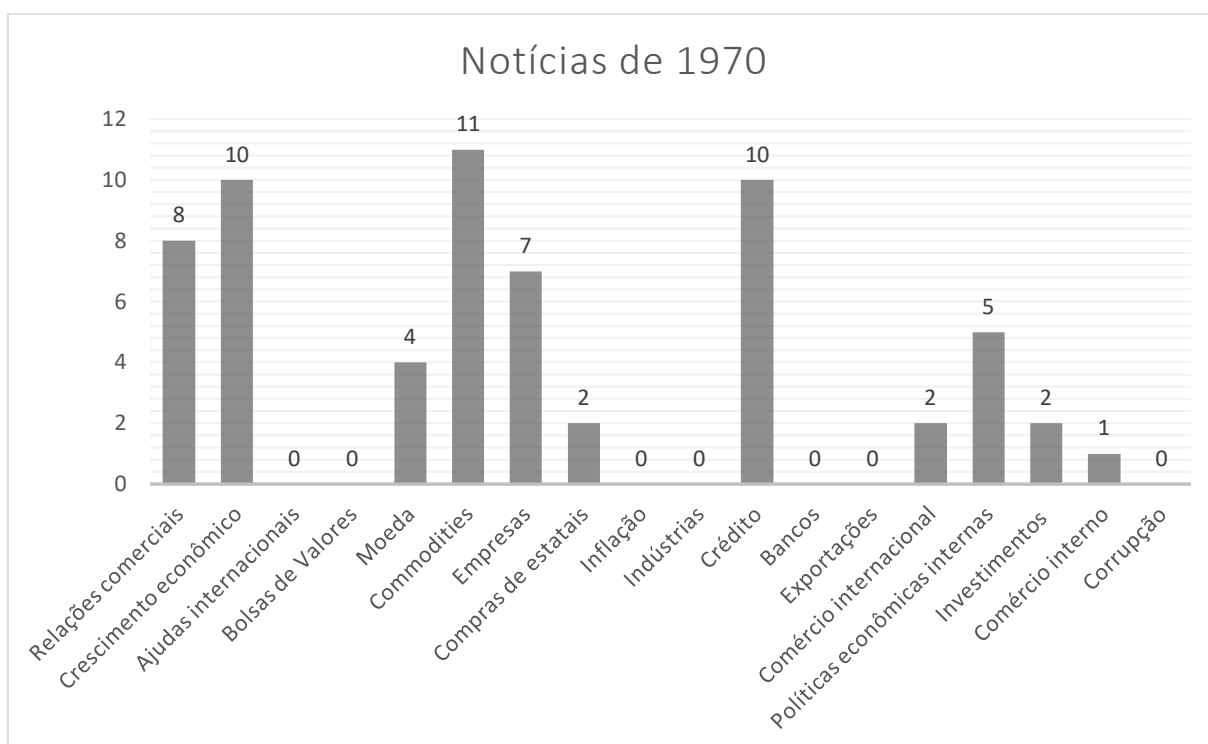


Gráfico 4: Notícias do NYT sobre economia, relacionadas com o Brasil, em 1970. Com um total de sessenta e duas notícias no ano, ressurgem as notas sobre *commodities* e surgem as menções sobre um *boom* brasileiro, já o relacionando com os paradoxos nacionais. Elaboração própria.

1970 começa com um Brasil mais “ativo”, como mostram as notícias das tentativas brasileiras em participar da exploração petrolífera na Bolívia (artigo não assinado, 25/01/1970: 5) e as novas “artérias” que abriam caminho para as terras a explorar na Amazônia e no interior brasileiro (Tice Johnston, 08/03/1970: XX48). Nas matas amazônicas, o regime oferecia conteúdo para notícias “positivas” no NYT, mas os abusos aos povos

¹⁷⁹ Este termo era de uso comum do NYT para descrever crescimentos econômicos agudos e/ou desenvolvimento rápido de alguma região, por isso foi natural sua aplicação no caso brasileiro neste momento do “milagre”. Contudo, é notável que o jornal optou por não reforçar ou sequer mencionar o termo escolhido pelo regime até este momento.

indígenas da região em nome do “progresso” também foram percebidos pelo jornal, resultando em coberturas “negativas”, que mais uma vez acompanhavam a ditadura brasileira em sua imagem em Nova Iorque (Novitski, 28/07/1970: 14)¹⁸⁰. A totalidade destes abusos da ditadura militar contra os povos indígenas somente foi recuperada na história brasileira com a Comissão Nacional da Verdade (CNV), com informe final emitido em dezembro de 2014¹⁸¹.

O aumento de notícias sobre o crescimento econômico do país se deu majoritariamente por notas sobre investimento e construção de infraestrutura pelo regime. No dia 3 de agosto de 1970, aparece pela primeira vez o *boom* brasileiro nas páginas do NYT, eclipsando os “profetas do apocalipse”, como descreveu Novitski. A notícia, todavia, somente mencionava os êxitos fiscais de Delfim Netto para fortalecer as Bolsas de Valores e informava sobre a tentativa do ministro em apresentar até o final do ano um “crescimento do PIB em 9%, além de um excedente na balança comercial de 330 milhões de dólares” (Novitski, 03/08/1970: 47).

Além do *boom* reportado, o resto do ano repetiu o padrão já conhecido, com dez notícias sobre empréstimos, um aumento nas coberturas sobre empresas e a recuperação de um alto número de artigos e notas sobre *commodities*, em especial por causa de um pequeno conflito referente à tentativa brasileira de manter cotas de venda de grãos de café, o que desagradava mais uma vez os EUA (artigo não assinado, 01/09/1970: 47).

¹⁸⁰ O primeiro artigo sobre o desalojamento dos povos indígenas ainda não denuncia nenhuma ação de violência direta contra eles, mas com a evolução da cobertura do NYT, se nota o aumento dos abusos por parte do regime aparecendo na cobertura do jornal.

¹⁸¹ Ver “Texto 5, Violações de Direitos Humanos dos Povos Indígenas”.

1971 – Bolha no Brasil, silêncio no NYT

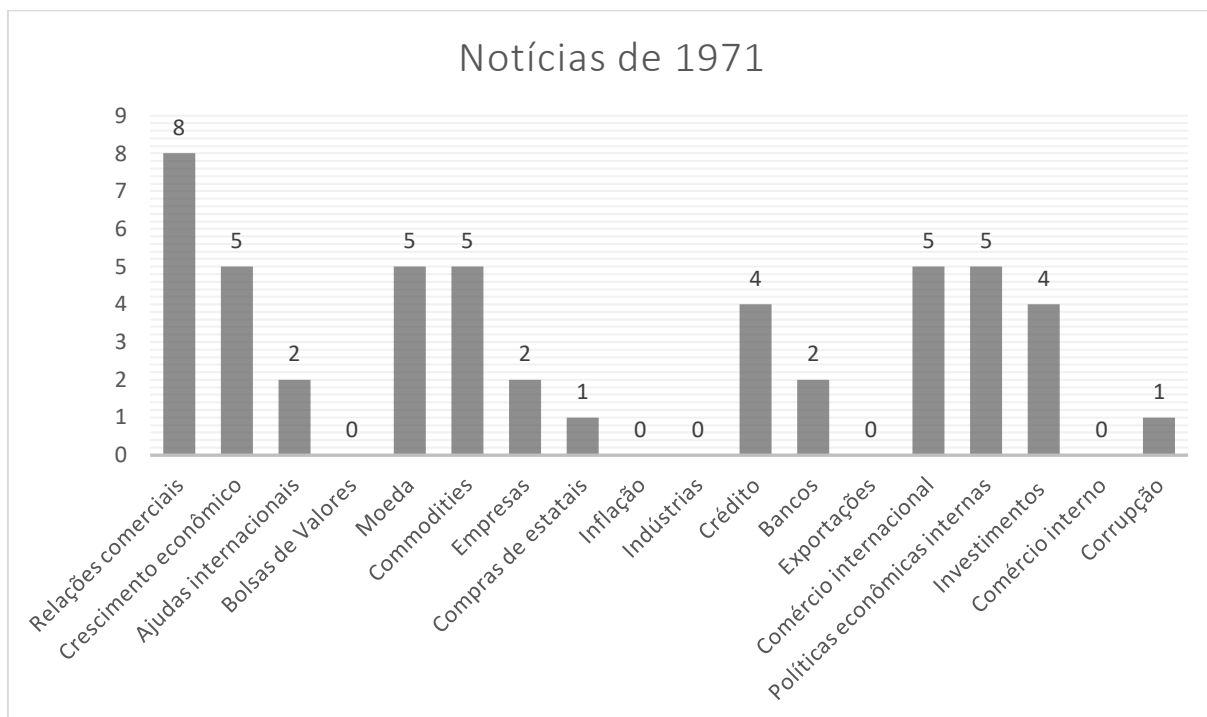


Gráfico 5: Notícias no NYT sobre economia, relacionadas com o Brasil, em 1971. Com um total de quarenta e nove notícias, um ano sem excepcionalidades reportadas pelo jornal de Nova Iorque, mesmo tratando-se de um ano importante para o “milagre”. Elaboração própria.

Nem *boom*, nem “milagre”. Em 1971 o NYT publicou quatro notícias sobre empréstimos ao Brasil, cinco notas sobre a desvalorização do cruzeiro e um aumento nas coberturas sobre os acordos comerciais brasileiros, em especial sobre um acordo de pesca em mares brasileiros para navios estadunidenses (Naughton, 10/12/1971: 2). A projeção da economia brasileira foi tímida na cobertura do jornal de Nova Iorque neste ano.

Entretanto, no Brasil, a bolha de crédito que estaria acompanhando a crise nas Bolsas de Valores do país crescia (Barcellos, 2018), em termos relativos chegando a provocar a segunda maior quebra na economia brasileira até o momento, somente após a crise econômica instaurada na ruptura que transformou o Brasil de uma monarquia para uma república. A crise de 1971, em conjunto com a crise internacional do petróleo, pode ser considerada como o princípio do fim do “milagre”. No NYT houve silêncio sobre estes acontecimentos.

1972 – O “milagre” aparece como café, açúcar e sapatos

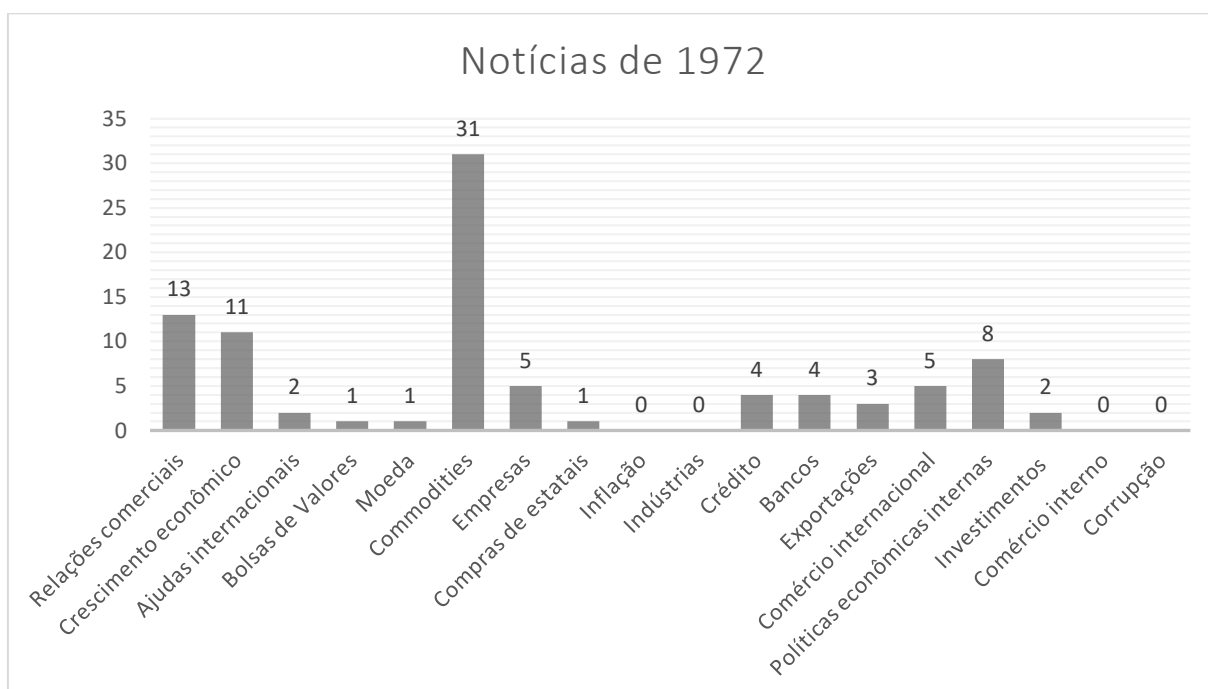


Gráfico 6: Notícias do NYT sobre economia, relacionadas com o Brasil, em 1972. Em um ano atípico com noventa e uma notícias, a primeira referência ao “milagre” do regime brasileiro aparece, mas passa com menos destaque que os pactos de comércio de café, açúcar e sapatos, destacados no jornal de Nova Iorque.

No ano posterior à crise que teria determinado o fim do “milagre” de Médici, o NYT finalmente incorporou o termo do regime em sua cobertura econômica no país. Em um artigo de 30 de julho de 1971, a linha fina anuncia que o regime prometia um “milagre econômico” que deixaria os “milagres” japonês e alemão como coadjuvantes (Maidenberg, 30/07/1972: F15). Maidenberg reportou neste artigo todos os objetivos grandiosos dos generais brasileiros, com um tom incrédulo ao relatar suas ambições.

Neste cenário, o jornal de Nova Iorque optou por destacar outras ações da ditadura que julgou mais importantes para a economia do país e do mundo, entre estas, os acordos de venda de açúcar brasileiro à URSS e à China. Percebe-se mais uma vez a surpresa estadunidense com esta decisão brasileira (artigo não assinado, 16/12/1972: 42). O Brasil também passou a figurar nas notícias que tratavam da crise internacional do petróleo.

Alguma importância foi oferecida à crescente indústria de sapatos brasileira, que já tentava ganhar mercado até nos EUA, causando leves conflitos com os estadunidenses (Maidenberg, 01/04/1972: 32). Não obstante, uma pequena confusão relacionada ao café também foi noticiada no ano. A diferença entre o grande número de notícias relacionadas a

commodities (31) e a notícia que mencionava as tentativas “milagrosas” do regime acabou por mostrar que a mensagem dos generais não repercutia no NYT.

O interesse do jornal de Nova Iorque pelas *commodities* não mudava tanto quanto desejava a ditadura brasileira, que neste momento preferia demonstrar a seus aliados do Norte que tinham ultrapassado a meta da *Alliance*, no que se refere à economia (Levinson e Onís, 1970: 35). Notícias na imprensa internacional que oferecessem reconhecimento dos êxitos econômicos do regime, falando da industrialização e modernização do país, em especial em um jornal da magnitude do NYT, serviria aos generais como uma importante ferramenta de propaganda para a manutenção de seu poder. Entretanto, o regime não conseguiu que as denúncias sobre sua violência estatal fossem esquecidas ou preteridas pelo seu “milagre”, oferecido como narrativa principal pelos próprios generais brasileiros. Assim como podemos ver nas notícias do NYT, os EUA ainda viam problemas no simples comércio de café e açúcar com o Brasil, o que de alguma maneira sinalizada que a opinião pública e governamental do país não caminhava para ver o seu aliado do Sul como um verdadeiro novo país desenvolvido e industrial, como desejava a ditadura militar. Os generais brasileiros pareciam não compreender por que os jornais estrangeiros não ofereceriam uma cobertura tão favorável ao seu plano do “milagre” sem fazer contrapontos.

1973 – O paradoxo brasileiro

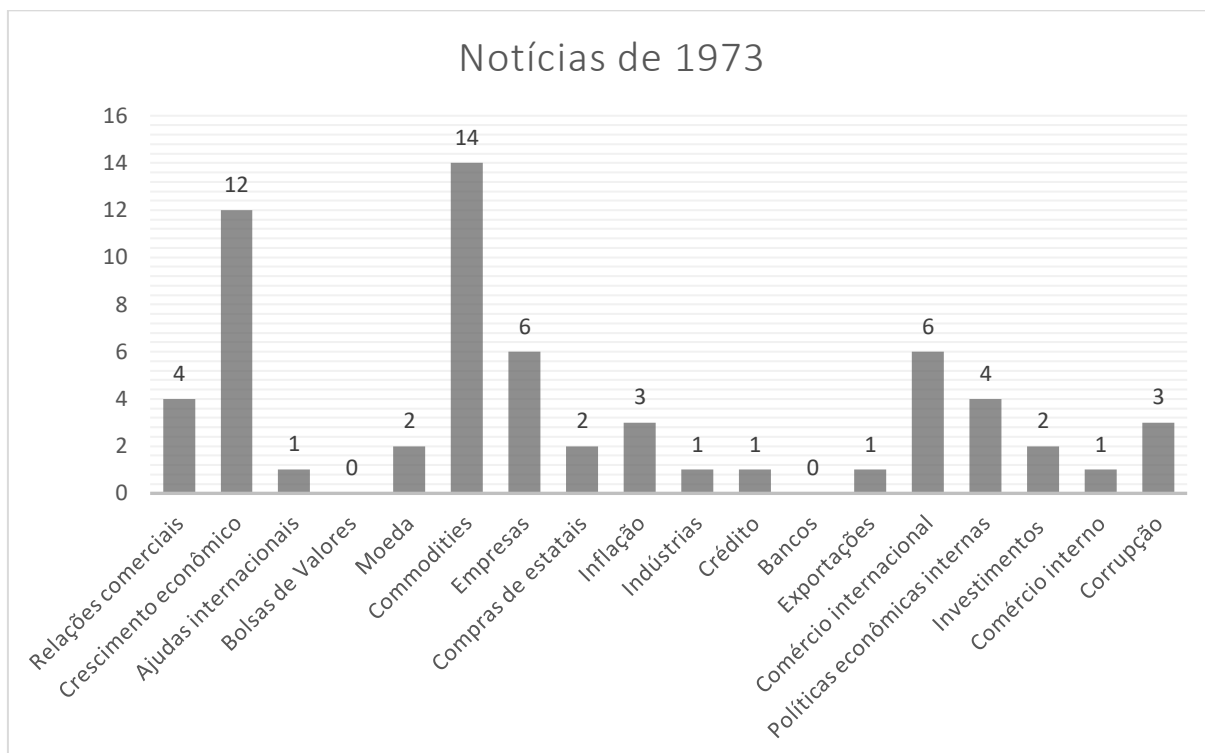


Gráfico 7: Notícias do NYT sobre economia, relacionadas com o Brasil, em 1973. Com um total de sessenta e três notícias no ano, grandes obras de infraestrutura ganharam espaço nas páginas novaiorquinas, mas as *commodities* continuam como temário principal.

Brazil, riding the crest of remarkable economic development, continues to be a country of paradox. The more it advances economically the more its military rulers feel compelled to resort to repression and censorship. As a recent dispatch to The Times has pointed out, Government pressures have been steadily increasing against newspapers that stoutly refuse to impose self-censorship on the basis of official guidelines. (...) Brazil's economic performance continues impressive. The gross national product reached \$50 billion for 1972 on a 10.4 per cent growth rate. Inflation was cut to 15 per cent, astronomical for some countries but Brazil's lowest rate in fourteen years (artigo não assinado, 21/02/1973: 42).

Com este editorial o NYT deixa claro seu posicionamento na cobertura econômica do regime militar brasileiro e seu “milagre”. O jornal oficialmente classifica o país como um paradoxo, onde se pode ter crescimento econômico com níveis de liberdades democráticas sendo reduzidos cada vez mais, quase uma definição idêntica à do ornitorrinco (Oliveira, 2003). Neste último ano de “milagre”, o jornal ofereceu um pouco de espaço ao grande projeto realizado em conjunto pelo Brasil e o Paraguai, para a construção da usina hidrelétrica

de Itaipu (artigo não assinado, 27/04/1973: 47), que viria a ser a maior usina deste tipo do planeta até 2003, quando a China inaugurou a sua usina das Três Gargantas.

Uma discreta notícia em janeiro também reportou outro grande projeto do regime que se planejava, a rodovia Transamazônica (artigo não assinado, 28/01/1973: 46), ainda em estados preliminares de planejamento neste momento. Entre a cobertura padrão sobre as *commodities* brasileiras, o NYT ainda encontrou espaço para criticar um caso de excesso de gastos nas “eleições” do regime militar. Mesmo sem retirar completamente o valor dos pleitos, como parte da oposição à ditadura dentro do país fazia, o jornal lembrava que as eleições na prática não tinham a autoridade para tirar os generais do poder, o que os levava a redigir “*elections*”, sempre entre aspas (artigo não assinado, 02/12/1973: 108).

Conclusões

Quando avaliamos a cobertura econômica do NYT no período do “milagre econômico” do regime militar brasileiro, é possível concluir que a mídia internacional acabou ocupando uma espécie de ponto médio entre os posicionamentos da imprensa tradicional brasileira e os jornais alternativos anti-regime, analisados no estudo de Kucinski (Kucinski, 2018). São usuais interpretações de que a cobertura do jornal de Nova Iorque oferecia legitimação ao regime aos generais brasileiros, em concordância com a maioria dos presidentes estadunidenses que ocuparam o cargo durante a ditadura. Contudo, um olhar mais profundo nos permite observar que limitar a cobertura e o impacto do NYT a algumas análises políticas que reproduziam a versão oficial do governo militar brasileiro é uma interpretação precipitada do posicionamento de um importante jornal e formador de opinião nos EUA.

Na temática econômica, interpretações reducionistas também se equivocam, já que, mesmo que o jornal não tivesse deixado de noticiar as ações “positivas” do regime, ou ao menos reconhecíveis como válidas, não o fez de maneira acrítica, muito menos complacente. Posteriormente ao período estudado neste capítulo, houve mais notícias sobre a Transamazônica e menções ao “milagre” dos generais, sempre apontando o outro lado da moeda da ditadura, que se mantinha opressiva e antidemocrática, atacando os direitos humanos dos brasileiros. Para o jornal de Nova Iorque, o “milagre” nunca foi mais que um discurso do regime, já que os jornalistas rechaçavam a premissa de se criar desenvolvimento econômico sem desenvolvimento social. Para o NYT, o capitalismo ornitorrinco (Oliveira, 2003) merecia mais críticas que elogios.

O trabalho dos correspondentes do NYT no Brasil claramente oferecia uma visão mais completa e fundamentada do que ocorria no país, quando em comparação com as pequenas notas de agências de notícias. Dentro de sua função designada, os jornalistas estadunidenses tentavam explicar o paradoxo brasileiro com uma visão estrangeira. A maneira como foram feitos os enfoques na cobertura econômica do jornal certamente buscaram relatar mais assuntos de interesse dos EUA e de seu setor privado, mas também refletiam a capacidade real do “milagre” brasileiro, que nas páginas do NYT mostrou crescimento econômico, porém não com a grandeza defendida pelos generais e tampouco de uma maneira inovadora, industrial e “que deixaria o Japão e a Alemanha como coadjuvantes”. A cobertura do NYT também comprova como o modelo simplista da *Alliance* de Kennedy falhou, modelo que segundo Levinson e Onís: “(...) viewed the solution of this problem as a simple struggle between the forces of Good (democratic left) and evil (Castro and communism). In fact, the moral and political options were and are a great deal more complex.” (Levinson e Onís, 1970: 309).

O Brasil demonstrou ser o “erro de visão de Kennedy” (Levinson e Onís, 1970: 309), já que pôde crescer economicamente sendo quase uma tragédia dos direitos humanos, aspecto que a cobertura do jornal de Nova Iorque confirma. Ao observar tal cobertura e especialmente o trabalho dos correspondentes, se vê como o jornal se preocupava em destacar sempre a questão democrática, que aparece na ideia geral de Kennedy para a *Alliance*, mas que foi rapidamente perdida pelos posteriores governos estadunidenses. Se a *Alliance* tinha também entre seus principais objetivos frear os movimentos de esquerda vinculados ao comunismo e à influência de Castro, tampouco obteve êxito no caso brasileiro (Dunne, 2013), onde justamente devido à repressão do regime militar, se observou o espectro político das esquerdas caminharem mais para alas revolucionárias que para as alas da “esquerda democrática”, que representava a solução viável para Kennedy. Hoje sabe-se também que o martirizado democrata tampouco foi contrário à ideia da intervenção militar no Brasil *a priori*, embora sim preferisse um golpe mais “institucional” no país para afastar João Goulart.

Os editoriais do jornal estadunidense somente passaram a voltar a ter uma visão positiva do papel dos EUA na situação brasileira durante o governo Jimmy Carter, que tentou um modelo de intervenção moral baseando-se na defesa dos direitos humanos (Smith 31/03/1978: 15). Tal modelo foi tachado como ineficiente, o que foi fator contribuinte para que Carter não fosse reeleito, abrindo caminho para a ascensão de Ronald Reagan. Contudo, sua ação no Brasil na realidade deixou êxitos, que foram levemente ignorados devido à

derrota pesada que sofreu na crise de reféns em Teerã. As vitórias de Carter nos direitos humanos deixaram suas marcas no Brasil, porém economicamente a relação entre os países se fragilizou ainda mais devido a este “desencontro” entre os aliados.

O “milagre” de Médici, Geisel e Delfim Netto conseguiu, através do manejo do crédito e do bom uso de algumas vantagens no mercado de *commodities*, com uma inteligência política no controle da inflação de acordo com o “aquecimento” do mercado, oferecer um período de desenvolvimento ao Brasil (Maidenberg, 26/01/1975: 216). Contudo, seus planos mais avançados, presentes na propaganda do regime e nos discursos de apoio à ditadura militar brasileira nunca saíram do papel. O “milagre” acabou em uma grande crise econômica no país, que somente se viria a recuperar-se já na década de 1990, anos após a redemocratização.

Referências

Livros e periódicos acadêmicos:

ARNS, Dom Paulo Evaristo (Introdução). **Brasil: Nunca Mais**. Petrópolis: Vozes de Bolso, 2011.

BARCELLOS, Marta. **Histórias do Mercado de Capitais no Brasil**: Depoimentos inéditos de personalidades que marcaram a trajetória das bolsas de valores no país. Rio de Janeiro: Alta Books Editora, 2018.

BUARQUE DE HOLLANDA, Sérgio. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

DUNNE, Michael. “**Kennedy’s Alliance for Progress**: countering revolution in Latin America: Part I: From the White House to the Charter of Punta del Este”. *International Affairs*, vol. 89, nº 6, Londres, em Novembro de 2013, pp. 1389-1409.

FERNANDES, Florestan. **A Revolução Burguesa no Brasil**: Ensaio de interpretação sociológica. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2006.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. São Paulo: Global Editora, 2006.

_____. **Sobrados e Mucambos**. São Paulo: Global Editora, 2013.

_____. **Ordem e Progresso**. São Paulo: Global Editora, 2004.

GASPARI, Elio. **A Ditadura Escancarada**, vol. 2 da Coleção Box Ditadura. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e Revolucionários**. São Paulo: Edusp, 2018.

KUSHNER, Beatriz. **Cães de Guarda**: Jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988. São Paulo: Boitempo, 2004.

LEVINSON, Jerome e ONÍS, Juan de. **The Alliance That Lost Its Way**. Chicago: Quadrangle Books, 1970

OLIVEIRA, Francisco de. **Crítica à Razão Dualista – O Ornitorrinco**. São Paulo: Boitempo, 2003.

RABE, Stephen G. **The Most Dangerous Area in the World: John F. Kennedy Confronts Communist Revolution in Latin America**. Londres: Chapel Hill, 1999.

SOUZA, Jessé. **“Gilberto Freyre e a singularidade cultural brasileira”**. Tempo Social, 12(1), São Paulo, no 1/ Maio de 2000, pp. 69-100.

_____. **A Elite do Atraso**, da Escravidão ao Bolsonaro. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.

Artigos em periódicos:

Artigo não assinado. “3 Seized by Brazil Police In Alleged Plot on Kennedy”. New York Times, no 23/ Novembro de 1965, p. 18.

Artigo não assinado. “Robert Kennedy Hunts in Brazil”. New York Times, no 29/ Novembro de 1965, p. 44.

Artigo não assinado. “Accord on Coffee – At Last”. New York Times, no 26/ Fevereiro de 1968, p. 36.

Artigo não assinado. “Brazil and Soviet Announce Signing of Trade Agreement”. New York Times, no 10/ Abril de 1968, p. 29.

Artigo não assinado. “Brazil Devalues Cruzeiro”. New York Times, no 19/ Novembro de 1968, p. 73.

Artigo não assinado. “Stocks in Rio Already Galloping As Brazil Loosens Credit Reins”. New York Times, no 1/ Setembro de 1969. p. 26.

Artigo não assinado. “Rio Stocks Plunge; Brokers are Calm”. New York Times, no 3/ Setembro de 1969. p. 61.

Artigo não assinado. “Brazil Reported Bidding For Bolivian Petroleum”. New York Times, no 25/ Janeiro de 1970. p. 5.

Artigo não assinado. “Impasse on Coffee Export Ends; Quota Is Set at 54 Million Bags”. New York Times, no 1/ Setembro de 1970. p. 47.

Artigo não assinado. "Soviet and China Buy Brazil Sugar". New York Times, no 16/ Dezembro de 1972. p. 42.

Artigo não assinado. "Brazil Plans Major Road". New York Times, no 28/ Janeiro de 1973. p. 46.

Artigo não assinado. "Paradox in Brazil". New York Times, no 21/ Fevereiro de 1973. p. 42.

Artigo não assinado. "Brazil and Paraguay Sign Pact to Build Huge Power Plant". New York Times, no 27/ Abril de 1973. p. 47.

Artigo não assinado. "'Election' in Brazil to Cost \$1-Million". New York Times, no 2/ Dezembro de 1973. p. 108.

Artigo não assinado. "Brazil's New Chance". New York Times, no 23/ Março de 1974. p. 30.

Artigo não assinado. "Wrong Turn in Brazil". New York Times, no 18/ Abril de 1977. p. 29.

HOVEY, Graham. "Brazil: Cost of Growth". New York Times, no 9/ Julho de 1974, p. 37.

MAIDENBERG, H. J. "Brazil Gaining in Shoe Exports". New York Times, no 1/ Abril de 1972. p. 32.

_____. "Brazil Plans Trading Companies". New York Times, no 30/ Julho de 1972, p. F15.

_____. "The Giant's Shadow Lengthens". New York Times, no 28/ Janeiro de 1973, p. 181.

_____. "Utilizing Inflation In Latin America". New York Times, no 26/ Janeiro de 1975, p. 216.

MONTGOMERY, Paul L. "Nixon and Rio's Slumdwellers Discuss Their Economic Needs". New York Times, no 14/ Maio de 1967, p. 28.

_____. "Coffee: Brazil vs. United States". New York Times, no 7/ Janeiro de 1968, p. E6.

NAUGHTON, James M. "U.S. Hopeful on Fishing Pact With Brazil". New York Times, no 10/12/1971, p. 2.

NOVITSKI, Joseph. "Boom, Bust and Now Boom Again in Amazon Town". New York Times, no 1/ Julho de 1969, p. 6.

_____. "Kidnapped Envoy is Freed Unhurt in Rio de Janeiro". New York Times, no 8/ Setembro de 1969, p. 1.

_____. "Ex-Student Dies After Rio Arrest". New York Times, no 3/ Dezembro de 1969, p. 9.

_____. “For Indians of Brazil’s Interior, the Choice Is the Past or the Future”.
New York Times, no 28/ Julho de 1970, p. 14.

_____. “In Brazil, a Boom Overshadows Prophets of Doom”. New York Times,
no 3/ Agosto de 1970, p. 47.

_____. “Medici Stresses Prosperity and Hard Rule”. New York Times, no 8/
Janeiro de 1971, p. 2.

SMITH, Terence. “Carter’s Meetings With Brazilians Seem to Cut Tension Despite Rifts”.
New York Times, no 31/ Março de 1978, p. 15.

TICE JOHNSTON, Henry. “New Arteries Open Brazil’s Heartland”. New York Times, no 8/
Março de 1970, p. XX48.

ALER no Brasil: Comunicação pelo *Buen Vivir* e “pessoalização” da Amazônia

Vivian de Oliveira Neves Fernandes¹⁸²

Introdução

A Associação Latino-Americana de Educação e Comunicação Popular (ALER) conta com 50 anos de trajetória na articulação de rádios populares na América Latina. Trata-se de uma experiência importante de ser conhecida e analisada para se compreender e valorizar a construção e a emancipação dos povos por meio da comunicação. Com presença significativa e constante em diversos países latino-americanos, com mais de 100 associadas e alcançando mais de 500 rádios pela região atualmente, no Brasil essa história é intermitente, com dificuldades e repleta de desafios.

Ainda assim, um processo que se destaca é o da Rede de Notícias da Amazônia (RNA), criada em 2007 por emissoras de rádio brasileiras, e sua relação com a Rede Pan-Amazônica de Comunicação da ALER, que iniciou em 2006 e passou a assumir tal nome em 2009. Pautada pelo fortalecimento dos valores, identidades e culturas da região Pan-Amazônica, de seus povos, projetos e do meio ambiente, bem como “o exercício dos direitos humanos e o *buen vivir*”¹⁸³, a Rede Pan-Amazônica de Comunicação da ALER reúne rádios e projetos de seis países – além do Brasil, Colômbia, Equador, Bolívia, Peru e Venezuela. A partir de 2014, o principal espaço dessa relação, passou a ser na construção do informativo radiofônico *Voces de la Panamazonía*. Desde o início de construção da Rede Pan-Amazônica, bem como do informativo radiofônico parte dela, a participação do Brasil foi constante e ativa com Edilberto Francisco Moura Sena, padre católico na cidade de Santarém, no Pará, e que é considerado atualmente o comunicador mais antigo a construir e se manter ativo no *Voces de la Panamazonía* (RAMÍREZ HUAMÁN, 2020).

O período em que se desenvolve essa experiência é o que na história da ALER pode ser classificado o de aposta pelo *Buen Vivir* como horizonte de construção de uma nova sociedade. Em síntese, o *Buen Vivir* é um conceito e uma prática de origem andina e significa uma relação harmônica entre seres humanos e meio ambiente, considerando a natureza como um sujeito de direitos; e que aponta para um novo modelo de desenvolvimento que supere o

¹⁸² Jornalista, mestra e doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP. E-mail: vivianfernandes86@gmail.com.

¹⁸³ Apresentação da Rede Pan-Amazônica no site da ALER. Disponível em: <https://aler.org/redpanamazonica/proyecto>. Acesso em: 17 de fevereiro de 2020. Tradução livre. No original em espanhol: “*construcción democrática, el ejercicio de los derechos humanos y el buen vivir*”.

capitalismo e seus modos de exploração e submissão dos povos e dos bens da natureza a interesses econômicos das elites.

Nesse cenário, e parte de uma pesquisa mais aprofundada e que resultou na tese de doutorado intitulada “*A experiência da ALER no Brasil: Buen Vivir e jornalismo na articulação em rede de rádios populares latino-americanas*”, este capítulo aborda a trajetória da Rede Pan-Amazônica da ALER e a participação do Brasil no programa *Voces de la Panamazonía* nos anos de 2019 e 2020. Como um dos achados da investigação está a perspectiva da comunicação para o *Buen Vivir* por meio do caminho possível de “pessoalização” da Amazônia na narrativa jornalística. Como metodologia, emprega-se pesquisa bibliográfica, se aplicam entrevistas (MEDINA, 2008), e análise de conteúdo (HERSCOVITZ, 2008).

Fases históricas da ALER e a atual aposta pelo *Buen Vivir*

Criada em 1972 como uma rede de articulação entre rádios educativas e populares da América Latina, a Associação Latino-Americana de Educação e Comunicação Popular (ALER)¹⁸⁴ tem como missão “educar e comunicar paixão pela vida e compromisso com a felicidade dos povos latino-americanos”¹⁸⁵. Ao longo de 50 anos, a ALER tem demonstrado um desenvolvimento constante de sua articulação e de atualização e vigência de seu projeto, construindo trabalhos jornalísticos e de capacitação com emissoras radiofônicas e pautando a necessidade de um projeto político-comunicacional na sociedade.

Nessas cinco décadas, que se completam em 2022, a trajetória histórica da ALER pode ser dividida em cinco fases. A primeira, de 1972 a 1982, teve como centro a alfabetização por meio do rádio e se deu a partir da reunião de emissoras católicas de caráter educativo que tinham como objetivo atuar junto a comunidades camponesas e indígenas em processos de ensino com jovens e adultos.

Na segunda fase, de 1982-1992, o foco se voltou para a conceituação e caracterização do Rádio Popular para a transformação social, como um modelo participativo no qual “se

¹⁸⁴ Antes Associação Latino-Americana de Educação Radiofônica. Na Assembleia Geral de 2016, seu nome foi alterado para Associação Latino-Americana de Educação e Comunicação Popular, mantendo a mesma sigla, ALER.

¹⁸⁵ Missão da ALER registrada no seu site. Tradução livre. Disponível em: <https://www.aler.org/index.php/node/1>. Acesso em: 7 de maio de 2022. No original em espanhol: “*educar y comunicar pasión por la vida y compromiso con la felicidad de los pueblos latinoamericanos*”.

privilegiou a palavra dos mais humildes, dos excluídos, pensando sempre em sua organização social e política para a transformação das estruturas dos países”¹⁸⁶.

A terceira fase, de 1992 a 2001, ficou marcada pelo desenvolvimento de redes informativas no interior da Associação, como a Rede de Correspondentes (com eixo na produção jornalística geral) e a Rede Kichwa Satelital, construída pelos povos indígenas kichwas e quechuas¹⁸⁷; também se destacou nesse período o uso de novas tecnologias de satélite e internet.

Chegando à quarta fase, de 2001 a 2011, o ponto mais importante foi a teorização e a elaboração de Projetos Políticos Comunicativos na ALER e suas rádios afiliadas, bem como o estímulo à criação de redes nacionais, no sentido de avançar em debates sobre a produção de sentidos, a incidência e a sustentabilidade das emissoras de rádio e suas narrativas.

Já na quinta fase da ALER, de 2012 a 2020, se conformou a aposta pela construção do *Buen Vivir* como fio condutor de um projeto de sociedade e também para a comunicação. Para a Associação, o *Buen Vivir* é a base que fundamenta politicamente o projeto de atuação em rede com rádios populares da América Latina. Esse paradigma tomou corpo dentro da entidade motivado pela busca de “construção de alternativas que protejam e defendam todas as formas de vida” e “alternativas ao modelo civilizatório capitalista neoliberal que tem sido hegemônico, dominante e violento”¹⁸⁸ (ALER, 2016, p. 6, tradução livre).

O conceito andino de *Buen Vivir* ou *Vivir Bien* – em kichwa¹⁸⁹, *sumak kawsay*, e na língua aymara, *sumaj qamaña*, – se tornou mais difundido e ficou mais proeminente na sociedade e na academia latino-americanas a partir da aprovação das novas constituições do Equador, em 2008, e da Bolívia, em 2009. Ambos os países tornaram relevante essa concepção, mas sua origem é ancestral, vinda dos povos originários da região andina, da América Latina. Na tradução de *sumaj qamaña* e *sumak kawsay* para *Vivir Bien* e *Buen Vivir*, o sociólogo e docente boliviano Raúl Prada destaca:

O *sumak kawsay* não é, pois, somente um conceito quechua, mas define um modo de vida, perdido, buscado, latente, recuperável. A partir deste ponto de vista, o

¹⁸⁶ No eixo de “Nossa origem”, formulada pela ALER e que consta em sua página web. Tradução livre. Disponível em: <https://www.aler.org/index.php/node/1>. Acesso em: 15 de maio de 2022. No original em espanhol: “*se privilegió la palabra de los más humildes, de los excluidos, pensando siempre en su organización social y política para la transformación de las estructuras de los países*”.

¹⁸⁷ Os kichwas e os quechuas são nações que têm origem no Império Inca e estão presentes até hoje nos territórios andinos; os primeiros no Equador, os segundos no Peru e na Bolívia.

¹⁸⁸ No original em espanhol: “*Construcción de alternativas que protejan y defiendan todas las formas de vida*” e “*alternativas al modelo civilizatorio capitalista neoliberal que ha sido hegemónico, dominante y violento. Por eso aspiramos aportar al desafío del Buen Vivir*”.

¹⁸⁹ Kichwa é a forma de escrita mais comumente usada entre os indígenas do Equador; mas há também a grafia quíchua, usada em espanhol e em outros países, como o Peru, ou mesmo quechua, na Bolívia.

modo de vida se opõe ao modo de produção; a Mãe Terra não pode ser reduzida à condição de possibilidade da produção, não pode ser reduzida a meio de produção; a Mãe Terra é criação, recriação, reprodução da vida, na manifestação de seus múltiplos ciclos vitais. A vida não é produção, mas invenção, é acontecimento da energia “cósmica”. A relação com esta energia¹⁹⁰ (PRADA, 2013: s/n; In.: SCHAVELZON, 2015, p. 33, tradução livre).

Ao fazer a escolha pelo *Buen Vivir*, segundo o coordenador-geral da Associação, Hugo Ramírez¹⁹¹, a ALER se propôs a responder ao questionamento sobre o que significa o progresso e o desenvolvimento dentro do sistema capitalista e o quão devastador ele é para a sociedade: “Porque com esse refrão [capitalista], a pobreza continuava, as condições de desigualdade seguiam na América Latina e as crises que ocorriam tinham seu correlato com o modo de ver o mundo, esta visão de mundo mais ocidental”¹⁹². Assim, na ALER buscou-se resgatar o pensamento dos povos originários andinos, suas formas de ler e encarar a vida, como trazido pelo *Buen Vivir*, e dar alguns passos na construção de linhas de ação e prática que apontem nessa direção, sendo uma “aspiração, como uma coisa a se construir”, para outro mundo e outro modelo civilizatório.

Encaradas como um processo em construção, as práticas e a materialização do *Buen Vivir* pela ALER seguem no sentido de uma disputa discursiva e opção de uma leitura de mundo no interior da organização e com a sociedade. Como uma ideia geral, um conceito amplo, uma visão de mundo que orienta o sentido geral do pensamento e das ações, assim é entendido o *Buen Vivir* pela Associação, como afirma Ángel José “Pepe” Frutos, do Fórum Argentino de Rádios Comunitárias (FARCO) e um dos comunicadores que atuam na ALER¹⁹³.

O *Buen Vivir* é, institucionalmente, a visão da ALER, a aposta, a alternativa. Nesse sentido, eu vejo que também há diferenças, que às vezes conseguindo mais, ou outras vezes conseguindo menos, tratamos de sempre oferecer alternativas, oferecer esperança. Não é se tratando de trazer soluções nos programas

¹⁹⁰ No original em espanhol: “*El sumak kausay no es pues sólo un concepto quechua, sino define un modo de vida, perdido, buscado, latente, recuperable. Desde este punto de vista el modo de vida se opone al modo de producción; la Madre Tierra no puede ser reducida a condición de posibilidad de la producción, no puede ser reducida a medio de producción; la Madre Tierra es creación, recreación, reproducción de vida, en la manifestación de sus múltiples ciclos vitales. La vida no es producción sino invención, es acontecimiento de la energía “cósmica”. La relación con esta energía*”.

¹⁹¹ Hugo Anacleto Ramírez Huamán, comunicador popular peruano que, desde 2016, é coordenador-geral da ALER, com sede em Quito (Equador), concedeu uma entrevista a esta pesquisa em 13 de janeiro de 2020.

¹⁹² Tradução livre. No original em espanhol: “*Porque con este estribillo la pobreza continuaba, las condiciones de desigualdad en América Latina seguían siendo, y las crisis que se iban dando tenían su correlato con todo este modo de ver el mundo, esta visión de mundo más occidental*”.

¹⁹³ Ángel José “Pepe” Frutos, comunicador popular argentino e parte do Centro de Produção da FARCO, em Rosário (Argentina), concedeu uma entrevista a esta pesquisa em 26 de novembro de 2018.

[informativos] que fazemos, mas sim tratando que, em algum momento, isso [as alternativas] apareçam. Se estamos criticando o neoliberalismo, qual a saída. Se estamos criticando o extrativismo, se não é ele, o que é¹⁹⁴ (FRUTOS, informação verbal, tradução livre).

De acordo com Adalid Contreras Baspineiro, comunicólogo boliviano e professor da Universidade Andina Simón Bolívar, no Equador, um ponto importante que fundamenta a perspectiva comunicacional pelo *Buen Vivir* também passa por uma reconstrução de sentidos:

Para construir a sociedade do *Buen Vivir* necessitamos de uma comunicação que construa a cultura da convivência. Necessitamos potencializar a comunicação popular que trava batalhas pelos significados de um mundo justo, incluyente, promovendo as expressões dos povos que rompem seus silêncios, que se visibilizam a partir de suas próprias identidades, e irrompem com sua palavra interpeladora, impugnadora, contra-hegemônica e expressiva da construção de uma nova sociedade.¹⁹⁵

Incorporando o *Buen Vivir* nas suas dinâmicas comunicativas e formativas, a ALER vem realizando ao longo dos últimos anos diversos seminários e espaços de debates, também publicando livros, artigos e produções radiofônicas sobre essa concepção, e principalmente buscando tornar presente no dia a dia da produção de conteúdo dos seus programas informativos construídos pelas redes temáticas no interior da Associação, como busca-se compreender melhor nas seguintes seções.

Rede Pan-Amazônica da ALER e o informativo *Voces de la Panamazonía*

“Demonstremos ao mundo que é possível construir uma sociedade do *Buen Vivir*”¹⁹⁶ é a mensagem que encerra um dos vídeos de divulgação da Rede Pan-Amazônica de Comunicação da ALER. Pautada pelo fortalecimento da identidade, dos valores e da cultura da Região Pan-Amazônica, de seus povos, projetos e meio ambiente, essa rede tem como data

¹⁹⁴ No original em espanhol: “*El Buen Vivir es institucionalmente la mirada de ALER, la apuesta, la alternativa. Por ahí hay otra cosa, yo veo que también hay diferencias, es que a veces logrando lo más o logrando menos otras veces, tratamos de siempre ofrecer alternativas, ofrecer esperanza. No tratando de traer soluciones en los programas que hacemos, sino, tratando que en algún momento eso [las alternativas] aparezca. Si estamos criticando el neoliberalismo, que saldrá. Si estamos criticando el extractivismo, si no él, qué*”.

¹⁹⁵ Artigo *La comunicación y el paradigma del Vivir Bien/Buen Vivir*, publicado no portal América Latina en Movimiento (ALAI). Tradução livre. Disponível em: <https://www.alainet.org/es/articulo/178010>. Acesso em: 20 de maio de 2022. No original em espanhol: “*Para construir la sociedad del Vivir Bien/Buen Vivir necesitamos una comunicación que construya la cultura de la convivencia. Necesitamos potenciar la comunicación popular que desarrolla batallas por las significaciones de un mundo justo, incluyente, promoviendo las expresiones de los pueblos que rompen sus silencios, que se visibilizan desde sus propias identidades, e irrumpen con su palabra interpeladora, impugnadora, contrahegemónica y expresiva de la construcción de una nueva sociedad*”.

¹⁹⁶ Vídeo de divulgação da Rede Pan-Amazônica. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S9V88-jcm0g>. Acesso em: 15 de maio de 2022. No original em espanhol: “*Demostremos al mundo que es posible construir una sociedad del Buen Vivir*”.

de criação o ano de 2006 e reúne emissoras de rádio e projetos de comunicação de Brasil, Bolívia, Peru, Venezuela, Colômbia e Equador.

Os objetivos com essa articulação são a atuação em processos de intercomunicação entre rádios populares amazônicas, amplificando os discursos, problemáticas e propostas dos povos da região; bem como promover a incidência local, nacional, regional e internacional de suas lutas, apoiando na “construção democrática, o exercício dos direitos humanos e o *buen vivir* nesse território”¹⁹⁷.

Segundo informa a ALER, fazem parte desta rede cerca de 40 rádios da região¹⁹⁸. Entre as emissoras brasileiras, estão a Rádio Rural de Santarém (estado do Pará), que também é sócia da Associação Latino-Americana, além das rádios Castanho, Nazaré, Roraima, Coari e Educadora de Guajará Mirim, totalizando seis. O país que mais possui canais na rede é a Bolívia, com catorze, além de Venezuela (4), Colômbia (2), Peru (4) e o Equador, com a Coordenadora de Rádio Educativa Popular do Equador (Corape), que possui mais de uma centena de filiadas, para quem são disponibilizados os conteúdos.

Em seus anos iniciais, a Rede Pan-Amazônica da ALER realizou ações de mapeamento, articulação, formação técnica e política, e produção de conteúdo informativo. O principal deles é o programa de trinta minutos de duração, em espanhol, chamado *Voces de la Panamazonía*¹⁹⁹, que surgiu em 2014 e possui periodicidade semanal, contando com a única participação constante de um projeto brasileiro na ALER atualmente. Em cada programa, por meio de reportagens, comentários e programetes, são tratados temas sobre ameaças a comunidades ou ao meio ambiente por projetos governamentais ou de empresas privadas; além de perfis de povos indígenas e de comunidades, promovendo o fortalecimento de culturas, valores, hábitos e iniciativas desses sujeitos.

Pelo Brasil, o principal nome na articulação da Rede Pan-Amazônica da ALER é o de Edilberto Francisco Moura Sena, padre católico de Santarém, no Pará, que atua na comunicação popular desde os anos 1970, tendo construído por muitos anos a Rádio Rural de Santarém²⁰⁰ (que atualmente é a única rádio brasileira afiliada da ALER) e um dos fundadores da Rede de Notícias da Amazônia (RNA), que desde o seu início contou com o apoio da

¹⁹⁷ Apresentação do projeto da Rede Pan-Amazônica no site da ALER. Disponível em: <https://aler.org/redpanamazonica/proyecto>. Acesso em: 15 de maio de 2022. No original em espanhol: “*construcción democrática, el ejercicio de los derechos humanos y el buen vivir en este territorio*”.

¹⁹⁸ Mais informações disponíveis em: <https://aler.org/redpanamazonica/red>. Acesso em: 27 de maio de 2022.

¹⁹⁹ Decide-se por manter a grafia em espanhol do nome próprio do programa, por não haver nome oficial em português ou emissão neste idioma.

²⁰⁰ A Rádio Rural de Santarém, frequência AM 710, sediada na cidade de Santarém, Pará, foi fundada em 1964 e pertence ao Sistema Arquidiocesano de Comunicação, da Arquidiocese do município. Mais informações no site da rádio: <https://www.radioruraldesantarem.com.br>. Acesso em: 18 de maio de 2022.

ALER para sua criação e consolidação. Enquanto a rede da Amazônia brasileira caminhava em sua formalização, entre os anos de 2005 e 2007, a ALER contava com a articulação Pan-Amazônica ainda chamada de Rede Intercultural Amazônica de Rádios (RIAR), da qual padre Edilberto também participou e que em um seminário em Quito, em 2008, a coordenação da ALER define o fortalecimento da experiência brasileira como uma das prioridades para receber apoio financeiro e tecnológico, pois, segundo conta a própria rede brasileira em sua página web, a “RNA deveria ser o modelo para os outros países de RIAR”²⁰¹.

A relação entre a RNA e a ALER continuou ao longo dos anos, com a participação de padre Edilberto em diversos espaços e assembleias da rede latino-americana: “E eles precisavam muito de nós aqui, porque nós somos a única presença do Brasil. Como eu ‘arremedo’ o espanhol, literalmente eu ‘arremedo’ o espanhol, eu nunca estudei espanhol, mas como eu sou enxerido, eu vou ‘arremedando’”²⁰² (informação verbal). Ele enfatiza ainda que a questão das diferenças de idiomas é uma das dificuldades quanto à participação do Brasil nos espaços da ALER. Sena também ressalta que o contato constante de representantes da Associação latino-americana contribuiu para essa aproximação: “E nessa relação, a gente foi se criando. Antes do Hugo [Ramírez], foram outros diretores da ALER, o Hugo é o mais recente que nós temos. Então, foi se estreitando a nossa aliança” (informação verbal).

Como principal projeto da Rede Pan-Amazônica da Associação está o informativo *Voces de la Panamazonía*, criado em 2014²⁰³ e que possui todas as suas edições, a partir de janeiro de 2015, disponíveis no site da rede²⁰⁴. A sua construção é feita de maneira descentralizada, rotativa entre alguns projetos e emissoras parte da rede, a partir de um cronograma, as etapas de produção, locução e edição final ficam como responsabilidade de uma rádio, que envia o material final para a sede central da ALER, em Quito, no Equador, para sua difusão, sempre às quintas-feiras por satélite, além do envio por correio eletrônico e com o conteúdo disponibilizado no site da Associação. Todo esse processo é construído a partir de uma perspectiva coletiva e em rede, como define Ramírez Huamán (2020, p. 83). Os projetos e rádios que participam desse processo central são o Grupo Comunicarte da Colômbia; a Rádio Santa Cruz da Bolívia; a Coordenadora de Meios Comunitários, Populares

²⁰¹ Informação presente no texto sobre a História da Rede de Notícias da Amazônia. Disponível em: <http://redenoticiasamazonia.com.br/menu/quem-somos/historia>. Acesso em: 25 de maio de 2022.

²⁰² Edilberto Francisco Moura Sena, padre católico em Santarém, no Pará, e comunicador popular, concedeu uma entrevista a esta pesquisa em 30 de junho de 2020.

²⁰³ Algumas edições do ano de 2014 estão disponíveis na plataforma de distribuição de conteúdo Ivoox. Disponível em: https://www.ivoox.com/podcast-voces-de-la-panamazonia_sq_f1136460_6.html. Acesso em: 27 de maio de 2022.

²⁰⁴ As edições do programa *Voces de la Panamazonía* estão disponíveis em: <https://aler.org/redpanamazonica/mes?page=2>. Acesso em: 27 de maio de 2022.

e Educativos do Equador (CORAPE); a Rádio Fé e Alegria da Venezuela; a Rádio Sepahua do Peru; além da Coordenação Geral da ALER, sediada no Equador. Ou seja, todos os países parte da rede, menos o Brasil, participam do rodízio de produção geral do informativo.

Contudo, a participação brasileira no envio de conteúdos informativos é assídua. Nos anos de 2019 e 2020, como analisado neste trabalho, a participação do Brasil ocorreu em 45 programas dos 49 emitidos semanalmente em 2019; e em 49 das 50 edições de 2020; de um total de 99 programas gerados ao longo de dois anos, o Brasil só não esteve presente, com envio de material ou sendo tema principal de alguma nota, em cinco programas *Voces de la Panamazonía*.

Em relação à caracterização do *Voces de la Panamazonía*, pode-se afirmar que se trata de um programa radiofônico informativo, forma com a qual a ALER o define em sua página web, como *Noticiero Voces de la Panamazonía*. Quanto ao gênero e formato radiofônicos presentes nas produções feitas pelo Brasil, o gênero jornalístico, sendo o formato o de artigo/comentário. O gênero jornalístico, de acordo com López Vigil (2005), “se vincula com a realidade, com os acontecimentos concretos”²⁰⁵ (p. 84, tradução livre). Ainda segundo o teórico, quatro subgêneros estão circunscritos nele: informativo, de opinião, interpretativo e investigativo. Cada um desses abarca uma série de possibilidades de formatos, desde notas simples e ampliadas, crônicas, entrevistas, comentários e editoriais, mesas redondas, reportagens, entre outros (p. 85). Já José Marques de Melo, em seu livro *A opinião no jornalismo brasileiro* (1994), aponta que “o comentário, o artigo e a resenha pressupõem autoria definida e explicitada, pois este é o indicador que orienta a sintonização do receptor” (p. 65), e ainda que “a opinião do jornalista (...) apresenta-se sob a forma de comentário, resenha, coluna, crônica, caricatura, e eventualmente artigo” (p. 94).

As produções de Edilberto Sena para o *Voces de la Panamazonía* se enquadram nessas categorizações, contando apenas com a locução do comunicador, sem uso de outros recursos sonoros (ou seja, destaca-se a pessoa que emite o comentário); não há entrevistas, sonoras ou outras vozes gravadas – quando estas surgem, são citações, trechos lidos, de fontes que foram veiculadas por outros veículos em texto –; também são tratados temas da atualidade, relacionando fatos da conjuntura brasileira com outros de perspectiva local, internacional ou amazônica, mesclando temas diversos, baixo a seleção do autor; e ainda há o uso de adjetivações, como ao se referir ao presidente brasileiro, Jair Bolsonaro, como um

²⁰⁵ No original em espanhol: “se vincula con la realidad, con los acontecimientos concretos”.

“psicopata”, e expressões características do comunicador, como vocabulário e mensagens de inspiração católica, por exemplo “pecado ambiental”.

O informativo *Voces de la Panamazonía* segue a estratégia da Rede Pan-Amazônica da ALER, que consiste em “visibilizar a voz das próprias pessoas que vivem na Amazônia, para que contribuam no conhecimento da Amazônia, ao debate público na região e fora dela, a partir desse local, à construção da democracia, de direitos e do *buen vivir* nos povos da Amazônia”²⁰⁶.

***Buen Vivir* e “pessoalização” da Amazônia nos artigos do Brasil**

A Amazônia brasileira é o local de onde fala Edilberto Sena em seus artigos radiofônicos enviados para o *Voces de la Panamazonía*, mas é também um dos principais sujeitos em seus comentários e pelo qual ele sai em defesa. Ao longo dos anos analisados, 2019 e 2020, Edilberto Sena buscou retratar a Amazônia brasileira, com uma intencionalidade de diálogo Pan-Amazônico, ou nas palavras do comunicador: “Meu compromisso é com a busca da verdade e a busca do cultivo dos nossos povos, e cultivar a nossa fraternidade Pan-Amazônica” (informação verbal). Nas dezenas de artigos enviados, destaca-se a interface que ele faz das notícias sobre o que ocorre em territórios amazônicos brasileiros com a política nacional, temas da diplomacia, a denúncia de ataques sofridos pelos povos indígenas e o meio ambiente, propostas e iniciativas construídos pelos setores populares como alternativas ao modelo de desenvolvimento capitalista, e na relação com debates da Igreja Católica, em especial do Sínodo da Amazônia e mensagens do Papa Francisco para a região.

A modo de exemplificação, em relação às mensagens e os textos do Papa Francisco, há grandes referências à encíclica *Laudato Si’ - Sobre o cuidado da Casa Comum*²⁰⁷; à *Exortação Apostólica do Sínodo dos Jovens*²⁰⁸, em um caso em que o articulista a relacionou com o direito à educação e disse acreditar que, por meio da palavra do Papa, os jovens podem se sentir motivados a lutar por “uma Amazônia para o *Buen Vivir*”²⁰⁹; e à *Querida*

²⁰⁶ Informação disponível na seção sobre a Rede Pan-Amazônica no site da ALER. Tradução livre. No original em espanhol: “*en función de visibilizar la voz de la propia gente que vive en amazonía, de modo que aporten al conocimiento de la amazonía, al debate público en la región y fuera de ella y desde allí, a la construcción de la democracia, los derechos y el buen vivir en los pueblos de la Amazonía*”. Disponível em: <https://aler.org/redpanamazonica/proyecto>. Acesso em: 26 de maio de 2022.

²⁰⁷ Carta Encíclica *Laudato Si’* do Santo Padre Francisco Sobre o Cuidado da Casa Comum. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em: 20 de maio de 2022.

²⁰⁸ Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html. Acesso em: 20 de maio de 2022.

²⁰⁹ Declaração disponível em: <https://aler.org/node/5528>. Acesso em: 31 de outubro de 2021.

*Amazônia*²¹⁰, documento pós-sinodal que, na avaliação do padre Edilberto, significa “uma expressão forte que trata a região como um sujeito digno de respeito e afeto”²¹¹.

Ainda que não foque apenas em temas do *Buen Vivir* em suas emissões, pode-se afirmar que há uma linha de raciocínio conduzida por Edilberto ao longo de seus artigos ao tratar a situação do Brasil naquele período, tendo a questão ambiental e a Amazônia como parte de um cenário nacional de crise e com impactos diversos, desde megaprojetos de exploração do meio ambiente, uso indiscriminado de agrotóxicos, garimpo ilegal em terras indígenas, desemprego, aumento da pobreza e da fome, até negligência por parte do governo brasileiro em relação à pandemia da Covid-19. Em diversos momentos, as emissões se concentravam na análise crítica sobre o governo de Jair Bolsonaro, e formaram, em seu conjunto, um cenário argumentativo de exposição do seu ponto de vista em que a alternativa seria a construção de um modelo societário com respeito à natureza e aos setores populares. Nesse sentido, a abordagem sobre e a partir do *Buen Vivir*, caminha para uma confrontação da “continuidade da lógica monocultural, patriarcal e antropocêntrica de guerra à ‘natureza’ e à acumulação ilimitada de capital” com “as diversas buscas por opções que preservem a vida e a rica pluralidade de culturas e povos do planeta”²¹² (LANDER, 2012, p. 22).

Por fim, um aspecto nos artigos de Edilberto Sena para o *Voces de la Panamazonía* gera a reflexão sobre o que pode ser chamado de “pessoalização” da Amazônia e das lutas dos povos e da natureza na região. Em seu tom discursivo que mescla a linguagem oral própria da narrativa radiofônica, junto a elementos da liturgia católica, que simbolizam aspectos distintos de sua vida como a comunicação popular, Sena resgata elementos do *Buen Vivir* ao falar sobre a natureza, o meio ambiente ou a *Madre Tierra* como um sujeito de direitos e de vida. Tal sentido narrativo está presente em sentenças como: “A natureza é hoje um sujeito de direitos, tanto ou mais do que nós, os humanos. Mas também porque nunca antes a Mãe Natureza foi espancada, estragada, tratada como mero local de saque para fins comerciais”. Na sequência do mesmo comentário, é descrita uma série de ações e políticas de desmatadores, mineradoras, empresas e mesmo do governo em atividades que causam o impedimento das dinâmicas naturais dos rios, do desenvolvimento da vida e do funcionamento pleno do ecossistema amazônico. Na conclusão de tal reflexão, ele afirma:

²¹⁰ Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20200202_querida-amazonia.html. Acesso em: 20 de maio de 2022.

²¹¹ Tradução livre. No original em espanhol: “una expresión fuerte que trata la región como un sujeto digno de respeto y afecto”. Disponível em: <https://aler.org/node/7030>. Acesso em: 31 de outubro de 2021.

²¹² Tradução livre. No original em espanhol: “continuidad de la lógica monocultural, patriarcal y antropocéntrica de guerra a la ‘naturaleza’ y de la acumulación sin límite del capital”; “las diversas búsquedas de opciones de preservación de la vida y la rica pluralidad de culturas y pueblos del planeta”.

“Deus sempre perdoa, nós perdoamos mais ou menos, mas a natureza nunca perdoa aqueles que a atacam”.²¹³

Essa relação de pensar em uma “pessoalização” da Amazônia é inspirada em um diálogo entre o teórico Fritjof Capra, o monge beneditino David Steindl-Rast e o monge e doutor Thomas Matus, publicado no livro *Pertencendo ao Universo - Explorações Nas Fronteiras da Ciência e da Espiritualidade* (1991). Na obra, Steindl-Rast diz:

Em conexão com a nossa liberdade, será útil distinguir entre indivíduo e pessoa. Um *indivíduo* é definido por aquilo que o distingue de outros indivíduos; há tantos ovos nesta cesta; há tantos indivíduos nesta população.

Uma *pessoa* é definida pelo relacionamento que estabelece com outros, com outras pessoas e com outros seres em geral. Nascemos como indivíduos, mas a nossa tarefa é nos tornarmos pessoas, graças a relacionamentos mais profundos e mais intrincados, mais altamente desenvolvidos. Não há limite para o tornar-se mais verdadeiramente pessoal.

Desse modo, o desafio à nossa liberdade seria o de personalizar o universo (grifo do autor, p. 92-93).

E que, por meio de outras ideias em diálogo sobre esse tópico, Capra chega a uma conclusão:

A esta altura, poderíamos tentar ligar aquilo que dissemos sobre a natureza humana e sobre o papel dos seres humanos no cosmos com a mudança de percepção de objetos para relações, que é uma característica geral do pensamento do novo paradigma. Na verdade, isso agora, pela primeira vez, ficou claro para mim. A maneira como agora posso perceber isso é que desenvolvemos a nossa pessoalidade, a nossa verdadeira natureza por intermédio dos nossos relacionamentos com outras pessoas, mas isso não é peculiar aos seres humanos. Isto se aplica a todos os seres vivos e, diria eu, até mesmo aos padrões da matéria inanimada. As características internas de qualquer padrão na natureza não são realmente internas, em absoluto. Não são características intrínsecas, mas são definidas por meio das relações com o restante do meio ambiente. (p. 93)

Por meio da compreensão de que a harmonia entre seres humanos e natureza, como projetada pelo *Buen Vivir*, é uma das apostas para a garantia do futuro e que são necessárias transformações profundas no modelo de desenvolvimento e das relações em sociedade, também se faz importante trilhar novos pensamentos, práticas e narrativas jornalísticas. A

²¹³ Trechos presentes no artigo de 28 de novembro de 2019. Tradução livre. Nos originais em espanhol: “*La naturaleza es hoy un sujeto de derechos, tanto o más que nosotros, los humanos. Pero también porque nunca antes la Madre Naturaleza ha sido golpeada, malcriada, tratada como un simple botín con fines comerciales*”; “*Dios siempre perdona, nosotros perdonamos más o menos, pero la naturaleza no perdona jamás a quiénes la agreden*”. Disponível em: <https://aler.org/node/6781>. Acesso em: 5 de novembro de 2021.

“pessoalização” da natureza – ou neste caso, da Amazônia –, como um sujeito vivo e digno de direitos podem criar uma nova compreensão e ação diante dos desafios enfrentados para a sobrevivência da humanidade e do Planeta.

Considerações finais

A partir da experiência da ALER e mais especificamente da participação brasileira nessa Associação, este capítulo buscou levantar não afirmações, mas sim provocações em relação a possibilidades de como pode se dar a construção de espaços comunicativos e de narrativas jornalísticas que se preocupem em refletir o momento de crise social, econômica, cultural e ambiental em que vive a humanidade atualmente, ao mesmo tempo promover mudanças.

Nesse sentido, o debate se dá a partir da reflexão de que para a construção de um modelo de desenvolvimento alternativo hoje, como se apresenta o *Buen Vivir*, faz-se fundamental criar uma prática social que altere estilos de vida e se converta em um imaginário coletivo, ao passo de novas práticas comunicacionais baseadas em um projeto de sociedade que seja democrático e que acredite no pluralismo e na diversidade de vozes, para que se busque por soluções coletivas.

E que, nesse caminho, a natureza, o meio ambiente ou a Mãe Terra (como trazem os povos indígenas), não seja vista apenas como fonte de recursos naturais, mas base da vida e diante da qual os seres humanos estão intrinsecamente ligados. Logo, “pessoalizar” a Amazônia e toda a natureza pode se tornar um caminho possível para a construção de uma comunicação alternativa e popular.

Referências

- ALER. **Siembras del buen vivir. Entre utopías y dilemas posibles**. Quito: ALER, 2016.
- _____. **Narración Histórica ALER 2020**. Documento interno produzido em Setembro de 2012. Arquivo.
- CAPRA, Fritjof; STEINDL-RAST, David; MATUS, Thomas. **Pertencendo ao Universo - Explorações Nas Fronteiras da Ciência e da Espiritualidade**. São Paulo: Cultrix, 1991.
- CONTRERAS BASPINEIRO, Adalid. **La palabra que camina – Comunicación popular para el Vivir Bien/Buen Vivir**. Quito: ALER/CIESPAL, 2016.
- HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. **Análise de Conteúdo em Jornalismo**. In: Metodologia de Pesquisa em Jornalismo. Claudia Lago, Marcia Benetti (Orgs.). Petrópolis: Vozes, 2008.

LANDER, Edgardo. **Plurinacionalidad e interculturalidad: Retos de una convivencia democrática hacia el Buen Vivir.** In: Comunicación Popular y Buen Vivir - Memorias del encuentro latinoamericano ALER 40 años. Quito: ALER, 2012.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível.** São Paulo: Ática, 2008.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro.** Petrópolis: Vozes, 1994.

RAMÍREZ HUAMÁN, Hugo Anacleto. **Voces de la Pan Amazonía: construcción, materialización y circulación de la agenda política temática de la Red Pan Amazónica de Comunicación de ALER.** 183 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Opinião Pública da Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais - FLACSO Ecuador. Quito, dezembro de 2020. Disponível em: <https://repositorio.flacsoandes.edu.ec/xmlui/handle/10469/17011>. Acesso em: 29 de maio de 2022.

SCHAVELZON, Salvador. **Plurinacionalidad y Vivir Bien/Buen Vivir - Dos conceptos leídos desde Bolivia y Ecuador post-constituyentes.** Quito: Clacso/Abya Yala, 2014. Disponível em: https://www.clacso.org.ar/libreria-latinoamericana/contador/sumar_pdf.php?id_libro=1073. Acesso em: 29 de maio de 2022.

VIGIL, José Ignacio López Vigil. **Manual Urgente para Radialistas Apasionados.** 2005. Disponível em: https://radialistas.net/wp-content/uploads/media/uploads/descargas/manual_urgente_radialistas_-_jose_ignacio_lopez_vigil.pdf. Acesso em: 14 de janeiro de 2020.

DIVULGAÇÃO ARTÍSTICA



Foto: MediaQuatro – Tragédia no Mar, Matosinhos, Portugal, 2014.

Introdução

(...) a experiencia informa não só os temas
sobre os quais escrevemos,
mas também o que escrevemos
sobre esses temas,
os juízos que fazemos.
(HOOKS, 2021, p. 84)

A lacuna entre prática e teoria derruba a noção de realidade quando indagada pela imaginação. Há uma distância na maneira de selecionar as ideias, na intenção que informa e, ao mesmo tempo, deforma pensamento, emoção e razão.

A epígrafe neste texto convida o público a pensar sobre formas de julgamento entre o que se escreve e o que se lê no livro e na vida. É um estímulo crítico-reflexivo. Em *Ensinar a transgredir* (2021), a autora convoca outro olhar – fora da condição hegemônica – para a experiência humana no processo de ensino-aprendizagem. Nesse conjunto de produções recorrentes, a comunicação alternativa elabora estratégias criativas (*criatividade, flexibilidade e versatilidade*), para além do lugar comum.

Este ensaio crítico-reflexivo traça um percurso investigativo, em que estética, técnica e ética se entrecruzam como na Grécia antiga e, paradoxalmente, ultrapassam a lógica convencional do sistema hegemônico. As alternativas elegem variantes provocativas fora do senso comum, para agenciar/negociar novas possibilidades que ultrapassam o sistema regulador. Longe de qualquer convencionalidade, seria pensar e agir a partir de alteridades que (re)organizam a complexidade de sua própria expressão representacional.

Contudo, o propósito deste ensaio instiga a utilização de campos inter/trans/multidisciplinares que se abrem para o diálogo emergente aqui pressuposto entre arte, curadoria e jornalismo. Ou seja, o modo de aproximar essas diferentes áreas do conhecimento servem para se refletir acerca de novas profissões que surgem conforme anuência da contemporaneidade (GUMBRECHT, 2015). Aproximar arte, curadoria e jornalismo, de modo inter/trans/multidisciplinar, amplia a experiência atual.

²¹⁴ Artista visual, doutor em Comunicação (USP), pós-doutor em Multimeios (Unicamp), é professor da Fatec Itaquaquecetuba/SP. wilton.garcia.com.br.

Jornalismo

Se a informação se transformou em mercadoria, sua condição adaptativa propõe uma ideia de comunicação alternativa, ao validar a experiência. Estrategicamente, a noção de informação ressurgue como moeda forte no mercado-mídia, pois se equivale das tecnologias emergentes para se (re)ajustar aos enfrentamentos alternativos. Dito de outro modo, a informação altera a condição capital como alternativa, cujo acesso pressupõe privilégio.

Tal alternativa compreende uma (re)articulação da comunicação capaz de (re)dimensionar noções de informação, mediação e interação como eixo de produção de subjetividade. Com estratégias criativas (*criatividade, flexibilidade e versatilidade*), a produção subjetividade emerge, nesse contexto da informação, em uma escritura refinada – que nunca é neutra – como produção de conhecimento. Explorar o potencial humano extrapola a medida comum, a alcançar novos estados de mediação e interação, quando se trata de produção de informação que se estende entre mediação e interação. Isto é, ambos (re)equacionam a informação. Por um lado, a mediação gera uma ponte entre as partes para que alcance equilíbrio no processo comunicacional. Já, por outro, a interação trabalha as interfaces, gerando maior fluxo comunicacional.

Nota-se que o jornalismo está mais criativo – ou seja, flexível, dinâmico e versátil – no modo de tangenciar o fato, sendo destacado pela velocidade na edição da notícia. A necessidade de se instaurar imediatamente a notícia tenta acompanhar a velocidade dos fatos contribuindo no paradeiro da situação, bem como sua circulação instantânea para atender a emergência do público ávido no calor de informação, mediação e interação. A voracidade entre o fato e a notícia (re)equaciona a condição profissional do jornalismo para rapidamente alçar resultados explosivos com o chamado jargão: *furo de reportagem*. Esse jargão explora o acesso privilegiado acerca dos fatos a serem traduzidos em notícia.

Por isso, a formação profissional de um(a) jornalista solicita disponibilidade para lidar com adversidades cotidianas, inclusive na rede mundial de computadores – a internet. Isso pede, ainda mais, constantes atualizações e inovações, sobretudo na abrangência de (des)territorialidades descoloniais que alargam a experiência nos campos das tecnologias emergentes e da cultura digital: algoritmo, *big data*, internet das coisas, entre outras. Ou seja, seria lapidar a ideia de informação, mediação e interação retratando as recorrências do cotidiano.

As diversas tendências globais no jornalismo, cada vez mais complexas, podem se mostrar conservadoras e/ou liberais (PELBART, 2011), pois dependem da forma de

abordagem de cada veículo de comunicação e sua posição político-identitária. Para evitar equívocos, há uma necessidade de reconhecer o posicionamento da imprensa garantindo adesão às ideias tecidas nas reportagens. Conforme Oliveira, Maluly e Garcia (2020, p. 84):

O jornalismo cultural das mídias hegemônicas privilegia atividades eleitas (selecionadas) nas suas pautas. Em boa parte, a definição da pauta ocorre pelo jogo de pressões institucionais, nas quais o jornalismo está submetido para expor e/ou defender uma ideia, uma situação.

Ou seja, os(as) profissionais no campo do jornalismo cultural estabelecem a pauta cultural como temática relevante a ser explorada, debatida e disseminada. A cultura soma mais do que valores e tradições de uma sociedade, porque expressa sua própria representação a partir da linguagem. E, nesse caso, o jornalismo cultural (re)configura o editorial dos dados culturais mediante as atualizações dos fatos recorrentes a serem transformados em produção de conteúdo da notícia.

(...) o jornalismo cultural, no Brasil, legitima-se socialmente ao enfocar determinada especificidade enunciativa, como se direcionasse para um gueto. Esconde o que está presente na crítica que, por sua vez, evita o comprometimento com uma postura colonialista, ultrapassada. O olhar desse tipo de pauta restritiva sofre de miopia, pois enxerga apenas a curto alcance. A existência humana é diversa, plural e precisa que se vire o rosto para olhar em torno (OLIVEIRA, MALULY, GARCIA, 2020, p. 87).

A cobertura jornalística de um evento cultural fortalece o lançamento de ideias genuínas que desestabilizam a lógica do capital, porque propicia modelos (re)formulados de estratégias discursivas que valorizam a cultura. Isso (re)conduz a formação profissional acerca da notícia sendo destacada conforme a implicação de suas diretrizes (PELBART, 201). Como o editorial a ser descortinado pela reportagem, no jornalismo, um ponto de vista relevante traz significado ao debate, uma vez que o(a) especialista ressalta e aprofunda o processo investigativo que enfoca a observação sobre os dados coletados a serem midiaticizados.

Portanto, selecionar, escolher e decidir uma pauta não seria uma atividade pequena para um editor, pelo contrário, é perceber o que está em alta e divulgar a notícia. A prioridade, então, é jogar luz nas emergências que assolam a sociedade, como na curadoria.

Curadoria

Em qualquer processo de curadoria, o procedimento criterioso de escolha, seleção e decisão de uma temática transforma-se em pauta a ser desenvolvida pelo rigor dos responsáveis que assinam o recorte estipulado. Os critérios da curadoria ativam as ideias

quando trabalham o processo seletivo de escolha e decisão de um tema, uma abordagem. Ao selecionar algo, a tomada de decisão traz consigo a preferência, a ser fundamentada por critérios curatoriais.

Assim, a curadoria ocasiona uma produção de subjetividade, quando elege elementos preferenciais. A ideia de curadoria, aqui, experimenta a escolha de objetos e contextos, diante de uma pauta cultural de interesse público, capaz de comentar o cotidiano da sociedade atual, bem como propiciar extravagâncias que estejam para além da realidade. Sobretudo na contemporaneidade, a curadoria se coloca no gesto de curar (melhorar), com cuidado, um objeto e/ou contexto, ao gerar uma narrativa envolvente que possa estimular e seduzir o público com desafios reflexivos. De modo simples, seria curar para melhorar, (re/des)ajustando limites. Isso equivale a arrumar o que for preciso, à (des)arrumação, que instiga algo a mais. Eminentemente, a curadoria coordena os recursos disponíveis, de acordo com as necessidades recorrentes, produzindo enunciados sofisticados.

Uma curadoria retrata um (re)corte específico de situações eleitas naquela circunstância específica cujo principal desafio experimenta oportunidades. Isso demonstra, diretamente, a capacidade crítico-reflexiva de se (re)articular o enunciado com artimanha e sagacidade, a partir de operadores enunciativos que exploram as competências profissionais maturadas ao longo do tempo. De acordo com Osorio (2015, p. 71):

(...) a curadoria traz para o embate poético com as obras, elementos cenográficos, textos, objetos, documentos que não se pretendem arte, mas cuja presença produz novas e outras leituras potencializadoras da experiência e do(s) partido(s) conceitual(ais) proposto(s) pela exposição.

Ou seja, o arrebatamento por determinado tema em uma curadoria consiste no amadurecimento de investigar, examinar, pesquisar, preterir e compartilhar ideias que disseminam valores, em suas diversas chances, possibilidades e oportunidades. Desde contextualizar a cada eixo temático, a curadoria insere termômetros acerca de certas condições adaptativas de um tom a ser (re)apreciado pela sociedade.

Sendo assim, uma curadoria procura trazer à tona efeitos impactantes. A relevância de um assunto balizado pela curadoria formaliza o (re)corte e o interesse maior traçando pesquisa e seleção de ideias tratadas, criativamente, como idiossincrasias. Ao lapidar tal perspectiva surge uma produção de subjetividade inerente à curadoria para gerar novas/outras imagens/informações. Ou seja, a curadoria torna-se uma camada relativa de derivações em que o ímpeto de cuidar de imagens/informações possibilita (re)criar abordagens capazes de acrescer a experiência humana, para além do lugar comum.

Partindo desse pressuposto, uma curadoria de ideias, talvez, possa ambientar a (re)significação das coisas no mundo, ao gerar embates, (re)apropriando-se de estados intermediários, os quais são dispostos por límpida ação seletiva. Nesse caso, um exercício de curadoria (re)articula o enunciado selecionado com a sagacidade de estratégias discursivas (*criatividade, flexibilidade e versatilidade*), explorando as competências profissionais maturadas ao longo do tempo.

Para Queiroz (2020, p. 21), “a curadoria, portanto, está intimamente ligada à particularidade dos trabalhos de seu tempo e precisa se reciclar constantemente para buscar respostas singulares aos problemas impostos pelos objetos e proposições artísticas em permanente mudança”. Seria filtrar o que se tem para amparar seu potencial enunciativo para que haja novidade. Por certo, o filtro curatorial transforma um dado comum em algo que expanda a lógica formal. Há diversas maneiras de se propor um eixo curatorial entre a disposição, a sequência, o diálogo, entre outros. Ao fazer opções, o filtro da curadoria nomeia sua lógica com a escolha e a seleção, levantando o registro de anotações que demonstram as tendências acolhidas nessa sistematização de resultados. Em outras palavras, uma curadoria confere ordem na produção de subjetividade como ensaio de ideias tecidas pela lógica curatorial, ao justificar as decisões de uma curadoria descolonial.

Desse jeito, seria lapidar e filtrar a informação, mediação e interação como no jornalismo, optando, sofisticadamente, por uma maneira mais adequada, mais propícia, de transmitir (“vender”) uma ideia, sem atropelo, excesso ou extravagância. Como o estabelecimento da produção de conteúdo, a lógica da edição perfaz a comunicação alternativa que se instaura a partir de estratégias criativas. Esta última pondera, razoavelmente, os fatores que fazem a diferença quando se assina a responsabilidade das escolhas.

Arte

A sociedade contemporânea solicita novas relações (GLISSANT, 2021) no convívio social colaborativo como tendência que assinala categorias discursivas, como *criatividade, flexibilidade e versatilidade* de uma perspectiva descolonial (CANCLINI, 2016; HOOKS, 2021; GLISSANT, 2021; GUMBRECHT, 2015). Sem dúvida, essa tríade intensa na arte contemporânea contém reivindicações inimagináveis, visto que reconhece o valor humano. Por isso, destacam-se nuances de tais categorias a serem desdobradas:

1) A *criatividade* propõe um estado aberto de criação com alternativas criativas, em que se torna possível pensar e agir.

2) Já a *flexibilidade* agencia/negocia os limites de qualquer abordagem e contorna situações conflitantes, perplexas, para se examinar soluções intermediárias que alargam ideias.

E

3) Por último, a *versatilidade* explora as diferentes versões dos fatos, para se obter mais de uma leitura e, com isso, melhorar o olhar a respeito dos fatos.

Nesse sentido, a arte traz pontualmente uma abertura fundamental ao viver em sociedade. Já não é suficiente a produção de sentido, pela qual as pessoas que visitam uma exposição no museu procuram interpretar a obra de arte, pois agora vale a produção de efeito. Isso muda a maneira de lidar com a experiência poética e estética para a ilusão do desprendimento do objeto material, que remete à produção de subjetividade. Sendo assim, o cotidiano está bem mais presente nas narrativas propostas por artistas que observam as coisas do mundo como um referente contemporâneo.

O processo criativo da arte contemporânea condiciona, ainda mais, uma transversalidade de deslocamentos no trânsito desses efeitos que valorizam a proposição artística, paradoxalmente, em consonância e/ou dissonância estética, pictórica, plástica, poética. O que intensifica uma abertura de (des)territorialidades descoloniais de *criatividade*, *flexibilidade* e *versatilidade*, sobretudo na arte contemporânea e suas experimentações inusitadas, bem como os fenômenos singulares que favorecem as demandas.

A arte contemporânea brasileira, por isso, merece a perspectiva descolonial que preza a realidade a partir do cotidiano, evidenciando o agenciamento e a negociação com a diversidade. O estado de inclusão das desigualdades da arte legitima vozes dissidentes.

Exposição

Como artista, pesquisador e professor, trabalho com imagem, fotografia e objeto, que compreendem *estudos contemporâneos* (CANCLINI, 2016; HOOKS, 2021; GLISSANT, 2021; GUMBRECHT, 2015; MORIN, 2020; PELBART, 2011). Esses estudos fomentam a teoria, relacionando-se diretamente com a prática criativa²¹⁵, para criar um fluxo de informações.

²¹⁵ Em 2020, fui contemplado com o Prêmio Funarte Respirarte na categoria Artes Visuais, com o vídeo *Singular* (2020). É um registro videográfico de uma experimentação poética de trabalhos visuais, em que (re)utilizo materiais descartáveis.

Minha exposição individual *Afroplural_ onde começa o mundo?*, com curadoria de Luciano Maluly²¹⁶, foi apresentada na Galeria Flávio de Carvalho, no Complexo Cultural da Funarte São Paulo, no período entre 12 de março e 17 de abril de 2022. Houve uma seleção do edital Funarte para a ocupação deste equipamento cultural.

A preocupação da curadoria, acompanhando o projeto artístico, estabelece conexões entre obras e temas que retratassem a diversidade cultural, com o uso de diferentes suportes, dispositivos, instrumentos e meios nas obras de artes. Nas palavras do curador, registradas no catálogo virtual da exposição:

(Re)compor é o termo adequado para definirmos o projeto de exposição *Afroplural_ onde começa o mundo?* do artista visual Wilton Garcia. A sala (re)ocupada abriga telas em reuso ao (re)unir o básico, o universal e o sustentável. Ao movimentar-se neste espaço, observe o (res)surgimento do *Afroqueer* (res)significado pelas cores do preto ao infinito como manifesto pela alteridade. O caminhar (re)visita a tradição do Candomblé e, ao mesmo tempo, (re)descobre a Umbanda. Seria, sim, um convite à experiência transversal. O silêncio da senzala é re(visto) na Galeria Flávio de Carvalho da Funarte São Paulo por meio de *Obés e Orixás*. O (re)início oferece faces e objetos – um portal de liberdade em que a “natureza nunca é morta (MALULY, 2022, p. 3).

Esse recompor ajusta-se à (re)apropriação de objetos e informações. O critério curatorial permitiu a exploração do tema diversidade ao promover aspectos identitários que envolvem o debate a respeito de classe, gênero, etnia-raça, geografia e religião. Essa diversidade, em sintonia com a pluralidade e a multiculturalidade, confronta o hegemônico e convida o público a refletir acerca dos (re)arranjos da realidade brasileira atual. As experimentações poéticas – com desenho, fotografia e pintura em papel e madeira com técnicas mistas – (re)contextualizam a herança africana e a ancestralidade.

Ao pontuar arte, consumo, meio ambiente e sustentabilidade, a exposição aguça uma reflexão crítica a respeito da noção de sujeito contemporâneo, apresentando um conjunto de artes visuais em sintonia com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU. Nesse percurso, impressões e/ou vestígios do cotidiano (re)configuram-se em trabalhos visuais, expondo efeitos estéticos, pictóricos, plásticos e poéticos.

A exposição traz 29 trabalhos visuais, expondo a diversidade em sintonia com meio ambiente, sustentabilidade e consumo. Do ponto de vista da história da arte, as obras tomam emprestadas referências conceituais de Artesania, Bricolagem, *Naif Art*, Arte Pop e Arte

²¹⁶ Atualmente, o professor Dr. Luciano Maluly é chefe do Departamento de Jornalismo e Editoração (CJE) da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – ECA/USP.

Póvera. A ideia original foi oferecer oportunidades criativas para os(as) interessados(as) em conhecer uma atmosfera de arte contemporânea alinhada ao meio ambiente e ao consumo. Essa ação criativa explora um modo econômico de fazer arte atualmente, suscitando um comentário social contra o desperdício acrítico. A partir da (re)utilização de materiais, tal iniciativa cria minha identidade artística, cujo processo de criação contribui para a emergência da discussão política, identitária e cultural acerca da agenda global contra desigualdade, desperdício e fome.

Mais que isso, *Afropplural_* acende uma reflexão crítica sobre a noção de sujeito contemporâneo, aproximando arte, consumo e meio ambiente. Entre Orixas e Obé, os referentes culturais de nossas ancestralidades enfocam a mestiçagem entre negros e índios, que acenam o caboclo, o caipira e o caçara. As referências enraizadas na cultura brasileira alertam para uma temática contemporânea que, simbolicamente, manda seu recado. São personas dessa brasilidade antropofágica iniciada pelos modernistas, porém atualizada pela linguagem contemporânea.

O (re)começo ocorre em ano de centenário da Semana de Arte de 22 como alento aos aflitos. Esperança por outro 22 em que amor e dor se (re)fugiam na poesia. A luta do sujeito em (re)fazer a própria arte no meio do caos em um grito de desespero: “a vida continua”. O (re)caminho está aberto...

Para tanto, uma expressão híbrida dos trabalhos visuais tangencia a diversidade. As coordenadas enunciativas vasculham o uso intenso de cores e formas, sublimam o recurso *diversus* da exposição, criando um caráter multicultural e plural. Como síntese, as obras demonstram uma condição reflexiva e crítica para se perceber o cotidiano brasileiro. As obras (inter)mediadas na sala de exposição projetam uma comunicação alternativa e elaboram estratégias criativas (*criatividade, flexibilidade e versatilidade*), a reforçar a ideia de arte contemporânea.

Considerações finais

A perspectiva de uma arte contemporânea descolonial (re)examina a condição contemporânea das coisas no mundo, preservando em si o sujeito. Este último se sobressai em detrimento do objeto/contexto para se valer pessoa humana. Tal perspectiva descolonial não reconhece a tradição, para enaltecer as diferentes propostas de vozes dissidentes como fator de inclusão social. Por isso, repito: seria pensar e agir a partir de alteridades que (re)organizam a complexidade de sua própria expressão representacional, ao (re)considerar as emergências.

Se a comunicação alternativa elabora estratégias criativas (*criatividade, flexibilidade e versatilidade*) entre arte, curadoria e jornalismo, para além do lugar comum, conforme enunciado na introdução deste ensaio, interessa resguardar os estados intermediários de provisoriedade, em que se abrem espaços para a reflexão e ação criativa. O processo comunicacional da informação atual amplia-se de acordo com os diferentes estágios de mediação e interação, capazes de alterar o ambiente. Isso promove o cotidiano com estratégias criativas, na expectativa de propiciar derivativas de uma arte contemporânea descolonial.

Também, como já afirmado, há um esforço em constituir alternativas para se pautar o cotidiano quando se trata de aproximar arte, curadoria e jornalismo. Todavia, a cotidianidade serve como fonte fecunda para se (des)dobrar em experimentações de técnicas e materiais. Mais que isso, a ideia de inter/trans/multidisciplinar, sem dúvida, flexibiliza a articulação dinâmica entre os agentes envolvidos. Isso potencializa essas alternativas, que revigoram a esfera da contemporaneidade e alteram o campo de alternâncias de diversidade em sintonia com meio ambiente, sustentabilidade e consumo. Por conseguinte, a extensão da contemporaneidade não está presa à temporalidade, pelo contrário, coordena uma expressão de contingências enunciativas.

Parece que a curadoria tem poder, bem como a arte e o jornalismo. No entanto, trata-se muito mais da responsabilidade de assumir o que se expõe publicamente. Ou seja, um profissional bem posicionado colabora com a sociedade contemporânea a abrir espaço reflexivo e crítico, como a garantir um debate capaz de criar novos desafios e causar perplexidades.

Nessa produção de alternativas singulares, o que pensa em fazer?

Referências

- CANCLINI, N. G. **O mundo inteiro como lugar estranho**. São Paulo: Edusp, 2016.
- HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**. São Paulo: Folha, 2021.
- GLISSANT, E. **Poética da relação**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- GUMBRECHT, H. U. **Nosso amplo presente: o tempo e a cultura contemporânea**. São Paulo: Editora Unesp, 2015.
- MALULY, L. Recompôr o reuso. GARCIA, W. **Afroplural: onde começa o mundo?** São Paulo: Funarte (catálogo da exposição), 2022.
- MORIN, E. **Conhecimento, ignorância, mistério**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

OLIVEIRA, D.; MALULY, L.; GARCIA, W. Ensaio sobre o jornalismo cultural no Brasil: relato pautado na arte contemporânea. MONTEIRO, J. C. da S.; LOBO, J. C.; MORAIS, M. M. de. **Jornalismo multimídia**: da formação às novas práticas. São Paulo: Mentis Abertas, 2020.

OSORIO, L. C. Virada curatorial: o pôr-em-obra da exposição como poética relacional. Revista **Poiésis**, n 26, p. 65-80, dez de 2015. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/poiesis/article/view/22862>. Acesso em: 26 de abril de 2022.

PELBART, P. P. **Vida capital**: ensaios de biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2011.

QUEIROZ, B. M. de. Sobre curadoria e arte na sociedade de experiência. In: **Anais** do 29º Encontro Anual da Compós, 2020, Campo Grande. Anais eletrônicos. Campinas, Galoá, 2020. Disponível em: <https://proceedings.science/compos-2020/papers/sobre-curadoria-e-arte-na-sociedade-de-experiencia>. Acesso em: 26 de abril de 2022.

SINGULAR. (vídeo: 90 min.). *Dir.*: Wilton Garcia. Funarte, 2020.

O Grupo de Pesquisa em Jornalismo Popular e Alternativo (Alterjor) disponibiliza este livro gratuitamente com a proposta de divulgar o nosso trabalho e também de ampliar a rede de colaboradores. Entre em contato conosco pelo alterjor@usp.br ou através do nosso site: <http://www.usp.br/alterjor/>.